

VINÍCIUS XAVIER CINTRA MARANGONI

**A FACE PERVERSA DA CONVIVÊNCIA ESCOLAR:
uma exploração psicanalítica do *bullying***

ASSIS

2018

VINÍCIUS XAVIER CINTRA MARANGONI

**A FACE PERVERSA DA CONVIVÊNCIA ESCOLAR:
uma exploração psicanalítica do *bullying***

Dissertação apresentada à Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Letras, Assis, para a obtenção do título de Mestre em Psicologia (Área de Conhecimento: Psicologia e Sociedade)

Orientador(a): Prof.^a Dr.^a Mary Yoko Okamoto

Bolsista: CAPES

ASSIS

2018

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Biblioteca da F.C.L. – Assis – Unesp

M311f Marangoni , Vinícius Xavier Cintra
A Face perversa da convivência escolar: uma exploração psicanalítica do *bullying* / Vinícius Xavier Cintra Marangoni . Assis, 2018.
288 p. : il.

Dissertação de Mestrado – Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Letras, Assis.
Orientador: Dr^a Mary Yoko Okamoto

1. Assédio nas escolas. 2. Psicanálise. 3. Teste do desenho de família. 4. Técnicas projetivas. 5. Perversão sexual. I. Título.

CDD 158.2

VINÍCIUS XAVIER CINTRA MARANGONI

**A FACE DA CONVIVÊNCIA ESCOLAR: uma exploração
psicanalítica do bullying**

Dissertação apresentada à Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Letras, Assis, para a obtenção do título de Mestrado Acadêmico em PSICOLOGIA (Área de Conhecimento: PSICOLOGIA E SOCIEDADE)

Data da Aprovação: 25/01/2018

COMISSÃO EXAMINADORA



Presidente: Profa. Dra. Mary Yoko Okamoto - UNESP/ASSIS



Membros: Profa. Dra. Diana Pancina de Sá Antunes Ribeiro - UNESP/ASSIS

Prof. Dr. Manoel Antônio dos Santos - USP/Ribeirão Preto

AGRADECIMENTOS

Quero agradecer, muitíssimo, aos meus queridos pais, Francisco Xavier Marangoni e Maria Dos Reis Cintra Marangoni. Mesmo que em poucas palavras, desejo expressar minha mais profunda gratidão pelo apoio e a confiança que me ofereceram!

Ao meu querido irmão, Matheus Xavier Cintra Marangoni, companheiro de sempre! Obrigado por me apoiar e acreditar em minhas escolhas e por valorizar o caminho que optei percorrer.

Agradeço ao Prof. Dr. Francisco Hashimoto, pela acolhida humana e pelo direcionamento acadêmico-profissional. À Prof.^a Dr.^a Mary Yoko Okamoto, pelo acompanhamento constante e pelas contribuições oportunas. Ao Prof. Dr. Roberto Yutaka Sagawa, com quem aprendi a estudar psicanálise, sobretudo a obra de Freud. Ao Prof. Dr. Manoel Antônio dos Santos e à Prof.^a Dr.^a Diana Pancini de Sá Antunes Ribeiro, pela leitura atenta e os apontamentos valiosos.

Agradeço aos grandes amigos: Lourenço da Silva Queiroz, com quem (re)aprendi a grandeza da amizade; Matheus José Cuzato Mancuso, amigo verdadeiro e admirável; Abílio Resende Macedo e Matheus Viana Braz, pela parceria e o aprendizado dos três últimos anos; Maico Fernando Costa, amigo de todas as horas e Pedro Henrique Marangoni, pelas ótimas conversas.

Agradeço os profissionais da escola Prof. Carlos Alberto de Oliveira, que me proporcionaram as condições necessárias para realização desta pesquisa, especialmente à Ana Carmen pela atenção e generosidade e ao Carlos Teixeira pela confiança. Também agradeço os alunos que voluntariamente se dispuseram a participar desta pesquisa, e assim me ofereceram a oportunidade de conhecê-los genuinamente.

Agradeço também à Adriana de Souza Cintra, que muito contribuiu para meu amadurecimento. E ao José Antônio Sanches de Castro, que me ajudou a abrir portas em mim mesmo.

Também quero agradecer aos colegas do Laboratório Interinstitucional de Subjetividade e Trabalho (LIST), junto dos quais sinto-me parte de uma equipe produtiva e engajada e também alegre e descontraída.

Finalmente, agradeço à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pelo auxílio financeiro que me possibilitou a condição privilegiada de dedicação exclusiva ao estudo e à pesquisa.

É com alegria que, ao chegar até aqui, olho para trás e vejo muitíssimas razões para dizer obrigado!

MARANGONI, Vinícius Xavier Cintra. **A face perversa da convivência escolar:** uma exploração psicanalítica do *bullying*. 2018. 288p. Dissertação (Mestrado Acadêmico em Psicologia). - Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Letras, Assis, 2018.

RESUMO

Em sentido amplo, esta pesquisa buscou operacionalizar uma exploração do *bullying* a partir da psicanálise. Para isto, foram utilizadas duas técnicas de investigação clínica da personalidade, amplamente empregadas no diagnóstico psicológico e na psicoterapia psicanalítica: (a) o Procedimento de Desenhos de Família com Estórias e (b) uma Entrevista Psicológica Semiestruturada. Além disso, também a teoria psicanalítica foi adotada como alicerce, principalmente a obra de Freud e continuadores. A realização da pesquisa se deu por meio da coleta e análise de dados ofertados voluntariamente por alunos do ensino fundamental II de uma escola pública do município de Assis - SP, potenciais agentes e/ou vítimas de *bullying*, além de uma revisão bibliográfica sobre o *bullying*. Em sentido específico, esta pesquisa buscou explorar conexões possíveis entre o *bullying* e a organização libidinal perversa, com base na compreensão de Freud sobre as perversões. Assim, foram selecionadas as principais obras de Freud em que o tipo perverso de organização da libido é assunto principal, conhecimento posteriormente utilizado para embasar a exploração do *bullying*. Quanto aos resultados, mesmo em vista da necessidade de maior número de estudos e pesquisas sobre o assunto, há indicativos plausíveis de que o *bullying* é um dos efeitos de um possível comprometimento emocional dos envolvidos, particularmente agressores, vítimas-agressoras e vítimas típicas.

Palavras-chave: *Bullying*. Psicanálise. Perversão. Desenhos de Família com Estórias.

MARANGONI, Vinícius Xavier Cintra. **The perverse side of the educational interaction:** a psychoanalytical exploration of bullying. 2018. 288p. Dissertation (Masters in Psychology). São Paulo State University (UNESP), School of Sciences, Humanities and Languages, Assis, 2018.

ABSTRACT

The purpose of this research in a broad sense is to explore bullying from the psychoanalysis point of view. Therefore, two clinical personality research techniques had been used, which have been widely used for psychological diagnosis and psychoanalytic psychotherapy, first of all (a) the Procedure of Family Drawings with Stories, and second (b) a Semi-structured Psychological Interview. Moreover, the psychoanalytic theory had been also adopted as support, especially Freud and his followers' work. The research was built through voluntarily offered data collection and analysis by secondary school students from a state school in Assis – SP, which were considered potential agents and / or victims of bullying, as well as through a bibliographic review on bullying. In specific sense, this research sought to explore possible connections between bullying and the perverse libidinal organization, based on Freud's understanding of perversions. Thus, the main Freud's work in which the perverse type of organization of the libido is the main subject had been selected, knowledge later used to support the exploitation of bullying. Regarding the results, there are plausible indications that bullying can be one of the effects of a possible emotional impairment among the involved ones, particularly aggressors, victim-aggressors and typical victims, even considering the necessity for further studies and researches on the subject.

Key words: Bullying. Psychoanalysis. Perversion. Family Drawings with Stories.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1. Teoria da libido: a perversão em Freud	17
1.1 Uma caricatura da modernidade ilustrada por um episódio verídico.....	17
1.2 A perversão sob a ótica das ciências médicas na modernidade: séculos XVIII e XIX.....	20
1.3 O advento da psicanálise: uma guinada inédita em direção a psique inconsciente.....	28
1.4 Uma obra revolucionária: "Três ensaios sobre a teoria da sexualidade".....	38
1.5 Um novo enigma: o narcisismo.....	52
1.6 O conceito de perversão em Freud: aperfeiçoamentos posteriores ao narcisismo.....	58
1.7 Uma reflexão.....	74
2. Violência e <i>bullying</i>: considerações psicanalíticas	78
2.1 A violência.....	78
2.2 A violência nas escolas.....	86
2.3 <i>Bullying</i> é.....	87
2.4 As variações do fenômeno <i>bullying</i>	91
2.5 Os "personagens" do <i>bullying</i>	93
2.6 O <i>bully</i>	93
2.7 Os <i>bullies</i> : considerações teóricas.....	94
2.8 A vítima típica.....	106
2.9 Vítima típica: considerações teóricas.....	107
2.10 A vítima provocadora.....	117
2.11 Vítima provocadora: considerações teóricas.....	118
2.12 A vítima agressora.....	121
2.13 Vítimas agressoras: considerações teóricas.....	122
2.14 Considerações complementares.....	127
3. Metodologia	130
3.1 Apresentação.....	130
3.2 Caracterização da amostra.....	131
3.3 Procedimentos de pesquisa.....	132
3.4 Forma de análise dos dados.....	140
3.5 Considerações adicionais sobre a pesquisa com o método psicanalítico.....	142
4. Análise dos dados	146

4.1 Apresentação.....	146
4.2 Aluno A.	146
4.3 Aluna B.	162
4.4 Aluno C.	186
CONSIDERAÇÕES FINAIS	204
REFERÊNCIAS	211
ANEXOS	221

INTRODUÇÃO

Desde as pesquisas pioneiras de Dan Olweus nos anos 1970, quando o pesquisador identificou o "padrão de comportamento" que nomeou de *bullying*, que o fenômeno vem sendo estudado por pesquisadores de áreas diversas. Não obstante a relativa visibilidade alcançada na época, foi sobretudo a partir dos anos 1990 que houve um crescimento do interesse sobre o assunto. Na realidade, a comoção proveniente de episódios trágicos associados ao *bullying* foi a principal responsável pela difusão internacional da temática. Por exemplo, a comoção proveniente do "Massacre de Columbine", ocorrido nos Estados Unidos da América em 1999, foi decisiva para dar visibilidade praticamente planetária ao assunto.

Mais de uma década depois, ocorrência similar também foi registrada no Brasil e ficou conhecida como o "Massacre de Realengo", fato que também sensibilizou o povo brasileiro e alavancou o interesse pelo *bullying*. Hoje há uma boa parcela da sociedade brasileira, inclusive o círculo acadêmico, que está mais interessada e familiarizada com o tema. Quer dizer, após a ocorrência de um acontecimento trágico associado ao *bullying*, o assunto foi amplamente difundido e alcançou praticamente todos os estratos da sociedade brasileira. Com efeito, o meio universitário também redobrou os esforços na investigação e entendimento do fenômeno, com o propósito geral de colaborar com sua coibição e prevenção.

Atualmente, embora o *bullying* constitua objeto de diversos estudos, ainda é pequeno, segundo o nosso conhecimento, o número de pesquisas em que a psicanálise serviu de suporte para a compreensão do fenômeno. A pedagogia e a psicologia são provavelmente as principais interessadas no assunto, porque a questão está presente no cotidiano escolar e no contexto de psicologia clínica, e também porque se sabe que há componentes educacionais e emocionais direta e/ou indiretamente ligados ao *bullying*. Assim, a pesquisa e a produção de conhecimento sobre o *bullying* recebe uma contribuição significativa destes campos do saber. Mas, novamente, são poucas as explorações psicanalíticas do fenômeno.

E é ainda menor quando se considera a hipótese que associa o *bullying* com os dados e as inferências da psicanálise sobre a organização libidinal perversa. Quer dizer, a hipótese que enlaça o *bullying* com as perversões foi pouco explorada, pelo menos por enquanto. A referida "lacuna", se assim é possível denominá-la, no

repertório das pesquisas sobre *bullying* foi aqui concebida como uma oportunidade, e a presente pesquisa levou adiante a hipótese já mencionada acima.

Como se verá com mais detalhes, o *bullying* é um tipo de violência que, não obstante o alicerce irracional, é premeditada pelo agressor. É posta em ação repetidamente e não raro é muito cruel. Em outras palavras, é uma forma de violência que não tem motivos concretos, mas nem por isso deixa de ser uma violência arquitetada, frequente e bárbara. Talvez, características como a premeditação da violência, aliada a um planejamento que objetiva evadir-se de possíveis sanções, além das já mencionadas acima, permita dizer que parte das ações dos agressores possam ser classificadas como "atos perversos" e que a hipótese aqui levantada dispõe de elementos prévios que a justifiquem. Em outras palavras, há razões plausíveis para se apostar nesta hipótese. De qualquer maneira, a irracionalidade que impulsiona a crueldade praticada pelos "valentões" justifica, por si só, uma exploração psicanalítica.

Conforme se verá mais adiante, o método psicanalítico, pioneiro na exploração dos fenômenos (humanos) inconscientes, proporcionou uma renovação no entendimento das perversões e também no entendimento do processo de constituição e desenvolvimento psíquico em geral. Quer dizer, a psicanálise também avançou na compreensão dos fenômenos anímicos do "ser humano comum". E a teoria psicanalítica decorrente é aqui adotada na condição de alicerce, principalmente a obra de Freud. Portanto, a compreensão das perversões aqui delineada e empregada se ampara na obra de Freud e é importante fazer este registro desde o início, porque já se identifica a "localidade" em que se encontra a presente pesquisa, isto é, os pressupostos conceituais em que esta pesquisa se fundamenta. Além do mais, quando apresentadas eventuais conexões entre o *bullying* e as perversões é indispensável se ter clareza da abrangência e das limitações do conceito de perversão aqui utilizado.

Onde começa o *bullying*? Quem são os "personagens" do *bullying*? São questões como estas que a presente pesquisa pretende responder. Na verdade, pretende-se colaborar no sentido de respondê-las. A primeira questão é de "natureza etiológica", porque requer uma "arqueologia da psique" que alcance suas camadas mais profundas e culmine na identificação dos "acontecimentos psíquicos" associados ao *bullying* e ao tipo de organização da libido que lhe serve de substrato:

a neurose, a perversão ou a psicose. Aqui, evidentemente, será dada apenas uma contribuição para um problema cuja estatura reivindica muito mais estudo e pesquisa. A segunda questão já foi parcialmente respondida pelos pesquisadores que nos precederam. Mesmo assim, é oportuno abordá-la e direcionar esforços no sentido de respondê-la, porque a pesquisa psicanalítica pode oferecer elementos que a complementem. Quer dizer, a psicanálise pode oferecer informações complementares para compreender aspectos da formação e do funcionamento psíquico dos envolvidos com o *bullying*.

Qual é o correspondente psíquico do *bullying*? Será razoável classificar algumas de suas manifestações como um "agir perverso"? Será plausível associá-lo à perversão? Estas questões dizem respeito ao direcionamento mais específico da presente pesquisa, em que é levantada a suspeita de que há uma conexão entre o *bullying* e a organização libidinal perversa. Portanto, foi necessário uma imersão nas obras em que Freud direta ou indiretamente aborda as perversões e também foi necessário assimilar um volume expressivo de informações a respeito do *bullying*, quando se recorreu a literatura específica sobre o assunto. Ao reunir os saberes das duas linhas de aprofundamento desta pesquisa abre-se a possibilidade de identificar e compreender eventuais convergências.

Todavia, além da familiaridade com a teoria psicanalítica e a bibliografia que discorre sobre o *bullying*, a presente pesquisa adotou um viés prático em que foi realizada uma coleta de dados com alunos de uma escola pública do município de Assis - SP, potenciais agentes e/ou vítimas de *bullying*. Então, por meio da aplicação do Desenho de Família com Estórias (DF-E) e de uma Entrevista Psicológica Semiestruturada com os participantes, reuniu-se dados que encorpam o conhecimento teórico e que viabilizam inferências mais robustas a respeito do *bullying* em sua eventual conexão com a perversão. À medida que os dados oferecem possibilidades de exploração psíquica de indivíduos diretamente envolvidos com o fenômeno, podem proporcionar maior entendimento do universo anímico destes indivíduos e conseqüentemente maior entendimento sobre o porquê de estarem envolvidos com o *bullying*.

É possível afirmar que as questões levantadas até aqui circunscrevem o enigma que a presente pesquisa procurou explorar. Em sentido amplo, nosso interesse é colaborar com a exploração e a compreensão psicanalítica do *bullying*,

por meio de uma pesquisa teórica-prática em que a psicanálise foi adotada enquanto um alicerce teórico-científico, principalmente a obra de Freud e continuadores, por um lado, e empregada como um instrumento de análise de dados, por outro. Aqui, a psicanálise é tanto um alicerce conceitual quanto um instrumento para interpretação do DF-E e da Entrevista Psicológica Semiestruturada.

Diante disso, o objetivo geral desta pesquisa é contribuir com a compreensão psicanalítica acerca da psicogênese do *bullying* em sua eventual relação com as manifestações e a organização libidinal perversa, mediante a investigação psicológica de escolares, agentes e/ou vítimas das ações de violência correspondentes ao fenômeno. Pretende-se também colaborar com o entendimento dos traços emocionais predominantes nos agentes e/ou vítimas de *bullying*, mediante a utilização de técnicas de investigação e pesquisa em psicologia que podem viabilizar a exploração psíquica do público-alvo. Em outras palavras, pretende-se identificar aspectos psicológicos que possam estar relacionados às manifestações do fenômeno *bullying*. Além disso, pretende-se verificar se existe uma associação entre o *bullying* e a perversão, por meio da confrontação das características psicológicas de agentes e/ou vítimas de *bullying* com as descrições da literatura psicanalítica acerca das manifestações e da constituição perversa, sobretudo na obra de Freud.

A presente dissertação dividi-se em 4 capítulos, conforme segue. No primeiro se exercita a tentativa de percorrer na obra de Freud um caminho que possibilite uma compreensão respeitável sobre a teoria da libido, com ênfase às formulações sobre as perversões. Pretende-se compreender minimamente as perversões para que seja possível identificá-la, se for o caso, na literatura específica sobre *bullying* e entre os envolvidos com o fenômeno. Procurou-se, então, contemplar os principais achados de Freud sobre as particularidades do funcionamento perverso, além de informações adicionais provenientes da própria obra de Freud e de alguns outros autores, que serviram de apoio e complemento à compreensão almejada.

A princípio, faz-se uma diferenciação entre a concepção de perversão corrente no círculo médico da época e a concepção psicanalítica, enfatizando o quanto meritória foi a investigação de Freud, porque, ao contrário da medicina positivista, a psicanálise produziu um conhecimento com base em evidências clínicas, somente acessíveis por intermédio do método psicanalítico, diferentemente

das acepções neuropatológicas que se revelaram impregnadas de preconceito e do puritanismo reinante à época. Depois, sedimentada a diferenciação conceitual e evidenciada a inovação alcançada pelo método e pela teoria psicanalítica, se avança na obra de Freud, com ênfase aos *Três ensaios da teoria da sexualidade*, quando é possível dar início ao entendimento da teoria da libido. Em seguida, são selecionadas as principais contribuições de Freud na direção de encorpar a compreensão da teoria da libido e também são enfatizadas àquelas que favorecem o entendimento particular da organização libidinal perversa.

No segundo capítulo, são ofertadas informações sobre o fenômeno *bullying*. Recorreu-se a literatura específica para caracterizá-lo e compreendê-lo, e também para exercitar uma primeira tentativa de investigação psicanalítica, em que as informações sobre o *bullying* são investigadas com o suporte oferecido pela teoria psicanalítica. Embora não se possa considerar que aqui a psicanálise está sendo empregada como um instrumento de análise de dados, visto que se está lançando mão principalmente da teoria e não do método psicanalítico para compreender a literatura que versa sobre o *bullying*, o contato com outras pesquisas sobre o fenômeno, que direta ou indiretamente apresentaram dados pertinentes sobre os processos mentais dos agressores e/ou vítimas de *bullying*, serviram de base para uma exploração psicanalítica do *bullying*, pois dados concretos ofertados por pesquisadores que nos precederam foram observados pela ótica psicanalítica, momento em que pela primeira vez ao longo deste trabalho se tentou um exercício de análise e interpretação de dados.

Inicialmente, são apresentados alguns aspectos gerais sobre a violência, em que se verificou seu incremento assustador nas últimas décadas, o que viabilizou inclusive a inferência de que a proporção que o *bullying* alcançou no contemporâneo é uma faceta de um fenômeno mais amplo, a saber, o crescimento generalizado da violência em suas mais variadas manifestações. Em seguida, são descritas as formas de manifestação do *bullying*, suas variadas faces no contexto escolar, e as particularidades dos envolvidos com o fenômeno, as particularidades do agressor e das vítimas. Por último, buscou-se identificar e entender possíveis determinantes psíquicos do *bullying*, explorando os elementos oferecidos pela literatura específica. Em outras palavras, com base em dados acerca dos "personagens" implicados nas ações de maus-tratos que caracterizam o fenômeno, dados provenientes de

pesquisadores que nos precederam e que foram investigados sob a ótica psicanalítica, buscou-se "compreender psicanaliticamente" o *bullying*, por assim dizer.

No terceiro capítulo é apresentada a metodologia de pesquisa, com ênfase aos procedimentos de coleta e análise dos dados. Cada um dos procedimentos é explicado e fundamentado, com a finalidade de demonstrar sua eficácia e viabilidade. Conforme já mencionado, além do estudo e investigação teórica, a presente pesquisa se propôs reunir dados sobre o fenômeno *bullying* por meio da aplicação de instrumentos de avaliação psicológica com potenciais agentes e/ou vítimas de *bullying*. Em uma primeira fase, foi realizada a identificação do público-alvo de pesquisa, seguida pela aplicação do DF-E e uma Entrevista Psicológica Semiestruturada.

A escolha pelo DF-E não se deu ao acaso. Embora parte da crítica o recrimine por não se ater à fidedignidade e à padronização característica dos testes psicológicos, possui a "capacidade de conduzir uma exploração ampla da personalidade e de pôr em relevo a dinâmica emocional dos processos inconscientes" (TRINCA, 1997a, p. 11). Aliás, ao conciliar a projeção gráfica e aperceptiva, o DF-E oferece duas vias para exteriorização dos processos internos que se complementam entre si. Assim, viabiliza o aparecimento de um conjunto de dados que permite análises mais consistentes. Além disso, suas características são adequadas aos psicólogos familiarizados com o método psicanalítico.

A escolha por um procedimento em que a família é aspecto central também não se deu ao acaso. Conforme ensina a psicanálise, desde a obra de Freud até os dias atuais, a constituição e o desenvolvimento psíquico se dá por intermédio e grande influência das relações primordiais entre o bebê/criança com seus familiares, sobretudo os pais, durante principalmente a primeira infância. Pode-se dizer, sumariamente, que ainda hoje a ação da família é um dos principais determinantes na estruturação da personalidade e do comportamento, decerto especialmente o comportamento posto em ação na esfera relacional, mas também nas demais esferas que fazem parte da vida. Então, as manifestações ditas psicopatológicas, por um lado, e o substrato psíquico comum, por outro, encontram-se atrelados ao(s) modelo(s) de família predominante(s) em um determinado tempo e espaço, predominante em uma determinada cultura. Portanto, o DF-E pode oferecer

informações valiosas a respeito dos processos anímicos dos voluntários de pesquisa, contribuindo para o entendimento de aspectos emocionais anteriores aos episódios de *bullying*, isto é, aspectos que possam contribuir com a "compreensão etiológica" do *bullying*.

No quarto capítulo foi realizada a análise e a interpretação do dados coletados, com atenção particular à cada um dos participantes, isto é, a análise foi realizada individualmente. O DF-E é composto por quatro unidades de produção e na análise individual cada unidade de produção - formada por um desenho e uma estória - foi apresentada na íntegra, seguida da interpretação. Após realizada a interpretação de cada unidade de produção, foi feita uma "síntese interpretativa", que realça os elementos fundamentais que permeiam as 4 unidades de produção. A "síntese interpretativa" dá sentido ao conjunto das unidades de produção e possibilita uma compreensão globalística de cada participante.

Também os dados provenientes da Entrevista Psicológica Semiestruturada foram analisados, não obstante a posição de centralidade do DF-E. Além de reforçar parte dos aspectos presentes no DF-E, a Entrevista Psicológica Semiestruturada trouxe informações adicionais e complementares. Assim, durante a interpretação das unidades de produção do DF-E, elementos provenientes da análise da entrevista são ofertados, de maneira a principalmente adensar o viés interpretativo detectado. Via de regra, na "síntese interpretativa" ofertou-se número maior de informações provenientes da Entrevista Psicológica Semiestruturada, em comparação com àquelas oferecidas na interpretação das unidades de produção do DF-E.

Durante a análise dos dados buscou-se "traduzir" a expressão geral manifesta no conjunto dos dados de cada um dos participantes da presente pesquisa. Quer dizer, os dados de cada participante foram interpretados em conjunto, isto é, foi empreendida uma análise globalística das produções gráficas, aperceptivas e também do conteúdo da entrevista. Portanto, as unidades de produção do DF-E e a Entrevista Psicológica Semiestruturada compuseram a unidade que foi interpretada.

Nas considerações finais são retomadas, sucintamente, parte das inferências apresentadas ao longo do trabalho, reforçando o já apresentado no decorrer desta dissertação.

1. Teoria da libido: a perversão em Freud

1.1 Uma caricatura da modernidade ilustrada por um episódio verídico

A história registra certos episódios que parecem vir à luz devido à uma armação zombeteira de um tipo de demônio que se diverte secretamente ao ver consolidada sua zombaria. São acontecimentos que fazem-no rir, porque desacomodam a "verdade" generalizadamente aceita por uma determinada sociedade, em um tempo-espaço específico, mas sobretudo porque retiram a máscara dos agenciadores da "verdade", por um lado, e a de cada um que vive sob a influência da referida "máxima", por outro. Permitindo-se personificar a "verdade", a era moderna tem na figura do cientista uma representação impecável, pois a ciência positivista emergiu poderosa na modernidade e gradualmente converteu-se em referencial prioritário a ser tomado como base na organização da vida. Durante séculos, o fundamento e a manutenção da ordem social apoiou-se na fé judaico-cristã, mas a modernidade registra a emergência e a consolidação da ciência, fazendo crescer novamente as esperanças de se poder alcançar uma condição humana e civilizatória ideal, agora por intermédio da racionalidade e do conhecimento científico (JUSTO, 2007).

As ciências açambarcaram com toda força o território da "verdade" e renovaram as aspirações idealistas, apoiadas, todavia, na racionalidade. Esquemáticamente, o raciocínio é o seguinte: se a razão difere o homem do animal, quanto maior o desenvolvimento da razão, mais o homem se distanciará de sua origem animal, ou seja, estará mais capacitado para governar a si mesmo e para edificar uma sociedade mais "humana" (MORE, 1516/1972). Entretanto, a razão e a ciência produziram "verdades" que o tempo declarou falaciosas. Então, a troça do demônio, em ataque ao cientista moderno, registra episódios em que ele é pego em flagrante, momento em que a "verdade" que postula sofre abertamente um abalo, e só mesmo a pompa da ciência e a credulidade pública para mantê-la em execução.

Um desses episódios é contado por Darmon (1991), que refere o ocorrido na França em meados de 1889, cujos célebres personagens são cientistas de toda Europa, as mais ilustres inteligências da época em matéria de criminologia, craniologia, subáreas que integram o bloco da medicina mental positivista, e a antropologia criminal. Entre as personalidades eminentes que registraram presença

no 2º Congresso de Antropologia Criminal, Cesare Lombroso, "fundador e mestre da Escola Italiana de Antropologia Criminal, que acabara de demonstrar ao mundo atônito que todo delinquente é um indivíduo que carrega os estigmas atávicos de suas tendências criminosas" (DARMON, 1991, p. 12), proferiu suas conclusões sobre o crânio da assassina Charlotte Corday¹ - uma das peças da exposição realizada dias antes pelo mesmo grupo de cientistas -, qualificando-o como "muito rico em anomalias", que, detalhadas, serviriam para explicar a inclinação assassina e a consumação do crime. A exposição foi seguida por um debate, que doravante deu origem a série polêmica de ensaios publicados na revista *Anthropologie*, em 1890, reunidos sobre a denominação: "Ensaio de craniometria a propósito do crânio de Charlotte Corday".

O escárnio da história se materializa quando surgem evidências de que o crânio que foi minuciosamente analisado pela equipe de cientistas em questão provavelmente não pertenceu à Charlotte Corday. É fato curioso que nenhum membro da equipe eminente certificou-se da autenticidade do artefato anatômico antes de analisá-lo e tampouco antes de veicular nos meios de divulgação científica as conclusões extraídas com base em sua avaliação. A investigação que intentou identificar a origem dessa peça obscura trouxe indícios que apontavam-na como de Charlotte Corday, porém o caráter duvidoso das informações e os indicativos em sentido contrário fortaleceram a hipótese que supunha a ocorrência de um engano, praticamente corroborada a falsidade do crânio pelo depoimento franco daquele que o deu de presente ao príncipe Roland Bonaparte: "Muito bem, eu lhe direi logo que nada me prova que o crânio que dei de presente ao príncipe Roland, que me manifestara um desejo intenso de possuí-lo, seja realmente o crânio do anjo do assassinato" (DURUY apud DARMON, 1991, p. 15).

Pode-se supor que foi pregada uma peça na equipe de cientistas, visto que o episódio dispõe de força suficiente para desqualificar-lhes a ciência, pois as conclusões oriundas do estudo da anatomia craniana em questão forneceu indícios

¹ Charlotte Corday ganhou fama na França no final do Século XVIII após premeditar e executar o assassinato de Jean-Paul Marat, proeminente defensor e articulador das ideias que encabeçaram à Revolução Francesa. Proveniente da aristocracia instalada na região da Normandia, foi educada em um convento Católico-Romano, características que doravante conferiram-lhe as alcunhas de "anjo do crime" e "virgem normanda". O assassinato ocorreu em 1793, aparentemente motivado por razões ideológicas, visto que Charlotte Corday contrapunha-se aos ideais da Revolução Francesa, que se processava na época. Poucos dias após o assassinato, foi julgada e condenada à morte, sendo guilhotinada em seguida (DARMON, 1991; WIKIPÉDIA, 2016).

plausíveis de que os resultados foram contaminados pela especulação tendenciosa, em que aparentemente se pretendia adaptar, pela força, os fatos e as evidências concretas à teoria que o cientista desejava emplacar. À primeira vista, a eloquência dos cientistas faz supor que o rigor científico foi seguido à risca, mas o fato em jogo deixa ver deslizos comprometedores, e não bastasse a erudição dos homens de ciência também a generalidade crédula colaborou para aceitação de teorias erigidas de maneira semelhante ao episódio relatado, possibilitando a consolidação de "verdades" incontestáveis. "Fora a partir de argumentos da mesma ordem que o mestre de Turim construía sua teoria do criminoso nato que revolucionou a criminologia" (DARMON, 1991, p. 16).

A partir dessa história poderia se pressupor o insucesso da craniologia e, como um efeito dominó, das demais áreas sustentadas pelo o axioma pleno da medicina mental positivista, segundo o qual a mente, a personalidade e o comportamento revelam-se por meio das características físicas/corporais. Todavia, o que se viu foi a construção e o fortalecimento de teorias a partir de procedimentos e argumentações semelhantes aos utilizados no episódio relatado, o que propiciou o emprego da análise e da mensuração, a fim de viabilizar uma categorização precisa da anatomia do crime, da devassidão, etc. Portanto, o triunfo da medicina mental positivista autorizou o criminologista e o sexólogo, por exemplo, ao reconhecimento do criminoso nato e do perverso nato, respectivamente, por meio da identificação de aspectos corporais relacionados à maldade e à libertinagem. Nem mesmo a má sorte da ciência, tornada concreta com a análise e a produção de conhecimento a partir de um objeto ilegítimo, foi o bastante para amortizar a influência que exerceu na sociedade moderna.

A história relatada acima descreve um episódio que serve como uma caricatura da modernidade, porque ilustra bem o triunfo da ciência positivista, particularmente a ciência mental, mas sobretudo porque exemplifica a dubiedade dos tempos modernos, em que o progresso e o obscurantismo caminharam lado a lado. A utopia que sonhava com um tipo de homem e de sociedade perfeita, alcançável por intermédio da razão e das ciências, desdobrou-se na defesa ferrenha de uma moralidade ideal, ou melhor, idealizada, na qual se verificou o emprego ilegítimo das ciências com o propósito de garantir um modelo específico de sociedade, ainda marcada pelo quadro de valores provenientes do dogmatismo

judaico-cristão. Na prática, é dada existência real à contradição na medida em que o conhecimento científico, a panaceia moderna, foi empregado para justificar condutas imorais - endossadas generalizadamente - postas em ação com a finalidade de defender e assegurar a manutenção da velha moralidade. Em outras palavras, o conhecimento científico que embasou a execração dos "leprosos" e contribuiu para garantir a ordem estabelecida revelou-se preconceituoso e parcialmente inverídico.

A partir disto, é possível inferir que as teorias edificadas pela medicina mental positivista continham proporção considerável de arbitrariedade, ainda que associadas à métodos aparentemente impecáveis e a um palavreado científico especializado. Embora mais diretamente dirigida à filosofia moderna, a crítica de Nietzsche (1886/2001) certamente pode ser aplicada à ciência moderna, que, ao menos parcialmente, também nasceu alicerçada nas intenções morais dos cientistas, como se pode ver em suas teorias impregnadas pelo arbítrio, cuja intenção oculta era propiciar as condições para a manutenção da ordem sociocultural burguesa. "A que moral querem conduzir-nos?" (NIETZSCHE, 1886/2001, p. 15), é a pergunta que faz o filósofo com o objetivo de compreender a origem das opiniões filosóficas modernas, cujas enunciações, argumenta, encontram-se impregnadas dos preconceitos de quem as defendem, os mesmos que chamam-nas de "verdades". Enfim, não resta dúvida de que também os cientistas modernos, especificamente no campo da medicina mental, também chamaram de "verdade" aos seus preconceitos.

1.2 A perversão sob a ótica das ciências médicas na modernidade: séculos XVIII e XIX

No século XVIII e principalmente no século XIX, o estilo de vida burguês encontrava-se bem consolidado, visto que doravante a Revolução Industrial e a Revolução Francesa, tornou-se impossível deter o avanço dos ideais de liberdade e igualdade, que se difundiram por toda Europa. O declínio das monarquias, acompanhado pela diminuição do poderio religioso, resultou em transformações socioculturais profundas, entre as quais interessa destacar a ascensão de uma nova instância responsável pela regulação das práticas sexuais. Na Idade Média, cabia punição severa à atividade sexual que desrespeitasse o código moral religioso, habitualmente a pena de morte. Depois, com a consolidação das repúblicas e a

transferência dos assuntos sexuais à alçada da medicina, se viabilizou a laicização das práticas sexuais, momento em que foram descriminalizadas, retiradas dos tribunais (religiosos), desde que exercidas na esfera privada por adultos consentâneos (ROUDINESCO, 2008).

Encerrado nos aposentos recônditos, o mundo do sexo foi retirado do Código Penal, com exceção das práticas não consensuais, que permaneceram sob o alcance da lei. Então, inclusive a sexualidade julgada pecadora foi removida do catálogo de ações criminosas, visto que a lei deixou de interferir na maneira como os cidadãos vivenciavam a sexualidade na intimidade de suas vidas. O sexo julgado anômalo configurava ainda uma atitude imoral, mas não uma atitude ilegal como anteriormente (ROUDINESCO, 2008). Por exemplo, a homossexualidade, outrora uma prática criminosa, obteve uma abertura na legislação que lhe permitia a existência privada.

Nos primeiros séculos da era cristã, depois que o Estado sob Constantino foi conquistado para a nova religião, a homossexualidade foi motivo de terríveis decretos, e na França, mesmo na véspera da Revolução, os pederastas eram queimados eventualmente. Contudo, após a Revolução, com o Código Napoleônico, todos os atos de homossexualidade simples, praticados sob reserva por adultos emancipados, deixavam de ser puníveis, embora ainda punidos severamente se praticados em público ou com um menor (HAVELOCK ELLIS, 1933/1971, p. 211).

A mudança assegurou a vivência íntima da sexualidade, seja ela de que natureza for, e com isso impediu que o "povo dos perversos" fossem atirados à fogueira. Com certeza, a racionalidade e as ciências, empregadas inclusive aos assuntos sexuais, retiraram parcialmente à sexualidade da mira da moralidade religiosa legisladora. Entretanto, ao sair da governabilidade dos magistrados e religiosos e adentrar a jurisdição médica, conquanto a garantia proveniente da laicização, emergiram outras formas de sufocação das anomalias sexuais, provenientes de um discurso agora não somente moral, mas racional, edificado no campo das ciências, em particular a medicina mental (FOUCAULT, 1976/1988). Anteriormente execradas com base em parâmetros religiosos, na emergente e já consolidada sociedade burguesa as perversões receberam um rótulo reformado pela medicina do sexo, a primeira vista distinto daquele oriundo dos pressupostos dogmáticos, com o qual, na realidade, se renovou a fachada detestável lançada à "raça maldita". Aparentemente, o puritanismo burguês se conservou no espírito científico e secretamente permeou a psiquiatria, sobretudo as subáreas

responsáveis pela dissecação da alma humana: a sexologia e a criminologia (ROUDINESCO, 2008).

Semelhante a reprimenda à literatura erótica e pornográfica, que julgadas perniciosas à moral pública permaneceram sob a cobertura da lei, as anomalias sexuais, quando introduzidas no campo médico, foram nomeadas genericamente de perversões, cujas modalidades, consideradas patológicas, receberam um cem número de nomes eruditos, derivados em sua maior parte do idioma grego: "zoofilia, necrofilia, exibicionismo, pedofilia, coprofagia, travestismo, voyeurismo, onanismo, sadismo, masoquismo, etc. A lista de todas essas práticas é por definição ilimitada" (ROUDINESCO, 2008, p. 78). Aparentemente, a nomenclatura popular, por comum empregada para descrever o mundo do sexo, soava vexatória aos cientistas modernos e à sociedade burguesa, portanto o palavreado habitual foi substituído por vocábulos que conferiram um contorno letrado aos assuntos sexuais, fato que propiciou as condições para inserção da sexualidade - patológica - no domínio científico. Assim, a terminologia julgada chula foi trocada pela verborragia científica (ROUDINESCO, 2008).

Ironicamente, a inserção das perversões na nosologia psiquiátrica, isto é, a transformação do comportamento humano julgado anômalo e perigoso em objeto de ciência, resultou em um trato frio e desumanizado em relação aos perversos, pois o diagnóstico categorizava e estigmatizava completamente o indivíduo, reduzindo-o, então, a uma doença, tornando-o sinônimo de uma depravação doentia, que fora descoberta cientificamente, sobrando ao perverso a "opção" de fazer-se uma peça enigmática sobre a qual a ciência lançaria sua lupa (FOUCAULT, 1976/1988; ROUDINESCO, 2008). Fato semelhante foi verificado no domínio da criminologia, em que até mesmo o julgamento do réu teve reduzida sua importância na medida em que se supôs que a conformação do crânio e de demais aspectos corporais poderiam informar com exatidão sobre a tendência criminosa do acusado. Meio-homem, meio-animal, o "criminoso nato" de Lombroso foi averiguado pormenorizadamente como um microrganismo sob as lentes de um microscópio (DARMON, 1991). Admitida a categoria dos desalmados, receberam o tratamento que por comum se dá a uma "coisa", e a ironia está no fato de que a frieza direcionada ao perverso é semelhante à enorme frieza que jaz silenciosa no seio das ações mais desumanas, nas quais se pode presumir uma prática perversa.

A burguesia ascendente brindou a edificação de um conjunto de princípios de ordenação moral provenientes da racionalidade, garantido com o peso que lhe foi conferido pela ciência positivista. E, ao reduzir a autoridade moral judaico-cristã, coube à criminologia e à sexologia operar uma descrição detalhada dos hábitos sexuais, com ênfase àqueles da "classe perigosa", viabilizando uma distinção expressa com a pudicícia burguesa. Então, com base nos "[...] dois grandes princípios da semiologia (descrição de símbolos) e da taxonomia (classificação das entidades) que se desenvolve [...] a fascinação da elite no poder pelo rastreamento, a mensuração, a identificação e o controle de todas as práticas sexuais" (ROUDINESCO, 2008, p. 82), abarcando o vasto leque das mais normais até as mais patológicas. Diz-se que o objetivo, declarado abertamente, da descrição minuciosa da normalidade e das anomalias sexuais foi fundamentar cientificamente uma drástica separação entre ambas. De um lado, o "normal" - alicerçado na saúde, na procriação e no prazer regulado. De outro, marcadamente diverso, o perverso - a esterilidade, a doença, o prazer irrestrito, a depravação, a contrariedade à preservação da espécie (LANTERI-LAURA apud ROUDINESCO, 2008).

Evidência inconteste de que o sexo tornou-se objeto das ciências é o caso do camponês que obteve "algumas carícias de uma menina", episódio registrado no ano de 1867. O aspecto chamativo do acontecimento refere a inserção do microscópio médico para um exame rigoroso do comportamento aberrante, transformado em dado clínico com posterior elaboração teórica. Encaminhado à justiça, o pobre-diabo foi isentado de qualquer delito, não obstante submetido à avaliação minuciosa para eventual identificação do nexos causal entre a perversão manifesta e o agente motivador (FOUCAULT, 1976/1988). "O importante está em que dessa personagem comum, até então parte integrante da vida camponesa, se tenha tentado medir a caixa craniana, estudar a ossatura facial e inspecionar a anatomia, na busca de possíveis sinais de degenerescência" (FOUCAULT, 1976/1988, p. 33).

Com fundamento na doutrina religiosa, a regulação das práticas sexuais na Idade Média ocorria mediante proibições expressas, que detinham força de lei. Com o advento da ciência moderna, distribuída em múltiplas disciplinas, gradualmente se operou uma interdição do sexo mediante uma argumentação racional cuja metodologia envolvia a descrição sistemática do sexo, incluindo-se as anomalias

sexuais (FOUCAULT, 1976/1988). O método das ciências (modernas), geralmente com possibilidade de verificação e validação objetiva do conhecimento científico, garantiu grande reputação e poder de convencimento ao discurso científico - inclusive o pronunciado pela medicina mental, embora em aberta desvantagem quanto a comprovação empírica de suas hipóteses. Por certo, o conhecimento enunciado pelas ciências obteve tamanha credibilidade que atingiu o status de verdade inquestionável (JUSTO, 2007). Isto quer dizer que a enunciação científica detalhadamente descritiva das anomalias sexuais realizada pela medicina moderna produziu o impedimento do sexo pela via da racionalidade, porque a influência irrestrita do discurso científico nas sociedades burguesas conferia-lhe o peso de um mandamento. À medida que se adotou incondicionalmente as verdades produzidas pelas alocações das ciências, também os postulados sobre o mundo do sexo foram incorporados à cultura burguesa, o que a capacitara para separar cientificamente as sexualidades "normal" e "anormal". Em uma exposição sumária, "provavelmente a vontade de descrever o vício para melhor marginalizá-lo nunca foi tão afirmada" (ROUDINESCO, 2008, p. 83).

Em meios aos principais nomes da medicina mental daquela época se pode incluir os ainda hoje famosos de Albert Moll (1862-1939), Alfred Binet (1857-1911), Havelock Ellis (1859-1959) e Richard Von Krafft-Ebing (1840-1902). Na realidade, era imensa a listagem de médicos debruçados sobre o mundo do sexo, entre os quais haviam discordâncias em relação ao entendimento das perversões, em que se opunham principalmente tendências que atribuíam uma origem inata ou adquirida às perversões: fenômeno natural, proveniente de uma composição biológica peculiar, para uns, e derivadas do mundo humano, para outros. Também comum, foi a concepção de que as perversões se originavam de processos degenerativos hereditários, contrários à arrumação biológica natural. Ao que tudo indica, a divergência de opiniões se desdobrou em um debate prolongado em que a dúvida sobre a gênese inata ou adquirida das anomalias sexuais pode ser aceita como uma atualização do embate sobre a origem da maldade, protagonizado principalmente por Hobbes e Rousseau há aproximadamente um século antes desta contenda no campo médico. Entretanto, havia consenso em relação à necessidade de tratamento dos perversos, ou melhor, acreditava-se generalizadamente que as perversões

produziam sofrimento e portanto fazia-se necessário tratá-las (ROUDINESCO, 2008).

Em um período de puritanismo ferrenho, em que o sexólogo ascendeu à posição de referência em assuntos sexuais, os "aberrantes" habitualmente dispunham-se a revelar em detalhes sua intimidade ao médico com a esperança de "curar-se", visto que - como se poderia esperar em uma atmosfera excessivamente repressora - odiavam o próprio desejo, a inclinação julgada vil, odiosa, etc. Assim, o exercício da medicina do sexo assumiu a roupagem de um tipo de confessor médico, em que se faziam confissões pormenorizadas. "A ciência do sexo no século XIX se organizaria como fisiologia da reprodução e como medicina da sexualidade. Contudo, o dispositivo principal para se ter acesso não ao saber, mas à verdade do sexo, seria a confissão" (PEREIRA, 2009, p. 380): "o sr. X., 25 anos, pais saudáveis, sem doença anterior, colocou a seguinte autobiografia ao meu dispor [...]" (KRAFFT-EBING, 1886/2000, p. 72); "sua última esperança era que a ciência médica pudesse libertá-lo dessa monstruosa aflição e restabelecer sua moralidade" (KRAFFT-EBING, 1886/2000, p. 86); "o sr. X., [...] veio consultar-me [...] num estado de ânimo desesperado, sobre uma perversão de seu impulso sexual que tornava sua vida praticamente intolerável e que por várias vezes quase o levava ao suicídio" (KRAFFT-EBING, 1886/2000, p. 175). Acrescenta-se ainda a produção científica dos ainda famosos catálogos de perversões em que igualmente expunha-se o sexo com descrições minuciosas. Em resumo, o período registra um movimento amplo em que a referida temática estava na ordem do dia. "O que é próprio das sociedades modernas não é o terem condenado o sexo a permanecer na obscuridade, mas sim o terem-se devotado a falar dele sempre, valorizando-o como o segredo" (FOUCAULT, 1976/1988, p. 36).

Como um testemunho que marcou época, o livro *Psychopathia Sexualis* deixa ver com clareza de que maneira a cultura burguesa, fundamentada no discurso médico, lançava os olhos aos aberrantes. "[...] A obra de Krafft-Ebing assumiria um caráter exemplar da história da apropriação médica dos comportamentos sexuais desviados da norma vigente e tida como parâmetro autoevidente da normalidade" (PEREIRA, 2009, p. 380-381). Ao teor moralista e piedoso, acrescenta-se uma descrição enfocada na "sintomatologia perversa" em que se desprezou completamente o encadeamento sociopsicológico por trás das manifestações

consideradas patológicas retratadas no livro. Trata-se de uma "primeira grande síntese daquilo que viria ser concebido tecnicamente como 'perversões'" (PEREIRA, 2009, p. 381). Praticamente desprezada a história de vida e os "acontecimentos psíquicos" envolvidos na conjuntura subjacente à sexualidade manifesta, cada paciente foi "simplificado" em um diagnóstico.

Naquela época, a crença corrente atribuía a gênese das anomalias sexuais à hereditariedade, à degenerescência (congênita), como demonstra o hábito do Dr. Krafft-Ebing (1886/2000) em apresentar as neuropatias e demais afecções registradas na ascendência do paciente, além de informações sobre o tamanho do crânio, dos genitais, etc. O excerto abaixo serve como ilustração:

Convulsões aos nove meses. Posteriormente perturbações do sono (urinava na cama); era nervoso e desenvolveu-se tardiamente e de maneira imperfeita. Na puberdade tornou-se irritadiço, apresentou inclinação para o mal, era preguiçoso, intratável e, em todas as ocupações, provou ser um inútil. Nem mesmo na Casa de Correção ele se emendou. Ingressou na marinha, mas também ali revelou-se incapaz. De volta para casa, roubava dos pais e passava seu tempo em más companhias. Não corria atrás de mulheres, mas entregava-se apaixonadamente à masturbação e, algumas vezes, à sodomia com cadelas. Sua mãe sofria de mania menstrual. Um tio era louco e outro bêbado. O exame do cérebro de M. revelou alterações mórbidas dos lobos frontais, da primeira e segunda circunvoluções temporais e de parte das circunvoluções occipitais (KRAFFT-EBING, 1886/2000, p. 22).

Como já apontado anteriormente, não é demais reforçar que o exercício demasiadamente descritivo das anomalias sexuais é revelador de um modelo de ciência proveniente das ciências naturais, em que o ser humano, em toda sua complexidade, recebe o mesmo tratamento que dá, por exemplo, o pneumologista às afecções pulmonares, em que a ênfase repousa exclusivamente sobre a parcela orgânica do ser. Em um período em que comumente se comparava o corpo humano com uma máquina, os fatores emocionais e socioculturais que atravessam à sexualidade são ignorados, porque se supõe que as anomalias sexuais são provenientes de debilidades orgânicas, antinaturais, congênitas, etc. Portanto, não caracteriza exagero a afirmação de Roudinesco (2008) apresentada abaixo:

Desse vasto conjunto de vidas paralelas e infames, das quais coleta todas as metamorfoses, o psiquiatra faz um quadro sórdido, misturando compaixão à ridicularização. Nunca os personagens por ele descritos são remetidos a uma história qualquer, íntima ou coletiva. Aliás, eles não têm nem genealogia nem anterioridade, e seu desvio não tem outra causalidade senão aquela que a ciência lhes atribuiu. Trata-se de uma coleção de coisas reduzidas à insignificância (p. 86).

O momento é oportuno para dar visibilidade àquela que figura entre as grandes descobertas de Freud (1905/1992): a sexualidade, simplificada, é uma expressão da alma. Isto quer dizer que a libido não está restrita ao desejo sexual e a prática do sexo propriamente dito. Na realidade, a libido extravasa e intervém diretamente no processo de constituição psíquica e de formação da personalidade. Portanto, Freud foi o primeiro a dar existência verídica à associação entre o psíquico e o sexual, constatação que propiciou enlaça-los em um jogo de influência recíproca. Por enquanto, a propósito de prefaciar o tópico seguinte, interessa exprimir sucintamente a distinção entre Freud e a psicanálise em relação à medicina mental positivista. Ao propor a noção de desenvolvimento psicosexual, o gênio de Freud (1905/1992) faz inseparável as manifestações da sexualidade dos "acontecimentos psíquicos", ultrapassando, portanto, as conclusões da psiquiatria, baseadas exclusivamente na parcela orgânica do sexo.

Também é verdade, como o próprio Freud (1956[1886]/1992) declara em relação ao contato com as pacientes histéricas - que, consideradas fingidoras, oportunistas, etc., supunha-se que enganavam os médicos, os quais acabavam construindo uma reputação ruim, pois tomados como tolos e incompetentes, visto que davam crédito à dissimulação histérica -, que a disponibilidade em oferecer tratamento à "classe maldita" exigia firmeza e ousadia por parte do médico, porque, embora se possa dizer que parte dos denominados aberrantes poderiam prescindir de qualquer tratamento, o fato é que havia toda uma conjuntura que levavam-nos a procurá-lo, e apenas uma minoria de profissionais se dispôs ao atendimento dos loucos e perversos. O atendimento médico ao "povo dos perversos" assemelhava-se a uma transgressão moral, porque desconfiava-se do interesse em se dar atenção às depravações. Em resumo, essa classe diferenciada de profissionais da medicina arcou com um ônus que a maioria de seus colegas médicos optou não arcar, visto que, minimamente, também passaram a receber os olhares de esquelha como um desdobramento do preconceito e da discriminação social direcionada às "aberrações sexuais" (HAVELOCK ELLIS, 1933/1971).

Então, se pode afirmar com justeza, que parte dos mesmos "psiquiatrões", cujas obras direta ou indiretamente contribuíram com o julgamento antecipado e a entonação acusatória direcionada à sexualidade desviante, doravante, ainda que timidamente, demonstraram-se favoráveis a garantia de direitos, inclusive

defendendo a não utilização do termo perversão: "[...] o próprio bom doutor Krafft-Ebing reivindica uma descriminalização do comportamento homossexual consensual - uma opinião que ajudou a denegrir sua reputação e que o desacreditou em muitos círculos médicos sérios para o resto de sua carreira profissional" (SELLERS, 2000, p. 12-13); E ainda: "compreendo agora [...] que chegou a ocasião de evitar a palavra, tanto quanto possível, de maneira completa. Mesmo no original latino, *perversus* implica muitas vezes um critério moral" (HAVELOCK ELLIS, 1933/1971, p. 148, grifo do autor). Há quem diga que a mudança de atitude em relação à sexualidade em Viena e em toda Áustria teve início com o trabalho pioneiro de Krafft-Ebing, em que foi dada visibilidade às perversões sexuais, antes quase completamente ignoradas (BETTELHEIM, 1991). Portanto, concomitantemente à estrangulação das práticas sexuais, houve também um movimento oposto, em que se chamou a um maior cuidado para com os assuntos sexuais, inclusive em busca de trato digno à "classe maldita".

Pelo visto, a saída das perversões do domínio da legislação dogmática e sua incorporação à jurisdição das ciências mentais agenciou desdobramentos aparentemente inconciliáveis. Está claro que a medicina mental viabilizou um outro tipo de sufocação das práticas sexuais, mediante a racionalidade, com ênfase às nomeadamente anormais, por um lado; e abriu caminho ao amplo debate sobre a importância da sexualidade, inclusive sobre os obstáculos psíquicos e sociais que atravancam as possibilidades de uma vida amorosa plenamente realizada, por outro. Outra vez, pode-se constatar o andamento de uma marcha dúbia, marcadamente progressista e obscurantista. Ao levantar a questão sobre se o século XIX contribuiu para a erotização ou para a repressão das práticas sexuais, Roudinesco (2008) responde que ambos os movimentos se processaram, de forma complementar. Aliás, argumenta que essa complementaridade possibilita entender como os estigmas da perversão transformaram-se de objeto de horror em objeto de estudo.

1.3 O advento da psicanálise: uma guinada inédita em direção a psique inconsciente

No prólogo à segunda edição dos *Tres ensayos de teoría sexual*, Freud (1905/1992) diz que deseja calorosamente o envelhecimento da obra mencionada, como resultado da aceitação universal das contribuições dadas com sua publicação.

A breve passagem deixa ver que Freud encontrava-se inteiramente cômico da novidade que apresentara e do impacto avassalador que causara e que ainda causaria na comunidade científica, em seguida na sociedade vienense, como em toda Europa. Compreender o arrojo e a inovação proposta nesta obra reivindica o conhecimento das particularidades da sociedade e das ciências médicas da época - conforme apresentadas sumariamente acima -, visto que nesses mais de 110 anos que nos separam da data em que a mesma foi publicada, a sociedade ocidental absorveu-lhe o conteúdo em sua cultura - mesmo que com distorções -, o que pode fazê-la passar despercebida em sua grandeza. Em parte, é possível declarar que a aspiração de Freud foi realizada, porque com a assimilação do conteúdo desta obra pela cultura ocidental a mesma envelheceu, mas à medida que foi assimilada com adulterações, ainda hoje permanece efetiva, atual, etc. Aliás, permanece de pé, porque grande parte de suas enunciações podem ser corroboradas ainda hoje na clínica psicanalítica.

É verdade que a teoria psicanalítica se difundiu deturpada e distorcidamente, senão com ares de nova panaceia com condições de solucionar o que quer que seja no domínio ao mesmo tempo amplo e restrito da psicoterapia de base analítica ou da psicanálise propriamente dita. Tamanha foi a alteração das principais postulações psicanalíticas que Bettelheim (1982) identificou um efeito contrário àquele que propõe a psicanálise, ou melhor, ao passo que a psicanálise tornou evidente as consequências mutiladoras de uma *repressão* excessiva, revelando seu nexos causal com as neuroses, passou-se a supor que a psicanálise saiu em defesa de uma ausência de todos os controles, como se advogasse em favor de desimpedir tudo o que está reprimido. Como consequência, "o 'Conhece-te a ti mesmo' converteu-se em 'Faz o que te apeteça'" (Ibidem, p. 31). De qualquer maneira, hoje encontra-se vulgarizada a convicção de que a sexualidade, as vivências da infância, a relação primordial com os pais, são fatores determinantes na constituição psíquica e no comportamento, embora habitualmente sejam entendimentos parciais ou equivocados. É bem sabido que a sexualidade é influência fundamental e razão de ser de pontos essenciais do comportamento humano individual, porém em psicanálise a noção de sexualidade vai muito além do sexo e da reprodução (FREUD, 1905/1992; MEZAN, 2000). O entendimento genuíno da importância central da sexualidade na vida anímica e "a atribuição ao complexo de Édipo de um

papel estruturante para a identidade psíquica continuam a ser hoje, apesar das aparências em contrário, tão escandalosas quanto na época em que Freud as enunciou pela primeira vez" (MEZAN, 2000, p. 62-63). Conquanto certo exagero, as bases da teoria psicanalítica lançadas por Freud, mesmo difundidas no cotidiano ocidental, permanecem com a força daquela época, porque encerram verdades certas a respeito da psique humana.

Continuando com os prólogos às edições que se seguiram a primeira, lançada em 1905, verifica-se nas palavras de Freud - certamente endereçadas à comunidade científica com direcionamento aparentemente realçado aos neurologistas, sexólogos e demais profissionais aferrados ao conhecimento proveniente das ciências naturais - uma entonação argumentativa, muito provavelmente em reação às postulações lançadas sobre a sexualidade e também sobre as doenças nervosas, provenientes de campos de pesquisa e produção científica avessos à psicanálise. Aliás, se pode ter certeza de que também responde às considerações críticas à obra *Tres ensayos...*, principalmente acerca das divergências entre as conclusões provenientes da clínica psicanalítica e a medicina mental positivista. A seguir, algumas passagens dos prólogos às terceira e quarta edição ilustram o que foi dito a pouco: "onde quer que se observe um certo itinerário de instâncias, se dá prioridade aos fatores acidentais, os disposicionais são deixados em segundo plano e o desenvolvimento ontogenético é considerado antes do filogenético" (FREUD, 1905/1992, p. 118, tradução nossa)². Aqui, contrariamente à concepção aceita por número substancial de psiquiatras daquela época, há uma valorização dos aspectos ocasionais, episódicos, isto é, se está atribuindo importância aos determinantes socioculturais e àqueles particulares à vida de um determinado indivíduo, que possam intervir, favorável ou desfavoravelmente, no processo de desenvolvimento psicosexual. Em suma, expõe-se a contrapartida à aceção comum que endossava exclusivamente a origem inata das manifestações da sexualidade e da loucura.

Prosseguindo: "junto com sua dependência fundamental da investigação psicanalítica, tenho que destacar, como uma característica deste meu trabalho, sua independência deliberada com relação à investigação biológica" (FREUD,

² "Dondequiera se atiende a un cierto itinerario de instancias, se da prioridad a los factores accidentales, los disposicionales son dejados en el trasfondo y el desarrollo ontogenético se considera antes que el filogenético" (FREUD, 1905/1992, p. 118).

1905/1992, p. 118-119, tradução nossa)³. E ainda: "mas a parte da doutrina contígua com a biologia [...] continua despertando um dissenso que não diminuiu" (FREUD, 1905/1992, p. 120, tradução nossa)⁴. As passagens servem para destacar o distanciamento que Freud constatou entre o saber produzido pela psicanálise e as demais ciências, e afirma ainda que o trabalho psicanalítico conduziu a perspectivas e conclusões muito diferentes daquelas provenientes da biologia. Mais uma vez, a tendência entre os psiquiatras apontava na direção de uma origem degenerativa para as afecções mentais, inclusive a histeria. O próprio Charcot reduziu a importância dos fatores acidentais, atribuindo-lhes apenas a função de agentes desencadeadores e não de agentes causadores da histeria (FREUD, 1893/1991). Inicialmente, Freud endossou as conclusões de Charcot e também admitiu a hereditariedade como fator causal das neuroses histéricas (FREUD, 1888/1992), mas não demorou muito para divergir de seu mestre, criticando-o exatamente em relação ao seu posicionamento sobre os fatores acidentais, aos quais Freud atribuiu importância causal, sobretudo no momento em que ainda encontrava-se aferrado à hipótese da sedução (FREUD, 1896/1991).

Freud (1893/1991) argumentou em sentido oposto ao de Charcot, confiante que o mestre exagerara na importância atribuída a doutrina da *famille névropathique*, na qual é concedido valor de exclusividade para a hereditariedade na causação das afecções mentais. "Charcot sobrestimava tanto o papel causal da herança que não deixou espaço algum para a aquisição de neuropatias" (FREUD, 1893/1991, p. 24, tradução nossa)⁵. No que lhe diz respeito, o gênio de Freud, conforme ensinamento oferecido pelo próprio Charcot (FREUD, 1893/1991), não endossou nenhuma teoria cujas postulações contrariassem as conclusões extraídas da prática clínica, portanto nesse momento manteve-se firme em considerar a influência de fatores episódicos na base das doenças mentais. Charcot, mesmo em relação à histeria traumática, manteve-se fiel à crença na causa hereditária (FREUD, 1893/1991), e dispôs até mesmo o trauma psíquico na classe dos agentes desencadeadores. Breuer e Freud (1893/1992), depois de generalizarem a

³ "Junto a su fundamental dependencia de la investigación psicoanalítica, tengo que destacar, como rasgo de este trabajo mío, su deliberada independencia respecto de la investigación biológica" (FREUD, 1905/1992, p. 118-119).

⁴ "Pero la parte de la doctrina lindante con la biología [...] sigue despertando un dissenso que no ha cedido" (FREUD, 1905/1992, p. 120).

⁵ "Tanto sobrestimaba Charcot el papel causal de la herencia que no dejó espacio alguno para la adquisición de neuropatías" (FREUD, 1893/1991, p. 24).

concepção de histeria traumática de Charcot, defendendo que na essência de toda histeria havia um trauma psíquico, conferiram-lhe valor causal e compararam-no com a invasão do organismo por um corpo estranho, que resulta diretamente na formação de sintomas, de maneira que conferiram também ao trauma um papel de causador de distúrbios mentais.

É certo que são informações sobre a postura de Freud em relação aos neuróticos e não propriamente aos perversos, mas nos bastidores da medicina da época já corriam boatos sobre a provável associação entre as neuroses, particularmente a histeria, e aspectos da sexualidade, dado que serve de indício sobre as origens do preconceito e da discriminação lançada às histéricas, e confere louvor à Freud visto que comprova com clareza sua distinção em relação aos colegas médicos daquele tempo. Pode-se ter certeza disso por meio de um dado oriundo da história da psicanálise em que, depois de suportar sozinho o pesado ônus derivado da tese sobre a etiologia sexual das neuroses, Freud (1914a/1992) recorda-se que essa ideia lhe foi sugerida anteriormente: "havia-me sido transmitida por três pessoas cuja opinião reclamavam com justiça meu mais profundo respeito: Breuer mesmo, Charcot e o ginecologista de nossa universidade, Chrobak, talvez o mais eminente de nossos médicos de Viena" (p. 12, tradução nossa)⁶. Quer dizer, antes mesmo de Freud publicar suas conclusões sobre a gênese sexual das neuroses e arcar solitariamente com a hostilidade e o desprezo de toda classe médica de seu tempo, já existia uma suspeita semelhante no círculo privado da medicina, porém "os segredos da alcova e do leito matrimonial" foram ignorados e as hipóteses à época comumente aceitas desprezavam o elemento sexual.

A anestesia sexual comumente observada em quadros neuróticos também fora incluída nos catálogos de anomalias sexuais (HAVELOCK ELLIS, 1933/1971; KRAFFT-EBING, 1886/2000), o que deixa ver que, a rigor, os manuais que contemplavam os distúrbios da sexualidade abarcavam aparentemente sem distinção fenômenos que mais tarde, com a consolidação da psicanálise - sobretudo após a teoria da libido - foram diferenciados em neuroses e perversões. A compilação das anomalias sexuais abarcava tudo quanto distinguia-se da julgada normalidade, e o repertório, desenvolvido independentemente das enunciações

⁶ "Me había sido transmitida por tres personas cuya opinión reclamaba con justicia mi más profundo respeto: Breuer mismo, Charcot y el ginecólogo de nuestra universidad, Chrobak, quizás el más eminente de nuestros médicos de Viena" (FREUD, 1914a/1992, p. 12).

psicanalíticas, reuniam quadros que posteriormente o psicanalista poderia diferenciar em neurose e perversão. Em todo caso, Freud abordou os fenômenos clínicos interessado em proporcionar alívio aos pacientes e em conhecer o mecanismo psíquico subjacente à sexualidade manifesta, isto é, abordou-os interessado em investigar o funcionamento anímico correspondente às manifestações da sexualidade, portanto a minúcia descritiva das ciências médicas não condiz com a prática clínica de Freud, mesmo antes, mas principalmente depois do advento da psicanálise.

Então, ao privilegiar os fatos clínicos em detrimento de abstrações teóricas sem caráter "empírico", Freud colocou de lado as explicações científicas correntes, as quais, como visto, asseguraram por meio da racionalidade um processo de sufocação e desqualificação das práticas sexuais julgadas anormais. Por exemplo, ao discorrer sobre a neurose de angústia, Freud (1895[1894]/1991) reforça sua defesa em prol da presença de um aspecto causal oriundo de eventos reais, mas não recusa a influência de uma predisposição hereditária, ou seja, propõe uma conciliação entre o inato e o adquirido, em que são reunidas as influências de ambos. Mais tarde, quando em análise direta das manifestações julgadas perversas, Freud (1905/1992) aparentemente reduz a importância da contenda, tão prestigiada naquele tempo, e enfoca no trabalho de desvendar o caminho que conduz a uma determinada modalidade de *organização da libido*⁷. Sobre esse antigo debate, diz assim: "a hipótese de que a inversão é inata não explica sua natureza, como não a explica a hipótese de que é adquirida" (FREUD, 1905/1992, p. 128, tradução nossa)⁸. E ainda: "assim, nos vemos levados a esta conjectura: a alternativa inato-adquirida é incompleta, ou não abarca todas as situações que a inversão representa" (FREUD, 1905/1992, p. 128, tradução nossa)⁹¹⁰.

⁷ Com o propósito de identificar os conceitos psicanalíticos, eles foram colocados em "itálico", somente quando aparecem pela primeira vez ao longo do texto.

⁸ "La hipótesis de que la inversión es innata no explica su naturaleza, como no la explica la hipótesis de que es adquirida" (FREUD, 1905/1992, p. 128).

⁹ "Así, nos vemos llevados a esta conjetura: la alternativa innato-adquirido es incompleta, o no abarca todas las situaciones que la inversión plantea" (FREUD, 1905/1992, p. 128).

¹⁰ Mais tarde, Freud (1920/1992) propõe uma resolução definitiva ao referido impasse, inclusive classificando como infecunda e inadequada a insistência em demarcar e diferenciar o inato e o adquirido, demonstrando a participação de ambos nas manifestações psíquicas e sexuais. "Así se mezclan y se reúnen en la observación, de continuo, los que en la teoría queríamos distinguir como un par de opuestos - herencia y adquisición" (p. 162).

Logo após colocar em xeque a validade do debate sobre a origem inata ou adquirida das anomalias sexuais, Freud (1905/1992) vai recorrer à hipótese da *bissexualidade originária*, que será abordada posteriormente. Todavia, no que concerne à clínica médica e psicanalítica exercida por Freud, é com justeza que se pode enfatizar seu interesse genuíno em busca de aliviar a sintomatologia neurótica e principalmente compreender a etiologia das neuroses e das perversões. A ignorância generalizada frente ao enigma das neuroses não levou Freud a classificá-las como fenômenos clinicamente inválidos, não o fez julgar a histérica uma dissimuladora interesseira, como era comum nas últimas décadas do século XIX (FREUD, 1956[1886]/1992). Aliás, a mulher histérica também foi discriminada socialmente em função de isentar-se da reprodução, já que possuía a doença (ROUDINESCO, 2008). Ao se seguir a trajetória médica-psicanalítica de Freud, se pode confirmar com clareza seu hábito de investigar os "fatos clínicos" a fim de tirar suas próprias conclusões, e constatar que ele jamais adotou um esqueleto teórico prévio para posteriormente ir lhe adaptando as "evidências clínicas". Freud (1914a/1992) conta com orgulho sobre seu hábito de exercitar a clínica, de "cultivar a nosografia", hábito que proporcionou o conhecimento de dados genuínos e, posteriormente, inferências teóricas originais, comumente contrárias às teorias científicas generalizadamente aceitas.

Uma observação atenta não deixa escapar que as conclusões apresentadas em *Tres ensayos...* foram precedidas por aproximadamente uma década de trabalho clínico, ou melhor, uma década de clínica psicanalítica, porque em 1895 Freud já empregava o novo método - conforme é possível constatar em *Sobre la psicoterapia de la histeria* (FREUD, 1895/1992) e como o próprio Freud afirma mais ou menos um ano depois em *La etiología de la histeria* (FREUD, 1896/1991), época em que Freud já argumentava sobre a associação entre a sexualidade e a etiologia das neuroses. Por exemplo, após reexaminar insistentemente os pacientes neurastênicos, Freud (1895[1894]/1991) identificou um quadro patológico anteriormente desconhecido, pois oculto na ampla classificação nosográfica denominada neurastenia, e separou desta a neurose de angústia. É de interesse perceber que já nessa época Freud apresentou a hipótese de uma etiologia sexual: "[...] sempre que há razões para considerar *adquirida* a neurose, após um exame cuidadoso encaminhado para este objetivo, se encontra como fatores de eficiência etiológica uma série de nocividades

e influências que partem da *vida sexual*" (FREUD, 1895[1894]/1991, p.99. grifos do autor, tradução nossa)¹¹. Um pouco adiante se verifica quão certo ele estava a esse respeito: "esta etiologia sexual da neurose de angústia se comprova com frequência tão avassaladora que me atrevo a eliminar [...] os casos de etiologia duvidosa ou de outra classe" (FREUD, 1895[1894]/1991, p. 100, tradução nossa)¹². Quer dizer, a conclusão geral apresentada neste artigo de Freud aponta que a insatisfação sexual é a causa da neurose de angustia: "*o mecanismo da neurose de angústia deve ser buscado em uma deflexão da excitação sexual somática do psíquico e receber, por isso, um emprego anormal*" (FREUD, 1895[1894]/1991, p. 108, grifos do autor, tradução nossa)¹³. Portanto, em um período em que ainda a palavra psicanálise sequer existia, Freud indicava a importância da satisfação sexual para a preservação da saúde mental.

Em *Sobre la psicoterapia de la histeria*, Freud (1895/1992) apresenta um procedimento psicoterapêutico eficiente, com o qual conseguiu avançar na compreensão etiológica da histeria, o mesmo procedimento que alguns anos mais tarde vai resultar no método psicanalítico. Em seguida, Freud (1896/1991) atesta a gênese sexual da histeria, creditando à sedução infantil o evento traumático em sua base. Ao lançar-se em busca da origem da neurose histérica por meio do procedimento psicoterapêutico já mencionado, foi possível percorrer o encadeamento associativo entre as lembranças aparentemente traumáticas, que com muito custo conduziram-no gradualmente a desenterrar o verdadeiro trauma: a lembrança antiquíssima sobre o episódio da sedução infantil. Como se sabe, não tardou para Freud descartar a hipótese da sedução infantil, todavia interessa enfatizar o fato de que já nesta época e até mesmo antes, quando da utilização do método catártico, Freud "vivenciou" junto de seus pacientes uma regressão emocional, em que cada paciente retornou psiquicamente, por assim dizer, aos primórdios de sua própria constituição anímica, o que permitiu à Freud vislumbrar elementos presentes na essência da alma humana. Freud acessou, de fato, dados

¹¹ "[...] toda vez que hay razones para considerar *adquirida* la neurosis, tras un examen cuidadoso encaminado a esa meta, uno halla como factores de eficiencia etiológica una serie de nocividades y de influjos que parten de la *vida sexual*" (FREUD, 1895[1894]/1991, p. 99, grifos do autor).

¹² "Esta etiología sexual de la neurosis de angustia se comprueba con frecuencia tan abrumadora que me atrevo a eliminar [...] los casos de etiología dudosa o de otra clase" (FREUD, 1895[1894]/1991, p. 100).

¹³ "*El mecanismo de la neurosis de angustia haya de buscarse en ser desviada de lo psíquico la excitación sexual somática y recibir, a causa de ello, un empleo anormal*" (FREUD, 1895[1894]/1991, p. 108, grifos do autor).

oriundos da psique inconsciente - a partir dos quais deu início às conclusões teóricas -, diferentemente dos médicos de seu tempo, que extraíam suas conclusões com base em dados anatômicos, isto é, ilegítimos, visto que a anatômica e a constituição psíquica não tem nenhuma relação.

As associações dos pacientes retrocediam desde as cenas que eles queriam esclarecer até vivências anteriores, e assim obrigavam a análise, cujo propósito era corrigir o presente, a ocupar-se do passado. Essa regressão levou-a cada vez mais atrás; primeiro - parecia - regularmente até a puberdade, mas depois, os fracassos assim como as lacunas da compreensão atraíram o trabalho analítico para os anos mais remotos da infância, inacessíveis até esse momento para qualquer tipo de investigação (FREUD, 1914a/1992, p. 9-10, tradução nossa)¹⁴.

Então, quando em 1905 Freud (1905/1992) teoriza, por exemplo, sobre a *disposição originária perverso-polimorfa*, são postulações teóricas provenientes de constatações clínicas a partir das quais é conferida à perversão o posto de um componente essencial da alma humana, ou seja, a perversão encontra-se na base da constituição psíquica de cada um de nós. Considerando que as inclinações perversas habitam a todos, Freud (1905/1992) foi categoricamente contrário à utilização do vocábulo "perversão" com conotação moralista e/ou discriminatória. A diferença marcante em relação à medicina mental da época refere proposições que promoveram uma inversão do entendimento comumente aceito, porque inferiam que a normalidade é uma variação da patologia (FREUD, 1905/1992). Enquanto se admitia que a normalidade é natural e que a anormalidade é antinatural, a psicanálise demonstrou que a "normalidade" é a resultante de um processo de desenvolvimento psicosexual que tem início na perversão e na loucura. Isto quer dizer que é injustificada a atitude segregacionista, que acaba por lançar à margem o "povo dos perversos", visto que a constituição psíquica "normal" tem seu substrato nas moções perversas, pelas quais é permeada constantemente, mesmo que não se manifestem. Em suma, a psicanálise evidenciou que "a normalidade psicológica aproximada, a que existe, é feita dum mosaico psicopatológico inespecífico" (HERRMANN, 1992, p. 66).

¹⁴ "Las asociaciones de los enfermos retrocedían desde las escenas que se querían esclarecer hasta vivencias anteriores, y así obligaban al análisis, cuyo propósito era corregir el presente, a ocuparse del pasado. Esta regresión llevó cada vez más atrás; primero - pareció - regularmente hasta la pubertad, pero después, los fracasos así como las lagunas de la comprensión atrajeron al trabajo analítico hacia los años más remotos de la infancia, inasequibles hasta ese momento para cualquier tipo de investigación" (FREUD, 1914a/1992, p. 9-10).

A conclusão de Freud posteriormente contribuiu para que viesse à luz o porquê do prejulgamento e do repúdio que o "ser humano comum" direcionava ao "anormal": refletiam sua necessidade de ocultação e sua impossibilidade de reconhecimento das próprias tendências perversas, existentes em cada um, inclusive nos indivíduos julgados normais. Indiretamente, a psicanálise revelou que "a designação de certos indivíduos como *anormais* conforta os outros em seus preconceitos" (MEZAN, 2000, p. 106, grifo do autor). Ao providenciar bodes expiatórios, foi possível aos demais sentirem-se isentos das inclinações que lhes são inaceitáveis, podendo projetá-las na "classe maldita" e colocar todo o peso nas costas daqueles que traduzem a origem perversa comum à todos em atitudes das mais diversas, inclusive as mais aberrantes (ROUDINESCO, 2008; STOLLER, 1975/2015). De certa forma, Freud foi o responsável por dar existência concreta à um tipo de generalização "universal da diferença perversa", pois ao reconhecer a perversão na essência da alma humana, certificou-se de que em cada um de nós habita a tendência à devassidão, à maldade, à loucura, etc. (ROUDINESCO, 2008).

Mais uma vez segundo Roudinesco (2008), após vagar sem destino certo em meio às dúvidas sobre as manifestações psicopatológicas, Freud "foi o único cientista de sua época [...] a deixar de ver no trio infernal do homossexual, da histérica e da criança masturbadora a encarnação de uma noção de perversão reduzida à inépcia" (p. 101). Rejeitou a postura então predominante que visava domesticar as perversões para reinseri-las na normalidade procriadora, da mesma maneira que também recusou as classificações da sexologia e assim rompeu com a descrição minuciosa da sexualidade perversa, oferecendo em seu lugar uma conceituação sobre o mecanismo psíquico da perversão, pondo da lado a ladainha das confissões sexuais ofertadas à medicina mental (ROUDINESCO, 2008). Por fim, ao descobrir e comprovar que mediante a patologia é possível entender a normalidade, visto que esta última é a resultante de um processo de modificação da primeira, que é passagem obrigatória, Freud (1905/1992) não só afrontou o menosprezo e o ar superior de quem sente pena daqueles que se encontram fora da norma, como viabilizou uma ampliação das fronteiras que envolvem a conceituação de normalidade.

1.4 Uma obra revolucionária: "Três ensaios sobre a teoria da sexualidade"

Com o advento do método psicanalítico, o tratamento das neuroses logrou efeitos favoráveis, visto que o processo clínico de análise, além de eliminar sintomas específicos - façanha realizada anteriormente pelo método catártico -, rendia alívio duradouro, praticamente extinguindo a neurose. Ou melhor, a eficiência psicoterapêutica da psicanálise gera frutos permanentes, porque, diferentemente do método catártico, ao retirar a consciência do centro da psique, o método psicanalítico cria as condições para emergência da substância anímica mais profunda que, depois de interpretada, adentra a consciência e renova inteiramente o "eu", viabilizando, com efeito, um crescimento genuíno e integral do paciente. Acontece, que o descentramento, o aparecimento dos enigmas inconscientes e a interpretação, conjunto que viabiliza a tomada de consciência e a convalescença consequente, se revelou um método de validade geral, fato que surpreendentemente proporcionou a investigação e o entendimento do psiquismo na patologia e também na normalidade. Em outras palavras, à medida que a psicanálise lançou-se no esforço de elucidação das neuroses constatou que o procedimento empregado aplicava-se com a mesma eficiência na elucidação da vida psíquica comum, quando se atestou com assombro que ambas não eram muito diferentes entre si (HERRMANN, 1992).

Talvez uma parte da motivação de Freud para reconhecer que o destino inevitável da psicanálise é servir de combustível ao conflito e à irritação do homem¹⁵, venha da hostilidade aberta a sua obra e a ele próprio, agressividade proveniente sobretudo do círculo médico-científico, embora também oriunda dos demais setores da sociedade. De fato, a psicanálise rendeu à Freud um sem número de insultos e críticas que inicialmente levaram-no inclusive a cogitar a abdicação da ciência nascente, ruminando a possibilidade de desistir do trabalho que doravante culminou em sua descoberta. À medida que Freud já vivenciara a dureza do preconceito e principalmente da discriminação, visto que desde criança precisou enfrentar o ódio aos judeus, encontrava-se calejado quando sobrevieram as manifestações hostis, o

¹⁵ "E como a longo tempo reconheci que o inevitável destino da psicanálise é mover a contradição entre os homens e irrita-los, cheguei à conclusão que eu devo ser o verdadeiro criador de tudo que o distingue" (FREUD, 1914a/1992, p. 8, tradução nossa).

"Y como desde hace tiempo he reconocido que el inevitable destino del psicoanálisis es mover a contradicción a los hombres e irritarlos, he sacado en conclusión que yo debo de ser el verdadero creador de todo lo que lo distingue" (FREUD, 1914a/1992, p. 8).

que ironicamente contribuiu para manter-se firme diante dos ataques vindos de todos os lados (FREUD, 1914a/1992; 1925[1924]/1992).

Entretanto, pode-se compreender o fundamento das palavras de Freud, à medida que se deixa ver que a psicanálise pôs a nu a civilidade puritana em vigor à época, semente que reverteu em safra de tormenta à Freud. De maneira semelhante ao desnudamento operado durante o processo clínico de análise, a apresentação das inferências teóricas, principalmente àquelas enunciadas na obra *Tres ensayos...*, expôs as tendências inconfessáveis assentadas na alma humana, porque fez evidente que a vida comum também é permeada pelas moções que ordinariamente se acusava no próximo, com ênfase acusatória à "classe maldita". Não se pode precisar a proporção, mas em alguma medida a sociedade excessivamente pudica em que Freud viveu foi forçada a reconhecer em si o gérmen da perversão e da loucura, golpe que atingiu o cerne de seu autoconceito, e a fez responder com oposição dura à psicanálise (FREUD, 1917[1916]/1992).

Aliás, a psicanálise afrontou a concepção de que a consciência é a senhora da alma, demonstrando na prática que há uma torrente anímica ingovernável e que no conflito entre as instâncias psíquicas não é raro que as moções animais triunfem no sentido da ação, mesmo quando se exteriorizam na forma de sintomas. Com efeito, a aceitação da psicanálise encontrou uma dificuldade afetiva à medida que o trato com a psicanálise, uma convocação a entrar profundamente em contato consigo mesmo e aprender a se conhecer, resulta, invariavelmente, em desconforto emocional derivado das constatações assombrosas a respeito de si próprio. A psicanálise demonstrou que os processos anímicos são, em sentido fundamental, inconscientes, e submetem-se ao controle consciente apenas parcialmente. Como a consciência sustenta a ilusão de que é a rainha da vida psíquica, e convence a si mesma sobre a força suposta de seu domínio e de sua superioridade em relação as demais instâncias psíquicas, é realmente um susto quando o "subterrâneo" irrompe em seu interior. Quer dizer, quando a consciência se descuida, a falácia de seu reinado é destronada e assim emerge o latente assombroso, que dá espaço, com efeito, à vergonha e à contrariedade, razão que justifica a antipatia preconceituosa à psicanálise (FREUD, 1917[1916]/1992).

Também é possível constatar a agitação e até mesmo o furor causado pela psicanálise por meio da reação do círculo médico da época, em que as palavras de

um contemporâneo exemplificam perfeitamente o sentimento generalizado de desconfiança e aversão. O excerto¹⁶ encontra-se em uma publicação de 1933, momento em que a psicanálise já desfrutava um reconhecimento considerável, não obstante o objetivo explícito do autor em esclarecer, desde o início, que não faz parte do "movimento psicanalítico" e que, portanto, não endossa às proposições teóricas provenientes da psicanálise. É claro que a intenção do autor é marcar explicitamente que não é partidário da psicanálise para não arcar com a vergonha e o repúdio generalizado.

Decerto uma parcela de vaidade tenha exercido influência no posicionamento público do referido médico e sexólogo em relação à psicanálise, porque no decorrer de sua obra citada há indícios certos de que partilha opiniões idênticas às lançadas pela psicanálise, ou ao menos reconhece-as como verdadeiras, conquanto seja crítico em relação à terminologia empregada por Freud. O alargamento da noção de normalidade, a concepção de um impulso sexual vasto e originário e a *sexualidade infantil* são exemplos de concepções emplacadas pela psicanálise e aceitas por Havelock Ellis (1933/1971)¹⁷, não obstante sua iniciativa em abertamente localizar-se fora do círculo psicanalítico, palavras inteiramente dispensáveis àquele que de fato manteve-se impenetrável às postulações teóricas da psicanálise.

A generalidade do método psicanalítico, isto é, sua possibilidade de aplicação na patologia e na normalidade, viabilizou inferências teóricas sobre os processos psicopatológicos, mas também sobre o psiquismo do ser humano comum, que então sentiu-se afrontado com o conteúdo da teoria psicanalítica, particularmente daquela apresentada nos *Tres ensayos...*, pois julgava-se isento das inclinações perversas e psicóticas. Em resumo, a oposição ferrenha à psicanálise é um indicador certo de

¹⁶ "Haverá muitas pessoas [...] que, antes de me aceitarem como guia, desejarão saber qual é a minha atitude com relação à psicanálise, a doutrina que [...] tem motivado tanta controvérsia quando surgem assuntos de psicologia sexual. Por isso, posso dizer logo aqui o que se tornará claro no devido tempo: que minha atitude desde o início foi de solidariedade, embora nunca tenha sido a de um partidário" (HAVELOCK ELLIS, 1933/1971, p. 9).

¹⁷ Assim se pronuncia em relação a fronteira normal/anormal "[...] na saúde psíquica, em grau até maior do que na saúde física, a amplitude do que pode ser considerado como variação normal é muito grande" (Ibidem, p. 14); Mais adiante, sobre o impulso sexual: "costumava-se acreditar que na infância não existia absolutamente o impulso sexual. [...] aquelas que podem ser chamadas com justeza manifestações do impulso sexual - mesmo quando não damos um sentido amplo ao termo 'sexual' -, são indubitavelmente mais frequentes do que outrora se supunha" (Ibidem, p. 87).

seu caráter revolucionário, porque põe à mostra a ressonância à um conhecimento inovador sobre a alma humana. A verdade nua e crua é que foi impossível para os cientistas e para uma parcela relevante de não cientistas manterem-se indiferentes às enunciações da psicanálise. E o caráter adverso da repercussão às conclusões da psicanálise é sinal convincente de sua veracidade. Portanto, o método psicanalítico, ainda hoje o único que possibilita o acesso ao inconsciente, proporcionou uma compreensão do psiquismo sem precedentes.

Até aqui, viu-se (a) que a psicanálise proporcionou o alívio duradouro das neuroses, (b) que o método psicanalítico abriu a possibilidade de exploração psíquica na patologia e na normalidade e (c) que a teoria psicanalítica resultante produziu um impacto de proporções consideráveis. Agora é o momento oportuno para que esta última seja explorada, a começar por uma obra revolucionária. Freud (1905/1992) dá início a obra *Tres ensayos...* fazendo uma comparação entre a fome e o impulso sexual, alegando que para o último não há uma terminologia popular tão adequada, como no caso da primeira, propondo, assim, a noção de *libido*, já conhecida da ciência. Por ocasião desta comparação, sutilmente se assenta a inferência que dispõe o impulso sexual, como a fome, na essência da alma humana, manifesto desde o nascimento, mesmo oculto em práticas aparentemente isentas de desejo sexual nas quais não há a participação dos genitais. O entendimento ordinário restringia o impulso sexual à sexualidade adulta e à prática do coito heterossexual (normal). Já a noção psicanalítica de impulso sexual contempla a totalidade dos impulsos parciais que se materializam nas mais variadas manifestações da sexualidade, desde o nascimento, inclusive aquelas em que outras partes do corpo são empregadas como se fossem os genitais. "A pulsão sexual - melhor dizendo: as pulsões sexuais, pois uma investigação analítica ensina que está composta por muitas pulsões parciais" (FREUD, 1908/1992, p. 168, tradução nossa)¹⁸.

A partir disto, é possível inferir que o bebê também reúne em seu íntimo inclinações de natureza sexual, que se materializam por outras vias que não envolvem diretamente os genitais. "[...] o lactante executa ações cujo único propósito é o ganho de prazer. Somos da opinião de que primeiro vivencia este prazer por causa do recebimento de alimento, mas que logo aprende a separa-lo desta

¹⁸ "La pulsión sexual - mejor dicho: las pulsiones sexuales, pues una indagación analítica enseña que está compuesta por muchas pulsiones parciales" (FREUD, 1908/1992, p. 168).

condição" (FREUD, 1917/1991, p. 286, tradução nossa)¹⁹. À sociedade da época, a constatação da *sexualidade infantil* repercutiu como uma dinamite, porque o entendimento psicanalítico do desenvolvimento psicosexual equiparou a criança ao perverso.

Todas as inclinações perversas estão enraizadas na infância; as crianças tem toda disposição {constitucional} para elas e as põem em prática em uma medida correspondente à sua imaturidade. Em suma, a sexualidade perversa não é outra coisa que a sexualidade infantil aumentada e decomposta em suas moções singulares (FREUD, 1917/1991, p. 283-284, tradução nossa)²⁰.

Por isso a reação foi hostil: "[...] a obsessão de descobrir 'perversões' nas crianças e fixar-se nessas perversões, é em si mesma a mais perversa das perversões" (HAVELOCK ELLIS, 1933/1971, p. 152).

É verdade que a introdução dos conceitos de *objeto* e *objetivo sexual* possibilitou uma caracterização do que concerne à norma e/ou do que concerne ao desvio da norma. Todavia, a experiência clínica, prossegue Freud (1905/1992, p. 123, grifo nosso, tradução nossa), "[...] nos mostra a existência de numerosos desvios em ambos, o objeto sexual e o objetivo sexual, desvios cuja relação com a *norma suposta exige uma investigação a fundo*"²¹. Então, com a abordagem e a investigação dos desvios sexuais, Freud (1905/1992) evidenciou que a noção de normalidade comumente aceita pela medicina mental positivista erigiu-se de maneira arbitrária, porque as ciências que integravam este bloco não dispunham de dados legítimos a respeito do mecanismo psíquico subjacente à patologia e à normalidade, diferentemente da psicanálise que é "[...] um procedimento que serve para investigar processos anímicos dificilmente acessíveis por outras vias" (FREUD, 1923[1922]/1992, p. 231, tradução nossa)²².

Partindo da homossexualidade manifesta até os processos psíquicos que lhe são correspondentes, Freud (1905/1992) procurou apreender sua gênese e seu

¹⁹ "[...] el lactante ejecuta acciones cuyo único propósito es la ganancia de placer. Somos de la opinión de que primero vivencia ese placer a raíz de la recepción de alimento, pero que pronto aprende a separarlo de esa condición" (FREUD, 1917/1991, p. 286).

²⁰ "Todas las inclinaciones perversas arraigan en la infancia; los niños tienen toda la disposición {constitucional} a ellas y la ponen en práctica en una medida que corresponde a su inmadurez. En suma, la sexualidad perversa no es otra cosa que la sexualidad infantil aumentada y descompuesta en sus mociones singulares" (FREUD, 1917/1991, p. 283-284).

²¹ "[...] nos muestra la existencia de numerosas desviaciones respecto de ambos, el objeto sexual y la meta sexual, desviaciones cuya relación con la norma supuesta exige una indagación a fondo" (FREUD, 1905/1992, p. 123).

²² "[...] un procedimiento que sirve para indagar procesos anímicos difícilmente accesibles por otras vías" (FREUD, 1923[1922]/1992, p. 231).

mecanismo psíquico e é de assinalar que, mesmo reconhecendo as limitações da psicanálise em sua compreensão, o conhecimento produzido até aquele momento foi suficiente para que ele desenvolvesse uma argumentação contrária à concepção corrente à época, que julgava-a fruto de uma degeneração, etc. O que aqui é muito importante é que ao rechaçar as enunciações das ciências médicas sobre a homossexualidade, Freud pôs indiretamente em xeque os enunciados gerais das ciências médicas da época acerca das perversões e da loucura, pôs em xeque a metodologia de exploração das manifestações da sexualidade e dos fenômenos mentais, pôs em xeque a "terapêutica" comumente empregada, porque por meio da "psicanálise da homossexualidade" chegou à conclusões inéditas sobre vida anímica do ser humano comum.

A "psicanálise da homossexualidade" não avançou ao ponto de proporcionar um discernimento conclusivo a propósito de sua gênese, porém deu origem à uma enunciação muito mais importante, que obrigou um reposicionamento das ciências médicas frente à sexualidade, porque reposicionou a relação entre a norma e o desvio da norma: "[...] provavelmente, a pulsão sexual é no começo independente de seu objeto, e tampouco deve sua gênese aos encantos deste" (FREUD, 1905/1992, p. 134, tradução nossa)²³. Quer dizer, se na essência do impulso sexual não existe um objeto previamente determinado, é possível inferir que nenhum objeto constitui a norma, ao menos inicialmente.

Uma década mais tarde, Freud (1915/1992) reforça o exposto acima com a afirmação seguinte sobre o objeto sexual: "[...] é o mais variável na pulsão; não está enlaçado originariamente com ela [...]" (p. 118, tradução nossa)²⁴. Isto "não significa que qualquer objeto possa satisfazer a pulsão, mas que o objeto pulsional, muitas vezes marcado por características singulares, é determinado pela história - principalmente a história infantil - de cada um" (LAPLANCHE & PONTALIS, 1998, p. 322). Portanto, a contingência do objeto - "tese principal e constante de Freud" (LAPLANCHE & PONTALIS, 1998, p. 322) -, enunciada pela primeira vez em *Tres ensayos...*, exemplifica o caráter revolucionário desta obra.

²³ "[...] probablemente, la pulsión sexual es al comienzo independiente de su objeto, y tampoco debe su génesis a los encantos de este" (FREUD, 1905/1992, p. 134).

²⁴ "[...] es lo más variable en la pulsión; no está enlazado originariamente con ella [...]" (FREUD, 1915/1992, p. 118).

Há mais de um século, a escolha de objeto heterossexual, de uma parte, e o objetivo sexual que refere a união dos genitais, de outra, eram as condições que harmonizavam perfeitamente com a concepção de normalidade. Freud (1905/1992) apresentou um conjunto de práticas que caracterizam desvios em relação ao mencionado parâmetro de normalidade, mas ao reconhecer explicitamente que alguns destes desvios são por hábito empregados preliminarmente à união dos genitais, retirou de uma vez o valor da entonação de censura corriqueiramente empregada pela medicina do sexo. "Em nenhuma pessoa sã faltará algum complemento ao objetivo sexual normal que poderia ser chamado de perverso e esta universalidade basta por si só para mostrar quão inadequado é usar com desaprovação o nome perversão" (FREUD, 1905/1992, p. 146, tradução nossa)²⁵. Aqui, Freud novamente reposiciona a relação da norma com a transgressão da norma, porque explicita que ambas são qualitativamente idênticas, ou seja, na norma e na transgressão da norma se manifestam os impulsos julgados perversos - com variações quantitativas, apenas. Aliás, dá existência explícita também ao entrelaçamento das perversões com a normalidade: "na sexualidade, o mais sublime e o mais hediondo aparecem em toda parte em íntima dependência" (FREUD, 1905/1992, p. 147, tradução nossa)²⁶.

Agora já é possível começar a ver o contorno da proposição de Freud sobre as perversões. À medida que ele evidenciou a presença de aspectos qualitativamente perversos na sexualidade julgada normal, constatou por conseguinte que as perversões se caracterizam por uma parcela quantitativamente alta daquilo que é próprio ao objetivo sexual perverso. "Na maioria dos casos podemos encontrar na perversão um caráter patológico, não pelo conteúdo do novo objetivo sexual, mas por sua proporção com relação ao normal" (FREUD, 1905/1992, p. 146, tradução nossa)²⁷. Quer dizer, quando a organização da libido estabelece um afastamento definitivo do objetivo sexual normal, como nos casos em que outras partes do corpo reivindicam o tratamento que se dá aos genitais, tem-se

²⁵ "En ninguna persona sana faltará algún complemento de la meta sexual normal que podría llamarse perverso, y esta universalidad basta por sí sola para mostrar cuan inadecuado es usar reprobatoriamente el nombre de perversión" (FREUD, 1905/1992, p. 146).

²⁶ "En la sexualidad, lo más sublime y lo más nefando aparecen por doquier en íntima dependencia" (FREUD, 1905/1992, p. 147).

²⁷ "En la mayoría de los casos podemos encontrar en la perversión un carácter patológico, no por el contenido de la nueva meta sexual, sino por su proporción respecto de lo normal" (FREUD, 1905/1992, p. 146).

um indicador de perversão segundo Freud (1905/1992), pois há uma *fixação* em objetivos sexuais preliminares, que por sua vez assumem a condição *exclusiva* de satisfação sexual, suplantando o objetivo normal (FREUD, 1905/1992).

Outra característica atribuída por Freud (1905/1992) à conformação perversa refere uma categoria de objetivo sexual que regularmente se apresenta como um *par de opostos*, em que o objetivo sexual se materializa nas vertentes *ativa* e *passiva*, podendo um mesmo indivíduo oscilar entre os polos, embora habitualmente um dos dois é predominante. Uma modalidade perversa que exemplifica o mencionado anteriormente é o par sadismo e masoquismo no qual em geral se encontra em uma mesma pessoa as formas ativa e passiva. Também o exibicionismo e o voyeurismo podem ser inclusos nesse tipo de conformação perversa. Novamente, obter prazer por meio de ver e ser visto ou por intermédio de infringir sofrimento e deixar-se fazer sofrer, habitualmente servem como complemento da vida sexual comum, porém nas perversões citadas ocupam posição de centralidade na consumação do objetivo sexual, de maneira que todo o restante é relegado a um posto secundário e, portanto, a satisfação depende prioritariamente da atividade perversa.

Mas qual é a novidade revolucionária lançada pela psicanálise acerca da sexualidade? Ou se pode dar preferência a questão: por que a descoberta da disposição originária perverso-polimorfa e da sexualidade infantil, gérmen das perversões, representaram novidades admiráveis? A grande façanha encontra-se, talvez, na revelação do nexos entre as experiências de prazer/desprazer vivenciadas ao longo da primeira infância, de uma parte, com a formação e o desenvolvimento psíquico, de outra. Freud (1905/1992) constatou que a sexualidade existe desde o nascimento e que as relações de prazer/desprazer que se consomem sobretudo na relação do bebê com os pais atuam diretamente na formação da personalidade e conseqüentemente na maneira de ser e viver. Com efeito, viu-se que além de proporcionar prazer e ser via para reprodução, a sexualidade encontra-se enlaçada com o psiquismo e assim tem desdobramentos no comportamento. Não é por acaso que à atividade sexual foi conferida a importância de um protótipo que é reeditado nas demais esferas da vida²⁸, ou seja, sua magnitude tamanha torna-se explícita ao

²⁸ Abaixo algumas passagens da obra de Freud que referem o nexos entre a sexualidade e a constituição psíquica: "Ao longo de todo período de latência, a criança aprende a amar outras pessoas que remediaram seu desamparo e satisfazem suas necessidades. O faz seguindo por completo o modelo de seus vínculos de lactante com sua ama de leite, e assim por diante" (FREUD,

passo que se verifica em outros terrenos uma reedição do manifesto no terreno da sexualidade.

Ao ser apresentado teoricamente, entretanto, o nexos entre o psíquico e sexual mais parece uma formulação dogmática, isto é, parece uma abstração filosófica, algo que saiu da cabeça de Freud, por assim dizer. Então, é oportuno questionar, como ele chegou nesta conclusão? Freud partiu da doença manifesta até sua etiologia mediante a análise de seus pacientes e a análise opera um regressão psíquica, um tipo de arqueologia da alma que gradualmente avança até suas camadas mais profundas e põe à mostra seus aspectos mais primitivos (FREUD, 1896/1991). Então, com essa "arqueologia da alma", se constatou a animalidade essencial dos seres humanos, a disposição originária perverso-polimorfa. Também se viu que esta essência não se manifesta cruamente, ou seja, se manifesta após um processo de maior ou menor sufocação, abafamento, etc., isto é, constatou o conflito psíquico: de um lado, os impulsos originários avassaladores, de outro, uma resistência enérgica para impedi-los.

Por exemplo, ao empregar o método interpretativo para interpretar os sonhos, Freud (1900/1991) constatou no sonho um conflito mas também uma conciliação entre instâncias psíquicas antagônicas - a conciliação entre o impulso (infantil-sexual e inconsciente) e a defesa (consciência). Aliás, identificou conflito psíquico

1905/1992, p. 203, tradução nossa). / "A lo largo de todo el período de latencia, el niño aprende a amar a otras personas que remedian su esvalimiento y satisfacen sus necesidades. Lo hace siguiendo en todo el modelo de sus vínculos de lactante con la nodriza, y prosiguiéndolos" (FREUD, 1905/1992, p. 203).

"A relação da criança com a pessoa que cuida dele é para ele uma fonte constante de excitação e satisfação sexual a partir das zonas erógenas, e tanto mais pelo fato de que esta pessoa - por regra geral, a mãe - direciona para a criança sentimentos que brotam de sua própria vida sexual, o acaricia, o beija e o embala, e claramente o toma como um substituto do objeto sexual de pleno direito" (Ibidem, p. 203, tradução nossa). / "El trato del niño con la persona que lo cuida es para él una fuente continua de excitación y de satisfacción sexuales a partir de las zonas erógenas, y tanto más por el hecho de que esa persona —por regla general, a madre - dirige sobre el niño sentimientos que brotan de su vida sexual, lo acaricia, lo besa y lo mece, y claramente lo toma como sustituto de un objeto sexual de pleno derecho" (Ibidem, p. 203).

"A conduta sexual de um ser humano costuma ser arquetípica com respeito a todos outros modos de sua reação no mundo. Se alguém conquista como homem energicamente seu objeto sexual, podemos confiar que mostrará uma energia parecida sem constrangimento também na busca de outros objetivos. Por outro lado, quem renuncia, por toda classe de constrangimentos, a satisfação de suas intensas pulsões sexuais, também em outros campos da vida se mostrará antes conciliador e resignado do que vigoroso na ação" (Idem, 1908a/1992, p. 177, tradução nossa). / "La conducta sexual de un ser humano suele ser arquetípica respecto de todos sus otros modos de reacción en el mundo. Si alguien conquista como hombre enérgicamente su objeto sexual, podemos confiar que mostrará una parecida energía sin miramientos también en la persecución de otras metas. En cambio, quien renuncia, por toda clase de miramientos, a la satisfacción de sus intensas pulsiones sexuales, también en otros campos de la vida se mostrará antes conciliador y resignado que vigoroso en la acción" (Idem, 1908a/1992, p. 177).

similar nos distúrbios neuróticos, o que permite inferir que ele pode se desdobrar na formação de sintomas, todavia é também inerente à constituição psíquica comum, visto que *sonhar* é um fenômeno comum e universal. Depois, mediante a análise e o estudo das perversões, Freud (1905/1992) compreendeu que o impulso sexual é cerceado por determinados poderes anímicos, em qualidade de resistências, que podem contribuir para circunscrever o impulso sexual dentro dos limites da normalidade. Novamente se deixa ver a consumação do conflito psíquico, porque as defesas impõem restrições ao impulso sexual e impedem seu escoamento direto, impedem sua manifestação original. Enfim, com a explicação acima pretende-se que a conexão entre o psíquico e o sexual se torne mais clara e que o "caminho" percorrido pela libido somado ao modo como se efetua o processo defensivo vai resultar em um determinado tipo de organização da libido - neurose, perversão, psicose ou normalidade²⁹.

Pelo exposto, pode-se seguir o raciocínio de Freud (1905/1992) e confirmar que o impulso sexual é, essencialmente, de natureza composta, o que significa que acumula uma ampla variedade de componentes - os impulsos parciais. Diferentemente da constituição normal, em que há uma fusão dos componentes parciais da sexualidade que conduzem à *primazia genital*, as perversões manifestam separadamente os impulsos parciais e dão expressão aos componentes *pré-genitais* da sexualidade. No que lhes dizem respeito, os neuróticos também "tem conservado o estado infantil de sua sexualidade ou foram remetidos à ele" (FREUD, 1905/1992, p. 156, tradução nossa)³⁰, porque os impulsos perversos, embora reprimidos, constituem a força causadora dos sintomas neuróticos, como expresso no renomado axioma: "as psiconeuroses são, por assim dizer, o negativo das perversões"

²⁹ A seguir se reproduz diretamente o excerto relacionado à nossa afirmação: "Ahora se nos ofrece esta resolución del dilema: en la base de las perversiones hay en todos los casos algo innato, pero algo que es innato en todos los hombres, por más que su intensidad fluctúe y pueda con el tiempo ser realizada por influencias vitales. Se trata de unas raíces innatas de la pulsión sexual, dadas en la constitución misma, que en una serie de casos (perversiones) se desarrollan hasta convertirse en los portadores reales de la actividad sexual, otras veces experimentan una sofocación (represión) insuficiente, a raíz de lo cual pueden atraer a sí mediante un rodeo, en calidad de síntomas patológicos, una parte considerable de la energía sexual, mientras que en los casos más favorecidos, situados entre ambos extremos, permiten, gracias a una restricción eficaz y a algún otro procesamiento, la génesis de la vida sexual llamada normal" (FREUD, 1905/1992, p. 156).

³⁰ "Han conservado el estado infantil de su sexualidad o han sido remitidos a él" (FREUD, 1905/1992, p. 156).

(FREUD, 1905[1901]/1992, p. 45, tradução nossa)³¹. Então, por meio da análise das perversões e das neuroses, Freud foi remetido à sexualidade infantil e delineou as 3 características³² que a compõe, e por conseguinte também partejou à noção de *disposição originária perverso-polimorfa*, após comprovar que "é impossível não reconhecer algo comum a todos os seres humanos, algo que tem suas origens na uniforme disposição a todas as perversões" (FREUD, 1905/1992, p. 174, tradução nossa)³³.

Constatada primeiramente a partir da análise das psiconeuroses, em que se reconheceu com certeza um encadeamento entre a sufocação excessiva dos impulsos sexuais, por um lado, e a causação da doença neurótica, por outro, a conexão entre a sexualidade e o psiquismo proporcionou um conhecimento inédito sobre a alma humana. Então, veio à luz a noção de desenvolvimento psicosexual, edificada sobretudo a partir do reconhecimento certo que corroborou a existência de uma sexualidade infantil, identificada a princípio em pacientes neuróticos, mas também confirmada em crianças, como demonstrou a análise do pequeno Hans. Freud foi mais longe, identificou a disposição originária perverso-polimorfa e o enlace entre as perversões e as neuroses e com a edificação da concepção de desenvolvimento psicosexual, "todas os distúrbios patológicos da vida sexual tem que ser considerados, com bom direito, como inibições do desenvolvimento" (FREUD, 1905/1992, p. 190, tradução nossa)³⁴. Em suma,

Mediante a referência aos caracteres infantis da sexualidade pude estabelecer um enlace simples entre saúde, perversão e neurose. A norma resultou ser o fruto da repressão de certas pulsões parciais e certos componentes das disposições {constitucionais} infantis, e da subordinação

³¹ "Las psiconeurosis son, por así decir, el negativo de las perversiones" (FREUD, 1905[1901]/1992, p. 45).

³² "Na sucção ou no mamar com prazer que temos observado as três características essenciais de uma manifestação sexual infantil. Esta nasce *apoiando-se* em uma das funções corporais importantes para a vida; todavia não conhece um objeto sexual, pois é *autoerótica* e seu objetivo sexual se encontra sob o domínio de uma *zona erógena*. Antecipemos que estas características também são válidas para a maioria de outras práticas da pulsão sexual infantil" (FREUD, 1905/1992, p. 165-166, grifos do autor, tradução nossa). / "En el chupeteo o el mamar con fruición hemos observado ya los tres caracteres esenciales de una exteriorización sexual infantil. Esta nace *apuntalándose* en una de las funciones corporales importantes para la vida; todavía no conoce un objeto sexual, pues es *autoerótica*, y su meta sexual se encuentra bajo el imperio de una *zona erógena*. Antecipemos que estos caracteres son válidos también para la mayoría de las otras prácticas de la pulsión sexual infantil" (FREUD, 1905/1992, p. 165-166, grifos do autor).

³³ "Es imposible no reconocer algo común a todos los seres humanos, algo que tiene sus orígenes en la uniforme disposición a todas las perversiones" (FREUD, 1905/1992, p. 174).

³⁴ "Todas las perturbaciones patológicas de la vida sexual han de considerarse, con buen derecho, como inhibiciones del desarrollo" (FREUD, 1905/1992, p. 190).

dos restantes sob o primado das zonas genitais e a serviço da função de reprodução; as perversões correspondem a perturbações desta síntese por obra de um desenvolvimento preponderante, como compulsivo, de algumas destas pulsões parciais; e quanto a neurose, a referi a uma repressão excessiva das aspirações libidinosas. Agora, como quase todas as pulsões perversas da disposição infantil eram, segundo podia-se comprovar, forças formadoras de sintomas no caso da neurose, mas nesta se encontravam em estado de repressão {desalojar}, pude caracterizar a neurose como o negativo da perversão" (FREUD, 1906/1992, p. 269, tradução nossa)³⁵.

A respeito das metamorfoses da puberdade, que dão uma conformação definitiva à organização da libido, Freud (1905/1992) destaca dois aspectos que resultam na constituição julgada normal: (1) a subordinação dos mais variados impulsos sexuais originários sob o primado do genital e (2) o processo de encontro de objeto, em que o somático e o psíquico - o desejo e a ternura - constituem uma aliança coesa que proporciona a irrupção de "uma intensa moção anímica de amor que, intervindo os genitais, produz a unidade da função de amor que a normalidade requer" (FREUD, 1905/1992, p. 215, tradução nossa)³⁶. Por sua vez, a perversão refere uma perturbação do desenvolvimento psicosexual³⁷ em que há o escoamento de um impulso parcial dominante - ou também vários -, cujo objeto, reduzido à parte que propicia satisfação, encarna, em proporção de centralidade, a função específica de dar prazer. Resumidamente, até aqui pode-se compreender a

³⁵ "Mediante la referencia a los caracteres infantiles de la sexualidad pude establecer un enlace simple entre salud, perversión y neurosis. La norma resultó ser el fruto de la represión de ciertas pulsiones parciales y ciertos componentes de las disposiciones {constitucionales} infantiles, y de la subordinación de los restantes bajo el primado de las zonas genitales y al servicio de la función de la reproducción; las perversiones correspondían a perturbaciones de esta síntesis por obra del desarrollo hiperpotente, como compulsivo, de algunas de estas pulsiones parciales; y en cuanto a la neurosis, la reconduje a una represión excesiva de las aspiraciones libidinosas. Ahora bien: como casi todas las pulsiones perversas de la disposición infantil eran, según podía comprobarse, fuerzas formadoras de síntomas en el caso de la neurosis, pero en esta se encontraban en el estado de la represión {desalojo}, pude caracterizar la neurosis como el negativo de la perversión" (FREUD, 1906/1992, p. 269).

³⁶ "Una intensa moción anímica de amor que, intervindo los genitales, produce la unidad de la función de amor que la normalidad requiere" (FREUD, 1905/1992, p. 215).

³⁷ "As perversões nas são bestialidades nem degenerações no sentido patético da palavra. São desenvolvimentos de germes, todos eles contidos na disposição sexual indiferenciada da criança, cuja sufocação ou cuja volta em direção a objetivos mais elevados, assexuais - sua sublimação -, estão destinadas a proporcionar a força motriz de um bom número de nossos logros culturais. Portanto, quando alguém, de maneira grosseira e manifesta, se torna perverso, pode-se dizer, mais corretamente, que permaneceu como tal: exemplifica um estado de inibição do desenvolvimento" (FREUD, 1905[1901]/1992, p. 45, tradução nossa). / "Las perversiones no son bestialidades ni degeneraciones en el sentido patético de la palabra. Son desarrollos de gérmenes, contenidos todos ellos en la disposición sexual indiferenciada del niño, cuya sofocación o cuya vuelta {Wendung} hacia metas más elevadas, asexuales —su sublimación—, están destinadas a proporcionar la fuerza motriz de un buen número de nuestros logros culturales. Por tanto, toda vez que alguien, de manera grosera y manifiesta, ha devenido perverso, puede decirse, más correctamente, que ha permanecido tal: ejemplifica un estadio de una inhibición del desarrollo" (FREUD, 1905[1901]/1992, p. 45).

perversão como uma conformação psicosexual materializada por meio de uma relação com um *objeto parcial* (com finalidade exclusiva de prazer) e um *objetivo pré-genital*, cuja força suplanta a normalidade.

Como visto, a postulação psicanalítica acerca da "normalidade" estabelece um vínculo direto desta com a organização genital, termo do processo, aliás, não espontâneo, do desenvolvimento psicosexual (FREUD, 1905/1992; 1917/1991). Entretanto, qualitativamente, a dita normalidade e a anormalidade apresentam elementos idênticos, variando, na verdade, quantitativamente. Mesmo a sintomatologia dos doentes encontra-se também nos indivíduos "normais". Por exemplo, "o sintoma neurótico tem equivalentes próximos no sonho, nos atos falhos e no resultado de certos conflitos cotidianos mais fortes. Diferenciam as neuroses a persistência e intensidade de suas manifestações" (HERRMANN, 1992, p. 66). Com base nesta flutuação de intensidade dos "acontecimentos anímicos", outra vez se explicita a sutileza do limiar que separa a intitulada normalidade da alcunhada anormalidade, desautorizando por completo a constituição de um parâmetro excludente. Segundo parece, são tantos pormenores em questão, ademais a interferência do incerto e do acidental, que talvez seja impossível uma definição satisfatória de normalidade psíquica.

Em psicanálise, se "a própria noção de desenvolvimento supõe uma norma" (LAPLANCHE & PONTALIS, 1998, p. 343), é indispensável o cuidado em não equipará-la à medicina mental positivista, cujos parâmetros revelaram-se impregnados de um moralismo encoberto por uma fachada científica. A crítica argumentará que certas postulações teóricas da psicanálise assemelham-se inteiramente às proferidas pela medicina mental positivista³⁸, todavia o caminho percorrido por Freud até a edificação das noções já apresentadas é completamente distinto daquele trilhado por seus contemporâneos, porque, novamente, o método psicanalítico proporcionou o acesso exclusivo a psique inconsciente e exatamente

³⁸ Por exemplo, as caracterizações a propósito das noções de "normalidade" e conseqüentemente de "anormalidade" tem algo em comum, principalmente - senão unicamente - em relação aos aspectos manifestos da sexualidade. Entretanto, Freud (1905/1996), além de esclarecer que "só depois de estudar o patológico é que se compreende a normalidade" (p. 274), retirou suas conclusões após acessar profundamente a alma humana, diferentemente dos contemporâneos da medicina mental. "Todos esse progressos e descobertas diziam respeito ao aspecto físico do ser humano, e assim, em conseqüência de uma linha de raciocínio incorreta [...], os médicos passaram a restringir seu interesse ao corporal e de bom grado deixaram aos filósofos, a quem menosprezavam, a tarefa de se ocuparem do anímico" (Ibidem, p. 272)

com base nas informações oriundas de sua exploração que Freud partejou a teoria psicanalítica.

Além do mais, Freud não utilizou das conclusões expressas na teoria para endossar preconceitos e discriminações, tampouco utilizou o peso de sua ciência para restaurar a normalidade e erradicar as perversões - aspiração ardente da medicina do sexo e da burguesia triunfante. "Pensador do Iluminismo sombrio, Freud não será herdeiro dessa ciência da norma senão para contestar todos os seus fundamentos" (ROUDINESCO, 2008, p. 83).

Poder-se-á argumentar com justeza que Freud não intercedeu em defesa das perversões, mesmo abertamente contrário ao cunho moralista empregado para marginalizar o "povo dos perversos". Certamente, sua preocupação não se ancorou na sexualidade manifesta, porém foi direcionada à degradação relacional materializada na frivolidade pueril de vinculações orientadas exclusivamente à obtenção de prazer. Em outras palavras, Freud não enfocou objetivamente as práticas sexuais, porque preocupado com o correspondente psíquico potencialmente habilitado para produzir efeitos que incluem o empobrecimento das relações interpessoais, a precarização dos vínculos, a incapacidade de edificação de relacionamentos genuínos e mutuamente satisfatórios. Portanto, exprimiu-se com dureza sobre as vinculações destituídas de envolvimento anímico genuíno: "são eticamente reprováveis, pois assim os vínculos de amor entre dois seres humanos deixa de ser um assunto sério e se reduz a condição de um jogo cômodo, sem riscos nem participação anímica" (FREUD, 1908/1992, p. 179, tradução nossa)³⁹.

De qualquer maneira, a psicanálise não se colocou a serviço da moralidade burguesa e nem de nenhuma outra, porque a psicanálise pode ser empregada e em consequência pode produzir conhecimento independentemente dos preceitos morais estabelecidos. À psicanálise interessa, sobretudo, a compreensão clínica dos fenômenos, o mecanismo psíquico subjacente aos dados manifestos, conquanto habilitada também para dar contribuições à vida de indivíduos e grupos que integram as sociedades. Sumariamente, "[...] se existe uma norma para Freud, esta não é nunca procurada no consenso social, assim como a perversão não é reduzida a um

³⁹ "son éticamente reprobables, pues así los vínculos de amor entre dos seres humanos dejan de ser un asunto serio y se los rebaja a la condición de un cómodo juego sin riesgos ni participación anímica" (FREUD, 1908/1992, p. 179).

desvio em relação à tendência do grupo social" (LAPLANCHE & PONTALIS, 1998, p. 343). Portanto, a noção psicanalítica de perversão é inteiramente desprovida de conotações elogiosas ou pejorativas, engrandecedoras ou depreciativas, porque refere, para além das concepções morais e normativas, um fenômeno clínico observável, como a neurose e a psicose (ROUDINESCO & PLON, 1998).

1.5 Um novo enigma: o *narcisismo*

Após os *Tres ensayos...*, boa parte das publicações de Freud, até a *Introducción del narcisismo*, vieram encorpar e sobretudo corroborar a teoria da libido, publicada em 1905. A *Análisis de la fobia de un niño de cinco años*, conhecido principalmente como "O pequeno Hans", e as "*Cinco conferencias sobre psicoanálisis*" são exemplos de obras que atestaram a validade das enunciações dos *Tres ensayos...*, seja por meio de evidências clínicas ofertadas pela análise de uma criança, quando se viu *in loco* os enunciados inferidos a partir da análise de pacientes adultos, seja por meio de conferências sobre os processos mentais, ou melhor, psicosexuais, quando foram difundidos alguns dos principais achados apresentados nos *Tres ensayos...* Mas os distúrbios narcísicos, fenômeno clínico menos comum naquela época em comparação com as manifestações neuróticas, representou um novo enigma para Freud. Aliás, o forçou a rever a teoria da libido, que a princípio não abarcava o narcisismo, incorporado só em 1914, com a *Introducción del narcisismo*, não obstante tenha sido mencionado anteriormente, porém sem o peso conceitual que adquiri a partir deste momento.

Então, a proposta de percorrer a trilha evolutiva da teoria da libido na obra de Freud, com a expectativa de extrair neste percurso um entendimento mais aprofundado sobre as perversões, conduz infalivelmente ao narcisismo. Portanto, para que se possa avançar na compreensão das perversões é necessário atravessar o narcisismo para, assim, seguir adiante.

Em *Puntualizaciones psicoanalíticas sobre un caso de paranoia (Dementia paranoides) descrito autobiográficamente*, mais conhecido como "o caso Schreber", Freud (1911[1910]/1991) se vê diante de uma manifestação psicopatológica distinta das afecções neuróticas - e também das perversões. A teoria da libido, escorada na experiência clínica com pacientes neuróticos, aparentemente não contemplava os aspectos psíquicos característicos da paranoia. Freud (1911[1910]/1991), então,

forneceu evidências que comprovaram o nexos da demência com aspectos primitivos do vínculo entre o filho e seus pais, vínculo permeado pelo impulso sexual, o que corroborou o pilar consolidado em 1905, em que a sexualidade infantil é componente central na etiologia das neuroses. Depois, quando se propôs a situar a especificidade da paranoia, diferenciando-a das neuroses, recorreu à noção de narcisismo, propondo sua inserção no percurso evolutivo da libido, localizando-o como um "estágio que se atravessa no caminho que vai do autoerotismo ao amor de objeto" (FREUD, 1911[1910]/1991, p. 56, tradução nossa)⁴⁰, e sugeriu que uma fixação no estágio narcísico da libido esteja relacionado à formação do sintoma paranoico, supondo um retorno do impulso - homossexual - ao "eu". Em *Introducción del narcisismo*, Freud (1914b/1992) reafirma esta posição do narcisismo no trajeto evolutivo da libido e aqui como em outros momentos verifica-se seu interesse em saber aonde vai parar a libido?, por assim dizer. Freud (1911[1910]/1991) argumenta, por exemplo, que o delírio de grandeza e o expressivo desinteresse pelo exterior são indicadores de que a libido foi retirada do objeto e regressou ao "eu", ou seja, a *libido objetal* - característica da primazia genital - regride à condição de *libido do eu* - característica do narcisismo.

Como é possível a retirada do objeto e o regresso da libido ao "eu"? Será possível uma involução libidinal? Será possível a genitalidade regredir ao pré-genital? Visto que o objeto do narcisista é o si-mesmo pode-se presumir um impulso não sexual? Segundo parece-nos, as dúvidas elencadas, suscitadas com a descoberta do narcisismo, produziram inquietação aguda, porque encerravam potencial para colocar em xeque a teoria da libido. Então, com a publicação de *Introducción del narcisismo* Freud (1914b/1992) dá uma resposta satisfatória ao introduzir o narcisismo, enquanto um conceito, no percurso do desenvolvimento psicosssexual, em conformidade com o previsto na teoria da libido⁴¹, respondendo,

⁴⁰ "Estadio por el que se atraviesa en el camino que va del autoerotismo al amor de objeto" (FREUD, 1911[1910]/1991, p. 56).

⁴¹ De certa forma, Freud reconhece que em 1905 escapou-lhe a identificação do narcisismo, embora a definição ofertada por Nacke (1899 apud FREUD, 1914b) - que refere o comportamento de um indivíduo que dá ao próprio corpo um tratamento semelhante ao que ofereceria ao corpo de outra pessoa tomada como um objeto sexual -, pode ser equiparada à noção de perversão, já apresentada naquele período (FREUD, 1914b/1992). Entretanto, Freud verificou que o narcisismo não é uma exclusividade do perverso, podendo ser constatado em outras afecções psíquicas e inclusive no curso do desenvolvimento psicosssexual denominado normal. Então, reivindicou a inserção do narcisismo no encadeamento sucessivo disposto na teoria da libido. Vejamos: "Depois resultou evidente para a observação psicanalítica que traços isolados dessa conduta aparecem em muitas pessoas afligidas por outras perturbações [...] Por fim, surgiu a conjectura de que uma colocação da

por conseguinte, às críticas e indagações que afrontavam-na. É sabido que foi sobretudo mediante o estudo das psicoses - porque a análise de pacientes psicóticos encerra obstáculos duríssimos - que Freud reconheceu e admitiu o narcisismo (LAPLANCHE & PONTALIS, 1998). O fato que merece destaque, é que o narcisismo veio à luz com força para fazer objeção à teoria da libido, objeção levada à cabo, aliás, por representantes eminentes da jovem ciência, que, em última instância, levaram Freud a romper em caráter definitivo com Jung e Adler, por exemplo. A contestação de maior relevo rechaçava o peso reivindicado pela sexualidade, considerada de importância fundamental na constituição psíquica e, mais especificamente, na causação das neuroses e demais afecções mentais, inclusive colocando em dúvida a teoria da repressão, visto que a teoria das neuroses prevê que à sufocação excessiva da sexualidade pode ser seguida por desenlaces psicopatológicos (FREUD, 1914a/1992; 1914b/1992).

Vê-se, entretanto, que as histórias clínicas desta época são suficientes para responder a tentativa de refutação da teoria da libido. Por exemplo, a perda da realidade tipicamente constatada em pacientes psicóticos recebe por parte de Freud (1911[1910]/1991; 1914b) uma explicação a partir da já mencionada retirada da libido dos objetos e o retorno ao "eu", fenômeno, portanto, essencialmente narcísico. O mecanismo de formação dos sintomas na paranoia serve como exemplo do processo de retorno da libido ao "eu" e também exemplifica o motivador que alavanca a perda de realidade. No caso Schreber, Freud (1911[1910]/1991) discorre sobre o aparecimento da paranoia apoiado na caracterização do mecanismo de projeção: o sintoma paranoico, manifesto no sentir-se odiado e perseguido, é na

libido definível como narcisismo podia entrar em um raio mais vasto e reclamar seu lugar dentro do desenvolvimento sexual regular do homem" (FREUD, 1914b/1992, p. 71, tradução nossa). / "Resultó después evidente a la observación psicoanalítica que rasgos aislados de esa conducta aparecen en muchas personas aquejadas por otras perturbaciones [...]. Por fin, surgió la conjetura de que una colocación de la libido definible como narcisismo podía entrar en cuenta en un radio más vasto y reclamar su sitio dentro del desarrollo sexual regular del hombre" (FREUD, 1914b/1992, p. 71). Em seguida: "Um motivo premente para considerar a imagem de um narcisismo primário e normal surgiu a partir da tentativa de incluir sob a premissa da teoria da libido o quadro da demência precoce (Kraepelin) ou esquizofrenia (Bleuler)" (Ibidem, p. 72, tradução nossa). / "Un motivo acuciante para considerar la imagen de un narcisismo primario y normal surgió a raíz del intento de incluir bajo la premisa de la teoría de la libido el cuadro de la demencia praecox (Kraepelin) o esquizofrenia (Bleuler)" (Ibidem, p. 72). E ainda: "[...] não pretendo esclarecer aqui o problema da esquizofrenia nem me aprofundar nele, mas apenas reunir o já dito em outros lugares, a fim de justificar uma introdução do narcisismo {como conceito da teoria da libido}" (Ibidem, p. 73, tradução nossa). / "[...] no pretendo aquí aclarar el problema de la esquizofrenia ni profundizar en él, sino sólo recopilar lo ya dicho en otros lugares, a fin de justificar una introducción del narcisismo {como concepto de la teoría de la libido}" (Ibidem, p. 73).

realidade um retorno do desejo homossexual incestuoso, ou seja, depois de sofrer uma distorção por meio do processo defensivo, em que o "amar" - alguém do mesmo sexo - transforma-se em "odiar", este "odiar" é projetado, e o impulso homossexual incestuoso assume as vias de uma percepção vinda de fora, o que caracteriza o delírio de perseguição de Schreber. Em um recurso didático, pode-se dizer que o desejo homossexual incestuoso é distorcido e adentra a consciência como uma percepção de ser perseguido por um homossexual - substituto do pai - que o deseja. Freud (1911[1910]/1991) dá fechamento à explicação do mecanismo psíquico em operação na paranoia demonstrando que o perseguidor imaginário atuante no delírio persecutório é, mais acertadamente, a pessoa anteriormente amada pelo delirante⁴².

Em *De la historia de una neurosis infantil*, também difundido como "o caso homem dos lobos" (FREUD, 1918[1914]/1992), há novamente um conteúdo identificável como uma resposta aos questionamentos à teoria da libido. Entre as histórias clínicas de Freud, talvez esta contenha a maior proporção de dados com força para por as claras o nexos entre a sexualidade infantil e a repressão, por um lado, a formação psíquica e o comportamento adulto, inclusive seus desenlaces psicopatológicos, por outro. Àqueles que levantaram dúvidas sobre a importância da sexualidade infantil e da repressão na causação das neuroses (perversões e psicoses) encontraram neste caso clínico um volume de informações que atestam a concatenação indubitável dos referidos fenômenos entre si.

Atendo-se unicamente a um recorte específico que comprove a teoria da libido e responda às críticas da época, o caso "o homem dos lobos" expõe com

⁴² "Agora, na paranoia temos um indício clínico de que a libido subtraída do objeto é levada a um emprego particular. Lembremos que a maioria dos casos de paranoia mostram um pouco de delírio de grandeza, e este último pode constituir por si só uma paranoia. Daí inferimos que na paranoia a libido liberada retorna ao eu, se aplica a ampliação do eu. Assim, volta a alcançar o estágio do narcisismo, conhecido pelo desenvolvimento da libido, estágio em que o próprio eu era o único objeto sexual. Em virtude deste enunciado clínico reconhecemos que os paranoicos fixaram-se no narcisismo, e declaramos que o retrocesso desde a homossexualidade sublimada até o narcisismo indica o montante de regressão característica da paranoia" (FREUD, 1911[1910]/1991, p. 67, tradução nossa). / "Ahora bien, en la paranoia tenemos un indicio clínico de que la libido sustraída del objeto es llevada a un particular empleo. Recordemos que la mayoría de los casos de paranoia muestran un poco de delirio de grandeza, y que este último puede constituir por sí solo una paranoia. De ahí inferiremos que en la paranoia la libido liberada se vuelca al yo, se aplica a la magnificación del yo. Así se vuelve a alcanzar el estadio del narcisismo, conocido por el desarrollo de la libido, estadio en el cual el yo propio era el único objeto sexual. En virtud de ese enunciado clínico supondremos que los paranoicos conllevan una fijación en el narcisismo, y declaramos que el retroceso desde la homosexualidad sublimada hasta el narcisismo indica el monto de la regresión característica de la paranoia" (FREUD, 1911[1910]/1991, p. 67).

clareza os dois tempos da neurose - se pode dizer, preferencialmente, os dois tempos do desenvolvimento psicosexual -, uma constatação suficientemente válida para atestar o determinismo da sexualidade infantil e da repressão na etiologia das neuroses. Freud (1918[1914]/1992) fornece informações que expõem, por exemplo, o encadeamento entre a cena primária, a ameaça de castração, o impulso anal-sádico sobressalente, o desejo incestuoso de cunho homossexual, por um lado, e a formação dos sintomas fóbicos e posteriormente obsessivos de caráter religioso que caracterizaram a neurose infantil, por outro, que desembocou na neurose obsessiva adulta, manifesta nos problemas com a defecação e com o dinheiro, na relação tumultuada com a mãe e com irmã, nas particularidades da escolha objetal adulta, entre outras. Em suma, explicita-se que a neurose adulta é uma reedição da neurose infantil, argumentação que valida inteiramente a teoria da libido com dados oriundos da experiência clínica.

Após incorporar o narcisismo à teoria da libido, Freud (1914b/1992) encontrava-se em condições de propor dois tipos libidinais que caracterizam protótipos relacionais distintos, a partir dos quais se processa a eleição de objeto e as particularidades inerentes à relação com o objeto amado, são eles: a *libido narcísica*, correspondente ao modelo de vinculação narcisista; e a *libido apoiada*, correspondente ao paradigma relacional neurótico. Naturalmente, referem distinções notórias entre si, cuja marca principal aduz a edificação do *tipo apoiado* como resultado da relação primitiva da criança com os pais, em que as figuras parentais internalizadas servem de apoio a eleição de objeto na vida adulta. Permitindo-se o apoio em postulação teórica posterior, se pode afirmar que depois de resignar (dessexualizar) o impulso incestuoso no domínio do complexo edípico positivo e negativo (Édipo completo), e internalizar simbolicamente os pais, o protótipo de vínculo reproduzirá a modalidade de relação primitiva com os pais (FREUD, 1914b/1992; FREUD, 1923a/1992). Já o *tipo narcísico* atende ao modelo do si-mesmo, isto é, o protótipo relacional reproduzirá a tendência de encontrar no outro uma variação do si-mesmo, em prejuízo de uma vinculação efetiva.

Há, ainda, um elo de oposição entre os tipos libidinais, uma lógica de proporcionalidade inversa, em que o monte de libido narcísica é inversamente proporcional ao monte de libido objetal (FREUD, 1914b/1992). Em uma formulação simples, quanto maior o narcisismo, menor a possibilidade de estabelecimento de

vínculos profundos e mutuamente satisfatórios, porque ao narcisista praticamente não existe o objeto, pois este é um espelhamento do si-mesmo. Ao contrário, o tipo apoiado reproduz um protótipo relacional edificado a partir do rebaixamento do narcisismo, "uma resignação da própria personalidade em favor do investimento de objeto" (FREUD, 1914b/1992, p. 74, tradução nossa)⁴³, em que o objeto é reconhecido enquanto um diferente com quem o vínculo pode se efetivar satisfatoriamente para ambos. Não foi por acaso que Freud (1914b/1992) demorou a reconhecer o narcisismo e encontrou dificuldades no tratamento de pacientes narcísicos, visto que o processo clínico de análise demanda um relacionamento de grande fundura para o qual o narcisista encontra-se emocionalmente indisposto. O raciocínio merece relevo, porque põe às claras que o malefício do narcisista refere um distúrbio essencialmente vincular, refere uma categoria de arrumação psíquica mais ou menos inclinada à pobreza e a infertilidade relacional.

Com o advento do narcisismo, se tornou mais claro que o objeto sexual enunciado em 1905 - quando foi predominantemente associado à uma pessoa ou coisa, ou seja, a um dado concreto - ganha novos contornos, porque agora o objeto faz referência direta ao sujeito psíquico inconsciente, tanto que pode ser o próprio sujeito. Com a explicitação de que para o narcisista o outro, no domínio concreto, configura uma variação do "eu", no domínio subjetivo, abre-se a compreensão de que o objeto (externo) apoia-se em um correspondente psíquico, o objeto interno. Então, no interior do "eu" há um representante psíquico em qualidade de objeto interno que contribui no direcionamento da eleição de objeto (exterior). Facilitada pela descoberta do narcisismo, a noção de objeto interno não se limita ao narcisista, ou melhor, tem validade generalizada, como demonstra a postulação de Freud (1914b/1992) sobre os tipos libidinais, já mencionada anteriormente.

Por fim, as conclusões apresentadas em *Introducción del narcisismo* realçam a força dos processos psíquicos na determinação das particularidades das relações interpessoais, paralelamente à vida amorosa/sexual. Novamente, verifica-se que o impulso sexual é composto por pressões de ordem corporal e também por pressões de ordem psíquica, que determinam o objeto e o objetivo sexual, por isso Freud (1905/1992; 1915/1992) localizou a libido na fronteira entre o anímico e o somático. A descoberta do narcisismo revelou que a libido pode ser direcionada ao próprio

⁴³ "Una resignación de la personalidad propia en favor de la investidura de objeto" (FREUD, 1914b/1992, p. 74).

"eu", fenômeno com desdobramentos específicos, que referem, concretamente, uma pobreza e uma fragilidade relacional.

1.6 O conceito de perversão em Freud: aperfeiçoamentos posteriores ao narcisismo

Ver-se-á que o conceito de perversão, em particular, e a teoria sexual, em geral, lançadas em 1905, são mantidas praticamente inalteradas, conquanto complementadas por entendimentos advindos posteriormente. Freud (1919/1992) reafirma que a perversão é derivada de uma perturbação no desenvolvimento psicosexual, em que não se efetiva a fusão dos componentes parciais da sexualidade que resultam no primado do genital, não se efetiva, como no caso das neuroses, uma repressão, portanto nas perversões operam um outro processo defensivo. Em outras palavras, um impulso pré-genital não reprimido desenvolve-se autônoma e prematuramente, antecipando-se aos demais no curso do desenvolvimento psicosexual, resultando em uma fixação que impede a fundição dos impulsos parciais na sexualidade genital. Ao tratar sobre o destino deste impulso parcial predominante, propõe ainda a possibilidade dele não permanecer até a vida adulta, podendo ser *reprimido*, *sublimado* ou ser substituído por uma *formação reativa*. Porém, se nenhum destes efetiva-se, "[...] a perversão se conserva na maturidade e sempre que no adulto encontramos uma aberração sexual [...] temos direito a esperar que a exploração anamnésica nos leve a descobrir na infância um acontecimento fixador desta natureza" (FREUD, 1919/1992, p. 180, tradução nossa)⁴⁴.

Qual é, então, a contribuição nova a respeito da origem e entendimento das perversões? Como e por que se dá o desenvolvimento autônomo de um componente parcial da sexualidade? Como e por que ocorre a fixação pré-genital? A primeira vista, nem mesmo Freud respondeu diretamente às questões levantadas, não obstante algumas indicações que sinalizam neste sentido. De qualquer maneira, dada a complexidade do assunto, vemos-nos impossibilitados de abarcá-lo em sentido conclusivo, mas aptos para por em destaque alguns dos sinais que se

⁴⁴ "[...] la perversión se conserva en la madurez, y siempre que en el adulto hallamos un aberración sexual [...] tenemos derecho a esperar que la exploración anamnésica nos lleve a descubrir en la infancia un suceso fijador de esa naturaleza" (FREUD, 1919/1992, p. 180).

encontram na obra de Freud e se relacionam com os questionamentos elencados acima.

Vale recordar, que ainda em *Tres ensayos...*, Freud (1905/1992) faz referência aos perigos da estimulação precoce e demasiada de qualquer das zonas erógenas, porque se o prazer advindo da excitação de certas regiões do corpo for maior que a tensão oriunda desta mesma estimulação (tensão que encaminha ao coito propriamente dito, em que o gozo daí oriundo elimina-a temporariamente), o prazer preliminar converte-se em fonte principal, predispondo à perversão ou à neurose. Em outras palavras, ao discorrer sobre a excitação sexual, Freud (1905/1992) afirma que na genitalidade a estimulação prazerosa das zonas erógenas são preparatórias para o ato sexual, e não o substituem, como no caso das perversões. Quando instaurada a primazia genital, as ações sexuais preliminares ofertam certa dosagem de prazer, mas - principalmente - aumentam a tensão sexual que somente encontrará alívio na união dos genitais e na eliminação dos produtos seminais, pois o prazer preliminar é insuficiente para a satisfação completa. Porém, se o prazer obtido preliminarmente for o bastante para a eliminação (provisória) da tensão sexual, não se vai em direção à genitalidade, porque a satisfação é encontrada no meio do caminho, por assim dizer. Resumidamente, a estimulação sexual precoce pode desarranjar o desenvolvimento psicosssexual e resultar em perversão, pois acostuma o indivíduo, desde a infância, ao *prazer de órgão* - similar ao prazer masturbatório⁴⁵.

Se uma porção inabitual de excitação acontecida na infância pode prejudicar o avanço psicosssexual, se pode presumir, com efeito, que aqueles episódios acidentais que elevaram a proporção de excitação e prazer obtido mediante a

⁴⁵ "Do mecanismo em que está incluído o prazer prévio deriva, evidentemente, um perigo para a realização do objetivo sexual normal: este perigo surge quando, em qualquer ponto dos processos sexuais preparatórios, o prazer prévio revela-se demasiado grande e demasiado escassa sua contribuição para a tensão. Então, falta a força pulsional para que o processo sexual siga em frente; todo o caminho é abreviado, e a ação preparatória correspondente substitui o objetivo sexual normal. A experiência nos diz que esse prejuízo tem por condição que a zona erógena respectiva, ou a pulsão parcial correspondente, tenha contribuído para obtenção de prazer em medida incomum já na vida infantil" (FREUD, 1905/1992, p. 193, tradução nossa). / "Del mecanismo en que es incluido el placer previo deriva, evidentemente, un peligro para el logro de la meta sexual normal: ese peligro se presenta cuando, en cualquier punto de los procesos sexuales preparatorios, el placer previo demuestra ser demasiado grande, y demasiado escasa su contribución a la tensión. Falta entonces la fuerza pulsional para que el proceso sexual siga adelante; todo el camino se abrevia, y la acción preparatoria correspondiente reemplaza a la meta sexual normal. La experiencia nos dice que este perjuicio tiene por condición que la zona erógena respectiva, o la pulsión parcial correspondiente, haya contribuido a la ganancia de placer en medida inabitual ya en la vida infantil" (FREUD, 1905/1992, p. 193).

estimulação precoce, podem interferir decisivamente no desenvolvimento psicosssexual, o que significa que o "contingente" pode ter um peso considerável. E a julgar, por exemplo, pelas "brincadeiras sexuais" entre crianças, não se pode supor reduzida a influência dos fatores acidentais. Portanto, na constituição e no desenvolvimento psicosssexual intervêm motivos sutis, que podem passar despercebidos ao discernimento adulto. Pode-se dizer, de outra maneira, que Freud (1905/1992) tomou em conjunto os fatores constitucionais e contingentes e afirmou que ambos "cooperam" - *série complementar* - na causação da conformação psicosssexual definitiva.

Até aqui, viu-se mais ou menos detalhadamente alguns indicadores que definem o que é, e como vem a ser as montagens perversas, com base principalmente nos *Tres ensayos...* Em seguida, este conteúdo foi complementado com a abordagem e a compreensão do narcisismo, quando se alcançou um panorama geral sobre a teoria da libido. É claro que para conhecer mais profundamente os processos que interferem na formação e no desenvolvimento psíquico, com ênfase aos desenlaces perversos, é necessário um volume muito maior de informações. Todavia, se tem aqui ao menos o suficiente para que sejam abordados algumas das principais contribuições de Freud, posteriores à descoberta do narcisismo.

Antes, contudo, é oportuno colocar em pauta uma objeção ao conceito de perversão exposto nos *Tres ensayos...*, em que é interrogada a validade da fusão dos impulsos parciais na primazia genital como referência de normalidade. Se a normalidade é a resultante do primado do genital, como explicar as manifestações sexuais julgadas anormais em que a genitalidade é de importância prioritária na consumação do desejo? Aparentemente, muitas formas de perversão - o fetichismo, a homossexualidade, a efetivação do incesto - admitem a organização da libido sob o primado genital (LAPLANCHE E PONTALIS, 1998). "Não será uma indicação de que a norma deve ser procurada em outro lugar, mas não no funcionamento genital propriamente dito?" (LAPLANCHE E PONTALIS, 1998, p. 343). Apoiado no contexto em que é realizada as indagações mencionadas, percebe-se claramente que os autores desejam enfatizar a importância dos demais processos que intervêm na conformação perversa, por exemplo quando afirmam que a "[...] passagem para a plena organização genital supõe, para Freud, que o complexo de Édipo tenha sido

ultrapassado, o complexo de castração assumido, a interdição do incesto aceita" (LAPLANCHE E PONTALIS, 1998, p. 343).

É bem verdade que o emprego dos genitais no ato sexual não é critério definitivo para a noção de normalidade, sobretudo após o advento do narcisismo quando se percebeu com maior clareza que o "objeto de amor externo" tem um "correspondente interno" que pode ser uma variação do si-mesmo, ou seja, mesmo no coito heterossexual o parceiro(a) pode ser uma representação dissimulada do "eu", o que certamente caracteriza uma relação narcísica, isto é, pré-genital. Isto significa, com efeito, que é possível a utilização da genitália sob a força de motivadores narcisistas, ou seja, o órgão genital pode ser posto em uso com o fito principal de satisfazer impulsos parciais, mesmo na relação heterossexual, considerada a norma. Portanto, a genitalidade manifesta não é sinônimo de primazia genital, e pode ser a fachada de uma pré-genitalidade oculta.

Então, a objeção à primazia genital como parâmetro de normalidade encontra uma primeira resposta com o advento do narcisismo, porque se põe as claras que o objeto interno é o parâmetro, adequado à psicanálise, para avaliação do desenvolvimento psicosssexual, visto que o objeto concreto (externo) é um dado manifesto, por assim dizer, que pode ludibriar o observador. Considere-se que o objeto do narcisista é ele próprio representado no outro, e este outro (objeto externo) pode ser até mesmo alguém do sexo oposto. Em uma fórmula esquemática, a partir do narcisismo é impossível presumir uma homossexualidade genital, mas é possível inferir uma heterossexualidade pré-genital.

É de assinalar, para concluir o raciocínio, que a compreensão das perversões se amplia e é gradualmente complementada conforme avança a investigação clínica e a obra de Freud. O advento do narcisismo sem dúvida foi uma novidade de peso, à qual se soma as demais inferências que surgiram posteriormente, que serão abordadas a partir de agora.

Ainda em *Tres ensayos...* Freud (1905/1992) propõe uma explicação sobre a gênese da homossexualidade (masculina), quando diz que ela refere um espelhamento da bissexualidade originária, já que esta última se manifesta na eleição de objeto do homossexual. Em outras palavras, uma vez que o objeto do homossexual reúne as características masculinas e femininas, em conformidade com a disposição bissexual não reprimida, supõe-se aí um indicador de natureza

"genética". Neste caso, há provavelmente uma particularidade na maneira como se concretiza o processo defensivo para que resulte em homossexualidade, particularidade que refere a expressão manifesta da disposição originária bissexual - particularidade que talvez também esteja presente em outros tipos de organização da libido como, por exemplo, o fetichismo. Mais tarde, em *Sobre la psicogénesis de un caso de homosexualidad femenina*, Freud (1920/1992) vai reafirmar que a homossexualidade (feminina) refere um "espelhamento da disposição bissexual", porque "[...] o objeto eleito em definitivo não correspondia somente ao seu ideal de mulher, mas também a seu ideal de homem; reunia a satisfação das duas orientações do desejo, a homossexual e a heterossexual" (p. 150, tradução nossa)⁴⁶.

Um pouco antes, em *Pegan a un niño: contribución al conocimiento de la génesis de las perversiones sexuales*, Freud (1919/1992) opera uma "psicanálise da fantasia de espancamento", demonstrando sua generalidade na vida infantil e seu encadeamento com as manifestações sádicas e masoquistas manifestas em idade adulta. Em outras palavras, a fantasia de espancamento é dado comum no universo anímico (infantil), é presença certa nos primórdios do psiquismo, e à medida que viabiliza à criança (fantasiadora) uma satisfação de caráter autoerótico, é também um traço evidente de perversão. Entretanto, a consumação adulta do sadomasoquismo remete a um desenvolvimento autônomo deste(s) componente(s) parcial(ais) da sexualidade, que reivindicou posição de centralidade na organização da libido. Então, o objetivo sexual sadomasoquista do adulto traz em sua história um destacamento prematuro deste(s) impulso(s), que permanece após a chegada da idade adulta. Isto significa que a rememoração de episódios - verídicos ou fantasiados - em que uma criança é espancada por um homem adulto, corroboram a concatenação com as particularidades da vida amorosa/sexual decorrente, em que a violência corporal ativa e/ou passiva caracteriza o viés para obtenção de satisfação sexual. Em síntese, a fantasia infantil de apanhar do pai ou de uma figura que lhe faça referência é reeditada nos desenlaces sadomasoquistas.

Todavia, para além dos aspectos inferidos acerca das montagens perversas com base na "psicanálise da homossexualidade" e da "fantasia de espancamento",

⁴⁶ "[...] el objeto en definitiva elegido no correspondía sólo a su ideal de mujer, sino también a su ideal de hombre; reunía la satisfacción de las dos orientaciones del deseo, la homosexual y la heterosexual" (FREUD, 1920/1992, p. 150).

quais sejam, a não repressão da disposição originária bissexual, "ocorrência psíquica" que denota um processo defensivo diferente do operado na neurose, e a reedição da fantasia de espancamento nos desenlaces sadomasoquistas, respectivamente, a "psicanálise da fantasia de espancamento" proporcionou avançar um pouco além, demonstrando que na dinâmica dos impulsos incestuosos da criança em relação aos pais⁴⁷, origina-se, entre outros fatores, a inclinação perversa - no caso, masoquista⁴⁸. Freud (1919/1992) propõe que ao desejo incestuoso em relação ao pai subjaz uma organização genital - recém-alcançada e ainda vacilante -, a qual, em função da impossibilidade do incesto, regredirá à organização sádico-anal, regressão evidentemente apoiada no componente sádico prematuramente desenvolvido. O impulso incestuoso passa por uma sufocação que o deforma e o reverte em sentimento de culpa, que por sua vez se materializa na busca pelo castigo, que é fonte de prazer. Portanto, o ato de apanhar (do progenitor) concilia a culpabilidade pelo desejo incestuoso, mas também a realização distorcida do mesmo. "Este ser-espancado é agora uma conjunção de consciência de culpa e erotismo; *não é apenas o castigo pela referência genital proibida, mas também seu substituto regressivo*" (FREUD, 1919/1992, p.186, grifos do autor, tradução nossa)⁴⁹. Sumariamente, o masoquismo manifesto é uma variação deformada do desejo incestuoso que, após o processo defensivo, regride e transmuda-se em desejo de ser agredido/humilhado - desejo a partir do qual serão estabelecidos os vínculos afetivos/sexuais do adulto.

⁴⁷ Evitamos intencionalmente adotar aqui a expressão "Complexo de Édipo", em vista da elaboração posterior de Freud (1923a/1992), quando propõe a noção de Édipo completo, ativo e passivo, em conciliação perfeita com a disposição originária bissexual. Assim, nos casos em que Freud refere uma manifestação de desejo incestuoso incompleta - apenas homo ou hetero - não adotaremos o conceito de "Complexo de Édipo".

⁴⁸ Freud aborda diretamente a contribuição nova à compreensão do masoquismo, em particular, e das perversões, em geral, associado-a a dinâmica do amor incestuoso da criança com os pais: "Ciertamente permanece inconvencible la concepción de que en ellas pasa al primer plano el refuerzo constitucional o el carácter prematuro de un componente sexual; pero con ello no está dicho todo. La perversión ya no se encuentra más aislada en la vida sexual del niño, sino que es acogida dentro de la trama de los procesos de desarrollo familiares para nosotros en su calidad de típicos - para no decir normales. Es referida al amor incestuoso de objeto, al complejo de Edipo del niño; surge primero sobre el terreno de este complejo, y luego de ser quebrantado permanece, a menudo solitaria, como secuela de él, como heredera de su carga libidinosa y gravada con la conciencia de culpa que lleva adherida. La constitución sexual anormal ha mostrado en definitiva su poderío esforzando al complejo de Edipo en una dirección determinada y compeliéndolo a un fenómeno residual inhabitual" (FREUD, 1919/1992, p. 189).

⁴⁹ "Este ser-azotado es ahora una conjunción de conciencia de culpa y erotismo; *no es sólo el castigo por la referencia genital prohibida, sino también su sustituto regresivo*" (FREUD, 1919/1992, p. 186, grifos do autor).

É importante pôr em destaque que aqui Freud (1919/1992) afirma que o masoquismo é seqüela direta do complexo de Édipo, e sugere ainda que as demais perversões também possam sê-lo. À medida que o conceito de complexo de Édipo recebe uma nova roupagem a partir de 1923 com a publicação de *El yo y el ello*, quando a dinâmica triangular propriamente edípica reuni as manifestações do Édipo positivo (heterossexual) e do Édipo negativo (homossexual), pode-se considerar que as perversões relacionam-se ao menos com os impulsos incestuosos. No denominado "Édipo completo", o menino, por exemplo, vive o conflito edípico desejando a mãe e hostilizando o pai, por um lado, e desejando o pai e hostilizando a mãe, por outro. Portanto, o verdadeiro complexo de Édipo refere "ocorrências" psíquicas nas quais estão em jogo os impulsos humanos (originários) relativos às duas frentes da disposição bissexual. A partir disso, é possível inferir que o impulso incestuoso não é sinônimo de complexo de Édipo.

Esquemáticamente, o complexo de Édipo sempre inclui em si o desejo incestuoso, mas diz respeito a um tipo específico, ou seja, nem toda inclinação incestuosa caracteriza, por si só, o complexo edípico. Pode ser, portanto, que as publicações aqui utilizadas, que datam de 1919 e 1920, e que derivam as perversões do complexo de Édipo estejam, na realidade, se referindo não ao "Édipo completo", mas ao amor incestuoso. Que importância isto tem? É importante, porque o amor incestuoso apresenta uma configuração na neurose que não é a mesma das perversões. Então, conforme Freud vai avançando na compreensão das montagens perversas, vão aparecendo suas particularidades, inclusive no que se refere à composição do amor incestuoso, como se verá em seguida.

Não por acaso, também em 1923, Freud (1923b/1992) propõe um novo ajustamento à teoria da libido, em que vai intercalar no percurso de desenvolvimento sexual infantil, entres as etapas anal-sádica e a genital, a denominada fase *fálica*⁵⁰.

⁵⁰ "A aproximação da vida sexual infantil a do adulto vai muito mais além, e não se circunscreve à emergência de uma eleição de objeto. Se bem não se alcança uma verdadeira unificação das pulsões parciais sob o primado dos genitais, no apogeu do processo de desenvolvimento da sexualidade infantil o interesse pelos genitais e a tarefa dos genitais cobram um significado dominante, que pouco fica atrás ao da idade adulta. O caráter principal desta organização genital infantil é, ao mesmo tempo, sua diferença em relação a organização genital definitiva do adulto. Reside em que, para ambos os sexos, apenas *um (genital)* desempenha o papel de genital, o masculino. Portanto, não há um primado genital, mas um primado do *falo* (FREUD, 1923b/1992, p. 146, grifos do autor, tradução nossa) / "La aproximación de la vida sexual infantil a la del adulto llega mucho más allá, y no se circunscribe a la emergencia de una elección de objeto. Si bien no se alcanza una verdadera unificación de las pulsiones parciales bajo el primado de los genitales, en el apogeo del proceso de desarrollo de la sexualidad infantil el interés por los genitales y el quehacer genital cobran una

O primado do falo, configuração última do desenvolvimento psicosssexual infantil, refere a ignorância (psíquica) da criança em relação à diferença (anatômica) entre os sexos. Embora cientes de que o homem e a mulher são diferentes entre si, o menino e a menina pequena desconhecem a existência de duas genitálias distintas, correspondentes ao masculino e ao feminino, e supõem que a diferença entre o homem e a mulher está em outros domínios que não em seus sexos. Como resultando, a criança encontra-se aferrada à seguinte conjectura: o homem e a mulher tem um mesmo genital, o falo.

Mesmo sucintamente, em "homem dos lobos" Freud (1918[1914]/1992) discorre sobre os efeitos da diferença anatômica entre os sexos, e prenuncia uma modalidade de defesa psíquica distinta daquela em operação na neurose. Neste caso clínico, o conhecimento da diferença sexual, ou melhor, do par de opostos fálico-castrado, quando associado à *cena primária*, proporcionou ao paciente o discernimento de que para consumir o impulso incestuoso homossexual direcionado ao seu pai, seria necessário submeter-se à castração, assim como (supostamente) sua mãe. Então, o terror frente a figura do lobo, um substituto do pai, ocultava o desejo incestuoso e também a ameaça de castração. Assim, o conhecimento da diferença anatômica entre os sexos e a conseqüente ameaça de castração reverberou mais um arranque repressivo, mais um esforço para desalojar da consciência o impulso incestuoso homossexual inaceitável.

Neste caso, o retorno do reprimido manifestou-se, entre outros, no mal funcionamento intestinal - o paciente amiúde necessitava de intervenção médica para esvaziar o intestino, pois não defecava naturalmente - , sintoma revelador, inclusive, de sua identificação com sua mãe, que sofria por causa de problemas semelhantes. O paciente "intuiu" uma relação de causa e efeito entre a imagem da mãe sendo submetida ao coito anal (na cena primária) e suas dificuldades intestinais. Portanto, no "homem dos lobos", os problemas que envolviam a defecação, são sintomas no interior dos quais o paciente revivia - isto é, satisfazia - inconscientemente o desejo incestuoso em relação ao seu pai (FREUD, 1918[1914]/1992).

significativdad dominante, que poco le va en zaga a la de la edad madura. El carácter principal de esta organización genital infantil es, al mismo tiempo, su diferencia respecto de la organización genital definitiva del adulto. Reside en que, para ambos sexos, sólo desempeña un papel *un genital*, el masculino. Por tanto, no hay un primado genital, sino un primado del *falo*" (FREUD, 1923b/1992, p. 146, grifos do autor).

Aparentemente, a "psicanálise do 'homem dos lobos'" forneceu indícios de que o paciente conservou a *teoria cloacal* mesmo diante da constatação da diferença anatômica entre os sexos. Não ficou livre, entretanto, de seus efeitos, haja vista o reforçamento repressivo já mencionado anteriormente. O que aqui é mais importante para nós é perceber que reprimir o conhecimento da diferença sexual refere desdobramentos diferentes daqueles que se anunciam quando este conhecimento é rejeitado.⁵¹

Vulgarmente, diz-se que o neurótico empaca no conflito edípico. É bem sabido, que as neuroses são perversões negativas, em que o desejo incestuoso é desalojado inteiramente da consciência e a satisfação sexual se consuma nos sintomas, isto é, desfiguradamente, ocultamente. Quer dizer, instalada a repressão dos impulsos incestuosos, o neurótico dá escoamento ao desejo por meio dos sintomas (FREUD, 1905[1901]/1992; 1905/1992). Nas práticas sexuais perversas, decerto, o processo defensivo também não deixa ver a motivação incestuosa, embora seus atos sexuais operarem alternativas ao incesto, que portanto se concretiza disfarçadamente. Por exemplo, o masoquismo, geralmente precedido pela fantasia infantil de espancamento, concilia no ato de apanhar o castigo moral com o impulso libidinal incestuoso, em que "[...] o desejo de apanhar do pai, tão frequente em fantasias, está muito relacionado com outro desejo, o de ter com ele uma relação sexual passiva" (FREUD, 1924/1992, p. 175, tradução nossa)⁵². Em resumo, nos desenlaces perversos o amor incestuoso se manifesta em práticas de teor sexual perceptível, que remetem e satisfazem indiretamente o impulso sexual

⁵¹ "Não é que a nova interdição não surtiu efeito algum; pelo contrário, desdobrou um efeito extraordinariamente intenso, convertendo-se no motivo para manter reprimido [...] o processo onírico completo e excluí-lo de um posterior processamento consciente. Mas com isto seu efeito ficou esgotado; não teve influência nenhuma sobre a decisão do problema sexual. Era por certo uma contradição que a partir desse momento uma angústia de castração pudesse existir junto com a identificação com a mulher por meio do intestino, porém era apenas uma contradição lógica, a qual não significa muito. O processo inteiro se torna assim mais bem característico do modo que trabalho o inconsciente. Uma *repressão* {Verdrangung} é algo diferente de uma *rejeição* {Verwerfung}" (FREUD, 1918[1914]/1992, p. 73-74, grifo nosso, tradução nossa). / "No es que la nueva intelección no surtiera efecto alguno; todo lo contrario, desplegó un efecto extraordinariamente intenso, convirtiéndose en el motivo para mantener en la represión [...] el proceso onírico íntegro y excluirlo de un posterior procesamiento consciente. Pero con esto su efecto quedó agotado; no tuvo influjo ninguno sobre la decisión del problema sexual. Era por cierto una contradicción que a partir de ese momento una angustia de castración pudiera subsistir junto a la identificación con la mujer por medio del intestino, pero era sólo una contradicción lógica, lo cual no significa mucho. El proceso entero se torna así más bien característico del modo en que trabaja el inconsciente. Una represión {Verdrangung} es algo diverso de una desestimación {Verwerfung}" (FREUD, 1918[1914]/1992, p. 73-74).

⁵² "[...] el deseo de ser golpeado por el padre, tan frecuente en fantasías, está muy relacionado con otro deseo, el de entrar con él en una vinculación sexual pasiva" (FREUD, 1924/1992, p. 175).

incestuoso, diferentemente das montagens neuróticas que satisfazem-no por meio dos sintomas, que, a primeira vista, parecem isentos de motivação sexual.

Em *Sobre la psicogénesis de un caso de homosexualidad femenina*, Freud (1920/1992) propõe que a regressão narcísica em direção à homossexualidade edificou-se também na dinâmica das relações da criança com os pais, sobretudo na primeira infância, quando o desejo incestuoso dos filhos em relação aos pais é uma torrente avassaladora. No caso abordado, é certo que a homossexualidade da jovem se apoia em uma inclinação mais primitiva, porém a genitalidade (incipiente), manifesta na inclinação incestuosa em direção ao pai, encontra forte objeção, e então regride ao pré-genital, de certa forma para retirar-se da dinâmica triangular e deixar o caminho livre para sua mãe. Quando sua mãe novamente engravida, o desejo em relação ao pai vê-se impossível, e a alternativa à homossexualidade refere uma vingança contra o pai e um reencontro com o objeto de amor primordial - a mãe.

Vê-se que no masoquismo e no caso de homossexualidade mencionado, a regressão pré-genital se efetiva após uma breve incursão na genitalidade, em que uma objeção mais ou menos severa, erigida nesta etapa, é suficiente para o rebaixamento libidinal. Pode-se dizer, que na ocasião em que genitalidade principiante encaminha o sujeito psíquico ao reconhecimento da diferença sexual e a atravessar o umbral que conduzirá ao conflito edípico propriamente dito, o componente pré-genital destacado o puxa para trás, por assim dizer. Talvez, o reconhecimento da diferença sexual e o Édipo (completo) se processem concomitantemente, de maneira que a recusa em admitir a diferença sexual também possa contribuir para o processo regressivo. De qualquer maneira, dá-se a entender que uma "pré-disposição" à perversão é condição prévia para ocasionar uma regressão libidinal, por sua vez desencadeada à frente do obstáculo representado pelo complexo de Édipo (decerto também pela exigência de aceitação da diferença sexual), que vai resultar nas montagens perversas.

Se para o neurótico o complexo de Édipo é o conflito nuclear, gerador da já conhecida sintomatologia, em nada aparente a um ato sexual, mas de cunho incestuoso, o perverso "desiste" de avançar e recusa ingressar de fato no conflito edípico, recusa a diferença sexual e dá escoamento ao desejo incestuoso em práticas sexuais das mais variadas. É verdade que Freud (1918[1914]/1992;

1925/1992) dá a entender que também o neurótico não admite a verdade encontrada pela criança em suas pesquisas sexuais, optando por convencer-se por meio de "explicações" especulativas: "o pênis da menina ainda vai crescer", etc. No neurótico, porém, a libido incestuosa, permeada pelas especulações sexuais, tem como destino a repressão. Reprimir a tendência incestuosa, marcada pela concepção fálica, é algo diverso de rejeitar a diferença sexual e consumir a libido incestuosa em atividades sexuais de cunho pré-genital. Entre os desdobramentos que se seguem à exposição da diferença anatômica entre os sexos, pode suceder, e quem prossegue é Freud, "[...] o processo que eu gostaria de chamar de *recusa*, que na vida anímica infantil não é nem raro nem muito perigoso, mas que no adulto levaria a uma psicose" (1925/1992, p. 271-272, grifo do autor, tradução nossa)⁵³. Pode-se exprimir resumidamente a diferença entre ambos os tipos de organização da libido, isto é, as montagens neuróticas e perversas, considerando o processo defensivo atuante em cada uma delas, por meio de uma expressão direta de Freud: "[...] a neurose não recusa a realidade, se limita a não querer saber nada sobre ela; a psicose recusa-a e procura substituí-la" (1924c/1992, p. 195, tradução nossa)⁵⁴.

Pode-se ter maior clareza da importância psíquica dos processos que giram em torno da diferença anatômica entre os sexos por meio do conhecimento das consequências psíquicas provenientes desta fonte, consequências, aliás, diferentes conforme o sexo. Para o menino, vinculado à mãe - primeiro objeto de desejo -, a ameaça de castração no contexto edípico colabora para força-lo a admitir a interdição do incesto e conseqüentemente para sepultar o complexo de Édipo. O desejo incestuoso positivo, que se complementa com a aspiração a escantear o pai, reverte em sentimento de ameaça quando manifesto o peso da figura paterna na separação de mãe e filho. O Édipo negativo, por sua vez, fortalece a ameaça de castração, já que o menino presume uma relação passiva com o pai, em que se supõe castrado. Para a menina, também vinculada à mãe (Édipo negativo), a constatação da diferença anatômica entre os sexos resulta em sentimento de aversão à "condição feminina", marcada pela falta. O sentimento de inveja do pênis viabiliza o investimento libidinal na figura paterna, associado ao desejo de encontrar

⁵³ "[...] el proceso que me gustaría designar *desmentida*, que en la vida anímica infantil no es ni raro ni muy peligroso, pero que en el adulto llevaría a una psicosis" (1925/1992, p. 271-272, grifo do autor).

⁵⁴ "[...] la neurosis no desmiente la realidad, se limita a no querer saber nada de ella; la psicosis la desmiente y procura sustituirla" (1924c/1992, p. 195).

algo que sirva como substituto do pênis: gerar um filho de seu próprio pai. Então, reconhecer a diferença sexual encaminha o menino a renunciar ao amor dos pais, porque ameaçado, e a retirar-se do conflito edípico, e encaminha a menina a deslocar seu investimento libidinal da mãe para o pai, isto é, colabora para ingressá-la integralmente no complexo de Édipo (FREUD, 1925/1992).

Depois de percorrido o caminho anterior, mais ou menos se tem condições de adentrar no pequeno e no entanto decisivo artigo de Freud (1927b/1992) quando o assunto é perversão: *Fetichismo*. Neste, vê-se um enfoque específico nos processos psíquicos concernentes ao fetichismo, mas a principal novidade expressa nesta obra decerto possa ser generalizada às perversões, em seus mais variados desenlaces. Acrescenta-se que a segurança notória na entonação argumentativa de Freud (1927b/1992) faz ver com certeza que a "psicanálise do fetichismo" avançou até as camadas mais profundas da psique do fetichista, o que confere um peso ainda maior aos fundamentos teóricos daí advindos. Portanto, em vista da temática central do presente capítulo, são informações para quais vale uma observação detalhada.

Não se pode passar alheio ao apontamento que dá início à exposição do autor, quando comunica que os pacientes analisados não necessariamente procuraram o tratamento psicanalítico por causa do fetiche, porque geralmente não sentem-no como algo incômodo, e assim não enxergam razão que justifique iniciativa qualquer que tenha capacidade de amortizá-lo. Em resumo, geralmente o fetiche não incomoda o fetichista, ao contrário, "na maioria das vezes estão muito contentes com ele e até elogiam as facilidades que lhe oferece em sua vida amorosa" (FREUD, 1927b/1992, p. 147, tradução nossa)⁵⁵. De pronto, se está diante de um dos pontos mais polêmicos quando o assunto é perversão: a sexualidade julgada perversa é vivenciada com satisfação e, desde que praticada com consentimento mútuo, não produz danos ou prejuízos aos envolvidos e a ninguém. Então, por que, mesmo atualmente, endossar uma terminologia - herdeira do dogmatismo obscurantista e de um positivismo alienado - que ainda hoje remete ao preconceito e a discriminação?

Permitindo-nos um parêntese, é verdade que às denominadas perversões sexuais não correspondem alterações do quadro de saúde global do indivíduo. Diferentemente das neuroses, por exemplo, em que a sufocação demasiada da

⁵⁵ "[...] las más de las veces están muy contentos con él y hasta alaban las facilidades que les brinda en su vida amorosa" (FREUD, 1927b/1992, p.147).

sexualidade produzia perturbações na boa disposição física e mental, acarretando grande mal-estar, proveniente do conjunto de sintomas que restringiam em maior ou menor grau a vida socioafetiva do indivíduo acometido, as perversões, decerto, são assintomáticas. À vista disso, dispensam as atenções da medicina, inclusive da medicina mental. A psicanálise, entretanto, toca nas questões relativas à sexualidade enquanto dado associado à constituição e ao desenvolvimento psíquico, porque a sexualidade é a cara da moeda cujo verso é a psique inconsciente, por assim dizer. E o inconsciente, como é sabido, permeia a vida anímica em sua totalidade, e governa a maior parte do que popularmente chamamos de o jeito de ser e viver de cada um. A sexualidade é conteúdo manifesto! Sumariamente, o ponto de importância para a psicanálise, relativo à sexualidade (perversa), é o mecanismo psíquico subjacente e seus desdobramentos no jeito de ser e viver do indivíduo. À psicanálise não interessa restituir à "normalidade" aquele que por ventura ou desventura encontra-se alhures, não obstante reuni condições para dar espaço ao sofrimento do indivíduo que pena para habitar a própria pele.

Respondendo diretamente à questão enunciada acima, a psicanálise põe-se em confronto com as frentes que advogam em favor de uma conotação torpe associada à perversão, mas sustenta a utilização do referido vocábulo, porque ele alcançou a condição de um conceito e refere eventos psíquicos particulares, que, ao permearem inteiramente o universo anímico de um determinado indivíduo, podem reunir força para incapacitar uma vida plenamente realizada, agenciando, por exemplo, a deterioração das relações humanas em todos os campos relacionais. Ver-se-á adiante um excerto de Robert Stoller, cuja presença aqui tem a finalidade de enfatizar que a questão de interesse encontra-se muito além da sexualidade manifesta, repousando sobretudo no funcionamento psíquico correspondente, que pode agenciar "outros processos" nocivos à civilização. Talvez, por conta de possíveis desdobramentos deletérios à marcha civilizatória, justifica-se ainda hoje a manutenção do vocábulo perversão, mesmo no círculo psicanalítico.

Precisar reduzir uma pessoa a um seio, ou a um pênis ou a um pedaço de pano para ser capaz de conseguir concentrar seu desejo é algo muito triste - e perigoso; estas graves falhas da potência, este aviltamento da condição amorosa, só fazem fomentar os *outros processos* que, hoje em dia, degradam nossa humanidade (STOLLER, 1975/2015, p. 39, grifo nosso).

Dando prosseguimento, a explicação do fetichismo dispõe "acontecimentos" psíquicos primordiais em que o dilema acerca da diferença anatômica entre os sexos produz um conflito repleto de consequências. Quando a comparação entre os genitais do homem e da mulher ganha corpo, a universalidade do falo, convicção que permeia o imaginário infantil, é lançada na corda bamba. A contradição é angustiante, porque põe em xeque não somente as concepções da criança a propósito da reprodução - teoria cloacal -, mas sobretudo porque se desdobra em sentimento de ameaça de castração ao menino, que interpreta a ausência do pênis como decorrente de uma amputação, e em sentimento de inferioridade à menina, antipatizada com a condição feminina, marcada pela falta (do pênis) (FREUD, 1925/1992). Então, o fetiche disfarçadamente preserva no adulto a fantasia infantil que supõe à indiferença sexual. De outra maneira, o homem mantém-se psicologicamente aferrado a mentalidade do menino, em que permanece viva a ilusão de que a mulher também dispõe de um pênis, assim como ele. A mulher a que se faz referência - objeto de amor primeiro, alvo de investimento libidinal torrencial - é a própria mãe (FREUD, 1927b/1992). "Para dizê-lo com maior clareza: o fetiche é o substituto do falo da mulher (da mãe) em que o menino crê e não quer renunciar" (FREUD, 1927b/1992, p. 148, tradução nossa)⁵⁶.

Se, como visto, a ameaça de castração é uma das principais fontes que impulsionam o menino para fora do conflito edípico, viabilizando o soterramento do complexo de Édipo, a estratégia do fetichista propicia a consumação do desejo incestuoso, porque dribla a interdição do incesto quando neutraliza a ameaça de castração por meio do fetiche. Vê-se que o fetiche concilia, no domínio inconsciente, a ausência e a presença do pênis da mãe, em uma coexistência entre o impulso (incestuoso) e a defesa, fruto de uma fissura no interior do "eu", que aparta os opostos a ponto de ignorarem-se mutuamente⁵⁷. Evidentemente, a recusa da

⁵⁶ "Para decirlo con mayor claridad: el fetiche es el sustituto del falo de la mujer (de la madre) en que el varoncito ha creído y al que no quiere renunciar [...]" (FREUD, 1927b/1992, p. 148).

⁵⁷ "O eu da criança se encontra, pois, a serviço de uma poderosa exigência pulsional que está habituado a satisfazer, e de repente é aterrorizado por uma vivência que lhe ensina que prosseguir com esta satisfação traria por resultado um perigo real-objetivo difícil de suportar. E então deve decidir-se: reconhecer o perigo real, curvar-se diante dele e renunciar a satisfação pulsional, ou recusar a realidade objetiva, inculcar a crença de que não há razão alguma para ter medo, a fim de assim preservar a satisfação. É, portanto, um conflito entre a exigência da pulsão e o veto da realidade objetiva. Contudo, a criança não faz nenhuma dessas duas coisas, ou melhor, faz as duas simultaneamente, o que é a mesma coisa. Responde ao conflito com duas reações contraditórias, ambas válidas e eficazes. Por um lado, rechaça a realidade objetiva com ajuda de certos mecanismos, e não se deixa proibir nada; por outro, em seguida, reconhece o perigo da realidade

diferença sexual não se consuma gratuitamente, portanto a permanência da imagem fantástica da mulher (mãe) com pênis é sujeitada a uma deformação, produto da ação defensiva, em decorrência da qual é deslocada para o fetiche, em uma figuração que triunfa sob a ameaça de castração e a interdição do incesto (FREUD, 1927b/1992). "Permanece como o sinal do triunfo sobre a ameaça de castração e de proteção contra ela" (FREUD, 1927b/1992, p. 149, tradução nossa)⁵⁸, porque o fetiche significa "tanto que a mulher está castrada quanto que não está castrada" (FREUD, 1927b/1992, p. 151, tradução nossa)⁵⁹.

A conciliação de interesses contraditórios, mencionada acima, dá a possibilidade da permanência psíquica da indiferenciação sexual, ao mesmo tempo em que apazigua os ânimos do conflito entre as instâncias psíquicas opostas, mas a preço de uma divisão no interior do "eu". Para sufocar e ao mesmo tempo preservar a representação fantasiosa da mulher com pênis, o processo defensivo promove uma rachadura na instância psíquica denominada "eu" (FREUD, 1927b/1992). Em outras palavras, quando a ameaça da castração impõe-se e reivindica a resignação da satisfação incestuosa, a defesa pode encontrar uma solução recorrendo ao engenho mais habilidoso, que dispensa a renúncia da inclinação incestuosa e isenta-se da opressão ameaçadora por meio de uma alternativa custosa: uma clivagem do "eu".

Essa é uma solução muito hábil da dificuldade, há de ser confessado. Ambas as partes em disputa recebem o seu: a pulsão tem permissão para manter a satisfação, a realidade objetiva recebeu o devido respeito. Mas, como se sabe, somente a morte é gratuita. O resultado foi alcançado as expensas de uma rasgadura no eu que nunca se reparará, que se fará maior com o tempo. As duas reações contraditórias frente ao conflito

objetiva, assume a angústia diante dela como um sinal de sofrimento e logo busca defender-se dela" (FREUD, 1940[1938]/1991, p. 275, tradução nossa) / "El yo del niño se encuentra, pues, al servicio de una poderosa exigencia pulsional que está habituado a satisfacer, y es de pronto aterrorizado por una vivencia que le enseña que proseguir con esa satisfacción le traería por resultado un peligro real-objetivo difícil de soportar. Y entonces debe decidirse: reconocer el peligro real, inclinarse ante él y renunciar a la satisfacción pulsional, o desmentir la realidad objetiva, instilarse la creencia de que no hay razón alguna para tener miedo, a fin de perseverar así en la satisfacción. Es, por tanto, un conflicto entre la exigencia de la pulsión y el veto de la realidad objetiva. Ahora bien, el niño no hace ninguna de esas dos cosas, o mejor dicho, las hace a las dos simultáneamente, lo que equivale a lo mismo. Responde al conflicto con dos reacciones contrapuestas, ambas válidas y eficaces. Por un lado, rechaza la realidad objetiva con ayuda de ciertos mecanismos, y no se deja prohibir nada; por el otro, y a renglón seguido, reconoce el peligro de la realidad objetiva, asume la angustia ante él como un síntoma de padecer y luego busca defenderse de él" (FREUD, 1940[1938]/1991, p. 275).

⁵⁸ "Perdura como el signo del triunfo sobre la amenaza de castración y de la protección contra ella" (FREUD, 1927b/1992, p. 149).

⁵⁹ "Tanto que la mujer está castrada cuanto que no está castrada" (FREUD, 1927b/1992, p. 151).

permanecerão como núcleo de uma cisão do eu (FREUD, 1940[1938]/1991, p. 275-276, tradução nossa)⁶⁰.

Convém atentar-se para o fato de que a divisão do "eu" é fenômeno distinto da divisão da psique: "[...] ao descrever uma *clivagem do ego* (intra-sistêmica) e não uma clivagem *entre instâncias* (entre o ego e o id), Freud quer pôr em evidência um processo novo em relação ao modelo do recalque e do retorno do recalcado" (LAPLANCHE & PONTALIS, 1998, p. 67). O processo de clivagem é efetuado em uma instância psíquica específica, e configura uma alternativa ao conflito psíquico, em que a cisão do "eu" amortiza-o, já que possibilita a conciliação de elementos opostos, sem que um "perceba" e interfira diretamente sobre o outro. Se bem, portanto, as formações neuróticas referirem a exacerbação de um conflito entre as instâncias psíquicas, cujo *compromisso* pode resultar na formação de sintomas, os desenlaces perversos relacionam-se com a divisão do "eu", um recurso defensivo frente ao conflito entre as instâncias psíquicas.

O que é da maior importância na trajetória que trouxe-nos até aqui, sintetiza-se no discernimento de que a "psicanálise das perversões" - com ênfase à "psicanálise do fetichismo" - pôs a mostra seu mecanismo psíquico subjacente, que fundamenta a psique e é, portanto, essencial ao jeito de ser e viver do indivíduo. A clivagem do "eu", aspecto central do psiquismo perverso, é a matéria-prima que jaz oculta aos desfechos manifestos, seja no campo da sexualidade, seja em qualquer outro domínio que acolha a vida humana.

Finalmente, de acordo com o apresentado ao longo do presente ensaio, ou melhor, de acordo com o caminho aqui percorrido na obra de Freud, pode-se concluir que, no plano psíquico, a perversão pode ser sumamente caracterizada como uma perturbação no desenvolvimento psicosexual, em que o processo defensivo mais ou menos possibilita a vazão da disposição originária perverso-polimorfa. Além disso, a perversão vem a ser o que é, resumidamente, por um destacamento prematuro de um componente parcial da sexualidade, uma fixação pré-genital, que predispõe à uma regressão narcísica, por sua vez acontecida no interior do complexo de castração e no limiar do complexo de Édipo, em que a

⁶⁰ "Es esa una solución muy hábil de la dificultad, hay que confesarlo. Ambas partes en disputa han recibido lo suyo: la pulsión tiene permitido retener la satisfacción, a la realidad objetiva se le ha tributado el debido respeto. Pero, como se sabe, sólo la muerte es gratis. El resultado se alcanzó a expensas de una desgarradura en el yo que nunca se reparará, sino que se hará más grande con el tiempo. Las dos reacciones contrapuestas frente al conflicto subsistirán como núcleo de una escisión del yo" (FREUD, 1940[1938]/1991, p. 275-276).

engenhosidade perversa dribla a ameaça de castração e a interdição do incesto, por meio de uma divisão do "eu", cujo desdobramento é a harmonização perigosa de disposições contraditórias na essência do "eu" (consciente e inconsciente) - sem que ambas se misturem entre si -, que vão atravessar o universo anímico do indivíduo por inteiro, seu comportamento e o seu jeito de viver.

Uma reflexão...

Depois de percorrido o caminho que nos trouxe até aqui, se tem condições de afirmar com certeza que a psicanálise não adentrou nos assuntos sexuais para defender um tipo específico de prática sexual, tampouco para exercer vigilância e condenar a sexualidade chamada desviante. Como visto, Freud constatou a conexão entre o sofrimento psíquico de seus pacientes e aspectos da sexualidade antes mesmo do nascimento da psicanálise. Assim, a sexualidade interessa à psicanálise em razão exclusiva de seu nexos íntimo e fundamental com os processos anímicos, especialmente a formação e o desenvolvimento psíquico e seus desdobramentos na maneira de ser e viver, com ênfase às formas de sofrimento. Portanto, o estudo das perversões aqui empreendido vai em mesmo sentido, isto é, se propõe a contribuir com a compreensão psíquica das perversões e de seus possíveis efeitos. Aliás, é assunto que provoca uma reflexão adicional, apresentada em seguida, com a qual encerra-se este primeiro capítulo.

Na condição de permanecer válida a proposição psicanalítica sobre origem psíquica da disposição civilizatória, ou seja, se ainda está de pé a hipótese que propõe que a gênese dos reguladores sociais, simbólicos e objetivos, são derivações da resignação do complexo de Édipo (FREUD, 1913[1912-13]/1996), os desfechos perversos podem não encerrar, essencialmente, a arrumação interna que disponha favoravelmente à vida em sociedade. Atravessar com sucesso o complexo de Édipo - conflito nuclear das neuroses - proporciona a renúncia ao desejo incestuoso e a concordância com a interdição do incesto. Como resultado, se viabilizará a internalização das figuras parentais (resignadas) e a edificação da instância psíquica conhecida pelo nome de *sobre-eu* (FREUD, 1923a/1992; 1924b/1992). Vê-se que a formação do sobre-eu, instância psíquica que na dinâmica dos processos anímicos servirá como modelo de perfeição, por assim dizer, é antecedida por um percurso ao longo do qual não faltam "oportunidades" de

emperramento. Se bem a construção acabada do sobre-eu é sem dúvida a marca de um ganho coletivo, porque, resumidamente, ao erguê-lo se dá o rebaixamento da individualidade e dos interesses narcisistas, seu desabrochar integral é precedido por obstáculos árdios. Talvez, portanto, não sejam raros os casos em que o sobre-eu não se edifica integralmente, sobretudo em tempos em que é flagrante a escalada do narcisismo.

Quando Freud (1913[1912-13]/1996) compara a vida anímica dos selvagens com a dos neuróticos, demonstra que em ambos a inclinação aos crimes de Édipo é ainda uma torrente avassaladora. Aos primeiros, para quem os tabus do incesto e do parricídio são construções (psíquicas) recentes, ainda não muito firmes, impõe-se punições severas aos eventuais transgressores, porque quanto maior a potência dos impulsos edípicos, por assim dizer, maior deve ser a força assustadora para contê-los; aos segundos, que mais ou menos reproduzem o psiquismo dos primeiros, à inclinação edípica poderosa impõe-se uma objeção interna também enérgica, e a pressão proveniente deste conflito escapa pela via do sintoma - que simbolicamente consoma os impulsos edípicos. Em resumo, as proibições que se encontram na base dos tabus existentes nas culturas primitivas e também, decerto, na defesa tipicamente neurótica, são reveladoras de tendências para cuja realização há uma forte propensão inconsciente (FREUD, 1913[1912-13]/1996). A partir disto, é possível inferir que o sepultamento do complexo de Édipo dispõe beneficentemente à formação e ao desenvolvimento civilizatório, porque a renúncia às inclinações edípicas e o consentimento com a interdição do incesto conduzirá a resignação do individualismo em favor da consecução das obrigações sociais. Em uma enunciação de Freud (1925/1992) sobre o desfecho ideal do complexo de Édipo, isto é, o distanciamento em relação ao incesto, a instituição da consciência moral e a moral em si, afirma que é "um triunfo da geração sobre o indivíduo" (p. 275, tradução nossa)⁶¹.

Ainda em *Totem e tabu*, Freud (1913[1912-13]/1996) propõe que a depender da resolução do complexo de Édipo assenta-se (ou não) as bases para as particularidades posteriores da relação do indivíduo com os reguladores sociais. Ao demonstrar que a relação do aborígene australiano com seu totem constituía o alicerce de "todas as suas obrigações sociais" (p. 22) e que os tabus do incesto e do

⁶¹ "Un triunfo de la generación sobre el individuo" (FREUD, 1925/1992, p. 275).

parricídio, bases do totemismo, não provinham de uma moralidade ou religiosidade prévia, provinham, na realidade, da dinâmica edípica, demonstrou que o tabu tem origem psíquica e, portanto, tornou viva a vinculação entre o psíquico e o social. As proibições aos crimes de Édipo impunham-se por si só, sem explicação, sem a força de uma instância proibitiva, efetivava-se na prática sem um porquê, ou melhor, sem um porquê racionalmente observável, pois Freud (1913[1912-13]/1996) fez perceber sua gênese psíquica e, conseqüentemente, sua importância na formação cultural dos povos: "[...] os começos da religião, da moral, da sociedade e da arte convergem para o complexo de Édipo" (p. 158).

Então, se bem o campo psicológico declara uma ojeriza justificada à um tipo de psiquismo modelo, que supostamente reuniria as condições ideais, isto não significa minimizar a importância do conhecimento psicológico sobre os distúrbios mentais. Como se sabe, a psicanálise nasceu primeiramente enquanto um procedimento médico destinado ao tratamento de neuroses e depois alçou à posição de um método de investigação da psique, aplicável à patologia e à normalidade. Como resultado, produziu um conhecimento amplo sobre os processos mentais, válido também como um alerta sobre os perigos advindos da alma humana. A obra de Freud, com ênfase aos relatos clínicos, pode servir de base para exemplificar os impedimentos impostos pelo sofrimento psíquico, que pode comprometer completamente a vida de um indivíduo, com desdobramentos também negativos aos familiares e também à sociedade.

Pelo exposto, talvez as perversões, ao desviarem-se habilidosamente da interdição do incesto, careçam de um recurso psíquico elementar ao processo civilizatório, o que é preocupante. Mas é tema delicado e complexo, que exige muito estudo e pesquisa, sem dúvida. De qualquer maneira, quando o assunto é a alma humana, é muito complicado e perigoso promover um determinado saber à condição de "regra", isto é, admiti-lo como uma verdade absoluta, com base na qual se pode orientar ações futuras. É complicado, porque, novamente, o processo de constituição e desenvolvimento psíquico contempla particularidades que abarcam, inclusive, o acidental. E, então, muito embora se saiba de "acontecimentos psíquicos" comuns, por assim dizer, existem outras interferências de peso no percurso de formação do psiquismo, dado que permite inferir que são múltiplos e variados os correspondentes manifestos e os desdobramentos de uma determinada conformação psíquica na

maneira de ser viver de um determinado indivíduo. É perigoso, porque a existência de "verdades absolutas", amparadas pela ciência, principalmente em matérias que fazem fronteira com o campo moral, podem servir para justificar ações individuais e coletivas de caráter irracional, como a discriminação e a violência dirigida aos loucos e perversos, por exemplo, conforme já abordado no início deste capítulo.

E é por isso que, a fim de impossibilitar interpretações inverídicas, vale ressaltar que aqui não se está advogando em favor de qualquer discriminação, execração, segregação, etc. O que se deseja realmente, é por em relevo uma temática que precisa ser amplamente debatida. Aqui, se está dando ênfase aos processos psíquicos que podem estar associados ao empobrecimento das relações humanas e, considerando que o cenário contemporâneo inclui em si uma constelação de forças que também provocam o declínio da "humanidade" nas relações interpessoais, discorrer sobre as perversões e demais aspectos que orbitam em seu entorno, é sem dúvida oportuno e urgente.

Aliás, uma das faces do empobrecimento das relações humanas, expresso no ódio, na hostilidade e/ou na violência que permeia bom número de relações no cotidiano escolar, é assunto a ser explorado adiante.

2. Violência e *bullying*: considerações psicanalíticas

2.1 A violência

Com certeza, a violência não é uma realidade particularmente contemporânea. Ao contrário, é tão velha quanto o próprio homem. É antiquíssima! (DOMENACH, 1981). Também é verdade que não há, nem nunca houve, sociedade sem violência, "mas sempre existiram sociedades mais violentas que outras, cada uma com sua história" (MINAYO, 2006, p. 15). É um fenômeno milenar e planetário, e a história da humanidade, as narrativas bíblicas, as mitologias, o folclore, etc., confirmam sua existência temporal e espacialmente onipresente e multiforme, "pois a violência é universal, e ela existe em estado pelo menos latente em todo indivíduo, quaisquer que sejam seu sexo, sua idade, sua classe social ou sua etnia" (BERGERET, 1972/2006, p. 89).

A partir do latim *vis*, a palavra violência, originariamente, quer dizer "força e se refere às noções de constrangimento e de uso da superioridade física sobre o outro" (MINAYO, 2006, p. 13). Em essência, o vocábulo dá nome às expressões mais variadas da "força da natureza" e da "força humana", em que não raramente se enaltece seu potencial de transformação e se enxerga com olhos mais benévolos as intempéries decorrentes, consideradas estímulos indispensáveis à evolução da vida. Em tempos distantes dos nossos, fazia-se até mesmo uma avaliação positiva das manifestações da "força", mesmo em vista de possíveis efeitos deletérios.

Depois, a partir da modernidade, se estabelece um paralelismo entre as noções de "força" e "violência", agenciando em seguida a diluição completa da noção de "força" e o estabelecimento definitivo da noção de "violência", a qual denota desde então um juízo de valor negativo que permanece até os dias de hoje (DOMENACH, 1981). Aos contemporâneos é praticamente impossível exercitar o entendimento que a antiguidade, por exemplo, nutria a propósito do assunto, porque na atualidade é inconcebível uma aceção que não considere a "violência" um fenômeno negativo.

Então, nem sempre foi como é hoje, mas agora não há a menor possibilidade de qualificar a "violência" senão como um "problema": doméstico, escolar, organizacional, social, humano. Os índices de violência, que serão apresentados posteriormente, demonstram quão problemática é a violência no Brasil de hoje, por

exemplo. Com base no enunciado pela Organização Mundial da Saúde (OMS), oferece-se abaixo uma definição contemporânea do vocábulo, que reproduz o entendimento generalizadamente aceito por leigos e estudiosos do assunto. A violência é

O uso deliberado da força física ou o poder, ou em grau de ameaça ou efetivo, contra si mesmo, outra pessoa ou um grupo ou comunidade, que cause ou tenha muitas probabilidades de causar lesões, morte, danos psicológicos, transtornos do desenvolvimento ou privações (OMS, 2002, p. 5, tradução nossa)⁶².

Em uma descrição genérica, a violência, na prática, se coloca a serviço da intimidação e da dominação; da subjugação e da expropriação dos bens; se coloca a serviço do controle abusivo da alma e do corpo.

Apesar da compreensão depreciativa da violência no contemporâneo, vê-se que os dois pilares fundamentais sobre os quais ganha vida e se assenta a civilização humana, quais sejam, (a) o desenvolvimento e o emprego de saberes e procedimentos para controlar e extrair da natureza os bens voltados à satisfação das necessidades humanas e (b) as normatizações reguladoras das relações dos seres humanos entre si, principalmente a distribuição da riqueza produzida (FREUD, 1927a/1992), investem censura contra a disposição originariamente humana, e deixam ver que o processo civilizador é sem dúvida permeado por um tipo de violência repressora, porque para alicerçar a civilização é imperativo o cerceamento do indivíduo, como se verá adiante.

Tão interessante quanto irônico é que até mesmo o nascimento de uma cultura e de uma sociedade organizada dependa infalivelmente da violência, porque a formação sociocultural reivindica forçosamente a coibição e a abdicção parcial dos impulsos humanos (FREUD, 1927a/1992). Trata-se, grosseiramente, da aplicação de uma modalidade de violência com a finalidade de estrangular e prevenir a erupção de outra modalidade julgada mais perniciosa. As normas e regulamentos que prosperaram com a civilização tem por finalidade primária e basilar protegê-la dos indivíduos (FREUD, 1927a/1992). Em outras palavras, para impedir o escoamento da inclinação humana (individual) à maldade, o grupo humano

⁶² "El uso deliberado de la fuerza física o el poder, ya sea en grado de amenaza o efectivo, contra uno mismo, otra persona o un grupo o comunidad, que cause o tenga muchas probabilidades de causar lesiones, muerte, daños psicológicos, trastornos del desarrollo o privaciones" (ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE, 2002, p. 5).

impõe determinações severas que pretendem impedi-la, cerceando-a para praticamente inutilizá-la. Portanto, para colocar-se acima de sua origem animal, a humanidade necessitou intervir violentamente sobre sua própria disposição originária, a fim de produzir um tipo humano modificado, com maiores condições de viver em sociedade. E este acontecimento de alguma forma se repete com cada um de nós durante o processo de socialização primária, em que o indivíduo mais ou menos se apropria da cultura.

Se a edificação e o desenvolvimento sociocultural requerem, em caráter obrigatório, a sufocação e a renúncia de parte da disposição humana, é possível deduzir que, essencialmente, a alma humana contém ímpetos antissociais. Inevitavelmente, para impedir a vazão da violência empreende-se uma contenção também violenta. A civilização oferece garantias e proteção individual, por um lado, em troca de uma parcela de abstenção, por outro. Mas, como não há quem abdique com boa vontade, o antagonismo entre indivíduo e sociedade é originário, é pré-histórico, porém continua vigente e é bem provável que assim permaneça. Quer dizer, abdicar produz um desconforto, e permanecer abdicando pode também produzir a contrariedade e a raiva. Aliás, o ódio acumulado se direciona diretamente aos principais responsáveis pela socialização primária e pela transmissão cultural. Geralmente, são dirigidos à família, mas também à escola, à religião, ao Estado, entre outros. A reação à renúncia é infalível, então se pode afirmar com certeza que a insatisfação e o rancor são contrapartidas implacáveis, não obstante a variabilidade em seu desdobramento concreto. Em uma proposição sucinta, pode-se dizer que nem todo indivíduo responderá odiosa e destrutivamente às exigências culturais e civilizatórias, entretanto todos são potencialmente odiosos e destrutivos. O gênio de Freud (1927a/1992) sintetiza o exposto com o seguinte excerto: "todo indivíduo é virtualmente um inimigo da cultura" (p. 6, tradução nossa)⁶³.

Em sentido amplo e fundamental, conforme a proposição de Domenach (1981), segundo a qual "a violência dos indivíduos e dos pequenos grupos deve ser colocada em relação com a violência dos Estados; a violência dos conflitos, com a das ordens estabelecidas" (p. 40, tradução nossa)⁶⁴, a violência do indivíduo contra

⁶³ "Todo individuo es virtualmente un enemigo de la cultura" (FREUD, 1927a/1992, p. 6).

⁶⁴ "La violencia de los individuos y de los pequeños grupos debe ponerse en relación con la violencia de los Estados; la violencia de los conflictos, con la de los órdenes establecidos" (DOMENACH, 1981, p. 40).

a cultura está relacionada com a violência da cultura sobre o indivíduo. Se à formação humana e à socialização é indispensável uma intervenção cuja força seja suficiente para assegurar o andamento da civilização, é também inevitável uma reação mais ou menos hostil proveniente do indivíduo em direção à cultura. Desde o princípio, portanto, a violência é uma via de mão-dupla, por assim dizer.

Certamente, são múltiplos os fatores que vão determinar qual será a proporção de violência a ser abertamente exposta por cada indivíduo, violência perpetrada tanto em relação à si mesmo quanto ao outro e às instituições socioculturais. Talvez, a maneira como se dá a socialização primária, ora com maior, ora com menor assimilação da cultura; a maior ou menor disposição individual para renunciar aos impulsos (individuais) e aceitar a intervenção da cultura; a proporção da necessidade de extravasar o ódio; as condições de vida e trabalho, isto é, a proporção de agressão, dissimulada e duradoura, que permeia o cotidiano; o desemprego e a exclusão social; a baixa escolaridade; a conjuntura internacional atrelada à propagação da vida centrada no consumo e na materialidade; o enfraquecimento consequente dos vínculos interpessoais; etc., sejam alguns dos determinantes da violência em suas mais variadas facetas.

Pode-se observar também que, conforme os usos e costumes e/ou conforme a lei, a violência é mais ou menos aceita por cada uma das sociedades, a depender dos parâmetros de organização da vida, vigentes em cada época e local (MINAYO, 2006). Assim, existem muitíssimas diferenças entre os povos, em referência à aprovação ou reprovação de ações violentas específicas. Há, por exemplo, aquela sociedade em que o infanticídio é praticado normalmente: parte dos recém-nascidos do sexo feminino são executados, porque é costume a poliandria - poligamia reservada exclusivamente às mulheres -, e há, portanto, o interesse generalizado em preservar uma superioridade numérica de homens em relação às mulheres (LÉVI-STRAUSS, GOUGH & SPIRO, 1980). Uma observação rápida deixa ver que o infanticídio é predominantemente condenado no mundo civilizado, contudo o aborto é praticado normalmente por número expressivo de sociedades, mas também é considerado crime por muitas nações. Por meio deste único exemplo, vê-se, portanto, que são muitas as variações e particularidades na assimilação e na reação à violência.

Se, como visto, a violência existe desde os primórdios e germina no íntimo de cada um de nós, uma questão se apresenta: que particularidades permeiam a maneira como a civilização ocidental contemporânea apreende e se comporta frente a violência e suas manifestações? Por que a violência é atualmente um dos assuntos mais explorados nos mais variados setores das sociedades, inclusive no Brasil? Talvez, um ingrediente de peso seja o principal responsável pela visibilidade atual e historicamente incomum em torno da violência: seu incremento qualitativo e quantitativo na contemporaneidade, por um lado, a impunidade e a dificuldade enorme em contê-la, por outro.

Aparentemente, a fagulha originária alcançou a contemporaneidade na conformação de um incêndio fora de controle, ou melhor, o ímpeto primitivo e no entanto permanente à violência está encontrando maior abertura para ser extrapolado e maior espaço para estabelecer-se. No Brasil, a história recente registra uma escalada assombrosa da violência social, sobretudo a partir dos anos 1980 (MINAYO, 2006). Tudo leva a crer que a propagação da violência se dá também nos demais países do globo, inclusive nos países desenvolvidos, embora em muito menor proporção. Dados da Organização Mundial da Saúde (OMS, 2002) deixam ver um alto índice de homicídios nos países das Américas Central e do Sul e também nos EUA, e um alto índice de suicídio em países da Europa e também em alguns países da Ásia. De fato, "não há país nem comunidade a salvo da violência. [...] É um flagelo ubíquo que dilacera o tecido comunitário e ameaça a vida, a saúde e a felicidade de todos nós" (OMS, 2002, p. 1, tradução nossa)⁶⁵.

O incremento da violência no Brasil a partir dos anos 1980 torna-se evidente quando se tem em vista os dados de pesquisas recentes baseadas no número de mortes por homicídio, homicídios por armas de fogo e o homicídio de mulheres, por exemplo. Evidentemente, a violência reúne muitos outros tipos de manifestação, mas o homicídio, ponto final da ação violenta, sem dúvida serve de balizador sobre a proporção e a intensidade da violência como um todo. "Da mesma forma que a virulência de uma epidemia é indicada, frequentemente, pela quantidade de mortes que origina, também a intensidade nos diversos tipos de violência guarda relação com o número de mortes que origina" (WAISELFSZ, 2010, p. 10).

⁶⁵ "No hay país ni comunidad a salvo de la violencia. [...] Es un azote ubicuo que desgarrar el tejido comunitario y amenaza la vida, la salud y la felicidad de todos nosotros" (OMS, 2002, p. 1).

É oportuno, aqui, visualizar diretamente os números, que falam por si:

Os registros do SIM [Sistema de Informações sobre Mortalidade] permitem verificar que, entre 1980 e 2014, morreram perto de 1 milhão de pessoas (967.851), vítimas de disparo de algum tipo de arma de fogo. Nesse período, as vítimas passam de 8.710, no ano de 1980, para 44.861, em 2014, o que representa um crescimento de 415,1%. Temos de considerar que, nesse intervalo, a população do país cresceu em torno de 65%. Mesmo assim, o saldo líquido do crescimento da mortalidade por armas de fogo, já descontado o aumento populacional, ainda impressiona pela magnitude (WAISELFSZ, 2016, p. 15).

Pelos registros do SIM [Sistema de Informações sobre Mortalidade], entre 1980 e 2013, num ritmo crescente ao longo do tempo, tanto em número quanto em taxas, morreu um total de 106.093 mulheres, vítimas de homicídio. Efetivamente, o número de vítimas passou de 1.353 mulheres em 1980, para 4.762 em 2013, um aumento de 111,1% (WAISELFSZ, 2015, p. 11).

O Brasil, sem conflitos religiosos ou étnicos, de cor ou de raça, sem disputas territoriais ou de fronteiras, sem guerra civil ou enfrentamentos políticos, consegue a façanha de vitimar, por armas de fogo, mais cidadãos do que muitos dos conflitos armados contemporâneos, como a guerra da Chechênia, a do Golfo, as várias intifadas, as guerrilhas colombianas ou a guerra de liberação de Angola e Moçambique, ou, ainda, uma longa série de conflitos armados acontecidos já no presente século (WAISELFSZ, 2016, p. 70).

Os estudos dão ainda outros dados importantíssimos. Deixam ver que nos últimos anos da década de 1990 há uma "interiorização da violência", isto é, há uma diminuição substancial da violência nas capitais e regiões metropolitanas, mas em compensação há um acréscimo nas cidades do interior (WAISELFSZ, 2010). Isto quer dizer que atualmente não há fronteiras para a violência, posto que a mesma se difundiu amplamente por toda extensão territorial dos estados que compõem o território brasileiro, não se concentrando como antes somente nos grandes centros urbanos. A escalada da violência a partir dos anos 1980 certamente apresenta relação com outros processos vivenciados pela nação brasileira no mesmo período. Sabe-se, por exemplo, que após os anos 1980 houve aqui a intensificação da globalização e o aceleração dos processos de reestruturação produtiva e conseqüentemente um aumento da exclusão social, fator provavelmente associado ao crescimento da violência social (MINAYO, 2006).

Empenhado em compreender os principais motivadores que possam explicar o crescimento astronômico dos homicídios no Brasil após a redemocratização do país, Waiselfsz (2010) correlaciona o índice de homicídios de 70 países com alguns indicadores do Índice de Desenvolvimento Humano (IDH). Como um todo, o IDH

apresentou uma correlação moderada com o índice de homicídios, embora a associação exclusiva com o PIB per capita tenha apresentado uma correlação mais relevante. Por outro lado,

[...] os indicadores que surpreenderam pela elevada capacidade explicativa foram os relativos à concentração/distribuição da renda. Vemos que os coeficientes de correlação, nesse caso, são muito elevados, principalmente os do indicador que só leva em conta os extremos da distribuição: quantas vezes maior é a renda dos 10% mais ricos em relação aos 10% mais pobres. Vemos que aqui o coeficiente de correlação gira em torno de 0,700, com um poder de determinação total de 47,9%. Noutras palavras: quase 48% da variação dos índices de homicídio total é explicado pela variação dos índices de concentração de renda (WAISELFSZ, 2010, p. 147-148).

A conclusão enuncia abertamente que a causação dos assassinatos, em particular, e da violência, em geral, está muito mais correlacionada com a má distribuição de renda do que com a pobreza, por exemplo. Como visto, a crescente exclusão social após a redemocratização do país, com o neoliberalismo, a globalização, a reestruturação produtiva, etc., além da má distribuição de renda, são fatores certamente associados a violência crescente no cenário nacional. Por alto, o nosso mundo globalizado difundiu extensamente uma associação falaciosa entre a felicidade e um alto padrão de consumo, incutindo generalizadamente o desejo de aquisição de bens que proporcionem um estilo de vida próximo ao modelo disseminado. Com efeito, a ostentação concreta, de uma parte, a falta e o desejo de ter e ostentar, por outra, escancaram a enorme concentração de renda no país e no mundo e alimentam a vaidade e a frivolidade, daqui, o ódio e a inveja, dali. Ou melhor, a consolidação do consumismo enquanto um hábito que já é parte de nossa cultura, seja o consumismo que se concretiza, seja o consumismo que é sonhado, pode ser considerado um efeito do modelo socioeconômico vigente. Segundo parece, na maior parte dos casos a má distribuição de renda não se desdobra em ações contrárias à legalidade e à ordem pública, mas uma parcela crescente já não se conforma e vai até as últimas consequências. A grosso modo, em um mundo em que se acredita que a felicidade depende principalmente do "ter", quem tem, quer ter mais! e quem não tem, quer ter a qualquer custo!

Até aqui se viu, sumariamente, que a violência é primordial, se encarna a partir do homem e se altera por meio da relação dos homens entre si, ou melhor, por meio da relação do indivíduo com a cultura; é inerente à condição humana e ao processo civilizatório; é evento psíquico e social. Viu-se, também superficialmente,

que as ações violentas são mais ou menos aceitas conforme as particularidades de cada época e sociedade, mas que sobretudo a partir da modernidade o ocidente repudiou integralmente a violência. Por último, foram apresentados alguns indicadores sobre o incremento da violência no contemporâneo, especialmente no Brasil, fator que justifica a atenção crescente dada ao tema. Aliás, os indicadores também evidenciaram a vinculação da violência com as condições socioculturais vigentes, as quais não serão profundamente abordadas aqui, mas é bom que o sumário apresentado permaneça na memória enquanto caracterização do contexto em que estão inseridos os homens e as mulheres da contemporaneidade, porque é neste contexto que se constitui o sujeito psíquico contemporâneo.

Em outras palavras, viu-se que a violência é parte inerente da vida e de cada um de nós, e que é impossível e talvez até mesmo indesejável eliminá-la por completo. Para mantê-la dentro de limites aceitáveis, isto é, para direcionar seu extravasamento para ações construtivas, seja no plano individual, seja no plano coletivo, é oportuno admitir, desde o princípio, a potência do impulso originário à violência. Decerto, a problemática da questão restrinja-se as circunstâncias em que a violência posta em ação se eleve até um patamar desmesurado ou àquelas em que se processe seu abafamento completo, caso em que simultaneamente se sufoca as demais possibilidades de expressão genuína dos afetos. Aparentemente, a problemática é de ordem quantitativa. Ou se pode dizer, em linguagem figurada, que as águas tormentosas destroem e a água parada apodrece.

Em posse destas informações gerais, pode-se avançar em direção ao assunto principal do presente trabalho. Adiante, então, discorrer-se-á sobre a violência deflagrada no ambiente escolar, ou melhor, sobre uma modalidade de violência entre pares cujas particularidades e a proporção crescente na contemporaneidade justificaram o emprego de uma terminologia específica, a saber, o *bullying* (MOREIRA, 2010). Dado o incremento generalizado da violência na sociedade brasileira, àquela deflagrada no interior de nossas escolas é mais uma ramificação que acompanha a marcha geral. Portanto, é possível inferir que o *bullying* está relacionado com uma conjuntura muito mais ampla que apenas o circuito interno das instituições de ensino formal: o *bullying* se materializa nas escolas, mas sua proporção e conformação presente com certeza está relacionada com fatores de muito maior amplitude, os quais se desdobram no modelo de vida, família e trabalho

na contemporaneidade, e, conseqüentemente, permeiam à constituição psíquica no contemporâneo. Enquanto um determinante com força para intervir na cultura de um povo, nos hábitos cotidianos e na maneira dos indivíduos relacionarem-se entre si, no interior da família, na escola, no trabalho, etc., a conjuntura socioeconômica internacional é elemento de peso no quadro de violência alarmante das nações subdesenvolvidas.

2.2 A violência nas escolas

Acompanhando o ritmo da realidade brasileira, a partir de meados dos anos 1980 a violência escolar adquiriu contornos mais radicais e não por acaso foi gradualmente incorporada ao terreno da segurança pública, quando se verificou uma diminuição das intervenções de teor educativo. Resumidamente, constatou-se nas escolas um agravamento da violência no campo das relações humanas. Se antes predominava o vandalismo, hoje a violência atravessa a convivência cotidiana. "Os primeiros diagnósticos baseados em levantamentos parciais sempre apontaram as depredações, furtos e invasões em períodos ociosos como os grandes problemas dos anos 1980 [...]" (SPOSITO, 2001, p. 92). Porém, já nesse período se tem dados que confirmam a existência de ocorrências de violência entre pares nas escolas, em variadas localidades do território brasileiro. Mais evidente a partir dos anos 1990, houve uma mudança no padrão da violência nas escolas públicas, principalmente, em que ao vandalismo se acrescentou as agressões interpessoais entre estudantes, sobretudo por meio de agressões verbais e ameaças (SPOSITO, 2001). Novamente, se verificou a "interiorização da violência", porque também a violência escolar "alcanç[ou] as cidades médias e regiões menos industrializadas e não é[foi] evitad[a] a partir de medidas de segurança interna aos estabelecimentos" (SPOSITO, 2001, p. 94).

Conforme enunciado acima, a mudança no padrão de violência nas escolas acarretou a adoção de medidas alternativas por parte do poder público, que incluiu o assunto na esfera da segurança pública. Em outras palavras, o incremento quantitativo e também o agravamento qualitativo das ações violentas foi contraposto com intervenções mais duras, isto é, com o fortalecimento do aparelho repressivo, para além das estratégias de conscientização, cujo efeito é de médio e longo prazo. Se um dos principais logros da formação humana é a criação de

condições interiores e exteriores favoráveis a não-violência, medidas como a redução de estratégias educativas, por uma parte, e a ampliação da contenção direta, por outra, anunciam um relativo fracasso no processo de formação humana no território brasileiro. E, quando a formação humana fracassa, a violência triunfa. Em outras palavras, quando as condições de vida e trabalho, a socialização primária no interior das famílias e o ensino convencional fracassam em assegurar o desenvolvimento humano e a interiorização da cultura, fatores que impedem, pela via de dentro, a deflagração da violência, há geralmente um recrudescimento da força repressiva que pretende a coibição da violência, pela via de fora. Não obstante ambas serem indispensáveis à manutenção da harmonia nas sociedades, quando a primeira, de natureza preventiva, fracassa acentuadamente, se está diante de um tipo de sociedade que propicia as condições primárias para a expressão mais crua da animalidade potencial conservada no íntimo de cada um.

2.3 *Bullying* é...

Sucintamente abordada, a reconfiguração da violência no cenário nacional, a partir dos anos 1980, é o contexto em que se desdobra a violência entre pares nas escolas, particularmente o *bullying*. Enquanto uma modalidade de violência, é presumível que o *bullying* também seja antiquíssimo, embora sua visibilidade seja relativamente recente, visto que os primeiros estudos sobre o fenômeno tenham emergido nos anos 1970 com Dan Olweus. Na maior parte dos casos, voltou-se maior atenção ao *bullying* apenas nos anos 1990, alavancada por meio de publicações do referido autor e de outros, que alcançaram relativa publicidade. Entretanto, foi sobretudo depois de acontecimentos trágicos, diretamente associados com o *bullying*, especialmente o assassinato de Rina Virk, em 1997, e o "Massacre de Columbine", em 1999, que os países da América do Norte debruçaram-se definitivamente sobre o fenômeno (HYMEL & SWEARER, 2015), cuja repercussão internacional mobilizou também muitos outros países no propósito de identificá-lo e combatê-lo.

Ultimamente, tem se tornado comum a veiculação na mídia de reportagens abordando o *bullying* escolar, dado que demonstra o crescente interesse pela temática, haja vista o aumento dos episódios que lhe são característicos e a intensificação da violência deflagrada (MACHADO JÚNIOR, 2011). Há algumas

décadas atrás pouco se ouvia a respeito do fenômeno, cuja a expressão manifesta dava-se em menor proporção e intensidade. Como visto, foi a partir da década de 1990 que a violência escolar - antes caracterizada principalmente pela depredação do patrimônio público, isto é, a danificação do espaço escolar perpetrada pelos próprios alunos, mediante pichações e demais vandalismos aos utensílios escolares - modificou-se gradualmente com o passar dos anos e caracteriza-se atualmente pela predominância da violência entre pares (SPOSITO, 2005). De maneira escancarada, as manifestações de ódio anteriormente direcionadas sobretudo à estrutura física e aos bens materiais da escola, isto é, a um conjunto de "coisas", está paulatinamente assumindo uma faceta em que se constata a deflagração de hostilidade e agressividade explícita entre os colegas. Assim, os veículos midiáticos tem abordado frequentemente o assunto, com a finalidade de lhe dar visibilidade e aparentemente alertar a população como um todo, principalmente pais e professores.

Muito embora a visibilidade atual do fenômeno, a definição conceitual do *bullying* ainda é motivo de confusão, a começar por seu nome, sem tradução em língua portuguesa. Uma vez sem tradução, a terminologia adotada suscita controvérsias, pois se argumenta que o referido palavreado venha tornar o fenômeno "algo abstrato", dificultando sua compreensão e distanciando-o da realidade da qual é proveniente, isto é, o contexto escolar, em que a expressão "zoar" - não equivalente, mas aproximada - é de uso corriqueiro (MACHADO JÚNIOR, 2011). Também se argumenta que a utilização da palavra *bullying* dá ares de se tratar de um fenômeno recente, em que a sofisticação da linguagem exerce um efeito ilusório, porque sugere um acontecimento exclusivamente contemporâneo, quando, na realidade, perpetrar violência física e/ou psicológica é um acontecimento milenar (NATALO, 2012).

Na realidade, a preocupação crescente em relação ao *bullying* é a resultante direta da proporção com que as ocorrências que lhes são correlatas tem se manifestado atualmente, pois ultrapassaram a medida que a sociedade civil classifica como normal. Então, independentemente de quão antigas são as manifestações que caracterizam o fenômeno, a época presente registra-as em extensão cuja magnitude requer maior vigilância e investigação, solicitando inclusive uma nomenclatura específica (MOREIRA, 2010). Uma pesquisa realizada com

dados provenientes de todo território brasileiro concluiu que "[...] cerca de 20% dos alunos presencia atos de violência dentro da escola com uma frequência muito alta, o que é um indício de que o bullying está presente significativamente nas escolas investigadas" (PLAN BRASIL, 2010, p. 24). Portanto, pode-se dizer que, ao mesmo tempo que é um fenômeno antiquíssimo, sobretudo do ponto de vista qualitativo, é também um fenômeno particularmente contemporâneo, sobretudo do ponto de vista quantitativo.

Mas, afinal, o que é o *bullying*? Neste ponto, é oportuno a apresentação direta da literatura consultada, em que é possível verificar a invariabilidade conceitual sobre o *bullying*, desde o momento em que foi cunhado por Dan Olweus:

Seguindo o trabalho pioneiro de Olweus (1978, 1999, 2001), o bullying foi definido como uma subcategoria de agressão interpessoal caracterizada por *intencionalidade*, *repetição* e um *desequilíbrio de poder*, sendo que o abuso de poder é uma distinção primária entre o bullying e outras formas de agressão (SMITH & MORITA, 1999; VAILLANCOURT, HYMEL, & MCDUGALL, 2003 apud HYMEL & SWEARER, 2015, p. 293, grifos das autoras, tradução nossa)⁶⁶.

(...) o bullying é definido como atitudes agressivas de todas as formas, praticadas intencional e repetidamente, que ocorrem sem motivação evidente, são adotadas por um ou mais estudantes contra outro(s), causando dor e angústia, e são executadas dentro de uma relação desigual de poder. Portanto, os atos repetidos entre iguais (estudantes) e o desequilíbrio de poder são as características essenciais, que tornam possível a intimidação da vítima (PLAN BRASIL, 2010, p. 4).

Bullying é uma forma de comportamento agressivo e direto que é intencional, doloroso e persistente (repetido). (...) e um frequente desequilíbrio de força (poder e dominação). (...) Algumas palavras-chave em nossa definição de bullying são *intencional*, *doloroso*, *persistente* e *desequilíbrio de força* (BEANE, 2010, p. 18-19, grifos do autor).

Vê-se, com os excertos acima, a existência dos ingredientes principais para a conceituação do fenômeno, também admitidos por vários outros pesquisadores do assunto, por exemplo, Fante (2005), Oliveira (2012), Machado Júnior (2011), Middleton-Moz e Zawadski (2007), Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE - PeNSE, 2012), Rodrigues (2014), Silva (2010), Zaine, Reis e Padovani (2010).

⁶⁶ Following the pioneering work of Olweus (1978, 1999, 2001), bullying has been defined as a subcategory of interpersonal aggression characterized by *intentionality*, *repetition*, and an *imbalance of power*, with abuse of power being a primary distinction between bullying and other forms of aggression (SMITH & MORITA, 1999; VAILLANCOURT, HYMEL & MCDUGALL, 2003 APUD HYMEL & SWEARER, 2015, p. 293, grifos das autoras)⁶⁶.

Na prática, o *bullying* se manifesta principalmente mediante ofensas verbais. "De acordo com professores, alunos e pais, o modo de manifestação mais frequente de maus tratos entre alunos é a agressão verbal por meio de apelidos e xingamentos" (PLAN BRASIL, 2010, p. 36). É oportuno enfatizar o caráter repetitivo das ações de agressão para a caracterização do fenômeno, porque nomear um colega com um nome pejorativo é uma brincadeira de mau-gosto, mas caracterizará *bullying* somente quando o episódio se repetir constantemente. A intenção deliberada do agente em ridicularizar um colega, posta em prática com frequência, por meio da atribuição ao colega de um apelido que o entristece e o constrange, aí então se tem o fenômeno caracterizado. Aliás, deve-se atentar para o prolongamento temporal dos maus tratos, que podem atravessar um ano letivo. Portanto, o *bullying* está relacionado ao número de vezes que se repetem as ações de maus tratos, por um lado, e pelo período de tempo (dias, semanas, meses) que duram. "Quanto mais duradouro for um mau trato, mais ele se aproxima das características do *bullying*" (PLAN BRASIL, 2010, p. 27).

A partir da definição acima, pode-se verificar que o *bullying* refere uma "vinculação" entre o agressor e a vítima, "vinculação" permeada pela intimidação e materializada por meio da violência, "vinculação" que pode "beneficiar" o mais forte. Entre as "vantagens" obtidas pelo agente, pode-se elencar, por exemplo, a isenção de parte das tarefas escolares, feitas pela vítima; a obtenção de maior quantidade de merenda escolar, quando a vítima se vê obrigada a comer menos para que o agente coma mais; a extorsão de pertences escolares da vítima, ou mesmo a extorsão de dinheiro, entre outras. É um tipo de violência que oferece "vantagens" ao perpetrador, que, então, pode desenvolver o tino de "administrar a parceria", fazendo-a durar por longo tempo. Então, vê-se que é possível comparar o *bullying* à tortura, não em relação à imensa dor física causada pela última, mas em relação ao modelo relacional que permeiam ambas modalidades de violência, porque, tanto em uma como na outra, há uma investida constante que acaba por associar o agressor com a vítima. "Neste sentido, o apogeu da violência não é o homicídio (que suprime o objeto mesmo da violência), mas a tortura, porque esta associa a vítima, para seu próprio pesar, ao seu algoz" (DOMENACH, 1981, p. 36, tradução nossa)⁶⁷.

⁶⁷ "En este sentido, el apogeo de la violencia no es el homicidio (que suprime el objeto mismo de la violencia), sino la tortura, pues ésta asocia la víctima, a pesar suyo, a su verdugo" (DOMENACH, 1981, p. 36).

Pela ótica psicológica, nos parece importante para caracterização do fenômeno a percepção de que os envolvidos encontram-se sob a influência poderosa de um conjunto de impulsos e emoções cuja proporção e força consequente resultam no "protótipo relacional" típico do *bullying*. A fome de controlar e intimidar, o ódio irascível e inexplicável, por um lado, e o sentir-se vulnerável e inseguro, a sensação de medo e impotência, por outro. Quando já constituído o vínculo, por assim dizer, tem-se a impressão de que ao agressor se faz vivo o sentimento de que a vítima encontra-se "em suas mãos", o que eleva o entusiasmo pernicioso ao ponto do "posso fazer o que quiser com ela"; à vítima, ao que parece, encontra-se profunda e permanentemente amedrontada, porque cônica de sua completa incapacidade para reagir ao quadro de maus tratos. Assim, sem recursos para enfrentar a situação, a vítima evita a todo custo a presença do agressor, e não raramente "encontra motivos" para ausentar-se da escola.

2.4 As variações do fenômeno *bullying*

Conforme já se viu, a principal faceta do *bullying*, isto é, a forma mais comum desta modalidade de violência, é a agressão verbal, marcada por xingamentos e apelidos que comumente desvalem alguma característica física e/ou comportamental da vítima. São insultos que ridicularizam alguma característica proeminente: a estatura ou o peso; a aparência, supostamente fora do padrão de beleza; a cor/raça; a condição sociofinanceira, em que geralmente a pobreza é chacoteada; a orientação sexual, sobretudo a homossexualidade masculina (MIDDELTON-MOZ & ZAWADSKI, 2007; PLAN BRASIL, 2010). Os xingamentos e apelidos são formas de tratamento comuns entre adolescentes, que encaram-no como uma "brincadeira". Existem, contudo, muitos casos em que a "brincadeira" se prolonga e se agrava, daí passa a caracterizar uma agressão correspondente ao *bullying*. Talvez, ao observador externo a fronteira entre a "brincadeira" e a agressão tenha a aparência de uma linha tênue, porém os envolvidos provavelmente sentem e sabem bem quando é uma "brincadeira" e quando é uma agressão.

Na realidade, há uma ampla variedade de formas de agressão típicas do *bullying*. Além das agressões verbais, as agressões físicas e a intimidação das vítimas por meio de ameaças são práticas comuns dos agressores. Também a difamação é prática corrente dos agentes, que disseminam histórias mentirosas

sobre a vítima com o interesse oculto de fazê-las sofrer as consequências. O agente pode, por exemplo, responsabilizar a vítima por uma travessura que não cometeu, pelo sumiço do material escolar de um colega ou pode responsabilizá-la por qualquer ação socialmente reprovável, para desfrutar ao vê-la em má situação. A difamação também se concretiza pela via de boatos que possam causar intrigas e/ou desentendimentos no círculo relacional da vítima. Não raramente, os rumores falsos e a manipulação dos envolvidos pelo agente conduz à exclusão da vítima (FANTE, 2005; PLAN BRASIL, 2010).

O *bullying* também se concretiza em ações que fazem a vítima sentir-se humilhada; em ações que obrigam-na a realização de "favores" ao agressor, como fazer as tarefas escolares, "emprestar" dinheiro, enfrentar a fila e servir a merenda ao agressor, por exemplo. Também há indicadores de perseguição fora da escola e assédio sexual (FANTE, 2005; PLAN BRASIL, 2010). As indicações deixam ver que as agressões são deflagradas sob os mais variados pretextos e das mais variadas maneiras, porque, na prática, a propensão à maltratar e a intimidar é imperiosa e o agente com certeza encontrará na vítima um porquê que "justifique" suas ações, quaisquer que sejam, para subjugar a vítima e dar mostras de força e poder para intimidar os demais. Embora os grupos minoritários constituam os mais vulneráveis aos ataques dos agressores, não há um biotipo morfológico específico que constitua alvo preferido dos *bullies*. Por exemplo, nas escolas americanas compostas predominantemente por brancos, os negros são vitimados e nas escolas com maioria negra, os brancos são vítimas de *bullying* (DAKE, PRINCE & TELLJOHANN, 2003)

É oportuno observar que, independentemente do(s) tipo(s) de agressão manifesta e dos aspectos da aparência das vítimas que suscitem xingamentos e apelidos, o *bullying* refere uma subcategoria específica de violência, tipificada pela repetição frequente dos ataques, que se prolongam até constituírem uma forma particular de relação entre os envolvidos - agressor e vítima. Quer dizer, as características físicas das vítimas, seus trejeitos, estrato social, etc., são amplamente variáveis, como também são variáveis os meios empregados para agredir, mas a combinação da força intimidadora e agressiva, colocada em ação com frequência, por um lado, a fragilidade, o medo e a incapacidade de se defender,

por outro, são aspectos invariáveis na caracterização do fenômeno, ainda que com certas particularidades, como se verá adiante.

2.5 Os "personagens" do *bullying*

Para caracterizar os "personagens" inclusos no *bullying* servirá de apoio principal a classificação proposta por Fante (2005), majoritariamente embasada na obra de Olweus, que enumera 5 "protagonistas" envolvidos, conforme o caso, com o fenômeno: o agressor (*bully*), a vítima típica, a vítima provocadora e a vítima agressora e o expectador. O expectador não será abordado, porque priorizou-se àqueles diretamente envolvidos com o fenômeno. Às caracterizações da autora serão acrescentadas outras informações provenientes da literatura específica, sobretudo a publicação de Dake, Price e Telljohann (2003), porque reúne dados de várias pesquisas em que foram apresentados os traços fundamentais de agressores e vítimas de *bullying* e se constitui, portanto, em uma junção que enriquece a bibliografia sobre o tema.

2.6 O *bully*...

Geralmente, os agressores são descritos como indivíduos cruéis e insensíveis ao sofrimento alheio, aparentemente porque no íntimo não dispõem de recursos que os capacitem a uma relação afetuosa e reciprocamente fraternal. Apresentam dificuldade em aceitar as normas, não raramente driblando-as para alcançar o que desejam, comportando-se como quem se põe "acima da lei", podendo inclusive envolverem-se com a prática de pequenos delitos, maus tratos à animais e furtos, após os quais, aparentemente, não sentem remorso. Não aceitam a frustração, a palavra "não", isto é, não aceitam quando são contrariados. Atribui-se sua origem filial à pais ausentes, à lares com pouco ou nenhum diálogo, e relações afetivamente pobres; à pais autoritários, que adotam castigos físicos para punir o filho, à lares severos (DAKE, PRICE & TELLJOHANN, 2003; FANTE, 2005; SILVA, 2010).

Há quem diga que o perfil do agressor passou por mudanças. Antigamente, indivíduo solitário e com limitações intelectuais e que se valia da força e da coerção para resolver problemas e conseguir o que almejava. O valentão contemporâneo, por sua vez, é inteligente, aliás pode utilizar-se de sua sagacidade para por em prática ações violentas e esquivar-se de represálias. É bem relacionado, e desfruta

de posição vantajosa no grupo de alunos, passando ainda mais despercebido por pais e professores (HYMEL & SWEARER, 2015). Segundo parece, o *bully* do passado transgredia as normas escolares e de convivência social mais ou menos abertamente e, com efeito, arcava com maior frequência com as punições e com o distanciamento dos colegas. Ainda hoje se repetem essas características, não obstante acrescentada à astúcia do perpetrador que pode sofisticar as ações de maus tratos, tornando-as invisíveis, e aparentar-se socialmente bem relacionado, esquivando-se, por conseguinte, das punições dos adultos. Quando há a certeza da impunidade, por exemplo em situações em que o professor está ausente, em que não há nenhum adulto observando, a deflagração das agressões pode ser explícita. Mas, quando existe a suspeita de represália, pode ser adotada uma estratégia ardilosa.

2.7 Os bullies: considerações teóricas

Observe-se com atenção que o comportamento do agressor típico deixa ver a prática de atos perversos, em que há a transgressão sistemática, visível e invisível, das normas da instituição de ensino, principalmente as relacionadas à convivência e às relações interpessoais. O agressor típico sente imperiosa a necessidade de se impor mediante a força e a ameaça (FANTE, 2005; SILVA, 2010), como que condicionado à encontrar um par mais fraco e vulnerável para por em prática seu lado agressivo, por intermédio de uma relação que se alimenta da opressão e do controle da alma, relação que aparenta um aliciamento, uma vez que a vítima encontra-se emocionalmente presa à seu algoz.

Se o *bullying* se refere à atitudes de desrespeito, aberto e velado, às convenções sociais que regem a convivência (na escola), e se a relação de qualquer indivíduo com as normas/leis não se concretiza exclusivamente por meio de seu compromisso com o Estado, isto é, não se concretiza apenas na relação do cidadão com o sistema de leis institucionalizadas, mas é também o resultado de aspectos emocionais, então o cumprimento/descumprimento das normas/leis pode ter um fundamento psíquico. Em *Totem e Tabu*, Freud (1913[1912-13]/1996) dá provas de que a organização de certas sociedades primitivas encontrava-se assentada em pilares fundados em bases psicológicas. Ao que tudo indica, existem aspectos psíquicos associados ao cumprimento/transgressão das leis, mesmo as informais,

não prescritas, não regulamentadas, que não obstante permeiam o dia-a-dia de vida das pessoas, como é o caso das normas que orientam a vida em família, a vida escolar, etc. Além do mais, há muitos espaços de relação interpessoal cotidianas não abarcados pelos códigos formais e informais, espaços que a lei institucionalizada e a lei popular não alcançam, deixando a cargo dos envolvidos com uma determinada questão, em um determinado contexto, a responsabilidade por encontrar um entendimento mútuo, contextos em que, devido à menor regulamentação, transparecem com mais evidência a relação íntima do indivíduo com as obrigações sociais. Sumariamente, não há regulação e vigilância onipresente, mesmo no universo *reality* contemporâneo. Então, se é intimamente inexistente ou é vacilante a adesão de um indivíduo aos sistemas de organização que permeiam a vida em sociedade, com certeza haverá a oportunidade deste esquivar-se e/ou transgredir a lei.

A partir de *Totem e Tabu*, (FREUD, 1913[1912-13]/1996) é possível inferir que a relação do indivíduo com as proibições e com a ordem social é proveniente, entre outros fatores, das particularidades relativas a experiência emocional no domínio do amor incestuoso. A exogamia constatada entre os povos primitivos é uma derivação do tabu do incesto e do parricídio, associados ao totemismo, orientador máximo das obrigações sociais em parte das sociedades ditas primitivas. No campo psíquico, resumidamente, a vivência e o soterramento do complexo edípico, isto é, a renúncia ao amor incestuoso, a aceitação da interdição do incesto, são condições elementares para a adesão às normativas sociais, mais até, são condições indispensáveis ao processo civilizatório. Não é de se estranhar que, no universo narcísico contemporâneo, em que não se consuma a vivência integral e o sepultamento do Édipo, a transgressão das obrigações sociais e da ordem social é uma realidade crescente, e mesmo a adesão à lei se dá predominantemente de fora para dentro, por meio da vigilância incansável de câmeras a funcionar 24 horas diárias, por meio de uma coibição externa, que ameaça à liberdade do indivíduo, etc.

Não se está dizendo que toda transgressão à lei caracteriza um ato perverso. Há de se avaliar caso a caso. Durante o nazismo, por exemplo, Adolf Eichmann foi o responsável indireto pela execução de milhares de pessoas. Depois, quando capturado e questionado sobre a barbárie perpetrada, declarou que cumpria ordens superiores. Quer dizer, "[...] o caráter infame da ordem dada nada significava diante

do caráter imperativo da própria ordem. Assim, tornara-se genocida sem sentir a menor culpa" (ROUDINESCO, 2008, p. 128). Tem-se um exemplo de uma ordem social inteiramente perversa, caso em que, a adesão à ela, e não sua transgressão, que certamente pode ser chamada de um ato perverso.

Na esfera psíquica, múltiplos "acontecimentos" vão determinar o poder subjetivo da lei, podendo condicionar o comportamento individual, em acordo e/ou desacordo com a lei. Não há na alma humana, como ensina a psicanálise, uma disposição à renúncia e, conseqüentemente, à adaptação a um sistema de leis que exige renunciar (FREUD, 1927a/1992). Portanto, são os "fatos psíquicos" ocorridos ao longo do percurso de desenvolvimento psicosssexual que vão determinar a proporção de ânimo, maior ou menor, em adaptar-se às convenções sociais. De outra maneira, em conformidade às vivências anímicas vivenciadas durante à primeira infância que o indivíduo mais ou menos se adaptará à vida em sociedade, afora, neste momento, os demais determinantes socioculturais.

Então, se nas perversões não há a renúncia ao incesto, não há a aceitação da interdição e da diferença anatômica entre os sexos, o "tabu psíquico" não se edifica ou se edifica parcialmente. E, se no campo psíquico o funcionamento perverso consiste em driblar determinantes que se impõem, como é o caso do fetichista que esquiva-se da proibição do incesto e da aceitação da diferença sexual por meio do fetiche (FREUD, 1927b/1992) - em que "consuma" o incesto com a mãe com pênis -, é possível depreender que nas demais esferas da vida se repetirá este funcionamento psíquico. Portanto, extrapolando a funcionamento perverso, funcionamento marcado pela evitação, pela esquiva de determinantes psíquicos, é provável que também assim se processará na relação com os determinantes sociais. Se, no domínio psíquico, o modelo relacional perverso é fundamentalmente definido pela ação de driblar a interdição, certamente se desdobrará em comportamento que driblará a interdição (a lei) que governa as relações interpessoais, isto é, o funcionamento psicosssexual pode se materializar em outras esferas da vida, no caso as relações cotidianas.

Já se sabe que o narcisismo pode produzir prejuízos às relações humanas. Bergeret (1972/2006) enuncia que o "modo de funcionamento imaginário narcisista induz uma [...] *atitude relacional* antes de tudo regida pelos interesses essenciais do 'Si-mesmo'" (p. 91, grifo nosso). Em sentido similar, quando o mecanismo psíquico

predominante nas perversões é trasposto para o campo das relações interpessoais e da relação do indivíduo com os reguladores sociais é possível visualizar que as perversões podem ser caracterizadas como distúrbios relacionais, em que o "sintoma" é operado sobretudo no campo das relações humanas.

Não raramente, as perversões não se desdobram em manifestações sintomáticas tão explícitas, como é o caso de neuroses e psicoses. Então, a partir da noção médica de sintoma - "um fenômeno de transtorno físico ou mental que origina queixas por parte do paciente" (BLAKISTON, 2000, p. 975) -, pode-se supor que as perversões são assintomáticas, porque aparentemente não produzem transtornos físicos ou mentais e via de regra não produzem queixa por parte do indivíduo, caso, por exemplo, do fetichista em relação ao seu fetiche (FREUD, 1927b/1992). A rigor, entretanto, é uma proposição equivocada e, em psicanálise, o sintoma não é concebido somente em sua face manifesta, mas também em sua face oculta, colocada à mostra durante o processo clínico de análise, em que se alcança o porquê de sua constituição, seu significado etiológico, como ensinou Freud nos mais variados casos clínicos. Portanto, a aparente ausência de transtorno físico ou mental somada a ausência de queixa não excluem a realidade psicopatológica, não aos olhos da psicanálise.

Com a publicação do célebre artigo sobre o fetichismo, Freud (1927b/1992) colocou às claras a dinâmica do psiquismo perverso, em que há, resumidamente, uma conciliação de forças antagônicas por meio de uma divisão do "eu". Na prática, o fetiche exprime a solução da psique perversa frente ao antagonismo entre as instâncias psíquicas, solução que ao mesmo tempo atende aos interesses de uma e de outra. Considerando-se que a estratégia do psiquismo perverso, mencionada a pouco, é acompanhada pela não aceitação da interdição do incesto, o que, caso ocorresse, representaria a instauração de uma lei simbólica - visto que a perversão é marcada por uma regressão psíquica e que, portanto, não avança até a vivência integral e o sepultamento do complexo de Édipo -, tem-se uma combinação arriscada: a lei subjetiva não se estabelece efetivamente, por um lado, e há a possibilidade de conciliação entre o cumprimento e a transgressão da lei - dos homens -, por outro.

Então, encadeando o raciocínio, é possível que a dinâmica perversa seja reeditada em parte dos casos de *bullying*, porque também aí há uma conciliação de

opostos que viabiliza ao agente a vivência incólume das ações de maus tratos: o agressor, ao mesmo tempo, transgride e obedece à lei; ao mesmo tempo que é um carrasco, é um bom sujeito, bem adaptado à comunidade escolar. Aparentemente, o agressor admite e concomitantemente não admite a norma que desaprova as agressões perpetradas. Então, ao mesmo tempo em que tem consciência que está agindo contra as normas sociais, há um outro lado que não reconhece a norma, em uma dinâmica em que a norma não se aplica a ele. O agressor, então, dá continuidade as agressões, por força impulsiva, mas sobretudo porque, intimamente, a norma e a transgressão da norma encontram-se definitivamente cindidas, fazendo com que uma ação não tenha nada a ver com a outra. Ou melhor, à medida que a dualidade psíquica não se encontra bem estruturada, a maneira de ser e se comportar do indivíduo é correspondente ao tipo psíquico no qual não existem fronteiras bem marcadas (dentro/fora, eu/outro). Isto significa que fronteiras psíquicas difusas podem dar suporte à diluição da fronteira entre a norma e a transgressão da norma, por exemplo. E a generalização social deste aspecto emocional poderá produzir consequências desastrosas (ROUDINESCO, 2008)⁶⁸. Na prática, o agressor é favorável a aplicação da norma somente quando a mesma lhe é conveniente, do contrário sente-se no direito de transgredi-la. A indiferenciação no campo psíquico, característica das formações narcísicas, aparentemente encontra-se no comportamento do *bully* que parece desconsiderar a delimitação que marca o certo/errado, etc.

Portanto, ao expandirmos o campo de operação da dinâmica perversa para além da sexualidade manifesta, como relatada no fetichismo, vê-se que pode ser reeditada na relação do indivíduo com os reguladores sociais, particularmente na relação interpessoal, como no *bullying*. Aliás, a recusa da diferença sexual é outro dado de indiferenciação no campo psíquico que pode corresponder à dificuldade de aceitação do outro (diferente), pode estar associado à hostilidade aberta do agressor em relação à vítima. Segundo Birman (2000), "a individualidade somente pode ser constituída como singularidade na medida em que o sujeito da diferença se

⁶⁸ "De uma maneira mais genérica, podemos dizer que, pela identificação com o ideal de fetichização globalizada do corpo e dos sexos dos humanos e dos não-humanos, e através da primazia generalizada de uma supressão de todas as fronteiras - o humano e o não-humano, o corpo e a psique, a natureza e a cultura, a norma e a transgressão da norma etc. -, a sociedade mercantil de hoje está em vias de se tornar uma sociedade perversa" (ROUDINESCO, 2008, p. 185).

constitua" (p. 260). Se correto o enunciado, é o reconhecimento da diferença sexual que resultará em potencial para a experiência efetiva de reconhecimento e respeito ao que é o outro, ao que é diferente. "[...] a possibilidade de existência de um universo permeado pelas diferenças significativas entre sujeitos singulares apenas seria possível por intermédio da instauração inflexível da diferença sexual" (BIRMAN, 2000, p. 260).

Em suma, talvez o comportamento dos *bullies* possa ser compreendido como um prolongamento dos mecanismos psíquicos operante nas formações narcísicas, decerto particularmente o operado nos desenlaces perversos, em que o "sintoma" é justamente a maneira como eles se relacionam com os outros, isto é, por meio da intimidação, da hostilidade, da agressividade, e assim por diante, protótipo relacional que lhes proporciona o domínio do outro em seu próprio benefício.

Além do mais, há outro dado que pode apoiar a associação entre o *bullying* e as montagens perversas. Já é conhecida a semelhança entre o *bullying* e alguns tipos de agressões similares, registradas em outros contextos, em que certamente está em ação uma continuidade dos processos de agressão e vitimização ocorridos na escola: o assédio moral no trabalho e a violência doméstica são exemplos tão evidentes quanto a delinquência e a criminalidade, todos com respaldo na literatura específica. Isto significa que após o envolvimento com o *bullying* no período de escolarização, as características do relacionamento vivenciado na escola, ainda na infância e/ou na adolescência, são reproduzidas na vida adulta, no casamento e/ou no contexto de trabalho (MIDDELTON-MOZ & ZAWADSKI, 2007; MOREIRA, 2010; CONNOLLY, PEPLER, CRAIG & TARADASH, 2000; ZAINE, REIS & PADOVANI, 2010). São dados a partir dos quais é possível deduzir que a repetição da agressão e da vitimização se deve à influência de fatores psicológicos que impulsionam os indivíduos à envolverem-se repetidamente em circunstâncias e relações que desembocam em acontecimentos dessa natureza.

Fortalece a proposição acima uma pesquisa em que se concluiu que os adolescentes envolvidos em *bullying* também vivenciam experiências similares de agressão e/ou vitimização com o namorado ou namorada. Quer dizer, concomitantemente à vivência de *bullying* na escola, havia também a vivência de agressão e/ou vitimização nas relações afetivas, fato que viabilizou a conclusão que,

"claramente, agressão nas relações entre pares e violência nas relações de namoro são fenômenos relacionados" (CONNOLLY et al, p. 308, tradução nossa)⁶⁹.

À indagação a respeito da origem do *bullying* as autoras endossam a influência de lares sem diálogo e excessivamente punitivos, porque é um ambiente que propicia o desenvolvimento de um padrão relacional marcadamente coercitivo. Também argumentam que o ambiente escolar reforça este padrão de interação, e fornecem, além do mais, um dado que associa a agressividade nos relacionamentos afetivos com uma particularidade dos *bullies*: devido um histórico de rejeição e/ou uma sensibilidade à rejeição, valem-se de meios coercitivos para sufocar ameaças ao relacionamento, reais ou supostas (DOWNEY, BONICA & RINCON, 1999 apud CONNOLLY et al, 2000). Em outras palavras, o comportamento abusivo é posto em prática irracionalmente, em resposta a episódios, de existência concreta e/ou emocional, de abandono e/ou rejeição. Aliadas aos ensinamentos da psicanálise, estas informações deixam ver que o protótipo de vínculo constituído na primeira infância por meio da relação do bebê/criança com seus pais, quando permeado por certas formas de agressão, "vivenciadas" com intensidade pela criança, pode se desdobrar em um modelo relacional marcado e orientado para a coerção, para o uso abusivo da força, etc., podendo se desdobrar em atos perversos.

Todavia, há uma outra constatação das autoras para a qual se deve chamar a atenção: existe uma ligação entre o *bullying* e a precocidade nos assuntos amorosos, mais especificamente, entre o *bullie* e o "começar a namorar mais cedo", em comparação com pré-adolescentes não envolvidos em *bullying*. Na realidade, os *bullies* não só enamoram-se mais cedo como também põem em prática formas mais adiantadas de namoro. Então, a diferença é quantitativa e qualitativa, porque se refere à idade e as características do namoro dos envolvidos, em comparação ao grupo controle. "Os bullies relataram que começaram a namorar mais cedo e participaram de formas mais avançadas de namoro do que seus pares que não estavam envolvidos em nenhum tipo de bullying" (CONNOLLY et al, p. 308, tradução nossa)⁷⁰.

⁶⁹ "Clearly, aggression in peer relationships and violence in dating relationships are related phenomena" (CONNOLLY et al, p. 308).

⁷⁰ "Bullies reported that they initiated dating at earlier ages and participated in more advanced forms of dating than peers who were not involved in any bullying" (CONNOLLY et al, 2000, p. 305).

Enquanto uma característica comum aos *bullies*, a precocidade nos assuntos amorosos/sexuais requer maiores investigações. Em um primeiro momento, não se deve confundir a abordagem anteriormente apresentada com o fenômeno de grande proporção e já bastante patente na atualidade que refere uma antecipação da puberdade. Segundo Enck (2007), o fenômeno é uma realidade no ocidente e, como uma marca inconfundível deste acontecimento há o adiantamento da menarca, isto é, o adiantamento da primeira menstruação nas meninas, não obstante a explicação consensual que atribui o fato à fatores nutricionais. De qualquer maneira, há um conjunto de influências midiáticas, socioeconômicas, familiares, etc., às quais a puberdade precoce configura uma resposta de adaptação biológica à também precoce e intensa estimulação proveniente de várias fontes nas sociedades globalizadas contemporâneas (ENCK, 2007). Mas o enunciado acima, que fornece indicadores cabais da precocidade dos *bullies* nos assuntos amorosos, vai além da precocidade da maioria, porque na pesquisa consultada o grupo de *bullies* é comparado a um grupo (controle) de não *bullies*. Se a infância está perdendo espaço para a adolescência, a boneca para a maquiagem, entre os *bullies* o fenômeno é ainda mais acentuado, ou seja, entre os *bullies* a precocidade é ainda maior.

Mas, afinal, que diferença faz se uma pessoa inicia sua vida amorosa/sexual alguns anos mais cedo? Uma resposta proveniente de um ponto de vista moral não nos interessa. A resposta que nos interessa não se refere ao fenômeno manifesto, mas aos seus correspondentes psíquicos. Quais serão? Aliás, uma outra pergunta, indiretamente relacionada a anterior, também é oportuna: a assinalada precocidade no campo amoroso/sexual pode abalar a formulação psicanalítica sobre o denominado período de latência?

A psicanálise trouxe evidências clínicas do denominado período de latência, "período que vai do declínio da sexualidade infantil [...] até o início da puberdade, e que marca uma pausa na evolução da sexualidade" (LAPLANCHE & PONTALIS, 1998, p. 263). Todavia, se a segunda infância e a pré adolescência estão perdendo terreno para a adolescência, há também um encurtamento da latência, um encurtamento do período em que a sexualidade encontra-se aparentemente adormecida, visto que o comportamento adolescente comum transparece as claras

uma sexualidade desperta, em ação nas vestimentas, nos interesses, no comportamento e não raramente na consumação da atividade sexual (ENCK, 2007).

A latência é um período marcado pelo arrefecimento das inclinações sexuais, pelo surgimento dos *diques psíquicos*: o nojo, a vergonha e o imperativo da moralidade. "Segundo a teoria psicanalítica, o período de latência tem origem no declínio do complexo de Édipo" (LAPLANCHE & PONTALIS, 1998, p. 263). A despeito do abrandamento da sexualidade durante o período de latência, que dá a impressão de ser exclusivamente marcada por "aquilo que deixa de acontecer", da aparente negativa da latência, é também um período propositivo em que se abrandam, por um lado, porém se propõe, se constrói, por outro (ENCK, 2007; SOUZA, 2014). Como já mencionado, é um período em que são consolidados os diques psíquicos, que caracterizam uma defesa contra a extrapolação da disposição originária perverso-polimorfa (FREUD, 1905/1992).

Então, como explicar e compreender o encurtamento do período de latência? Como explicar e compreender seu encurtamento ainda maior entre os *bullies*? Souza (2014) propõe que na latência, embora a aparente calma, a aparente predominância de um "deixar de acontecer", está "acontecendo" processos psíquicos que servem para preparar o terreno emocional ao turbilhão seguinte da adolescência. "O latente se vale da latência para preparar-se, mas não é um buraco; trata-se de um período de informação, tanto consciente quanto inconsciente, uma informação que assessora para a vivência da adolescência" (SOUZA, 2014, p. 159). O arrefecimento da sexualidade durante o período de latência é um momento de organização interior cuja finalidade é viabilizar as condições para o desenvolvimento da capacidade de gerenciamento das emoções, é dar a possibilidade de ocupar-se e tomar conta de si mesmo, haja vista a turbulência que está por vir (SOUZA, 2014).

Freud (1905/1992) atribuiu grande importância à latência, porque o abrandamento dos impulsos, característica marcante deste período, revelou-se de importância fundamental para a edificação da cultura. Em outras palavras, a latência propicia as condições para a formação e o desenvolvimento cultural, isto é, para o andamento da animalidade em direção à civilização⁷¹. Pelo exposto, decerto o

⁷¹ "O fato da *acometida em dos tempos* do desenvolvimento sexual no ser humano, vale dizer, sua interrupção pelo período de latência, nos pareceu digno de particular atenção. Neste fato parece estar contida uma das condições para a aptidão do homem para o desenvolvimento de uma cultura superior, mas também de sua propensão para a neurose. Na linhagem animal do homem não podemos rastrear nada análogo. A gênese desta propriedade humana teria que ser buscada na

encurtamento da latência signifique que as condições psíquicas fundamentais para a assimilação da cultura encontram-se inacabadas, e conseqüentemente a cultura e os reguladores sociais não são assimilados de modo efetivo, fato que pode propiciar o extravasamento da animalidade originária, como a transgressão sistemática das normas básicas de convivência (no ambiente escolar).

Aliás, o próprio Freud (1905/1992) associou a interrupção ou o cancelamento do período de latência com dificuldades conseqüentes na educação da criança, isto é, com dificuldades na assimilação da cultura.

Ademais, a experiência nos permitiu comprovar que influências externas como a sedução podem provocar intrusões prematuras no período de latência até chegar a cancelá-lo, e que em tais casos a pulsão sexual da criança se demonstra de fato como perversa-polimorfa; averiguamos também que qualquer atividade sexual prematura desta índole prejudica a possibilidade de educar a criança (FREUD, 1905/1992, p. 214, tradução nossa)⁷².

Então, dado que durante no período de latência são desenvolvidas as condições para a apropriação da cultura, isto é, para a canalização dos impulsos às finalidades culturais, é possível inferir que a redução da latência ocasione conseqüentemente uma "redução" na assimilação da cultura. Quer dizer, o correspondente psíquico associado ao adolecer precoce é a necessidade de extravasar impulsos em sua forma bruta, ou após uma lapidação incompleta; o correspondente psíquico do adolecer precoce é um psiquismo com menores condições para interiorização da cultura, com menores condições para a não violência. De maneira explícita, a precocidade sexual é indicador de maturação psíquica inacabada e provavelmente deficitária, em que a disposição à violência encontra menores barreiras para extravasar e em que a "passagem ao ato" provavelmente é o regulador dos processos mentais.

história primordial da espécie" (FREUD, 1905/1992, p. 214, grifos do autor, tradução nossa). / "El hecho de la *acometida en dos tiempos* del desarrollo sexual en el ser humano, vale decir, su interrupción por el período de latencia, nos pareció digno de particular atención. En ese hecho parece estar contenida una de las condiciones de la aptitud del hombre para el desarrollo de una cultura superior, pero también de su proclividad a la neurosis. En el linaje animal del hombre no podemos rastrear nada análogo. La génesis de esta propiedad humana habría que buscarla en la historia primordial de la especie" (FREUD, 1905/1992, p. 214, grifos do autor).

⁷² "Además, la experiencia nos permitió comprobar que influencias externas como la seducción pueden provocar intrusiones prematuras en el período de latencia hasta llegar a cancelarlo, y que en tales casos la pulsión sexual del niño se acredita de hecho como perversa polimorfa; averiguamos también que cualquier actividad sexual prematura de esa índole perjudica la posibilidad de educar al niño" (FREUD, 1905/1992, p. 214).

Portanto, se a antecipação da puberdade pode ser relacionada à uma apropriação incompleta da cultura e, com efeito, a uma propensão maior ao extravazamento dos impulsos originários, certamente pode relacionar-se com a escalada da violência no contemporâneo, em que há a deflagração de ações perversas abertamente contrárias aos reguladores socioculturais, e talvez também possa ser posta em relação com o comportamento sistematicamente ultrajante de parte dos *bullies*. Evidentemente, não se pode afirmar que o encurtamento do período de latência é a força motriz principal na causação das mais variadas formas de violência, tampouco se pode pretender o estabelecimento de uma "regra" que o associe, de maneira conclusiva, à violência manifesta. Entretanto, o crescimento assinalado da violência, por um lado, e o decréscimo do período de latência, por outro, são dados que, após evidenciada a conexão íntima entre eles, expressam a veracidade da formulação de Freud (1905/1992).

Apesar da precocidade mais assinalada entre os *bullies*, se trata, como visto, de um fenômeno de grande proporção, isto é, a redução do período de latência é um acontecimento generalizado. Aliás, hoje é mais difícil perceber a diferença entre a latência e a puberdade, porque há uma quase indiferenciação entre o comportamento dos "latentes" em comparação ao comportamento dos púberes (ENCK, 2007). Então, além do encurtamento do período de latência, há um outro acontecimento que pode ser deduzido com base na quase indistinção entre os "latentes" e os púberes: o período de latência está sofrendo "intrusões prematuras" dos impulsos originários, o que significa que as funções da latência estão sendo desempenhadas com falhas ou mesmo que se concretizou um cancelamento do período de latência. E, se efetuado o cancelamento do período de latência, aumenta muito a probabilidade de manifestação da disposição originária perverso-polimorfa, como mencionado a pouco (FREUD, 1905/1992).

Por que isto está acontecendo? Por que o período de latência foi encurtado? Por que atualmente se processa com falhas? Talvez, seja mais certo compreender o período de latência como uma particularidade do modelo da neurose, a rigor. O declínio do modelo da neurose e a ascensão do modelo narcisista sem dúvida refere mudanças significativas no conjunto dos processos de constituição e desenvolvimento psíquico, e provavelmente no período de latência. Talvez, não configure equívoco o uso do mesmo conceito para ambos, mas tudo indica que são

"acontecimentos" psíquicos mais ou menos distintos. De qualquer maneira, com a mudança de paradigma psíquico o período de latência também dá sinais de alterações relevantes e até mesmo de seu cancelamento. Assim, se o período de latência se consolida efetivamente após a "vivência" completa e a elaboração do complexo de Édipo, e o modelo de família e sociedade contemporânea incentivam as formações narcísicas - pré-edípicas -, então inevitavelmente o "período de latência contemporâneo" é algo diverso daquele enunciado por Freud. Como, atualmente, arrefecer os impulsos com a infinidade de estímulos provenientes das mais variadas fontes? Como proporcionar o amadurecimento resultante do período de latência em um mundo em que a sedução e o deleite derivado do consumismo não param? "Se o latente precisa sair do narcisismo e adentrar o social-ismo, o que é o social-ismo num mundo sem limites, um mundo que prega o narcisismo?" (SOUZA, 2014, p. 159). Em resumo, o narcisismo típico da contemporaneidade é um determinante provavelmente associado ao adiantamento generalizado da puberdade e da escalada da violência, inclusive à perpetrada pelos *bullies*.

Ainda sobre a precocidade acentuada dos *bullies*, vale acrescentar mais uma proposição. Ao "vivenciar" o período de latência sem falhas, ou seja, quando as funções do período de latência se cumprem com eficiência, a torrente avassaladora de impulsos originários é canalizada para exteriorizações não perversas (FREUD, 1905/1992). É de assinalar que com o êxito do período de latência a maioria dos impulsos originários se manifestam pela via da cultura, ou seja, a disposição perverso-polimorfa é redirecionada para finalidades culturais superiores. Mas, no caso dos *bullies*, além da expressão adiantada da sexualidade, há também a manifestação sistemática de maus tratos tanto em direção ao companheiro(a) amoroso, quanto em direção aos colegas de escola, evidências de que o ímpeto à violência não experimentou modificações relevantes, porque termina por exprimir-se por via destrutiva, ou seja, o ímpeto à violência, de origem perversa, é expressado praticamente em sua forma bruta, fato que revela uma possível ineficácia da latência, que reverbera na perversão manifesta.

Pelo exposto, a violência - compulsiva!, sistemática! - posta em ação pelos *bullies* aparentemente corresponde um mecanismo psíquico em que a canalização da disposição originária perverso-polimorfa não se processa efetivamente e, por força também de outros determinantes, a propensão para extravasar o ódio se

consolida em comportamentos hostis e violentos. Ao encontrar barreias normativas que visam coibir a expressão destes comportamentos, o *bully* pode ainda se valer de estratégias para driblar as interdições e viabilizar a continuidade de seu proceder violento, que na realidade é parte de seu jeito de ser e viver. E a precocidade acentuada dos *bullies* nos assuntos amorosos/sexuais é um indicador que corrobora a hipótese de que os impulsos originários não passam por modificações relevantes e se expressam praticamente em sua formatação bruta, como um espelhamento da disposição originária perverso-polimorfa, porque se o processo defensivo é falho na canalização dos impulsos sexuais, viabilizará conseqüentemente a manifestação da sexualidade supostamente perversa, mas o que importa é que também poderá dar passagem à manifestação de aspectos associados, como a violência em suas múltiplas faces.

2.8 A vítima típica...

A descrição da vítima típica revela um consenso relativamente amplo entre os pesquisadores, porque as características elencadas se repetem em várias pesquisas, nacionais e internacionais. Geralmente, são descritas como crianças ou adolescentes com maior sensibilidade e timidez. Acrescente-se também o sentimento de vulnerabilidade, baixa autoestima e incapacidade de se defender. Não raramente são de poucos amigos, podendo chegar ao isolamento social, tanto por serem excluídas por parte dos colegas, quanto por características próprias, as quais podem resultar em isolamento voluntário (FANTE, 2005; MIDDELTON-MOZ & ZAWADSKI, 2007; SILVA, 2010). Apresentam maior propensão para se comportarem de forma autodestrutiva, colocando-se em risco, abusando de substâncias psicoativas, produzindo cortes no próprio corpo, etc., e, somado a isto, maior propensão ao suicídio. Também se constatou maior propensão das vítimas à desenvolverem transtornos psíquicos, sobretudo um comportamento depressivo (BEANE, 2010; DAKE, PRICE & TELLJOHANN, 2003; FANTE, 2005; MIDDELTON-MOZ & ZAWADSKI, 2007; SILVA, 2010).

A vítima típica não provoca os agressores e não reage as agressões. Sentem-se tristes, magoados, indefesos, envergonhados, com medo e por vezes fingem não sentirem nada, por dificuldade em assumir o sofrimento, sobretudo no caso dos meninos. Não revidam, mas eventualmente contam para os colegas, para alguém da

equipe escolar e/ou para os pais na tentativa de mobilizar alguém a agir em sua defesa, porque sentem-se incapazes de se defenderem (PLAN BRASIL, 2010). Apresentam maior propensão à passividade, à submissão e manifestam maior proporção de ansiedade (DAKE, PRICE & TELLJOHANN, 2003; SILVA, 2010). Sucintamente, as vítimas típicas são abertamente frágeis e se sentem sem condições de se defenderem dos *bullies*.

2.9 Vítima típica: considerações teóricas

Há uma história relativamente antiga, que se ouvia nos bastidores de escolas primárias, e que talvez se repita ainda hoje, que conta sobre a atitude impulsiva de uma professora, esgotada devido a necessidade frequente de interromper a aula para chamar a atenção de um aluno - que sempre estava importunado a vida de alguém, especialmente de um outro aluno, alvo contínuo de "brincadeiras" e agressões. Em um acesso de raiva, a professora intervém no momento exato em que o agressor desferia mais uma de suas agressões em direção à sua vítima preferida: toma-o energicamente pelo braço, aumenta o tom de voz, o conduz duramente até a frente da classe. Em seguida, conduz a vítima também e os coloca frente a frente. Ainda com entonação enérgica, intimida o agressor e, em seguida, convoca a vítima: "vai, fulano, bate nele! bate!" Mas, feliz ou infelizmente, a vítima não consegue reagir, nem mesmo acobertada. O desapontamento com o ocorrido vem recobrar a lucidez da professora. Ambos os alunos são repreendidos verbalmente. O valentão é coagido a reprimir sua valentia, sua agressividade; a vítima é intimada a agir, a deixar de ser submissa, a por sua raiva para fora. Todavia, após decorrido tempo suficiente, os mesmos episódios se repetem e a professora sente que de nada adiantou a "lição".

Pode-se extrair um ensinamento do relato acima, segundo o qual ambos os extremos são indesejáveis. Comumente, acha-se problemático somente o comportamento dos *bullies*, sua agressividade exacerbada. Mas também é preocupante a ausência de agressividade nas vítimas. "Nem tanto ao mar, nem tanto à terra". Aliás, a inércia das vítimas contribui para a continuidade das agressões, porque a impunidade incentiva-a, mas sobretudo porque o agressor percebe-se inteiramente no controle da situação, percebe-se muito mais forte, etc. "A amostra pesquisada revela que a principal reação a maus tratos sofridos no ambiente escolar

é: 'nada fiz e fiquei magoado' (...). Esse tipo de comportamento acaba estimulando a repetição da violência à medida que preserva os agressores" (PLAN BRASIL, 2010, p. 49). Quem se dirige diretamente as vítimas diz assim: "os *bullies* dependem de nosso medo, de nossa impotência e de nosso silêncio para continuar com seu comportamento, e o terrorismo nunca poderá ser eficaz a menos que vivamos amedrontados, impotentes e paralisados" (MIDDELTON-MOZ & ZAWADSKI, 2007, p. 14).

Então, a breve história põe as claras um aspecto marcante da vítima típica: a incapacidade de se defender, aspecto corroborado amplamente pela literatura específica, conforme referenciado anteriormente. Vê-se que, mesmo em uma circunstância em que há uma garantia, ainda que provisória, de não sofrer uma retaliação, a vítima sente-se sem forças para reagir. Tudo indica que a passividade e a incapacidade em se defender são as principais características da vítima típica, porque, embora sejam particularidades também pronunciáveis nos outros tipos de vítimas, a proporção manifesta pela vítima típica é maior, e se pode afirmar, portanto, que são aspectos característicos de seu jeito de ser e viver.

Aparentemente, a conclusão da Organização Mundial da Saúde, segundo a qual "as pessoas que reagem ativamente à violência tendem a resistir melhor que as que permanecem passivas" (OMS, 2002, p. 9, tradução nossa)⁷³, é a mesma do senso-comum, a mesma que muitas vezes ensina a experiência, o que permite compreender o ímpeto da professora em alavancar uma reação do aluno vitimado. Que isso não seja tomado como um incentivo à reação violenta, porque o que se pretende aqui é enfatizar que a passividade e a incapacidade para se defender das vítimas (típicas) resultam em maior vulnerabilidade e exposição aos maus-tratos e, por si só, configuram um modo de ser extremamente dependente.

O fato a ser admitido é que tanto o agressor quanto a vítima geralmente se apresentam em condições emocionais desfavoráveis à boa convivência e afastam a possibilidade de viverem plenamente. Não obstante a maior gravidade das ações de violência, a inação da vítima (típica) expõe sua necessidade de amparo e ajuda constantes, sua necessidade permanente de alguém que possa agir em seu lugar. Aliás, por um ângulo crítico, a passividade exagerada pode ser o reflexo de imaturidade da vítima (típica), que, frente as dificuldades, "opta" continuamente pela

⁷³ "Las personas que reaccionan activamente a la violencia tienden a resistir mejor que las que permanecen pasivas" (OMS, 2002, p. 9).

busca de "soluções" em seu mundo interior, isto é, "soluções" no campo individual, como quando convence a si própria que "não há nada que possa fazer", e assim justifica sua inércia profunda frente à vida.

Quando acentuadas, a dependência e/ou a negação, o derrotismo, a resignação - "opções" operadas no campo psíquico-individual - são fatores negativos, porque a vida, seja no domínio concreto, seja no domínio subjetivo, é permeada, do nascimento até a morte, por conflitos, pessoais e interpessoais. É importante vivenciá-los para que se possa avançar em direção ao amadurecimento. Então, não se pode fugir a certeza de que a incapacidade para vivenciar o conflito empobrece os relacionamentos e dificulta o desenvolvimento humano. Além disto, não haverá jamais uma sala de aula isenta de competição, inveja, rivalidades e atritos. Deve-se cuidar para que não alcancem uma proporção que torne a convivência insuportável, porém, deve-se cuidar também para que sejam desenvolvidas as condições favoráveis para se saber lidar com uma proporção aceitável destas emoções, que fazem parte de cada um de nós. Portanto, a precarização relacional não se manifesta somente na agressividade exacerbada, mas também na agressividade atenuada, ou melhor, na condescendência e na fraqueza para enfrentar dificuldades inerentes à vida.

O exposto anteriormente serve para enfatizar o aspecto irracional que permeia a incapacidade de se defender das vítimas (típicas). E coloca em evidência a questão: por que não conseguem se defender? O observador vê a inércia das vítimas, racionalmente incompreensível, e pergunta à vítima: "por que você não reage?" Esta "agressividade zero", característica das vítimas (típicas), dá o que pensar, e não será possível elucidá-la em toda sua complexidade. Todavia, há um dado oportuno que pode ajudar a compreendê-la.

De acordo com Ladd e Kochenderfer Ladd (1998), a vulnerabilidade e a incapacidade das vítimas se defenderem tem parte de suas raízes na primeira infância, mais especificamente, nas particularidades do vínculo entre pais e filhos. Os pesquisadores(as) se propuseram avaliar a existência de correlação entre aspectos relacionais no seio da família com a posterior vitimização no ambiente escolar. Então, após acompanharem durante os anos da primeira infância um número significativo de crianças, observando e registrando - por meio de gravações em vídeo - a forma como se dava as relações delas com seus pais, identificaram

quais destas crianças tornaram-se vítimas de *bullying* quando alcançaram a idade escolar e ingressaram na escola. Depois de identificarem as crianças vítimas de *bullying*, partiram em busca de verificar se havia aspectos comuns na relação destas crianças com seus pais, e encontraram evidências concretas que correlacionam o comportamento dos pais e a relação entre pais e filhos com índices elevados de vitimização em crianças recém ingressas no ensino infantil.

Os pesquisadores(as) concluíram que uma "exigência intrusiva"⁷⁴ por parte dos pais, manifesta em interferências demasiadas sobre as escolhas e o comportamento dos filhos, pode retirar-lhes a possibilidade de desenvolver um comportamento ativo e autônomo. A "exigência intrusiva" dos pais resultou em submissão e passividade demasiada dos filhos, como demonstraram os dados que correlacionaram-na com a vitimização de crianças, meninos e meninas, ainda no ensino infantil. Com relação ao *bullying*, a "exigência intrusiva" dos pais reverberou em maior propensão dos filhos à vitimização entre pares, em maior propensão à sofrerem *bullying* na escola (LADD & KOCHENDERFER LADD, 1998).

É ainda mais significativo que a relação entre pais e filhos marcada por uma "proximidade intensa"⁷⁵ apresentou correlação com índices mais elevados de vitimização, sobretudo em meninos. Isto significa que um vínculo entre mãe-filho e/ou pai-filho em que há um envolvimento emocional em grau excessivo, em que o convívio afetuoso entre ambos é marcadamente acentuado (visível na proximidade praticamente ininterrupta quando em presença um do outro, nos afagos constantes e no fervor do sentimento que permeia à relação entre as partes), pode se desdobrar em muito maior exposição às agressões dos *bullies*, isto é, em níveis mais elevados de vitimização, porque a "proximidade intensa" e a "superproteção"⁷⁶ resultam em maior vulnerabilidade e passividade das vítimas (LADD & KOCHENDERFER LADD, 1998).

Assim como outras pesquisas aqui mencionadas, esta também não adota o referencial psicanalítico. Mas os dados que oferecem são passíveis de uma observação sob a ótica da psicanálise. Então, em linguagem psicanalítica, a denominada "proximidade intensa" é um indicador relevante que sugere a manutenção do vínculo narcísico-simbiótico. Em outras palavras, com base no

⁷⁴ "intrusive demandingness" (original em inglês).

⁷⁵ "intense closeness" (original em inglês).

⁷⁶ "overprotectiveness" (original em inglês).

contexto em que ocorre e na explicação sobre o que caracteriza a "proximidade intensa" é possível relacioná-la com a permanência (psíquica) do vínculo simbiótico, que é benéfico ao bebê e à mãe durante um determinado período, mas pode produzir efeitos negativos caso se prolongue demasiadamente. Considerando que as crianças (vitimadas) encontravam-se com idade aproximada de 5, 6 anos, supõe-se efetuado o rompimento da simbiose. Mas a julgar pelo comportamento dos pais, principalmente das mães, que permaneceram se relacionando com seus filhos como se eles ainda fossem bebês, oferecendo proteção e cuidados constantes, se tem fortes indicadores de que o vínculo narcísico-simbiótico na realidade não foi rompido, de fato.

A palavra simbiose, alçada à condição de um conceito em psicanálise, foi tomada de empréstimo das ciências biológicas. Para os biólogos, simbiose caracteriza uma "relação ecológica interespecífica em que há vantagens recíprocas para as espécies que se relacionam [...]" e é "[...] uma associação permanente e indispensável à sobrevivência das partes" (DICIONÁRIO BABYLON, online). Para os psicólogos e psicanalistas, simbiose significa um tipo particular de vínculo entre a mãe e o bebê. Como se sabe, muitas espécies vem à vida com relativa independência em relação ao seus progenitores. Com a espécie humana se dá o contrário: o bebê humano é completamente dependente, a tal ponto que sem auxílio suficiente está fadado a perecer. Então, a simbiose caracteriza uma reação ao despreparo do bebê para suprir suas próprias necessidades, tanto fisiológicas, como a alimentação, quanto psicológicas, como a contenção e o amparo. Em outras palavras, já que o bebê não dispõe de recursos próprios para a satisfação de suas necessidades primárias, a "onipresença" da mãe pode compensar esta falta, ao oferecer as condições mais ou menos suficientes (MAHLER, 1982).

Então, em psicanálise a simbiose é caracterizada por uma "fusão onipotente" entre a mãe e o bebê, que pode proporcionar uma conexão psíquica tão profunda a ponto de atingirem entre si uma condição de indiferenciação psíquica (MAHLER, 1982). À medida que a mãe acolhe e oferece seu universo psíquico ao bebê, pode alcançar uma sintonia com ele que lhe possibilitará identificar e satisfazer suas necessidades. Na realidade, mãe e bebê estabelecem entre si uma relação de interdependência em que se complementam mutuamente, de maneira que não há separação nítida entre o "eu" e o "objeto" (BLEGER, 1988).

Pelo visto, se após o nascimento mãe e bebê deixam de ser um só, concretamente, psiquicamente continuam fusionados, continuam constituindo uma unidade. E é por meio desta "fusão psíquica" que são proporcionadas as condições primárias para o desenvolvimento emocional do bebê. Em outras palavras, o psiquismo da mãe serve de amparo para a formação e o desenvolvimento psíquico do bebê. Todavia, Mahler (1982) propõe uma diferenciação entre a "simbiose normal" e a "simbiose patológica", com base no período de tempo da simbiose. A autora afirma que a permanência demasiada da simbiose pode se desdobrar em formações psicóticas. Então, o rompimento da simbiose é necessário à maturação emocional e proporcionará as condições para o "nascimento psicológico" do indivíduo, primeiro por meio da separação com a mãe e depois por meio do processo que a autora denominou individuação (MAHLER, 1982).

Após a caracterização resumida da simbiose é possível dar continuidade ao raciocínio e relacioná-la com as particularidades emocionais da típica vítima de *bullying*. Como visto, a relação das crianças vitimadas com suas mães é marcada pela "proximidade intensa" (LADD & KOCHENDERFER LADD, 1998), aspecto provavelmente associado a permanência do modelo relacional simbiótico. Então, é também provável que há umnexo entre a condição emocional da vítima (típica) e a preservação do tipo relacional simbiótico, em que presume-se que o despreparo e a dependência do bebê em relação à mãe é reeditado no comportamento da vítima (típica), de modo que a passividade e a incapacidade de se defender que lhe é característica, são reimpressões de uma dependência primordial ainda não superada. Em outras palavras, a dependência emocional da criança em relação à mãe dificulta ou mesmo impede o desenvolvimento de recursos psíquicos que habilitem-na a manejar conflitos, particularmente os que se relacionam com o *bullying*. Assim, a inércia da vítima (típica) é um dado que pode ser pensado em termos de simbiose manifesta, porque caracteriza, aparentemente, um vínculo de completa dependência em que a ausência da metade complementar do "eu", a metade acessória, que poderia coibir as agressões, redundando na inércia da vítima (típica), no sentimento de desamparo e exposição às intenções malvadas dos *bullies*.

Pelo visto, o despreparo completo do bebê encontra suporte fundamental no vínculo narcísico-simbiótico, que lhe oferece as condições básicas de sobrevivência

e desenvolvimento. Porém, se o apoio irrestrito dado ao bebê é demasiadamente prolongado, o despreparo emocional típico do bebê também se prolonga. Mas, no fim das contas, a simbiose é ou não é benéfica? Sim, porque a simbiose atende uma carência primordial da espécie humana e mais ou menos proporciona as condições para o seu desenvolvimento. Não, quando é preservada indeterminadamente, porque então produz efeitos contrários, isto é, impede a continuidade do desenvolvimento. A simbiose é benéfica ao bebê, talvez até mais ou menos seu primeiro ano de vida, depois é necessário que a mãe "recue" gradualmente para que a criança possa "avançar", também gradualmente.

Como demonstrado pela vítima (típica) de *bullying*, o cuidado parental excessivo pode impossibilitar o desenvolvimento da criança, porque se a mãe se conserva na "operação" das funções (psíquicas), a criança não as desenvolve adequadamente; se a mãe protege a criança até mesmo das dificuldades que ela pode ao menos tentar enfrentar, a criança não desenvolverá os recursos necessários para enfrentá-las. Com efeito, o sentimento de desamparo e inércia do bebê, cuja única reação é chorar, é reimpresso na condição emocional da vítima (típica), em sua passividade e incapacidade de se defender, com a diferença que agora a mãe não se encontra presente para dar-lhe o amparo que sua extrema dependência requer.

De acordo com Bleger (1988), um dos aspectos fundamentais da simbiose é a existência simultânea de papéis complementares entre a mãe e o bebê. Por exemplo, a atividade da mãe é complementada pela passividade do bebê; a autonomia da mãe é complementada pela submissão do bebê, e assim por diante. Então, voltando à vítima (típica) de *bullying*, a hipótese de que suas condições emocionais conservaram o modelo relacional simbiótico é uma explicação plausível para o sentimento de desamparo, a passividade e a incapacidade de se defender que lhe é característica. Por que? Porque este comportamento da vítima (típica) é sinal perceptível de sua dependência emocional em relação a sua mãe. É algo comum quando a mãe vai à escola do filho apurar eventuais problemas em que ele está envolvido e busca alternativas conjuntas. Mas, quando se dirige até a escola e na surdina afronta o agressor de seu filho, pode ser que esteja operando novamente na dinâmica da interdependência simbiótica, já que exercendo a função (complementar) de defesa, para a qual a vítima (típica) se sente incapaz, como que

motivada pelo impulso em dar a proteção indispensável ao recém-nascido, mesmo que, no caso, se trate de um adolescente.

Um dado que encorpa o enunciado acima é oferecido por Birman (2007, 2012), quando discorre sobre os modelos de família da contemporaneidade. Uma de suas marcas inconfundíveis, diz respeito exatamente ao tipo de relacionamento entre a mãe e o bebê, em que o filho é tomado como objeto de satisfação pessoal da mãe. Desde Freud (1905/1992) se sabe que o filho é um substituto completo do marido, inclusive no campo da sexualidade, porque a mãe satisfaz-se plenamente por intermédio dos cuidados com o bebê. É natural, portanto, que o marido seja lançado à escanteio. Posteriormente, com a descoberta da simbiose, se esclareceu a importância e a fecundidade de um vínculo tão estreito, quando se percebeu seus benefícios à saúde mental do bebê. Entretanto, Birman (2012) põe em evidência a ação da mãe em se apoderar do bebê permanentemente, ou seja, a mãe não retorna ao casamento, não readmite o marido, não permite "a entrada do terceiro" e a configuração edípica, não renuncia a satisfação proveniente da relação simbiótica. Então, a família é revirada, mãe e filho continuam enlaçados e o pai permanece escanteado.

Portanto, a família contemporânea, precisamente àquela com a configuração descrita acima, reúne as condições para agenciar, parcialmente, o brotamento da típica vítima de *bullying*, com as características que lhe são próprias, já descritas anteriormente. Em outras palavras, se a mãe não renuncia à satisfação oriunda dos cuidados primários com o bebê e prolonga-os indeterminadamente, protegendo a criança além da conta, esta não se confrontará com as ameaças e dificuldades da vida, não perceberá os perigos que a rodeiam e, com efeito, não precisará desenvolver recursos para vivê-los e enfrentá-los. E quando as ameaças e problemas surgirem, a criança despreparada poderá sentir-se como se estivesse diante de uma catástrofe, poderá sentir-se completamente desamparada. A incapacidade de se defender da típica vítima de *bullying* é, possivelmente, uma consequência de um tipo desmedido de proteção (apaixonada) à criança, cuja constituição psíquica refere a marca da simbiose, refere a onipresença emocional (e praticamente objetiva) da mãe, fator que dispensa o desenvolvimento de mecanismos que, na ausência posterior e inevitável da mãe, possam ser empregados quando as situações o requererem.

Birman (2007, 2012) discorre ainda sobre uma outra configuração familiar comum no contemporâneo em que a circunstância prática é bastante distinta. Vale a pena abordá-la aqui, porque também relaciona-se com a simbiose, embora não diretamente com a vítima de *bullying*, mas com o agressor. Trata-se de uma família em que o investimento amoroso da mãe - e também do pai - em relação ao bebê é insuficiente. São casos em que talvez se possa dizer que a simbiose foi rompida muito rapidamente e/ou que não se efetuou adequadamente. A priorização do universo profissional e demais interesses adultos particulares, põem o bebê em posição secundária. Na realidade, o baixíssimo investimento afetivo no filho vai muito além da centralidade do trabalho, e pede uma investigação aprofundada, que não terá espaço aqui. Entretanto, talvez se possa conjecturar que também este fenômeno esteja relacionado à agressividade dos *bullies*, porque se a relação primordial do filho com os pais, relação estruturante da personalidade, é marcada pela falta - uma agressão -, inclusive pela falta de contenção da torrente de impulsos originários, poderá reverberar em um relacionamento permeado pela hostilidade que, reimpresso no contexto escolar pode desencadear eventos que configurem o fenômeno *bullying*.

Hoje, segundo Birman (2012), "a criança atrapalha". Então, decerto o sentimento de ser um estorvo pode se desdobrar em franca hostilidade em direção aos pais, mas também, senão principalmente, aos substitutos dos pais e àqueles que, no polo oposto, receberam todo amor e carinho - não raro excessivo - dos pais. Permitindo-se uma afirmação rude e talvez precipitada, pode-se dizer que na base do comportamento dos *bullies* encontra-se uma porção de ódio, derivado da vinculação faltosa e por isso hostil com os pais, ódio reforçado pelo sentimento de inveja em relação àqueles que receberam em excesso o que faltou ao *bully*. A criança mimada é alvo de *bullying* por causa de sua vulnerabilidade e passividade intersubjetivas, mas talvez também por despertarem a inveja e a ira daqueles que não receberam quase nenhum mimo. As crianças mimadas põem em evidência o mimo que faltou aos *bullies*.

É possível dispor paralelamente a inferência acima e a conclusão de Waiselfisz (2010), apresentada no início deste capítulo. O referido autor constatou uma alta correlação entre a má distribuição de renda e a violência social, em que os enormes privilégios de um grupo minúsculo, por um lado, e a precariedade na vida

de milhões, por outro, insuflam o ódio de classe e a violência social. No âmbito escolar, decerto a enorme diferença na proporção de investimento afetivo por parte dos pais das crianças que são agressores e vítimas de *bullying* pode reforçar a inclinação dos *bullies* a darem vazão à agressividade. Em uma formulação um pouco grosseira, pode-se dizer que a má distribuição de investimento afetivo - cuja carência motiva o *bully* e o excesso motiva a vítima de *bullying* -, perceptível até mesmo às crianças, possa ser posta em relação com a violência entre pares no ambiente escolar. Se no contexto social a concentração de renda e a difusão generalizada de um padrão de vida e consumo, acessível apenas para uma minoria, fomentam a indignação e a violência, ou seja, se a enorme diferença nas condições materiais é um elemento que produz e faz avançar o ódio de uma classe desfavorecida em relação à outra privilegiada, pode ser que uma dinâmica similar esteja em processo nas escolas, não somente em relação as condições materiais mas, talvez, em relação aos "bens imateriais", isto é, à proporção do investimento amoroso dos pais em relação aos filhos, em que as crianças que recebem-no de menos insuflam-se contra aquelas que aparentemente recebem-no demais.

Portanto, se o baixo investimento afetivo dos pais para com o filho pode se desdobrar na formação de indivíduos abertamente violentos, é o investimento afetivo/amoroso, ofertado em maior proporção, capaz de viabilizar a contenção da agressividade originária. Em suma, "mimar" a criança contribui para seu desenvolvimento, para a consolidação de um modelo de vínculo permeado pelo afetividade e pelo respeito e a ausência do "mimo" pode produzir consequências nocivas ao indivíduo e à sociedade. Porém, o amor demasiado dos pais em relação ao filho pode impedir seu desenvolvimento e resultar em vulnerabilidades diversas, então há de se diminuir a carga amorosa para evitar fragilidades futuras. Não é tão simples assim, mas, em suma, "mimar" excessivamente infantiliza, fragiliza, incapacita.

A partir daí, é possível considerar que não somente a falta, mas também o excesso de investimento libidinal dos pais em relação aos filhos, duas características marcantes da família contemporânea (BIRMAN, 2007, 2012), podem ter desdobramentos negativos, incluindo-se o fenômeno *bullying*, cujo intensificação se dá também em razão destas particularidades das famílias da atualidade. Vê-se, então, o quão problemático é o assunto e o quão sutil é o processo de constituição

psíquica, porque o "amor de menos" e o "amor demais" dos pais em relação aos filhos, pode produzir a violência e a exposição à violência, respectivamente. Quer dizer, a questão é de ordem quantitativa, mas não há receita, não há a possibilidade de uma prescrição exata. Todavia, o exercício de problematizar, aqui em andamento, pode ser uma via de revisão e renovação da relação entre pais e filhos no contemporâneo, pode ser disparador para pensar o modelo de vida e sociedade em que estamos inseridos.

2.10 A vítima provocadora...

A vítima provocadora provoca o agressor, mas também não se defende, ou melhor, não o faz com eficiência. Embora fomenta a violência dos agressores contra si própria, não dispõe de recursos eficientes para defender-se ou ao menos não se implica efetivamente em defender-se. À medida que a vítima provocadora tem por hábito insuflar a agressividade dos colegas em direção a si mesma, também em função de sua própria agitação e inquietude, geralmente causando desconforto e tensão no ambiente escolar, diz-se que possui um "gênio ruim" (FANTE, 2005). Há que diga que são impulsivas e atraem as agressões para si sem intenção de fazê-lo, ou seja, sua impulsividade acaba por resultar em ataques por parte dos agressores, para os quais pode responder (insatisfatoriamente), envolvendo-se em discussões e eventuais brigas com os pares. Em outras palavras, não conseguem conter a impulsividade, fato que acarreta eventuais conflitos com os colegas (SILVA, 2010).

A vítima provocadora também é descrita como imatura e com baixa tolerância à frustração, podendo agir agressivamente quando é contrariada (FANTE, 2005; SILVA, 2010). Quando sua impulsividade encontra obstáculo, pode reagir com hostilidade. Segundo parece, sua violência é predominantemente reativa e não propositiva, ou seja, não premedita atacar os colegas, todavia desperta a irritação destes devido suas dificuldades em controlar os próprios impulsos, importunando os colegas até acarretar discussões, brigas, etc. Apresenta características semelhantes tanto aos agressores quanto as vítimas típicas, reunindo aspectos tipicamente presente em ambos.

2.11 Vítima provocadora: considerações teóricas

São mais escassas as informações sobre a vítima provocadora. Aparentemente, este tipo de vítima envolve-se com frequência em atritos, em função de particularidades de seu comportamento, impulsivo e imaturo. Então, um único dado será ofertado, enquanto via teórica de reflexão, com base no relato autobiográfico de Ramirez (2011). O autor foi uma vítima de *bullying* durante praticamente todo período de escolarização, senão durante toda vida, como faz questão de afirmar, e em seu livro traça um percurso cronológico, com ênfase às experiências de maus tratos vivenciadas nas escolas que frequentou. Além disso, também fornece dados a respeito de sua infância, antes mesmo de ingressar na escola, episódios relativos a convivência em família, informações particularmente interessantes. Portanto, com base em alguns aspectos do relato em questão será proposto um ângulo de entendimento do fenômeno *bullying*, com relevo à vítima provocadora.

Não se está afirmando, primeiramente, que o relato de Ramirez (2011) permite identificar seguramente que se trate ele próprio de uma vítima provocadora, conforme descrição da literatura. Aliás, se tem a impressão de que a vítima, embora mais próxima de um dos tipos de vítimas de *bullying*, pode eventualmente se comportar de outra maneira, como se fosse um outro tipo de vítima. Por exemplo, a vítima típica pode ocasionalmente se comportar como uma vítima provocadora ou agressora, e assim por diante. Então, não é de interesse enquadrar o relato autobiográfico em questão em uma tipo específico de vítima ou em um tipo específico de vitimização, mas dar relevo para aspectos prévios à condição emocional de vítima, provavelmente associados com a vitimização posterior.

À medida que o *bullying* sofrido por Ramirez relacionava-se com sua gagueira, iniciada na infância, o autor retorna às suas memórias mais primitivas para explicar a gagueira, seu surgimento e a função que desempenhou em meio as circunstâncias da época. Então, é um relato rico em episódios da infância, da relação entre pais e o filho, o que dá a possibilidade de uma exploração psicanalítica.

Como dito, Ramirez (2011) conta que foi vítima de *bullying* por causa da gagueira, motivo constante de gozação por parte dos colegas de escola, gagueira que surgiu quando encontrava-se com aproximadamente 4 anos de idade, após a

separação dos pais. A relação forte com o pai - lembrado com carinho pelo autor, lembrado por acolhe-lo durante a noite, abraçá-lo e dar-lhe conforto e segurança quando despertava chorando no meio da noite - sofreu uma quebra brusca com o divórcio. Toda a atenção e cuidado que recebia do pai repentinamente cessou e a ausência do pai representou a ausência de devoção e zelo para aquela criança, que, então, buscou outras formas de chamar a atenção: "[...] fiz, para conseguir atenção, algumas estripulias que terminaram em longos sermões e, algumas vezes, em palmadas no traseiro que - acreditem! - para mim soavam como doces palavras e carinhos" (RAMIREZ, 2011, p. 20).

Com a separação dos pais, seu pai partiu e aquela criança de 4 anos, que encontrava em seu pai um porto-seguro, viu-se desamparada. Em meio ao turbilhão do divórcio, sua mãe aparentemente não estava em condições de lhe oferecer a atenção que desejava e necessitava. Ramirez (2011) recorda-se, então, que com o surgimento da gagueira recuperou parcialmente a atenção da mãe, atenção que tanto lhe fazia falta. Aparentemente, sentia-se menos amado que o irmão mais velho - o preferido da mãe - e, assim, por meio da gagueira e de sua teimosia conseguia um pouco da atenção que desejava, mesmo que eventualmente manifesta na forma de "sermões" e "palmadas". A ausência do pai e o sentimento de que a mãe amava mais o irmão e o deixava de lado representou uma tragédia para aquela criança. Mas, quando a sensação de desamparo foi minimizada pelos cuidados desencadeados pela gagueira e também pela teimosice, encontrou uma via para angariar a atenção e também as broncas da mãe: "[...] ninguém me perguntou se eu queria deixar de gaguejar: além de não querer perder a atenção, pois acreditava que se deixasse de gaguejar todos se desinteressariam por mim, havia ainda uma de minhas características mais fortes até hoje: a teimosia" (RAMIREZ, 2011, p. 23-24).

Ramirez (2011) "preferiu" os sermões e as palmas no lugar da indiferença e do sentimento de ser menos amado pela mãe. Mas, no contexto escolar, não há elementos que permitam dizer que ele provocava os colegas de escola, que atraía para si a hostilidade, como um efeito de uma modalidade relacional primitiva, permeada pela agressividade. Não é possível fazer esta afirmação, porque desde sempre a gagueira foi o principal motivador dos *bullies* em seus ataques à Ramirez. Então, ainda que a relação com a mãe apresentasse essa característica, qual seja, a "doença", a provocação, a teimosia, como recursos para atrair as demonstrações de

"amor" da mãe, para sentir-se amado, na escola aparentemente não houve tempo para sentir-se "colocado de lado", pois tão logo manifesta a gagueira teve início as brincadeiras de mau gosto, isto é, Ramirez não precisou atrair a hostilidade dos colegas mediante provocações: a gagueira, no passado um recurso para chamar a atenção, encarregou-se de também despertar a atenção dos colegas, que não tardaram em "zoar".

Talvez, Ramirez esteja mais bem ajustado às particularidades da vítima típica. O amparo da figura paterna, perdido repentinamente, pode estar relacionado ao sentimento de vulnerabilidade e à dificuldade em se defender. Decerto, se a saída do pai houvesse se processado gradualmente, dando tempo para o desenvolvimento de recursos internos que o capacitassem a enfrentar o distanciamento do pai, o rompimento não seria tão catastrófico. Na realidade, nunca se saberá. O fato é que a ausência súbita do pai representou um desamparo permanente que, somado ao sentimento de que a mãe, embora presente, também não o amparava, representaram lacunas para as quais uma criança de 4 anos reunia pouquíssimas forças para reagir, até encontrar na fragilidade da gagueira uma maneira de sentir-se seguro e amado novamente.

Mesmo assim, parece-nos que o modelo vincular proveniente da relação com a mãe, marcado pela demonstração de debilidade mediante a gagueira, por uma parte, como quem diz, "sou frágil, estou doente, preciso da sua atenção", e pela teimosia, um tipo de provocação que acarretava à atenção da mãe - permeada de hostilidade -, por outra, pode servir de exemplo explicativo parcial às vítimas provocadoras. Na situação descrita, há uma ligação entre a "hostilidade manifesta" (da mãe) e o sentimento (do filho) de "sentir-se amado", que pode ser resumida na fórmula "o ódio é amor". Apesar do clichê que encerra este entendimento especulativo, o relato autobiográfico de Ramirez (2011) - uma criança que provocava e arcava com as reações hostis de sua mãe - deixa ver que existem dados de realidade que o justifica.

Conforme a literatura, a vítima provocadora é um tipo de vítima de *bullying* que sofre em consequência de suas próprias atitudes, ou seja, as agressões sofridas são, na realidade, reações às provocações praticadas. Aliás, mesmo após sofrer as consequências da provocação, as provocações se repetem e conseqüentemente se repetem as agressões. Depois das primeiras provocações e reações agressivas a

vítima novamente provoca, isto é, provoca sabendo que provavelmente será agredida, em uma dinâmica em que há com certeza um componente irracional mobilizando a provocação, mesmo que esta ocorra "sem querer". Estará a vítima provocadora reproduzindo na escola o paradigma vincular exemplificado por meio do relato autobiográfico de Ramirez (2011)?

Em outras palavras, se o filho sentia "a presença" do amor da mãe quando esta dava-lhe broncas - visto que no contexto da rivalidade fraterna o irmão recebia mais atenção, elogios e carinho -, e provocava-a para receber e ver se materializar o amor materno, ainda que por meio de castigos, esta característica, tendo progredido a um padrão, pode eventualmente reimprimir-se na relação com os colegas na escola. Se de fato se trata de um paradigma vincular, em que a ausência brusca dos cuidados do pai "não" encontrou uma medida de amor equivalente nos cuidados da mãe, em que a alternativa (à gagueira) à provocação demonstrou-se viável para reaver parte do amor perdido, talvez se possa propor que uma parte das vítimas provocadoras sentem o ataque dos *bullies* como uma forma de sentirem-se estimados entre os colegas da escola, mesmo que, concomitantemente, haja sofrimento e raiva devido aos ataques, como também existe no íntimo da criança que é agredida pela mãe.

Talvez, portanto, este componente irracional da vítima agressora tenha raízes em um tipo de vínculo paradigmático em que o ódio é visto como uma demonstração de amor. E a reimpressão deste tipo relacional com os colegas de escola pode dar origem aos episódios que caracterizam a faceta do *bullying* que envolve a vítima provocadora.

2.12 A vítima agressora...

Quando a vítima de *bullying* vai ao encontro de um par mais fraco para desferrar as agressões sofridas, reproduzindo as ações de maus tratos, tem-se caracterizada a vítima agressora. Em outras palavras, a vítima agressora "reage" indiretamente as agressões, perpetrando violência em direção à um indivíduo ainda mais frágil. Geralmente incapazes de reagirem frente aos agressores que os atormentam, as vítimas agressoras dão vazão a sua raiva fazendo novas vítimas, transferindo e/ou compensando as agressões sofridas com as agressões perpetradas (FANTE, 2005; MIDDELTON-MOZ & ZAWADSKI, 2007; SILVA, 2010).

Em síntese, a vítima agressora repete os maus tratos sofridos, fazendo novas vítimas. É o caso, por exemplo, do aluno que sofre diante do grande valentão e desforra sua valentia com o aluno completamente indefeso.

Vê-se, então, que a literatura compreende o comportamento da vítima agressora como uma consequência da ação dos *bullies*. Quer dizer, a vítima agressora é, primeiramente, vítima; depois, secundariamente, agressora. A partir disto, pode-se presumir sobre as vítimas agressoras que, caso não fossem agredidas, não agrediriam. Uma formulação simples servirá para diferenciar a vítima provocadora da vítima agressora: na primeira, a vitimização é consequência das provocações; na segunda, a vitimização é causa de novas agressões. Portanto, a vítima agressora faz multiplicar o fenômeno.

2.13 Vítimas agressoras: considerações teóricas

Por meio de evidências nas obras de autores que foram vítimas de *bullying* é possível identificar que há um desejo de vingança direcionado aos agressores: naturalmente, a agressão sofrida produz o desejo de revanche. Ao se referir aos fuzilamentos escolares - por exemplo, o "Massacre de Realengo" ou o ocorrido no colégio Columbine *High School* -, em que se sabe que os atiradores foram vítimas de *bullying* durante o período de escolarização, Ramirez (2011) se coloca da maneira seguinte:

Não concordo e não justifico, mas, hoje em dia, quando vejo os inúmeros casos de jovens que entram em escolas e atiram contra os alunos, provocando inúmeras mortes, fico com uma reflexão paradoxal: será o número de mortes que ele provocou igual ao número de vezes que morreu vítima de *bullying*? A diferença, talvez mais óbvia, é que o *bullying* mata a alma e a bala mata o corpo (p. 39-40).

Silva (2010), que também admitiu-se vítima de *bullying*, diz que estes episódios trágicos receberam e recebem apoio de uma parte dos alunos que foram ou são vítimas de *bullying*, os quais consideraram a atitude dos dois atiradores de Columbine um ato heroico. Na realidade, há uma contradição interna operando: ao mesmo tempo em que se pode reconhecer o quão abominável são os fuzilamentos escolares, a sanha, oculta e colérica, da classe vitimada, é satisfeita por meio destas matanças de repercussão e comoção internacional. É uma tragédia, admitem, não obstante o efeito praticamente catártico provocado nas vítimas de *bullying*, que indiretamente satisfazem sua aspiração de vingança. A contradição é a seguinte: a

razão informa que é um comportamento completamente desumano, contrário à civilização; que é comportamento execrável, a ser condenado e punido severamente; mas, quando a razão descansa, sobra um "bem feito, quem mandou maltratá-los tantas vezes e por tanto tempo!". Em suma, são sentimentos opostos em um embate duro e desgastante.

Sem alongar-se neste assunto, é possível depreender que o sentimento de vingança é a regra, senão a unanimidade entre àqueles que sofreram com as agressões dos *bullies*. Nem todas se vingam, talvez apenas uma pequeníssima parte se vingue, mas aparentemente todas as vítimas de *bullying* desejaram ou desejam vingar-se, ainda que não admitiam abertamente o impulso vingativo. É provável que a maior parte das vítimas de *bullying* já ao menos fantasiou uma grande vingança. Quando "compensam" as agressões sofridas agredindo inocentes, isto é, fazendo novas vítimas, pode-se afirmar que as vítimas agressoras estão redirecionando a retaliação, que originalmente seria dirigida aos agressores, caracterizando uma vingança indireta, por assim dizer. Como sentem-se sem forças suficientes para devolver aos agressores os maus tratos sofridos, desforram-nos naqueles que nada tem a ver com o assunto.

Os "massacres escolares" motivados pelo desejo de vingar-se dos *bullies* e (supostamente) da estrutura que é ineficiente na coibição do *bullying*, são exemplos de vingança que transparecem a tamanha dor e revolta das vítimas, transparecem, aliás, o quão prolongado foi o período de tempo que perduraram as agressões e o quão acumulado encontrava-se o ódio e o ímpeto de vingança, porque, quando aberta a comporta, a torrente de violência alcançou patamar catastrófico. O "Massacre de Realengo", ocorrido em 2011, quando um ex-aluno da Escola Municipal Tasso da Silveira, localizada no bairro de Realengo, Rio de Janeiro, adentrou a escola armado com revólveres e atirou contra um grupo de alunos, matando 12 adolescentes com idade entre 13 e 16 anos, ferindo outros 13 alunos e se suicidando em seguida (WIKIPÉDIA, 2017), caracteriza um comportamento extremado de uma vítima agressora, em que o revide tardio vitimou inocentes. Colocando à parte o teor místico-religioso do depoimento do assassino, pode-se constatar a vivência de maus tratos durante o período de escolarização, a motivação

de vingança e o desejo de fazer parar o *bullying* por meio de uma matança desvairada.⁷⁷

Paralelamente aos "massacres escolares", há também o caso de vítimas que se suicidaram após prolongado período de maus tratos no ambiente escolar. O suicídio praticado por uma vítima de *bullying*, endereçado aos *bullies* por meio de vídeo, carta, etc., também apresenta um caráter de retaliação. Nutrido e portanto avolumado, o rancor das vítimas agressoras pode apresentar a faceta da desforra bárbara pela via homicida, mas também pela via suicida. Como se sabe, causar dano a si próprio é uma maneira indireta de acarretar o sofrimento do outro, principalmente quando se sabe que o outro sentirá profundamente o impacto desta ação, como são os casos em que há uma conexão forte entre o suicida e aquele(s) para quem o suicídio é endereçado. A seguir, um trecho de uma carta de despedida que um garoto de 14 anos deixou à mãe:

Eu poderia pegar uma arma e atirar em todos os meninos, mas não sou uma pessoa má. Também não vou dizer quem são os *bullies*. Você sabe quem eles são. Eu ria por fora e chorava por dentro. Mãe, depois de minha morte, vá até a escola e fale com os meninos. Diga para que parem com o *bullying* uns sobre os outros, pois isso machuca profundamente. Estou tirando minha vida para mostrar o quanto machuca (MOHARIB, 2000 apud MIDDLETON-MOZ & ZAWADSKI, 2007, p. 19).

Quer dizer, no íntimo de uma vítima de *bullying* que se suicidou, mas que antes de sua morte legou um testemunho "esclarecedor" sobre o porquê do suicídio, aludindo inclusive àqueles potencialmente envolvidos na causação da dor que encaminhou o suicida a dar cabo a própria vida, há, possivelmente, motivadores

⁷⁷ A seguir um fragmento de um dos depoimentos de Wellington Menezes de Oliveira, responsável pelo "massacre de Realengo", em que o atirador reporta-se às vítimas de *bullying* na qualidade de "irmãos" e também reporta-se diretamente às autoridades: "Bem irmãos, eu ainda me lembro de todas as humilhações que eu passei nas mãos desses covardes. Eu era agredido, humilhado, ridicularizado... e as vezes que mais doía era quando eles praticavam essas covardias contra mim, e todos em volta riam, debochavam, se divertiam sem se importar com os meus sentimentos. Mas o que mais me irrita hoje, é saber que esse cenário vem se repetindo sem que nada seja feito contra essas pessoas covardes e cruéis. E analisando esse cenário.. que eu percebi que algo precisa ser feito contra esses covardes. Eles precisam saber, todos precisam saber, que existem irmãos, que vocês tem irmãos preparados pra matar e pra morrer em prol da defesa de vocês. Pra que eles saibam, todos saibam, que existem irmãos dispostos a darem suas vidas por vocês, vos inspirando a se defenderem até as últimas consequências, irmãos. [...] Que o ocorrido sirva de lição, principalmente às autoridades escolares, pra que descruzem os braços diante de situações em que alunos são agredidos, humilhados, ridicularizados, desrespeitados. Escola, colégio e faculdade são lugares de ensino, aprendizado e respeito. Se tivessem descruzado os braços antes e feito algo sério no combate a esse tipo de práticas, provavelmente o que aconteceu não teria acontecido, eu estaria vivo, todos os que eu matei estariam vivos. Se permanecerem de braços cruzados estarão forçando mais irmãos a matarem e a morrerem" (YouTube, 2017).

similares aos enunciados abertamente pelos "atiradores escolares". Decerto, ambos pretendem dar uma lição nos *bullies* e em seus cúmplices (supostos), devolvendo-lhes o sofrimento, causando-lhes dor física e/ou emocional, causando-lhes enorme pesar. Talvez, a vítima agressora que se suicida continuou incapaz de reagir, mesmo injustamente - como é o caso daqueles que fazem novas vítimas -, optando por atacá-los indiretamente, mediante a imputação aos agressores da responsabilidade relativa a ação suicida.

De qualquer maneira, o interessante a ser destacado é, mais uma vez, que os casos extremos, como os relatados acima, servem para por em evidência um aspecto que atravessa o grande grupo de vítimas: o enorme rancor das vítimas, que pode alcançar tamanha força a ponto de exercer influência pronunciável no jeito de viver desses indivíduos. Ou melhor, a dificuldade da vítima em se defender e em manejar as situações conflituosas, condição que favorece o agravamento quantitativo e qualitativo das ações de maus tratos, impede a vítima de dar um basta nas agressões e acarreta um sofrimento recorrente que, com efeito, avoluma o ódio e o ímpeto de vingança. Geralmente, a vítima não se vinga e a contenção prolongada desta ira, sem forças para sair, reverbera em rancor, em ressentimento e, conseqüentemente, em infelicidade. Em resumo, a condescendência das vítimas dá chance ao ódio contido, dá chance ao ressentimento, que pode determinar o comportamento do indivíduo.

Em outras palavras, o ressentimento (potencial) das vítimas de *bullying*, cuja a proporção aumentada determinou, por exemplo, a premeditação prolongada e a execução de um massacre ou a execução de um suicídio, aparentemente encontra-se no íntimo das vítimas de *bullying* como um todo, conquanto em menor proporção. Sabe-se, por exemplo, que Wellington Menezes de Oliveira premeditou por pelo menos um ano o "Massacre de Realengo" (WIKIPÉDIA, 2017), período em que se pode presumir que o "atirador escolar" viveu inteiramente governado pelo desejo de vingança. A questão é a seguinte, caso o jovem não tivesse perpetrado o terrível crime que cometeu, provavelmente continuaria vivendo no isolamento, sem praticamente nenhuma relação humana genuína, nem mesmo com os irmãos - os pais já eram falecidos na data do massacre; provavelmente continuaria recluso, passando horas e mais horas na internet, alimentando seu rancor com pesquisas sobre atentados terroristas; continuaria solitário, odiento, infeliz. Enfim, continuaria

vivendo uma vida permeada e condicionada pelo ressentimento, uma vida com muitas restrições e prejuízos no campo relacional.

Novamente, da mesma forma que, conforme ensina a psicanálise, a patologia contribui com o entendimento da normalidade, porque a doença põe em evidência aspectos existentes mas praticamente ocultos na "normalidade", os "atiradores escolares" e também as "vítimas agressoras suicidas" podem evidenciar aspectos emocionais que também permeiam a generalidade das vítimas de *bullying*, aquelas que não reagem aos maus tratos ou cuja reação não alcança patamares tão destrutivos. Se verdadeira a inferência acima, pode-se concluir que geralmente as vítimas são mais ou menos atravessadas por um apetite de vingança, que se desdobra em ressentimento com chance de reunir força suficiente para determinar o jeito de ser e viver destes indivíduos, prejudicando, portanto, o campo das relações humanas, a vida pessoal e social destes indivíduos.

Não se está propondo, atenção, que as vítimas devam extravasar a sanha intimamente armazenada a fim de, posteriormente, viverem melhor. Propõe-se, isto sim, que as circunstâncias determinantes na formação deste tipo psíquico frágil, particularmente manifesto em vulnerabilidade, em comportamento condescendente, em incapacidade de se defender, etc., tem de ser repensado, porque se está produzindo um tipo humano com menores condições de viver as relações humanas, com as dificuldades que existem no convívio com as diferenças, embora saibamos que o *bullying* não é uma dificuldade como qualquer outra.

Também não se está naturalizando as agressões dos *bullies* e transferindo a responsabilidade exclusivamente às vítimas. Certamente, também a formação psíquica que desemboca em comportamento violento precisa ser repensada com urgência. Todavia, a problemática não está restrita à constituição psíquica e ao comportamento dos *bullies*, mas também das vítimas, porque aqueles que dispõem de menores forças para vivenciar e manejar os problemas e dificuldades "inerentes" as relações humanas, tendem a isolar-se cada vez mais, a buscar refúgio no universo virtual, a apoiar-se em relacionamentos (virtuais) que, na prática, são fragmentados, incompletos, etc. Portanto, as condições e os determinantes que atravessam a constituição psíquica no contemporâneo, que atravessam a família, a escola, o trabalho, estão produzindo indivíduos com sérias dificuldades para o estabelecimento de relações genuínas, fecundas e mutuamente satisfatórias. O

atual modelo de sociedade está produzindo, em proporção crescente, indivíduos extremamente impulsivos, opositores irracionais da lei (formal e informal), corruptos habilidosos - dribladores sorrateiros do "certo e errado"; está produzindo a violência, inclusive a violência escolar no formato *bullying*, mas também está produzindo a fragilidade emocional, a incapacidade em suportar e manobrar o sofrimento; está produzindo a delinquência e o crime, o isolamento e as depressões.

Em síntese, a conjuntura nacional, por sua vez imbricada com determinantes globais, é agenciadora do empobrecimento da relações humanas - tornadas, a cada dia, mais superficiais, frágeis, infecundas; é agenciadora de um aviltamento da humanidade nas relações humanas - permeadas, cada dia mais, pela agressividade e pelo medo, pela violência e opressão, pela indignidade. Enfim, a exacerbação da violência, corroborada por meio de indicadores fidedignos à realidade brasileira, e a difusão e o agravamento da fragilidade emocional, são indicadores suficientes para mobilizar revisões nas atuais formas de viver em sociedade.

2.14 Considerações complementares

Embora a violência seja intrínseca, a proporção que alcançou na contemporaneidade certamente está relacionada à um conjunto de fatores de muito maior amplitude, fatores que também intervêm no processo de constituição psíquica. As particularidades do contemporâneo, do capitalismo globalizado e de sua ode de incentivo permanente ao consumo e às satisfações derivadas da mercadoria, sem dúvida atravessam as formas de vida e atuam como determinantes de peso na formação dos indivíduos. Se a sociedade de consumo produz formas de vida predominantemente enfocadas na materialidade, na sensorialidade, etc., o campo relacional é lançado à plano secundário. Aliás, este fator fortalece ainda mais o consumismo, porque como são as relações humanas mutuamente satisfatórias que conferem sentido à existência, sua precarização tornará maior a necessidade de buscar na materialidade alternativas de fundamento à vida. Entretanto, o consumo, a mercadoria, a materialidade, etc., jamais propiciará tudo aquilo que desabrocha com um "encontro de almas" em domínio profundo.

Em outras palavras, a conjuntura socioeconômica e cultural contemporânea deve ser posta em relação com a precarização dos vínculos humanos, e com seus efeitos diretos e indiretos, inclusive com a escalada da violência. O universo de

completo incentivo à satisfação imediata e permanente das vontades incessantes mediante o consumo, incentiva também a priorização dos interesses individuais, a exteriorização leviana dos aspectos interiores que incomodam o indivíduo (a inveja, o ódio, a ganância, a maldade, etc.), a manutenção da bolha de proteção e prazer que impede qualquer perturbação, mas impede também a maturação. Sumariamente, a cultura de garantia incondicional dos interesses e satisfações individuais, particulares ao capitalismo contemporâneo - em que ser cidadão tornou-se sinônimo de ser consumidor -, está diretamente conectada com a precarização dos vínculos, seja em sua faceta de desumanização, seja em sua faceta de superficialidade.

Portanto, o *bullying* acontece nas escolas, não obstante é um fenômeno cuja gênese não deve restringir-se ao ambiente escolar, ou seja, responsabilizar somente pais, professores, equipe escolar e alunos é um ângulo de entendimento exíguo, cuja resultante é a adoção predominante, senão exclusiva, de estratégias repressivas em direção aos *bullies*. Conforme enunciado no início, a violência registrou um crescimento alarmante em nosso país a partir dos anos 1980 e o *bullying* é a uma variante deste fenômeno, manifesta no contexto educacional. Com certeza, deve-se coibir a violência entre pares nas escolas por meio de ações repressivas, sem permitir, todavia, que o retorno imediato produzido por ações deste porte, a diminuição pontual da violência alcançada por meio da punição dos agressores, camufle uma problemática de muito maior amplitude.

Tanto nos países em desenvolvimento como nos industrializados, geralmente se considera prioritário ocupar-se das consequências imediatas da violência, proporcionando ajuda para as vítimas e punindo os agressores. Embora estas respostas sejam importantes e não de serem reforçadas na medida do possível, é preciso intervir muito mais na prevenção primária da violência, isto é, em medidas que impeçam que chegue a produzir-se (OMS, 2002, p. 13, tradução nossa)⁷⁸.

Ao campo da psicologia, particularmente à psicanálise, é oportuno dar mostras, conforme efetuado anteriormente, de que a violência exacerbada no comportamento do *bully* e a "violência zero" no comportamento da vítima (típica)

⁷⁸ Tanto en los países en desarrollo como en los industrializados, generalmente se considera prioritario ocuparse de las consecuencias inmediatas de la violencia, proporcionando ayuda a las víctimas y castigando a los agresores. Aunque estas respuestas son importantes y han de reforzarse en la medida de lo posible, es preciso invertir mucho más en la prevención primaria de la violencia, esto es, en medidas que impidan que llegue a producirse (OMS, 2002, p. 13).

possam estar relacionados às formações narcísicas, isto é, ao narcisismo. Entretanto, é ainda mais oportuno por em pauta o narcisismo enquanto um fenômeno de maiores proporções na contemporaneidade e para o qual deve ser dada atenção com a finalidade de repensar as formas de vida que agenciam-no. Em outras palavras, o *bullying* está relacionado com as particularidades da constituição psíquica no contemporâneo, marcadamente narcisistas, mas o narcisismo, fenômeno constatado no âmbito psicológico, deve ser posto em relação com a conjuntura socioeconômica e cultural que atravessa a sociedade globalizada. Portanto, problematizar e encontrar alternativas ao *bullying* requer ações diretas com os envolvidos, com familiares e com a equipe escolar, mas não se pode ignorar que as formas de viver no contemporâneo, que, com a finalidade de aumentar o consumo, incentivam a satisfação desmedida, a exteriorização de tudo o que está intimamente contido, está produzindo, com efeito, também a exteriorização da animalidade originária, da satisfação narcísica da mãe com o filho, fatores que reverberam, entre outros, no *bullying* praticado nas escolas.

3. Metodologia

3.1 Apresentação

De base clínico-qualitativa, a presente pesquisa emprega técnicas de coleta, análise e interpretação de dados que, em conjunto, fazem do exercício de pesquisa algo similar ao operado na clínica psicanalítica. Usa-se de recursos técnicos que viabilizam o acesso a informações sobre a vida anímica dos participantes, informações de natureza objetiva e subjetiva, passíveis de interpretação. Então, após o aparecimento de dados genuínos a respeito do universo anímico dos voluntários de pesquisa, estes dados foram analisados e interpretados. A metodologia clínica-qualitativa aqui adotada vai na direção de compreender o significado do fenômeno investigado, para além da descrição e explicação dos fatos (TURATO, 2003).

A respeito da metodologia clínico-qualitativa, o pesquisador não intervém diretamente "no processo", o que poderia produzir alterações na expressão do fenômeno pesquisado, porque se interessa pela sua expressão natural, isto é, sem interferências. Portanto, apreende o fenômeno no próprio campo em que ele ocorre e/ou por meio da literatura especializada, que também pode oferecer informações fiéis sobre os fatos que caracterizam o fenômeno (TURATO, 2003). Evidentemente, em determinados procedimentos de avaliação psicológica há, inevitavelmente, uma dose de "imbricação" entre o pesquisador e o objeto pesquisado, como na Entrevista Psicológica (BLEGER, 1979/1998). Entretanto, se o pesquisador é um dos principais elementos da investigação em campo (TURATO, 2003), ele é também uma variável a ser considerada, porque o instrumento de trabalho do entrevistador é ele próprio, isto é, seu mundo interno e sua personalidade participam inevitavelmente da relação interpessoal que caracteriza a entrevista (BLEGER, 1979/1998).

A realização prática da presente pesquisa se deu mediante a execução de quatro etapas, previamente estabelecidas no projeto de pesquisa, as quais, esquematicamente, são apresentadas a seguir: (a) foi realizada uma revisão bibliográfica da literatura específica sobre o fenômeno *bullying*, para apreender o conhecimento geral produzido pelos pesquisadores que nos precederam, principalmente o conteúdo relativo às características das relações de maus-tratos, as circunstâncias em que ocorrem no contexto escolar e possíveis hipóteses sobre o

perfil de agressores e/ou vítimas; ainda como parte da primeira etapa, uma revisão bibliográfica da literatura psicanalítica, majoritariamente a obra de Freud, com ênfase às postulações a respeito da teoria da libido, isto é, do desenvolvimento psicosssexual e a formação da personalidade, e àquelas que versam, direta e indiretamente, sobre a perversão, com a finalidade de apreender o processo de formação psíquica, em geral, e de formação do tipo de organização libidinal e dos sintomas perversos, em particular; (b) a segunda etapa refere-se à identificação de potenciais agentes e/ou vítimas de *bullying*, realizada com o apoio da equipe escolar, especificamente professores e coordenação pedagógica, com os quais foi previamente realizado um "alinhamento conceitual" para assegurar a uniformidade do entendimento sobre o *bullying*, e em seguida os profissionais mencionados apontaram, em consenso, os alunos potencialmente envolvidos em *bullying*; (c) após a identificação, a terceira etapa diz respeito à coleta de dados com cada participante mediante aplicação do Procedimento de Desenho de Família com Estórias (DF-E) (critérios de avaliação do DF-E - Anexo I) e a realização de uma Entrevista Psicológica Semiestruturada (Anexo II); (d) por último, foi realizada a análise e a interpretação dos dados coletados com cada participante, isto é, foi feita uma análise individual.

A seguir, se apresenta um maior detalhamento das etapas da metodologia de pesquisa.

3.2 Caracterização da amostra

A presente pesquisa foi realizada em uma escola pública do município de Assis - SP, com alunos de idade entre 11 e 15 anos, cursando o ensino fundamental II. O intervalo etário escolhido se ampara nos resultados da pesquisa Plan Brasil (2010), os quais asseguram que "os agressores se concentram na faixa etária de 12 a 14 anos" (p. 61) e as vítimas "concentram-se no intervalo de adolescentes de 11 a 15 anos" (p. 60). A amostra foi composta por 3 alunos, de ambos os sexos, estudantes do 5º ao 9º ano, identificados por professores e coordenação pedagógica como potenciais agentes e/ou vítimas de *bullying*. Portanto, os critérios de seleção da amostra contemplam o intervalo etário mencionado, o período específico de escolarização e o envolvimento com a prática ativa e/ou passiva de *bullying*.

A pesquisa foi previamente aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP). A inserção do pesquisador na escola se deu após a aprovação do CEP e também após o consentimento da direção da escola, que também assegurou as condições necessárias à sua realização. Abaixo, a Tabela 1. apresenta uma caracterização geral da amostra.

Tabela 1. Caracterização da Amostra de Pesquisa

Aluno	Sexo	Idade	Ensino Fundamental II	<i>Bullying</i>
A.	Masculino	14	9º ano	Vítima
B.	Feminino	14	9º ano	Vítima-agressora
C.	Masculino	12	7º ano	Agressor

3.3 Procedimentos de pesquisa

A. Identificação de potenciais agentes e/ou vítimas de bullying

Conforme prenunciado anteriormente, o procedimento adotado para identificação de potenciais agentes e/ou vítimas de *bullying* contou com a participação da equipe escolar, particularmente professores e coordenador pedagógico. Enquanto uma variação dos questionários de autopreenchimento aplicado aos professores para identificação dos envolvidos com o fenômeno *bullying* (SEIXAS, 2005), o procedimento empregado adotou o diálogo com os docentes, por meio do qual foi possível o reconhecimento de parte dos alunos praticantes e/ou vítimas de *bullying*. As etapas são descritas abaixo:

(a) Alinhamento Conceitual - para impedir que possíveis concepções distintas a propósito do fenômeno *bullying* resultassem em variação no entendimento entre pesquisador e equipe escolar, foi realizado inicialmente um trabalho de alinhamento conceitual: em reunião com os professores e a coordenação pedagógica foi abordada a questão "o que é *bullying*?" com o propósito de estabelecer uma definição conceitual unânime, apoiada, evidentemente, na literatura específica sobre o tema. Como resultado, professores, coordenação pedagógica e pesquisador adotaram o mesmo conceito e, por conseguinte, os mesmos critérios para identificação do fenômeno e dos envolvidos com o fenômeno. Em suma, o alinhamento conceitual foi adotado como garantia de exatidão e manutenção do rigor científico necessário, tomado como exemplo da pesquisa Plan Brasil (2010).

Por outro lado, o presente pesquisador optou por não adotar junto à equipe escolar mencionada as subdivisões da terminologia conceitual corrente na literatura específica, que distingue alguns tipos de vítimas (típica, provocadora e agressora), restringindo-se as categorias de agressor ou vítima. Porém, durante as reuniões - duas no total - houve casos em que se discutiu sobre alunos que aparentemente agrediam e também eram agredidos. Depois, durante a análise dos dados, o pesquisador confirmou a hipótese levantada junto à equipe escolar, que será apresentada em etapa posterior do presente trabalho.

(b) Identificação de Potenciais Agentes e/ou Vítimas de *Bullying* - o pesquisador se reuniu novamente com os professores e coordenação pedagógica e solicitou que fossem apontados alunos do Ensino Fundamental II, que se encaixavam na descrição conceitual realizada anteriormente a propósito do *bullying*. Em suma, a equipe indicou potenciais envolvidos com o *bullying* e, a pedido do pesquisador, foram priorizados aqueles corriqueiramente envolvidos com as ações de maus-tratos - sofridas e/ou praticadas - assegurando a identificação correta do público-alvo de pesquisa. Como se sabe, no Ensino Fundamental II os professores ministram sua disciplina em várias classes de diferentes níveis, ou seja, uma mesma classe é conhecida por um grande número de professores. Então, a conversa com o corpo docente permitiu que toda equipe avaliasse a validade de uma indicação de um potencial envolvido com o fenômeno *bullying*. Por exemplo: um professor apontou que um determinado aluno do 5º ano A é agressor. Os demais, que também trabalham com a referida classe, tiveram a possibilidade de avaliar a fidedignidade da referida indicação, contestá-la ou corroborá-la. Portanto, o pesquisador optou pelos casos consensuais, em que toda ou a maior parte da equipe concordou com a indicação.

Com o procedimento adotado, as indicações dos envolvidos com o fenômeno *bullying* são provenientes da ótica dos professores e coordenação pedagógica. Uma vez que é comum na literatura a identificação de potenciais agressões e/ou vítimas mediante a ótica da equipe escolar, sobretudo o corpo docente, a alternativa empregada, embora com adaptações, também encontra respaldo na literatura especializada (SEIXAS, 2005, 2006).

(c) Convite Individual - com a listagem do grupo de alunos elencados como potenciais agentes e/ou vítimas de *bullying*, o pesquisador se dirigiu até a escola e convidou o aluno para participar da pesquisa. Encaminhou o aluno para uma sala reservada - a qual posteriormente foi utilizada para aplicação dos procedimentos de coleta de dados - conversou, individualmente ou em dupla, com o(s) aluno(s), convidando-o(s) a participar da presente pesquisa. Foi realizada a leitura dos documentos - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (Anexo III) e Termo de Assentimento (Anexo IV) - e ofertado demais esclarecimentos quando necessário. Cada aluno foi orientado a levar a documentação para casa e, após conversa com pais ou responsáveis, encaminhar a documentação ao pesquisador que, em data acordada, retornaria à escola para retirada dos referidos documentos.

B. Coleta e análise dos dados

Desenho de Família com Estória (DF-E) - o DF-E é uma técnica de investigação clínica da personalidade que concilia os recursos técnicos dos instrumentos projetivos gráficos e dos procedimentos de apercepção temática, e aborda a família como tema (TRINCA, 1997a). São duas ferramentas projetivas em uma só, por assim dizer. Cada produção, composta por um desenho e uma estória, compõe uma unidade coesa, integrada ao todo, por sua vez formado pelo conjunto das quatro unidades de produção. No DF-E, então, o desenho não é simplesmente um substituto das pranchas utilizadas nos testes de apercepção temática como forma de propiciar o processo projetivo, é na realidade uma parte indissociável das estórias, que em conjunto compõem uma unidade de produção (TRINCA, 1997a).

O processo de coleta de dados com os voluntários de pesquisa se deu em dois encontros com cada um, nas dependências da escola, em uma sala reservada. No primeiro, foi aplicado o DF-E e no segundo foi realizada a Entrevista Psicológica Semiestruturada. Cada um dos encontros teve duração aproximada de 50 minutos. A aplicação do DF-E ocorreu seguindo o protocolo de aplicação, conforme Trinca (1997a). Como se sabe, as técnicas projetivas gráficas conduzem o indivíduo a fornecer dados correspondentes à sua estrutura emocional, pois favorecem a descarga de conflitos, medos, necessidades, inseguranças, etc. Então, viabilizam o aparecimento da dinâmica da personalidade do avaliando e possibilitam sua compreensão global (ANASTASI, 1977; ANZIEU, 1978). O desenho, enquanto uma

modalidade de expressão alegórica expõe dados que, através da fala ou da escrita, permaneceriam ocultos. Em se tratando de uma linguagem simbólica, o desenho permite a projeção de elementos profundos e inconscientes, porque as defesas do indivíduo não identificam o verdadeiro conteúdo expresso no simbolismo gráfico apresentado (VAN KOLCK, 1966, 1984). Já as técnicas de apercepção temática se utilizam de gravuras que representam episódios diversos, com graus de estruturação e realismo variáveis, sobre os quais o indivíduo é convidado a narrar uma história, e assim revela conteúdos significativos de sua personalidade (SILVA apud BARROS, 2004). Em ambas as técnicas, como às demais técnicas projetivas, a estimulação é desestruturada e ambígua viabilizando a emergência de conteúdos inconscientes (ANASTASI & URBINA, 2000).

No DF-E o grafismo e o estímulo de apercepção temática somam-se no processo de viabilizar acesso a conteúdos inconscientes, (TRINCA, 1997a) visto que ambos os procedimentos agenciam a projeção. Podemos classificar o DF-E como uma variação do Procedimento de Desenhos-Estórias (D-E), com a diferença que o tema dos desenhos é a família, e em que são projetados aspectos relativos às relação familiares. O DF-E "tem por finalidade a detecção de processos e conteúdos psíquicos de natureza consciente e inconsciente, que dizem respeito às relações do examinando com os objetos internos e externos pertinentes à dinâmica familiar" (TRINCA, 1997a, p. 26). A escolha da família como tema dos desenhos e histórias fundamenta-se na importância da família no desenvolvimento do indivíduo e "espera-se que o DF-E facilite a comunicação de conflitos profundos vividos no meio familiar, de fantasias inconscientes a respeito das figuras significativas e do jogo de forças emocionais existentes no seio da família" (TRINCA, 1997a, p. 27). Aliás, a opção pela família como tema gerador das unidades de produção do DF-E se ampara na constatação, de origem psicanalítica, em que a formação básica do psiquismo ocorre no interior da família, que atua na constituição da personalidade como um todo (LIMA, 1997).

Assim, a investigação do *bullying* mediante o DF-E pode contribuir com a compreensão da dinâmica familiar e oferecer informações a respeito da personalidade e do modelo relacional dos participantes, modelo que se repetirá, provavelmente, no relacionamento com os colegas de escola. Conforme Trinca (1997a) a finalidade do DF-E é revelar conteúdos psíquicos conscientes e

inconscientes, relativos às relações do indivíduo com os objetos internos e externos, relacionados à dinâmica familiar. Então, nosso interesse no paradigma vincular característico do *bullying*, nos remete a busca dos elementos que o precederam, isto é, o modelo vincular constituído no seio da família, podendo ofertar dados sobre a personalidade dos participantes, eventualmente concatenadas ao *bullying*.

Na presente proposta de pesquisa, o instrumento clínico em questão, utilizado predominantemente como recurso auxiliar no diagnóstico psicológico, foi utilizado como instrumento de pesquisa, atendendo às mesmas condições de utilização vigentes no processo de psicodiagnóstico, sem nenhum prejuízo à eficácia dos resultados. As condições, a técnica de aplicação e o material necessário seguiram rigorosamente as orientações apresentadas em Trinca (1997a). O DF-E pressupõe também a fase de "inquerito" que se destina à aquisição de esclarecimentos de pontos obscuros e a facilitar novas associações, com vistas a ampliação dos conteúdos expressos pelo avaliando e o aprofundamento no domínio simbólico em questão. Não há uma receita para execução do "inquerito", porém são dadas orientações gerais para sua condução. Sugere-se o reconhecimento imediato do conteúdo simbólico do material, considerando a continuidade que geralmente se estabelece entre as unidades de produção (TRINCA, 1997a).

Pois bem, sendo o DF-E um procedimento que viabiliza a projeção de conteúdos internos, passíveis de interpretação, constata-se uma analogia, uma similaridade com a clínica psicanalítica, o que demonstra a relação do procedimento com o método psicanalítico e com a fundamentação teórica da psicanálise. Anzieu (1978) propõe que as técnicas projetivas são paralelas à clínica psicanalítica, pois em ambas o indivíduo é inserido em condições de completa liberdade. No desenho projetivo, a folha de papel em branco e a condição de desenhar livremente correspondem ao enquadre clínico no processo psicanalítico. De maneira semelhante, a apercepção temática estabelece completa liberdade ao indivíduo para inventar histórias. A recomendação à liberdade, condição basal e facilitadora do processo projetivo, conduz forçosamente o indivíduo a revelar-se (ANASTASI & URBINA, 2000), de maneira que as produções oriundas da aplicação do DF-E poderão ser consideradas como dados clínicos.

Já o processo de análise do material fornecido com o uso desse recurso pressupõe o exercício, peculiar à psicanálise, de analisar as produções dos

participantes com base no conteúdo originário de nosso próprio universo de elementos primitivos e inconscientes. Compete ao avaliador aventurar-se na tentativa de minimizar a consciência (crítica) fomentado a comunicação do avaliador com elementos profundos e inconscientes das representações gráficas e aperceptivas do avaliando. Enquanto um correspondente da regra analítica fundamental, Freud (1912b/1991) recomenda uma condição psíquica em que também há o rebaixamento da crítica, para viabilizar um tipo de comunicação entre inconscientes: "[...] deve voltar para o inconsciente emissor do paciente seu próprio inconsciente como órgão receptor [...]" (p. 115, tradução nossa)⁷⁹.

Trinca (1997a; 1997b) recomenda ao avaliador uma condição de mobilidade psíquica, uma fluidez que possibilite que os processos anímicos ocorram de modo flutuante, contrapondo-se a sensorialidade da mente, o que pode viabilizar um encontro entre avaliador e avaliando, em dimensão mais aprofundada. "O mar infinito que rodeia o psicólogo circunda, também, o cliente. O ser interior encontra o Outro, banhando-se ambos nas fontes comuns que nutrem a humanidade" (TRINCA, 1997a, p. 205). O psiquismo consciente e inconsciente de ambos está em atividade e ao acolher o avaliando em dimensão profunda, o avaliador pretende o estabelecimento de uma comunicação entre seu próprio ser, isto é, seus elementos subjetivos, inconscientes, com os do avaliando, dando a possibilidade de compreendê-lo e de "traduzi-lo".

A intenção de operar um processo de descentramento da consciência e de atenção flutuante frente às produções gráficas e aperceptivas dos participantes tem a finalidade adicional de viabilizar uma avaliação globalística, em que cada unidade de produção é compreendida enquanto um componente de um conjunto. Cada unidade de produção será avaliada individualmente, com vistas, porém, a possibilitar uma compreensão global de todo conteúdo (LIMA, 1997). Conforme Trinca (1997a) a análise baseia-se no conhecimento oriundo da teoria psicanalítica, das técnicas de interpretação do desenho projetivo, dos testes de apercepção temática e em conhecimentos a propósito da dinâmica familiar. Os itens propostos por Lima (1997, p. 233-234) servirão como norteadores no processo de análise, embora sem atribuir as produções dos avaliandos significados previamente construídos ou teóricos.

⁷⁹ "[...] debe volver hacia el inconciente emisor del enfermo su propio inconciente como órgano receptor" [...] (FREUD, 1912b/1991, p. 115).

Entrevista Psicológica Semiestruturada - a entrevista psicológica semiestruturada insere-se em nossa metodologia de pesquisa enquanto técnica de investigação científica em psicologia, com a finalidade de exploração da personalidade dos participantes e estruturação de hipóteses a propósito de aspectos emocionais dos mesmos. Com duração aproximada de 50 minutos, foram gravadas e posteriormente transcritas, o que permitiu o retorno ao seu conteúdo objetivo e subjetivo, o que favorece o processo de análise.

Conforme propõe Bleger (1998), a entrevista psicológica distingue-se daquelas praticadas por outros profissionais, inclusive médicos e psiquiatras, pois busca, especificamente, objetivos psicológicos, como a investigação e a construção de uma hipótese psicodiagnóstica. Aliás, a diferenciação que o autor propõe vai além, pois o pressuposto básico dos demais profissionais é que o entrevistado tem condições de ofertar informações fidedignas sobre si mesmo. Ao médico, por exemplo, são confiáveis os dados apresentados pelo paciente a respeito de sua própria saúde/doença, valendo-se deles para definir o tratamento. Ao psicólogo, porém, interessa prioritariamente as informações que o indivíduo não sabe sobre si mesmo! Assim, aqueles dados que emergem implicitamente durante a entrevista, que vão além de informações objetivas e conscientes, são os de maior importância ao psicólogo.

Uma vez que "a entrevista é um instrumento fundamental do método clínico e é, portanto, uma técnica de investigação científica em psicologia" (BLEGER, 1998, p.1), é oportuno dar alguns detalhes de como foi empregada na presente pesquisa. Embora amparados por um roteiro, procurou-se atender a prescrição básica da entrevista, condicionante de sua técnica, que orienta ao entrevistador/psicólogo facilitar ao entrevistado a livre expressão de seus processos psíquicos, de maneira que o universo anímico do entrevistado possa preencher largamente o campo relacional estabelecido com o entrevistador (ETCHEGOYEN, 2004). Em outras palavras, o roteiro elenca temas a serem abordados durante a entrevista, mas geralmente foram realizadas "perguntas abertas", nas quais evita-se direcionar o conteúdo das respostas. Assim, foi possível operacionalizar uma coleta de dados em que geralmente o conteúdo contém informações a propósito de aspectos emocionais do entrevistado. Como se sabe, "a entrevista (...) pretende ver como um indivíduo

funciona e não como diz que funciona" (ETCHEGOYEN, 2004, p. 40), e foi nessa direção que se tentou a condução e análise das entrevistas.

O interesse em facilitar a livre expressão dos processos mentais dos participantes, coaduna-se com a opção pela entrevista semiestruturada, em que há uma orientação por temas específicos (o *bullying* e a dinâmica familiar), porém não inviabilizam o surgimento de temas adjacentes e diversos. Em determinada medida, há uma flexibilidade na condução da entrevista cujo interesse é "dar espaço" ao entrevistado para que preencha a entrevista, o máximo possível, segundo sua estrutura psicológica particular. Ou seja, procurou-se estabelecer na entrevista uma relação com o entrevistado que lhe permitisse maior liberdade de alargamento e expansão, para que pudesse demonstrar quem é. Entretanto, como se verá nas transcrições das entrevistas, às vezes é difícil conseguir que o adolescente pronuncie algumas poucas palavras. De qualquer maneira, embora norteados por um roteiro, não propusemos um enquadramento rígido e funcional de perguntas e respostas, pois direcionariam demasiadamente o conteúdo da entrevista, restringindo-a a obtenção de informações objetivas (BLEGER, 1998; ETCHEGOYEN, 2004).

É sabido que a orientação tradicional dada pela ciência positivista à realização de pesquisa adverte a respeito do controle das variáveis para viabilizar a investigação do objeto em seu estado natural. Porém, o campo de estudo da psicologia e/ou da psicanálise apresentam particularidades que inviabilizam a aplicação do modelo tradicional de investigação. Herrmann (2004) é categórico ao asseverar a incompatibilidade entre a psicanálise e o positivismo. Aliás, o autor assegura que os recursos da ciência positiva renderam quase nada no esclarecimento da psique. Então, o encadeamento subsequente que envolve observação, hipótese e verificação, característico da ciência positiva, não é aplicável, de forma estrita, em psicologia e/ou em psicanálise. Portanto, para caminhar oportunamente em direção a exploração da personalidade do entrevistado a entrevista deve contemplar esses elementos durante sua execução e não tratá-los em separado.

A forma de observar bem é ir formulando hipóteses enquanto se observa, e durante a entrevista verificar e retificar as hipóteses no momento mesmo em que ocorrem em função das observações subsequentes, que por sua vez se enriquecem com as hipóteses prévias. Observar, pensar e imaginar coincidem totalmente e formam parte de um só e único processo dialético.

Quem não utiliza a sua fantasia poderá ser um bom verificador de dados, porém nunca um investigador (BLEGER, 1998, p. 19).

Além disso, durante a entrevista é impossível neutralizar a influência do entrevistador. Bleger (1998) sugere que a objetividade proposta pelo paradigma científico tradicional é inalcançável no estudo da psique, mas garante que "a máxima objetividade só pode ser alcançada, quando se incorpora o sujeito observador como uma das variáveis do campo" (p. 15). Ou seja, na entrevista o observador se insere como parte influente e que, em determinada medida, condiciona os fenômenos que está registrando/investigando. Porém, o fato não invalida os dados obtidos e caberá ao entrevistador reconhecer sua condição humana, em que seu próprio universo anímico se compõe de elementos de mesma origem que o do entrevistado, cuidando atentamente para não colocar-se ou sentir-se em situação privilegiada frente ao entrevistado. Também deverá se atentar ao processo de atualização, durante a entrevista, de sentimentos, desejos e atitudes inconscientes oriundas do modelo relacional do entrevistado, direcionados ao entrevistador, bem como as respostas do entrevistador às manifestações do entrevistado, isto é, a transferência e a contratransferência (BLEGER, 1998). Aliada, portanto, a esta postura o entrevistador deve estar consciente de seus limites, pois:

Se nos envolvermos além daquilo que é ditado pela nossa posição de observador participante, seja perguntando demais (interrogatório), dando apoio, expressando simpatia manifesta, dando opiniões ou falando de nós mesmos, iremos desvirtuar o sentido da entrevista, convertendo-a em um diálogo formal, quando não em uma tosca conversação (ETCHEGOYEN, 2004, p. 41).

Em resumo, durante as entrevistas tentou-se adotar uma postura que favorecesse a expressão das particularidades emocionais dos participantes, dando-lhes espaço para comunicar suas vivências no interior da família e da escola, sua relação com os pais e com os pares.

3.4 Forma de análise dos dados

Comumente usados no contexto clínico, como recursos auxiliares no processo de psicodiagnóstico, as ferramentas clínicas em questão são aqui empregadas enquanto instrumentos de pesquisa. Para realização da análise, o material proveniente do DF-E e da Entrevista Psicológica Semiestruturada foi tomado em conjunto, em que as informações provenientes de um instrumento

complementam e são complementadas por aquelas oriundas do outro instrumento. Assim, se compõe um todo a partir do qual foi possível produzir inferências a propósito do universo psíquico de cada um dos participantes. Aliás, as informações provenientes dos dados coletados por meio dos instrumentos de pesquisa, compõem um todo mediante um tipo de bricolagem, para nos servirmos de uma expressão proposta por Turato (2003), em que a interpretação do DF-E é encorpada com aspectos provenientes da Entrevista Psicológica Semiestruturada.

Uma vez que o DF-E dá a possibilidade de observação de pontos críticos da dinâmica familiar, dá também a possibilidade de detecção de conflitos psíquicos vividos pelo avaliando, conflitos motivados e/ou associados às relações familiares (LIMA, 1997), o trabalho de análise exercita a tentativa de compreensão de tais pontos críticos, geradores de conflito. Tendo em vista que os participantes da pesquisa são agentes e/ou vítimas de *bullying*, busca-se verificar se há conexão entre os determinantes familiares e as vivências típicas do fenômeno *bullying*. Em caso afirmativo, conforme corroborado pela literatura específica, busca-se uma compreensão mais depurada, em que seja possível compreender a conexão entre determinadas particularidades da relação primordial no seio da família, com as particularidades das características predominantes do *bullying*, vivenciadas por cada um dos avaliandos. Em palavras mais resumidas, pretende-se o entendimento da conexão entre o modelo de família da qual o avaliando é proveniente e a posição ocupada por ele nas vivências de *bullying*.

Se, entre outros determinantes, o *bullying* tem raízes na família, e se "o DF-E contribui, fundamentalmente, para observar a presença de influências familiares sobre o sintoma e até, em alguns casos, construir hipóteses sobre o tipo e a intensidade dessas influências" (LIMA, 1997, p. 225), é plausível tomar o *bullying* como um "sintoma" decorrente de eventos familiares, passível de entendimento e interpretação. Isto quer dizer que a partir das informações a respeito da família, informações de natureza consciente e inconsciente, ofertadas por meio do DF-E e também da Entrevista Psicológica Semiestruturada, é possível avaliar o fenômeno *bullying*, visto que se estará em posse de dados sobre os determinantes psíquicos que podem determinar o comportamento do indivíduo, inclusive o comportamento particular no contexto do *bullying*, o que possibilita uma exploração psicanalítica e um viés de entendimento do referido fenômeno.

O ponto de partida foi a análise do DF-E, em que cada uma das unidades de produção foi avaliada individualmente, até a composição de uma síntese de significado das 4 unidades de produção. Então, adiciona-se a avaliação do conteúdo da Entrevista Psicológica Semiestruturada, que convergiu ou divergiu do significado geral do DF-E, complementado com inferências adicionais, conforme o caso. Em outras palavras, os dados de cada participante foram analisados com vistas a compor um todo, ou seja, uma síntese interpretativa. "A avaliação é feita de modo globalístico, levando-se em conta o conjunto das unidades de produção. Quando consideramos uma unidade de produção por vez, procuramos chegar posteriormente em uma síntese geral" (LIMA, 1997, p. 232). Então, mesmo que cada unidade de produção do DF-E sejam analisadas separadamente, será posteriormente realizada uma síntese do DF-E, quando também serão oportunizados elementos provenientes da análise da Entrevista Psicológica Semiestruturada, conglobando na já mencionada síntese interpretativa.

Com base na psicanálise, a forma de tratamento do DF-E seguirá os critérios adotados por Lima (1997, p. 233-234), conforme anexo I. Em conjunto com a análise da Entrevista Psicológica Semiestruturada pretende-se alcançar um entendimento geral do funcionamento psíquico do avaliando, inclusive seus possíveis desdobramentos relativos a prática ativa e/ou passiva de *bullying*. Em suma, as inferências são fruto de uma análise globalística, em que os dados de pesquisa de cada participante foram avaliados de maneira integrada.

3.5 Considerações adicionais sobre a pesquisa com o método psicanalítico

É sabido que a psicanálise nasceu como um procedimento psicoterapêutico, que surpreendentemente revelou-se aplicável também à normalidade, e a tudo aquilo que é possível classificar como "produção genuinamente humana". Freud partiu das neuroses, mas emplacou a psicanálise ao empregar seu método para desvendar os sonhos, dando uma prova incontestável de sua aplicabilidade também ao indivíduo comum. Depois, também demonstrou que é possível conferir um novo e mais profundo significado às demais produções humanas, como as obras de arte e a literatura, por meio do método interpretativo. Quer dizer, a psicanálise serve ao conhecimento de aspectos profundos dos seres humanos, somente acessíveis por intermédio do método interpretativo.

A interpretação, entretanto, ocorre em um segundo momento, porque primeiramente é necessário dar espaço aos elementos que emanam da parte obscura de cada um de nós. Elementos que, então, poderão ser interpretados. Há passagens na obra de Freud em que se verifica a tentativa de exercitar no contexto clínico a derrubada da consciência, "retirando-a" provisoriamente do centro da psique (do paciente), a fim de proporcionar a emergência do subterrâneo, que, depois de interpretado, serve ao desenvolvimento emocional do paciente. É o caso, por exemplo, de *Sobre la psicoterapia de la histeria* (FREUD, 1895/1992). Em *La interpretación de los sueños*, Freud (1900/1991) comprova que nos sonhos a psique encontra-se sob menor domínio da consciência, em comparação à vigília, e que as produções oníricas, apesar da deturpação que sofrem, emanam de uma instância psíquica que não é a consciência. Em seguida, a produção onírica é submetida à interpretação, quando se verifica a emergência de um significado, surpreendente e aterrador, oculto na incoerência e nas desfigurações do sonho. Em síntese, Freud ensinou como acessar e dar significado as produções inconscientes.

Voltando-se agora aos procedimentos adotados na presente de pesquisa, se sabe que foi grande a influência da psicanálise na edificação e desenvolvimento dos métodos projetivos, a começar pelo "teste de associação de palavras" de Jung, no início do século passado (ANZIEU, 1978). De maneira similar ao método psicanalítico, os métodos projetivos são procedimentos que possibilitam o acesso à informações de natureza inconsciente e oferecem a possibilidade de conhecimento de aspectos psíquicos do avaliando. Porém, com o sucesso e a difusão dos métodos projetivos, não raramente se põe em prática um enfoque demasiado no aprendizado e aplicação dos protocolos de interpretação, "perdendo de vista o objetivo de alcançar as operações mentais operadas pelo sujeito e que permitiriam ao psicólogo alcançar o modo de funcionamento psíquico do paciente, objetivo principal de um psicodiagnóstico pautado na psicanálise" (SOUZA, 2011, p. 208).

Segundo parece, o antigo afã em lançar a psicologia à condição de "ciência positiva" pode inclinar os psicólogos a tratarem a alma humana como um objeto natural, pode incliná-los a naturalizar a psique, por assim dizer. Herrmann (2004) identificou essa tendência em um gênero de pesquisa em psicanálise que pretendia reproduzir a pesquisa em ciências naturais, inclusive por influência do fazer científico europeu e norte-americano em que se requer "*comprovação objetiva* da eficácia do

tratamento psicanalítico" (p. 50, grifos do autor). "A *pesquisa empírica* em Psicanálise [...] procura imitar o modelo positivista de erradicação de *desvios interpretativos do pesquisador*, por meio de verificação objetiva e controle dos resultados" (HERRMANN, 2004, p. 49, grifos do autor). Herrmann (2004) é ainda cuidadoso em não diminuir o prestígio das ciências exatas, mas argumenta que é impossível empregá-los à alma humana, visto que esta não é objeto passível de quantificação: "No caso da Psicanálise, a disparidade entre os procedimentos de quantificação e a natureza da psique conduz necessariamente a certa arbitrariedade" (p. 50).

No domínio das técnicas projetivas, adotar exclusiva e rigidamente um protocolo interpretativo diminui o espaço para a tentativa de exercitar o rebaixamento da crítica, a "comunicação" de inconscientes e o "dar significado" as produções inconscientes do avaliando. Aliás, nenhuma interpretação é eterna. Por exemplo, se um determinado teste projetivo, construído ainda em um período em que o paradigma da neurose predominava na sociedade, for empregado na avaliação de indivíduos provenientes de uma sociedade permeada pelo paradigma narcísico, certamente se alcançará resultados equivocados. Neste caso, o protocolo de interpretação está mais ou menos ultrapassado e pode conduzir o psicólogo à inferências equivocadas.

Com certeza, um dos grandes méritos de Freud foi sua alta capacidade em lidar com a própria ignorância e com a ignorância da ciência a respeito dos fenômenos psíquicos. É difícilimo deparar-se durante anos com o mesmo enigma sem poder desvendá-lo satisfatoriamente, sobretudo quando se trata do adoecimento do corpo e da alma, do sofrimento físico e mental, em que a dor e a necessidade requerem respostas urgentes. Freud formou-se médico em 1881, mas somente no segundo semestre de 1882 que deu início à clínica médica, quando deixou as atividades no laboratório do Instituto Brucke para ingressar no Hospital Geral. Freud conta que iniciou o exercício da medicina a contragosto, porque desejava continuar com a atividade de pesquisa, mas, motivado pela necessidade financeira, viu-se forçado à clínica médica (FREUD, 1925[1924]/1992). Pode-se dizer, então, que desde aproximadamente esta época que Freud entrou em contato com o inexplicável que permeava a doença mental. No Hospital Geral trabalhou na Clínica Psiquiátrica dirigida por Theodor Meynert e mais tarde ingressou no

departamento de Doenças Nervosas (JONES, 1961/1979). Quer dizer, deste período até 1900, quando a psicanálise foi lançada, ou até 1905, quando foi lançada uma primeira e mais elaborada teoria psíquica, decorrem um bom número de anos em que Freud não aceitou as explicações provenientes da neuropatologia e precisou conviver com a ausência de explicações, buscando-as por conta própria.

O raciocínio anterior serve apenas para se ter em conta que a prática clínica em psicanálise, e mesmo antes da psicanálise, envolve a dificuldade em lidar com o desconhecido, com a ignorância frente ao funcionamento psíquico, a natureza do conflito psíquico, a origem dos sintomas do paciente, etc., e que a tendência do profissional é dar explicações teóricas ao desconhecido a fim de reconfortar-se e sair da condição assustadora de ignorância. De maneira semelhante, no campo das técnicas projetivas o protocolo de interpretação pode representar este esteio que retira o psicólogo da inquietante ignorância sobre o universo psíquico do avaliando/paciente, mas há o risco de se por em prática somente o significado pronto, dispensando o exercício verdadeiramente psicanalítico.

Portanto, a opção pelo DF-E dá a possibilidade de acesso a conteúdos inconscientes dos voluntários de pesquisa e permite ainda o exercício clínico de interpretação, certamente amparado em critérios e em um "proceder" de interpretação do DF-E proposto por Lima (1997) que pode servir como modelo. Nossa opção pelo procedimento de Desenho de Família com Estórias se justifica, porque ele pode proporcionar ao psicólogo a possibilidade de exercitar um similar do método clínico, do método interpretativo, e assim alcançar comunicações genuínas sobre a psique dos envolvidos. E também, porque ele proporciona a emergência de dados sobre a dinâmica familiar, nos níveis consciente e inconsciente, com base na psique do avaliando. Além do mais, a medida que a produção da teoria psicanalítica é o resultado de inferências clínicas, em que sobretudo as obras (genéticas) de Freud reproduzem o método psicanalítico (MAHONY, 1982/1992), ou melhor, "a teoria significa o processo que a cria" (HERRMANN, 1992, p. 23), o percurso já percorrido por nós na obra de Freud também pode contribuir com a interpretação dos dados da pesquisa.

4. Análise dos Dados

4.1 Apresentação

A seguir, serão apresentadas as análises individuais de cada um dos participantes da presente pesquisa, isto é, a análise particular dos dados coletados mediante o DF-E e da Entrevista Psicológica Semiestruturada (anexo V). O percurso a ser percorrido em cada análise de caso tem início com uma apresentação geral do aluno, contendo informações básicas sobre ele, com ênfase aos aspectos que apareceram com maior evidência nos dados coletados e informações objetivas julgadas pertinentes, oriundas, sobretudo, da entrevista. Após esta breve apresentação, é a vez da análise do DF-E, em que cada unidade de produção - desenho e estória - será apresentada e interpretada em seguida. Depois, quando já interpretadas as 4 unidades de produção, será ofertada a síntese interpretativa, ao mesmo tempo em que se efetua a análise da Entrevista Psicológica Semiestruturada, isto é, a síntese interpretativa do DF-E é encorpada com a análise dos dados da Entrevista Psicológica Semiestruturada, constituindo uma análise conjunta em que ambos os instrumentos se complementam entre si. Durante a análise, a fala dos participantes eventualmente será reproduzida, sempre entre aspas.

4.2 Aluno A.

De acordo com a equipe escolar, o aluno A., um adolescente do sexo masculino, é indiscutivelmente uma vítima de *bullying*, apontamento que foi posteriormente confirmado pelo pesquisador durante o processo de coleta de dados. A. informou que sempre foi alvo de xingamentos e apelidos, desde os anos iniciais em sua trajetória escolar, que já está até acostumado com isso e que de certa forma aprendeu a relevar a situação. Embora tenha relatado que foi fisicamente agredido em uma ocasião e que em outra ocasião parte de seus pertences escolares foram furtados, o modo que os colegas de escola geralmente o agrediam/agridem era/é por meio de xingamentos e apelidos: "Eles me chamam de veado, essas coisas" (sic).

A. autodenomina-se bipolar, porque diz que é triste na escola, mas que fora dela é outra pessoa. É de poucos amigos, pois prefere ser sozinho. Na época,

encontrava-se no 9º ano e já estudava naquela escola desde o 6º ano, mas os episódios de *bullying* já existiam nas instituições de ensino anteriores. Disse que tem contato com a equipe de gestão escolar - diretor, vice-diretor e coordenador pedagógico -, tendo mencionado corretamente o nome de cada um deles, e que recorreu até a equipe, pedindo ajuda com relação às agressões que sofre na escola. Segundo ele, mesmo após recorrer à gestão escolar, o problema continua.

A. encontrava-se com 14 anos na época em que participou da presente pesquisa, é o filho mais novo e tem uma irmã alguns anos mais velha. Aparentemente, A. é um garoto solitário, embora tenha um amigo na escola a quem confia seus pensamentos e sentimentos mais íntimos - "é como se fosse meu livro que eu guardo todos os meus segredos" (sic) -, não transpareceu se tratar de uma amizade bem consolidada, ou melhor, não é alguém que transmite segurança para A., de modo que não sente no amigo um porto-seguro, sentimento que aparentemente é determinante para A., enquanto uma condição indispensável ao fortalecimento do vínculo.

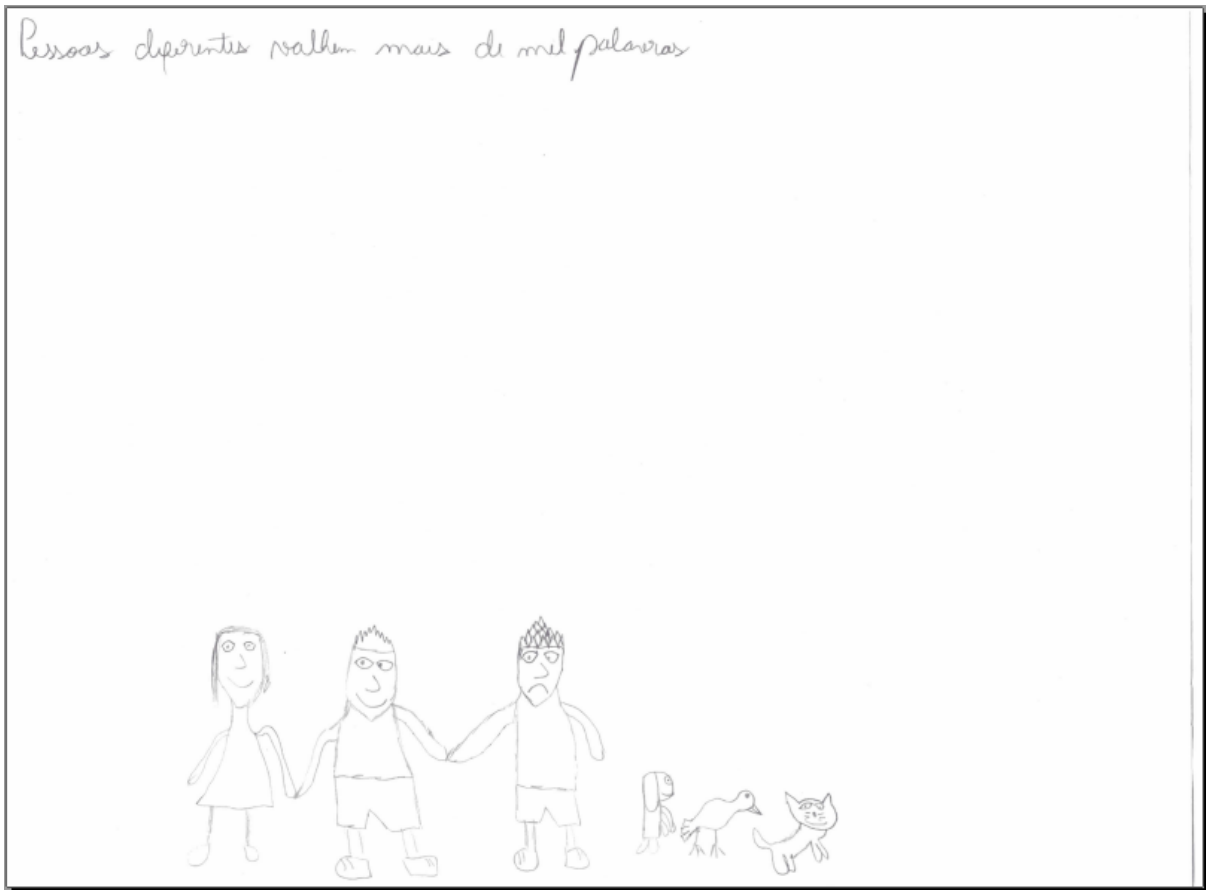
A. tem uma ligação muito forte com a mãe. Diz que a mãe sabe sobre seu sofrimento, que é com ela que pode se abrir e chorar. Conta que a mãe sempre o defendeu em relação aos episódios de *bullying*, que é ela quem lhe dá força para ir à escola diariamente. Aliás, A. diz abertamente que a mãe é a única pessoa que dá sentido a sua vida e que caso a perdesse não teria mais razões para permanecer vivo, o que explica o medo que tem de perdê-la, medo que determina parte de seu comportamento, e aparentemente também explica o aspecto geral aborrecido e desvitalizado de A., porque parece sentir-se constantemente ameaçado pela catástrofe que seria a perda da mãe.

A irmã foi mencionada algumas vezes, inclusive como alguém que ajudou a criá-lo. Aparentemente, conversa com a irmã sobre coisas mais objetivas nas quais a irmã tem mais experiência. A. também contou que a família passara recentemente por um momento difícil, que os pais atravessaram uma crise conjugal que quase levou a separação do casal. A. posicionou-se contrário ao divórcio dos pais, e transpareceu que seu maior medo é que aconteça alguma coisa de ruim com sua mãe ou que tenha que ficar longe dela. Já o pai, é lembrado enquanto aquele que faz cobranças para A., exigindo que coopere nos afazeres domésticos, por exemplo.

É também lembrado por ser agressivo, e A. relatou que, às vezes, seu pai tenta agredi-lo fisicamente, momento em que a mãe o defende.

Desenho de Família com Estórias

"Desenhe uma família qualquer" - Pessoas diferentes valem mais de mil palavras



Estória

A.: Tem que pintar ou não?

Pesquisador: Se você quiser.

A.: É que eu não gosto muito de pintar as coisas.

Pesquisador: Não tem problema. Terminou?

A.: A-ham. É...é um casal diferente que... de pessoas que não são um casal normal e que elas tem vários animais e que eles queriam mudar o mundo, daí eles conheceram uma pessoa que ia ajudar eles... e eles começaram a ser amigos dela, daí ela começou a ajudar eles a mudar, daí as pessoas começaram a aceitar eles, começaram a ver o jeito que era o mundo deles, as coisas...

Pesquisador: E aí, o que aconteceu depois?

A.: Daí eles viram que começou a surtir efeito nas coisas que eles estavam fazendo, daí as pessoas começaram a linchar eles, jogar... colocar... colocar como se fosse apelido, essas coisas que as pessoas não gostam.

Pesquisador: Eles queriam fazer uma mudança...

A.: É.

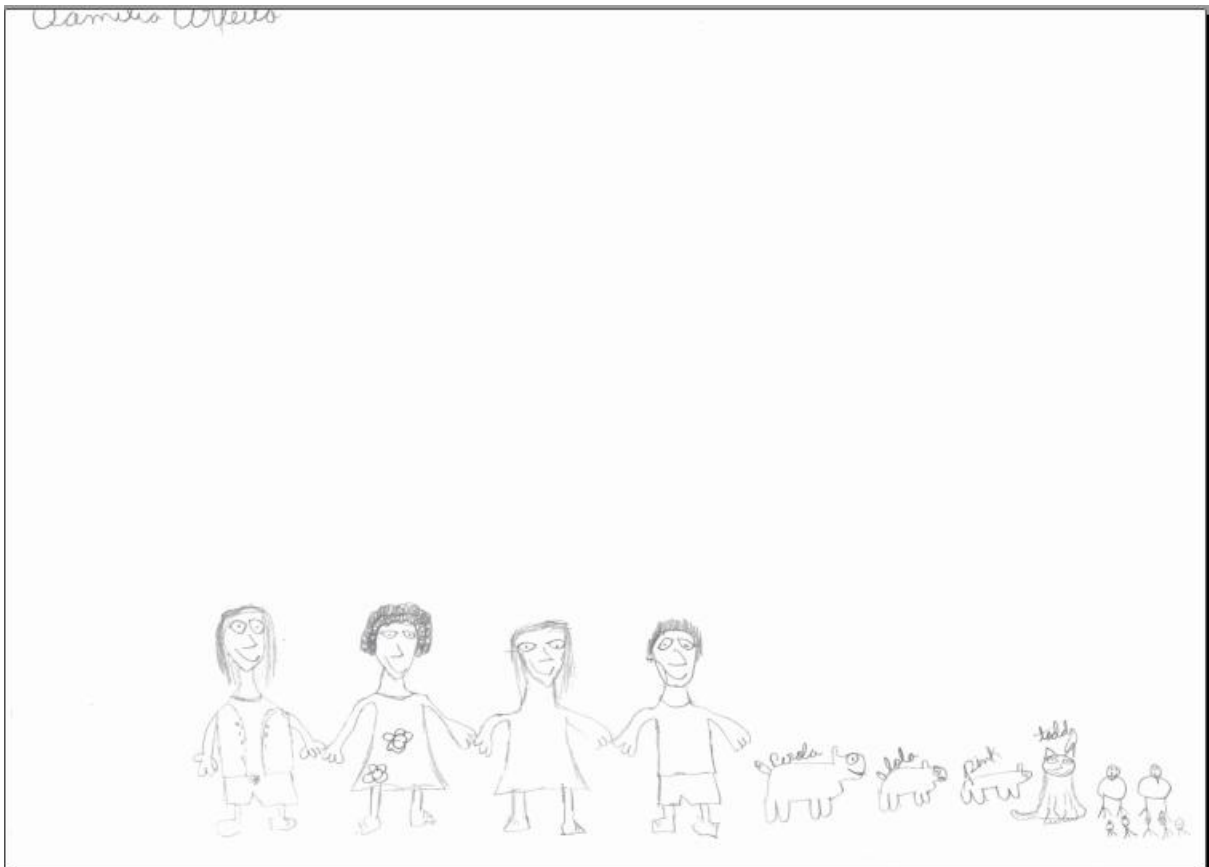
Pesquisador: ...e aí em função disso os outros não gostaram e começaram a botar apelido a...

A.: A linchar, essas coisas. Então, daí depois disso todos eles começaram a perseguir eles e teve uma hora que eles não aguentaram mais, eles... pararam de fugir e as pessoas mataram eles..., porque a sociedade não aceita o jeito deles.

Interpretação

A presente unidade de produção transparece um sentimento predominante de sentir-se ameaçado (ameaça à vida), um sentimento de catástrofe iminente, que inclusive se concretiza na estória quando o "casal diferente" é assassinado por aqueles que não o aceitavam. É permeada por uma atmosfera de amargura e por um cansaço frente à hostilidade alheia. A representação da família enquanto um "casal diferente" restringe a família aos membros do casal, o que pode aludir a um tipo de relacionamento em que não há espaço para mais ninguém, um tipo de relacionamento em que não há espaço para filhos, por exemplo, porque os membros do casal encontram-se absorvidos um no outro. Se poderia conjecturar que o "casal diferente" é um casal homossexual, fator motivador do antagonismo e da agressividade que lhe é direcionada pela sociedade, mas também é possível que o "casal diferente" caracterize uma representação alegórica da relação forte entre a mãe e o filho, ameaçada pela figura paterna que no desenho aparece entre os dois, o que resulta em aborrecimento visível do filho. Quer dizer, desenho e estória conciliam-se, porque, seja o pai ou a sociedade, há uma ameaça ao "casal diferente" - expressão que condensa o casal homossexual e a relação forte entre mãe e filho - que se desdobra em sofrimento e tristeza e que é sentida como uma ameaça capaz de provocar o aniquilamento do "casal diferente". É predominante, portanto, o sentimento de que uma força exterior está agindo contra a união do "casal diferente", ou melhor, o participante sente que o vínculo intenso com sua mãe está posto em xeque.

"Desenhe uma família que você gostaria de ter" - Família Perfeita



Estória

A: É que num... na verdade não é uma história, é... eu não queria ter outra família, minha família é muito boa pra mim. Eu gosto muito deles, então... Eu não queria ter outra família, eu gosto da família que eu tenho, dos meus... meu pai, minha mãe, meus cachorros, meu gato, minhas calopsita... e... eu me dou muito bem com minha irmã, com a minha mãe.

Pesquisador: Mas pensando no desenho que você fez, você pode inventar uma história sobre ele, independentemente disso. Não é que você inventando uma história, você está dizendo que não gosta da família que você tem. Não é isso. Você inventando uma história, "vou falar livremente sobre esse desenho".

A.: É... é... Um dia... minha mãe tava... conversando com meu pai e eu tava só..., eu tava lá na sala. Daí comecei a escutar minha mãe brigando com meu pai, daí todos meus cachorros tavam..., tavam comigo na sala. Minha irmã tinha saído com o namorado dela que eu não gosto e eu fiquei em casa. Daí minha mãe chegou em mim e perguntou: é... se eles separassem com quem eu gostaria de ficar. Eu disse que não gostaria de ficar com ninguém, por causa que se fosse pra acontecer isso

com a minha família eu preferia que.. eu preferia morrer do que ficar ouvindo essas coisas que eles tavam falando, que eu não preferia ninguém, que eu gostava dos dois o mesmo tanto. Daí uma vez eu saí de casa pra tentar desestressar por causa que eu tava muito estressado... e daí na hora que eu voltei não tinha mais ninguém em casa. Eu descobri que eu fiquei sozinho, que ninguém mais me queria, que ninguém mais dava valor em mim.

Pesquisador: Só mais uma pergunta. Você disse que seus pais brigavam. Por que motivo eles brigavam?

A.: Eles tavam brigando por causa que minha mãe ficava mexendo no celular.

Pesquisador: E ela mexia com que finalidade, no celular?

A.: Elas... corria o *facebook*, via o que que tava acontecendo, ela via notícia, essas coisas. Meu pai achava que ela tava fazendo outras coisas invés de tá fazendo isso.

Pesquisador: Por exemplo?

A.: Achava que ela tava conversando com as minhas tias, conversando com... com as amigas dela da faculdade.

Pesquisador: Seu pai desconfiava da sua mãe na história?

Sim.

Pesquisador: Entendi. Por isso que eles brigavam e pensavam em separar. E como é que você se sentia?

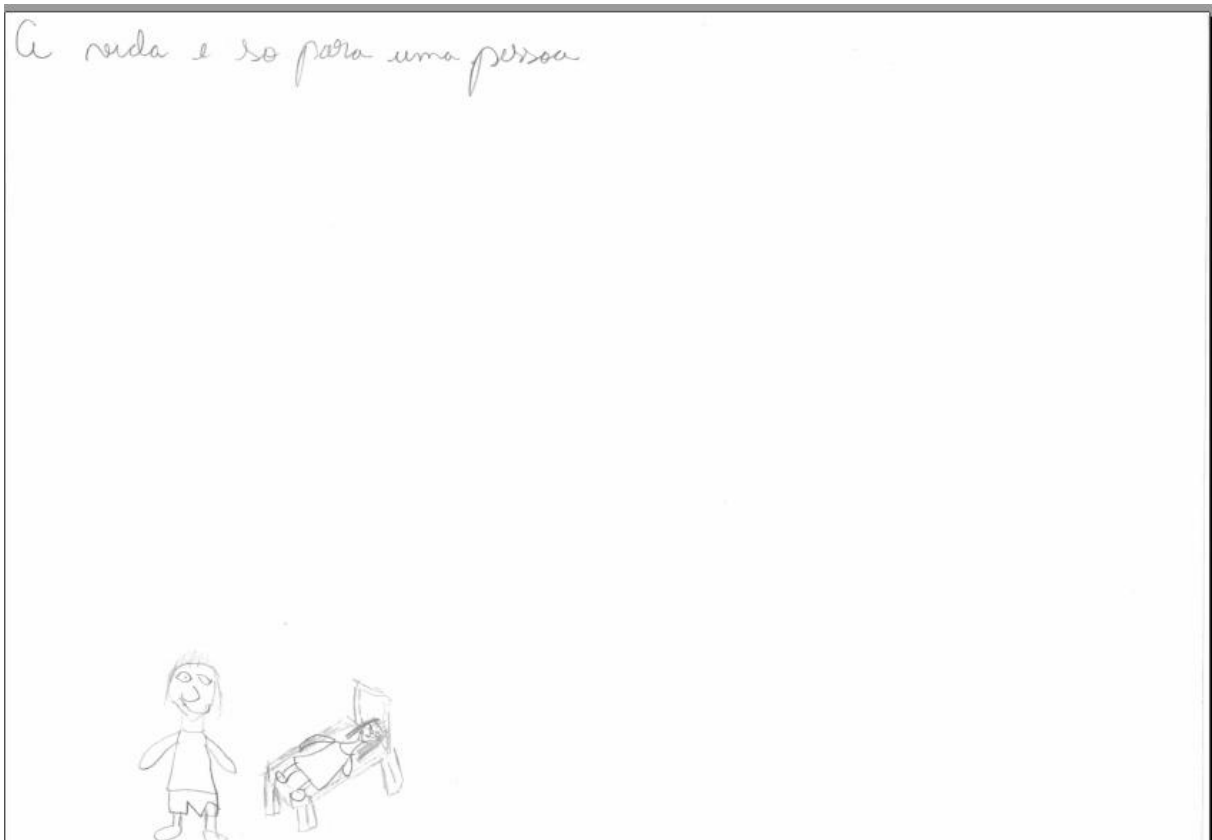
A.: Muito triste.

Interpretação

Embora chamada de "perfeita", a família atravessa um período de crise, em que se cogita o divórcio do casal, conforme a verbalização do participante. O pai desconfia que a mãe esteja envolvida com outra pessoa, o que representa uma ameaça ao casamento e à família, e o clima, novamente, é de incerteza, é de "catástrofe" iminente. Quer dizer, outra vez se materializa o temor do participante em se ver sozinho e desamparado, desta vez como efeito da separação dos pais: "eu descobri que eu fiquei sozinho, que ninguém mais me queria, que ninguém mais me dava valor". É possível observar que esta angústia é proveniente, em parte, de episódios verídicos - conforme dados da entrevista. Porém, é, sobretudo, proveniente do jeito de ser de A.

Em aparente oposição ao mencionado acima, o desenho manifesta um conjunto de pessoas de mãos dadas e sorrindo - família perfeita. Mas a perfeição da família representada graficamente encontra-se na ausência de ameaça ao vínculo entre mãe e filho, a perfeição encontra-se na garantia de poder vivenciá-lo sem interferências, porque agora o filho encontra-se ao lado da mãe - ambos mais bem adornados. Aliás, o filho, que no desenho anterior é representado com o cabelo curto, aparece aqui com o cabelo longo, isto é, com maior liberdade para expressar seus desejos. Além do mais, ao comparar as figuras masculinas deste desenho com as que aparecem nos dois próximos desenhos, vê-se que na presente representação gráfica a figura do pai está ausente e que as duas figuras masculinas desenhadas mais parecem duas representações do filho, uma mais condizente com as expectativas exteriores e a outra mais condizente as suas aspirações íntimas. Então, a ausência do pai traduz a ausência de ameaça ao "casal diferente", traduz a garantia (ao filho) de amparo e felicidade. Portanto, desenho e estória complementam-se entre si, porque em conjunto representam o que causa aflição, de um lado, e a fantasia de resolução do problema, de outro.

"Desenhe uma família em que alguém não está bem" - A vida é só para uma pessoa



Estória

A.: O nome dele é Felipe. E ele morava só com a mãe dele. Teve uma época que a mãe dele ficou acamada, e ela não conseguia mais andar. Daí ele veio... ele orou, orou, orou pra Deus e Deus não respondeu as preces dele. Então, ele foi e falou com a mãe dele, a mãe dele disse assim que não era pra ele ficar triste com aquelas coisas que estavam acontecendo, que ela já tinha passado da hora dela, que era pra ele abrir a mente dele, que era pra deixar.. que era pra deixar tudo acontecer no seu tempo. Daí ele reclamou, ele reclamou com Deus. Pediu.... No outro dia a mãe dele morreu, daí ele culpou todo mundo que tava em volta dele. Daí ele ficou isolado na casa dele, não tinha nenhum amigo. Daí ele cresceu, ficou adulto e teve uma época que chegou que ele se matou, que ele não aguentava mais, porque a única coisa.. a única pessoa que ele tinha na vida dele era a mãe dele.

Pesquisador: Quando a mãe dele morreu...

A.: Ele desistiu da vida.

Pesquisador: Entendi. Eram só os dois, ele não tinha pai?

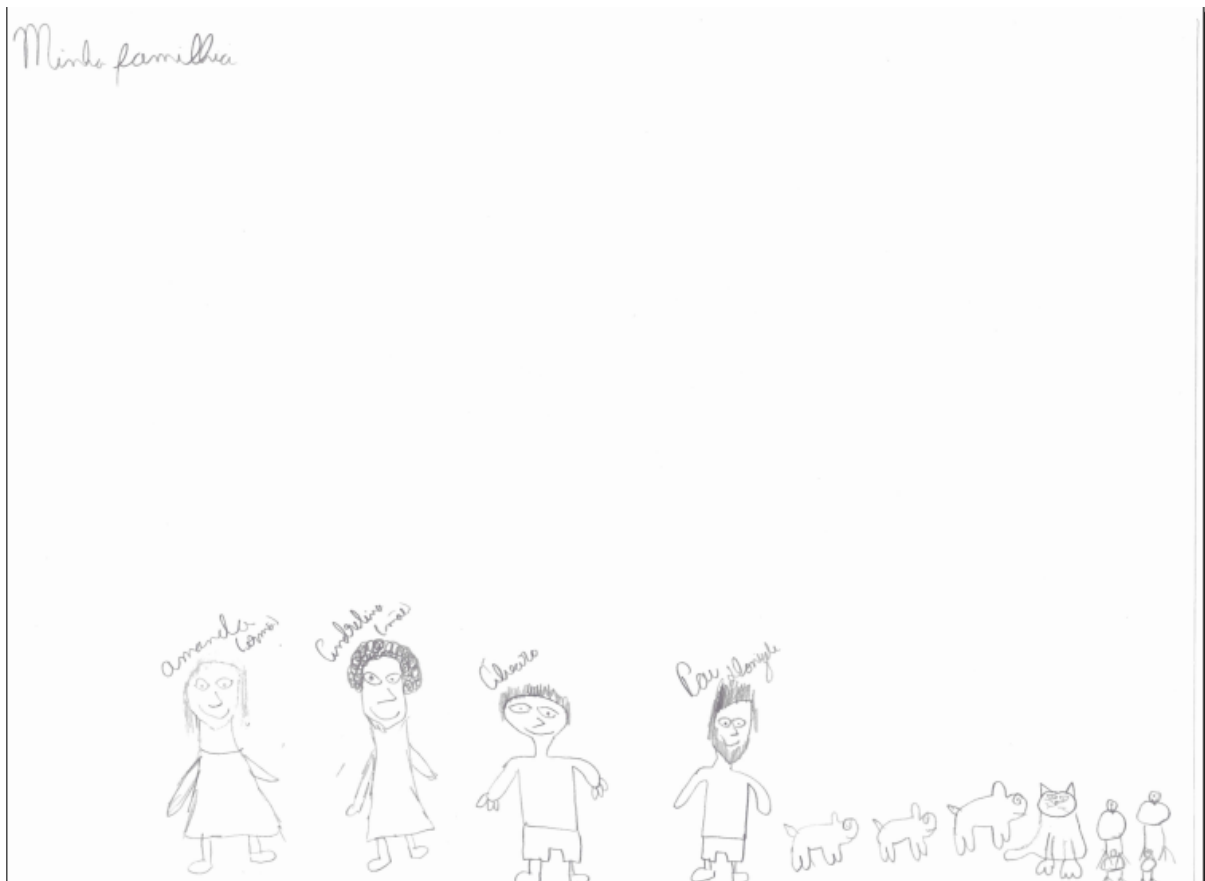
A.: (Consenti).

Interpretação

Nesta unidade de produção, o enorme temor já presente nas anteriores apresenta-se mais claramente, ou seja, a ameaça de uma catástrofe iminente apresenta contornos mais precisos. Aqui, a família resume-se à dois integrantes: mãe e filho. A mãe encontra-se doente, prestes a morrer, acamada em função de não mais conseguir andar. A desgraça se concretiza: a mãe morre e, com efeito, o filho também, isto é, se suicida. Então, o temor que amargura e que aparentemente tem forças para determinar o comportamento do participante se explicita: é o temor de perder sua mãe, porque perdê-la significa morrer!, portanto protegê-la, garantir sua saúde é garantir a própria sobrevivência, a própria vida! Há uma unidade tão forte entre a mãe e o filho que, na estória, na época em que a mãe "não conseguia mais andar", não demora muito para que o filho também desista da caminhada. Aliás, na representação gráfica do filho há uma aparente deformação na perna esquerda - que não aparece em nenhuma das outras produções gráficas -, com base na qual pode-se presumir uma similaridade entre a doença da mãe, "que não conseguia mais andar", e a do filho, "que tem um problema na perna". Em outras

palavras, a unidade entre a mãe e o filho se manifesta também na debilidade similar que afeta ambos. Em suma, o medo de perder a mãe, isto é, o medo do desamparo, o medo da morte, dá pistas de ser um sentimento vigoroso no universo emocional do participante, provavelmente um efeito da enorme dependência do filho em relação à mãe. Aliás, na estória o filho "culpou todo mundo que estava em volta dele" pelo falecimento de sua mãe, fator que também evidencia a dependência de A. em relação à sua mãe, evidencia a alta proporção de sua necessidade de que o "exterior" se adapte à ele e o satisfaça. É também mais um indicador de que a figura materna é sua única referência, sem a qual se vê desamparado.

"Desenhe a sua família" - Minha Família



Estória

A.: É... é.. eu tava sozinho em casa... com meus bichos... daí eu fiquei pensando: é... na escola... que eu não tava conseguindo... na aula de português eu não tava conseguindo bom desenvolvimento. Daí depois eu fiquei pensando, pensando, pensando, eu pensei em desistir de estudar. E daí eu fiquei pensando a tarde inteira,

daí minha irmã chega, ela pergunta pra mim o que que eu fiquei fazendo a tarde inteira, daí eu conto pra ela, mas eu minto.

Pesquisador: O que você conta pra ela?

A.: Eu conto pra ela que... que eu fiquei assistindo filme a tarde inteira pra não contar, pra não deixar ela preocupada, por causa que eu sei que ela vai contar pra minha mãe.

Pesquisador: Ela vai contar pra sua mãe o que você.. se você tivesse contado a verdade?

A.: Se eu tivesse contado a verdade.

Pesquisador: E qual que é a verdade?

A.: A verdade é que fiquei pensando a tarde inteira na aula de português que a professora, ela não explica direito, que ela.. ela.. ela explica de um jeito diferente que eu não consigo entender, por isso que eu não consigo desenvolvimento na aula. E é a única matéria que eu não consigo... que eu não consigo... desenvolvimento.

Pesquisador: E aí, o que aconteceu depois?

A.: Daí minha mãe chega da escola que ela dá aula, ela vem e me abraça. Daí a gente toma café, daí a gente vai lá pro quarto assistir televisão, eu, minha irmã e minha mãe. Daí a minha mãe pergunta como foi meu dia, eu digo pra ela que foi ótimo meu dia na escola. Daí passa um tempo meu pai chega, daí ele toma café, ele espera um pouco até dar o horário dele voltar pro serviço e vai pro serviço de novo. Ele passa no quarto só pra dar um oi pra gente e fala que ele tá voltando pro serviço, daí depois que passa um tempo, ta quase na hora de dormir, daí minha mãe, minha mãe perguntou assim pra mim: se eu tava bem mesmo que ela tava percebendo que eu tava preocupado. Daí ela fala pra mim, daí eu conto pra ela e ela diz que é pra eu conversar com a professora sobre isso, só que eu não tenho coragem de falar com a professora.

Pesquisador: Você contou pra ela então?

A.: contei.

Pesquisador: E ela te orientou falar com a professora mas você não quis:

A.: Sim.

Pesquisador: Entendi. Uma pergunta: você disse que estava em casa com seus bichos. Esses animais são todos seus? Você que toma conta?

A.: Sim.. é... eu... eu... todos eu tomo conta, mas minhas três cachorras elas ficam mais com a minha irmã. Mas meu gato sempre dorme comigo, as minha calopsita fica lá fora.

Pesquisador: E como é que você se sente na companhia dos seus animais?

A.: Eu me sinto mais... mais feliz... as vezes eu me sinto triste. As vezes eu nem dou bola muito, que eu fico quietinho, deitado, dormindo, mas sempre tem alguém por perto. Ou é meu gato ou é minhas cachorras.

Entendi. Então eles te fazem companhia?

A.: Sim, quando... a maior parte tá todo mundo trabalhando.

Pesquisador: Entendi.

Interpretação

Mais uma vez motivado pelo temor de perder a mãe, verifica-se uma tentativa do filho de protegê-la - ocultando-lhe uma informação que poderia produzir mal estar -, o que significa proteger seu porto seguro e garantir a própria sobrevivência. Porém, aqui um conflito se manifesta mais claramente: ao mesmo tempo em que o filho deseja proteger a mãe (e a si mesmo), ocultando as dificuldades que vivencia e que a deixariam preocupada, sente também a necessidade de se abrir com a mãe, fato que pode acarretar preocupação e sofrimento por parte desta e, conseqüentemente, pode fragilizá-la e até adoecê-la, o que representa uma ameaça ao seu porto seguro (e a si mesmo)⁸⁰. Então, são direções antagônicas: um via impulsiona para uma atitude em conformidade ao medo de prejudicá-la e a via oposta impulsiona à concretização da necessidade de ser acolhido e de desabafar com a mãe, descarregando, então, uma carga emocional que pode, supõe o filho, preocupá-la, isto é, prejudicá-la. Deixar-se acolher e desabafar é também contribuir com a danificação e aniquilamento do porto-seguro que o ampara, o que talvez possa explicar o sentimento de desastre iminente, porque quanto maior a necessidade de acolhimento, maior também o desgaste do porto-seguro, que poderá, com efeito, se extinguir. É um circuito certamente permeado por muita

⁸⁰ Durante a entrevista, A. expõe que ocultou ou tentou ocultar de sua mãe certos acontecimentos que poderiam aborrecê-la, por exemplo, quando a escola o suspendeu em função de uma "briga" ou quando chorou por causa de um amigo. O que se percebe, é que A. tem medo de fragilizar a saúde de sua mãe com preocupações, tem medo que a fragilidade progrida para uma doença grave e até a morte. E este medo tem força para determinar parte de suas ações, como exemplificado pelos episódios citados que, na verdade, representam uma das conseqüências deste medo, mas certamente existem outras, não tão explícitas.

apreensão. Talvez se possa dizer que o desenho manifeste a tentativa de amortizar a ansiedade, uma tentativa de convencer-se a si e ao outro de que a família vai bem, porque as perseguições, o medo da catástrofe, do divórcio, da morte, não aparecem aqui - na "minha família". O desenho retrata uma família em que cada membro aparenta estar bem, mas mais parece um esforço em não admitir a amargura que permeia o íntimo do avaliando a respeito das relações e circunstâncias familiares, mais parece um esforço em ocultar do outro (da mãe), a maneira como "eu" me sinto sobre a vida em família, a fim de evitar preocupações, desgostos, etc., que possam fragilizar o outro.

Síntese Interpretativa

O vínculo intenso de A. com sua mãe é o núcleo entorno do qual orbitam os aspectos que intervêm em sua maneira de ser e viver. Em seu conjunto, as unidades de produção revelam a unidade, ao mesmo tempo sólida e fragilizada, entre a mãe e o filho, que é visível, por exemplo, quando A. conceitua a família como um "casal" ou ao representá-la graficamente somente com a presença da mãe e do filho, ou até mesmo na idealização, em que a mãe e o filho encontram-se próximos e sem interferências. A entrevista também confirma o quão forte é o vínculo entre ambos e o quão ele é permeado por uma dependência emocional mútua, já que A. expõe abertamente como se dá sua relação com sua mãe: ela é como uma fonte em que A. se abastece para repor as energias e continuar vivendo⁸¹. Para além destes aspectos pontuais, a atmosfera geral do conjunto dos dados deixa ver um vínculo muito forte entre a mãe e o filho, sendo que para este último a garantia de viver, as possibilidades de prosperidade e felicidade estão atreladas à manutenção deste vínculo essencial. Aparentemente, o participante atribui à mãe a função de dar-lhe a sustentação que assegure as condições de sobrevivência emocional e andamento da vida. E na ausência destas condições, isto é, na ausência da mãe, tudo tende a desabar.

Ao pai, além da função de fornecer a providência material - da qual A. deseja independência -, A. espera que este não faça nada que venha desestabilizar a mãe, não haja de maneira à fragilizá-la - como o divórcio, por exemplo -, porque aí mora o perigo, porque aí se sente ameaçado, isto é, se a mãe fraquejar ele também não

⁸¹ Sem dúvida, A. está em sofrimento, que, aliás, se expressa em seu humor deprimido, em seu aspecto geral desvitalizado, conforme se percebe na entrevista.

aguenta. Em outras palavras, A. espera que a família se adapte as suas necessidades e não ponha a prova o vínculo que lhe serve de alicerce. Por exemplo, quando A. interfere na relação dos pais, intervenção que resulta no abrandamento das desavenças do casal, é um indicador de que a família atende seus quereres. Aliás, provavelmente reconhecem a fragilidade de A. e supõem os efeitos negativos derivados de uma separação. "Eu já falei que eu não gosto, eles pararam" (sic), ele conta. Em outras palavras, o casal se vê pressionado a fazer certas concessões para preservá-lo, poupando-o de um possível "trauma", etc. Além disso, tudo indica que A. vê em seu pai a principal ameaça à conservação do modelo que lhe dá sustentação, porque sua mãe é conivente e decerto ela também se sinta dependente deste tipo de vínculo. Então, quando A. interfere na relação do casal provavelmente está direcionando ao pai um pedido de trégua, um pedido para que o pai não interfira e não provoque mudanças.

Esta demanda de A. em relação à família pode ser identificada pelo aspecto gráfico do 1º e do 4º desenho, em que o filho encontra-se no centro da folha, no centro e em primeiro plano, respectivamente, sugerindo que a família deva agir com o propósito de atender-lhe as necessidades. Quer dizer, a família deve aceitar a ligação absorvente entre mãe e filho, sem ameaça-los. Demanda que também se evidencia por meio da entrevista, quando A. afirma que dirigiu-se aos pais, em meio à crise conjugal do casal, reivindicando que encontrassem um entendimento e excluíssem a possibilidade de divórcio, porque isto lhe faria mal, isto seria danoso para A.: "[...] eu já percebi que não faz bem pra mim. Eu já falei que eu não gosto, eles pararam. Daí, eu só penso assim, que eles tinham que pensar, que, eles tem que pensar em mim, e na minha irmã, invés de pensar só neles. Que eles vão estragar a nossa vida fazendo isso, do que estragar a deles" (sic).

Além do mais, em determinado momento da entrevista, A. parece estar refutando a opinião do pai, segundo a qual A. é um garoto mimado. A. diz que não é, e conta sobre uma prima, que é tomada como um parâmetro, de maneira que A. aponta-a como mimada e desqualifica a opinião do pai, isto é, argumenta que não é mimado. Aparentemente, A. contrapõe-se à opinião de seu pai, porque este convocou-o para uma maior independência de sua mãe, impulsionando-o a conseguir uma renda, impulsionando-o a efetuar as tarefas de casa, etc. Em outras palavras, a convocação por maior independência é causadora de ansiedade, porque

põe em xeque o vínculo de A. com sua mãe, então A. afirma que o pai está errado e que sua mãe "sempre colocou um freio na minha *mimadisse*" (sic). Entretanto, independentemente do pai chamá-lo de mimado e ele discordar, revelações da entrevista deixam ver uma dependência da mãe muito preocupante, porque A. por algumas vezes diz com todas as letras que sua existência depende dela e tudo que a ameaça é recebido com desespero. Em relação ao divórcio dos pais diz o seguinte: "Tem vez que eu penso até em., ai, acabar com a minha vida por causa dessas coisas, por causa que, eu falo sempre pra minha mãe que, se ela morrer, eu, eu também não vou ficar vivendo, por causa que ela é a única pessoa que faz eu feliz, ela é a única pessoa que faz eu vim pra escola, que faz essas coisas. E quando ela chega tarde, toda vez ela pergunta como foi meu dia na escola, como foi as coisas, eu também pergunto pra ela. Então, ela é a única pessoa que eu me abro mesmo. Que eu converso bastante com ela" (sic).

Curiosamente, A. considera a possibilidade da mãe morrer ao falar sobre a possibilidade de separação dos pais, uma conexão sem coerência lógica. Racionalmente, não há uma ponte entre o divórcio e o falecimento da mãe. Quando perguntado se a mãe tem algum problema de saúde ele responde: "Não. Não tem nada, só que eu tenho muito medo, porque todo mundo morre na vida. Só que eu tenho medo de chegar uma época que ela vai morrer. Quando ela fica doente mesmo, eu fico muito(/) eu fico pensando, vai que a imunidade dela cai muito e ela fica doente de verdade e morre. Eu coloco sempre na minha cabeça que eu tenho sempre que ajudar minha mãe pra ela não ficar doente, essas coisas" (sic). Este medo irracional parece ser determinante de ao menos parte do comportamento do participante, na medida em que age "sempre" em função de impedir que a mãe adoça ou morra, e revela o quanto sente-se sem forças para caminhar sem ela. Talvez, não obstante A. afirmar que ficaria com a mãe em uma possível separação dos pais, o impacto da separação sobre sua mãe o preocupa, o que justifica a associação entre o divórcio e a morte da mãe. A autodenominação bipolar - triste na escola / feliz em casa - se explica também por essa via, porque além de sentir-se seguro e acolhido pela mãe quando está em casa, o que lhe faz bem, também tem que simular estar feliz para não preocupá-la⁸². Portanto, embora A. tenha relatado

⁸² "Eu não conto muito essas coisas que acontece na escola pra minha mãe, por causa que eu sei que eu vou deixar ela bastante preocupada, então daí eu não conto todas as coisas que eu faço na

que se abre com sua mãe, também sofre muito calado devido aos problemas que vivencia fora de casa, particularmente o *bullying*.

Tomando a vitimização sistemática no contexto do fenômeno *bullying* como um "sintoma" associado à dinâmica familiar, a incapacidade de se defender típica das vítimas de *bullying* parece, neste caso, ter raízes na dependência emocional de A. em relação à sua mãe. O sentimento de incapacidade para agir em sua própria defesa - expresso na estória quando um amigo ajuda o casal a se defender; nos desenhos, já que geralmente as figuras humanas são retratadas com braços pequenos e finos, o que pode ser alusivo à uma autoimagem desprovida de força para intervir no mundo exterior; e expresso também em várias passagens da entrevista, como quando A. conta que a mãe foi até a escola para coibir o *bullying*⁸³ ou quando A. conta que desde pequeno é vitimado, mas que "relewa" as agressões⁸⁴ - pode estar relacionado com a vinculação demasiadamente forte entre mãe e filho, porque sente que precisa muito da mãe para ser forte, para sentir-se capaz. Como a mãe não está presente no interior da escola, sente-se mais fraco e transparece a fragilidade aos demais, o que pode ser uma porta aberta às agressões, porque a garantia de ser mais forte, de poder subjugar o outro sem nenhum receio, a medida que o outro é visivelmente frágil e desprotegido, é um comichão que insufla até mesmo os menos agressivos. Sumariamente, sua fragilidade está diretamente associada à ausência da mãe, a metade forte do "inteiro" que é formado por mãe e filho.

escola pra ela. Eu falo pra todo mundo que eu sou bipolar, que nem eu te falei no começo que, dentro da escola eu sou uma pessoa, fora eu sou totalmente outra".

⁸³ "[...] quando eu sofro *bullying* aqui na escola, ela sempre vem, por causa que ela quer saber o que está acontecendo. Das outras vezes, todas essas vezes que aconteceu, minha mãe sempre veio, teve só uma vez no 6º ano, que eu apanhei por causa de *bullying* também, que, o menino chutou eu, daí eu levei suspensão por causa do menino, não queria contar pra minha mãe, porque ela disse que se eu levasse suspensão ela ficaria muito triste comigo. Mas eu levei suspensão não foi nem por causa de mim, foi por causa do moleque ter batido em mim. Então, eu não tinha nada a ver, por que eu tinha que levar suspensão? Então, eu não contei pra ela. Daí, eu tive que fingir que eu vim pra escola. Daí, eu vim, eu fiquei na avenida até dar a hora de eu sair da escola, porque ela trabalhava até aqui em cima, era uma época que ela trabalhava ali em cima numa clínica. Daí ela foi mandada embora. Antes disso, quando, nesse dia que eu tinha levado suspensão, eu subi lá, daí no outro dia ligaram lá na clínica pra ela, falaram que eu tinha levado suspensão, e que ela não tinha comparecido na escola pra assinar. [...] Mas ela acabou ficando sabendo. E ela ficou muito brava comigo, ela ficou triste, ela falou que se eu tivesse contado pra ela, ela não me deixaria de castigo".

⁸⁴ "Ah, aqui na escola, *bullying* assim de eu sofrer, deu(/) que foi uma coisa que marcou, não teve nada, por causa que eu já tô acostumado, desde pequeno eu sempre sofri *bullying* sobre essa coisa de ser homossexual. Então, eu já aprendi a lidar com essas coisas de *bullying*, das pessoas ficarem falando. Eu relevo, tudo que eles falam eu relevo".

Entretanto, se o vínculo absorvente com a mãe pode ser posto em conexão com a fragilidade e a dificuldade do filho em se defender das agressões dos *bullies*, também é, atualmente, a fonte de onde o participante retira forças para continuar - continuar, por exemplo, a frequentar a escola e a conviver com os maus-tratos. A mãe não está na escola para defendê-lo, mas lhe dá o suporte que precisa após o horário escolar. Em outras palavras, a falta que a mãe faz durante o período escolar é compensada em casa, quando o filho recebe da mãe o apoio e força para continuar. A. relata que às vezes se deita ao lado da mãe até antes do pai retornar do trabalho - por volta das 22 horas - e sua mãe o acolhe e ele chora e se abre com ela, manifestando novamente o medo que tem de perdê-la. Por meio de tais acolhidas, A. sente-se revigorado para continuar. Mas, ao mesmo tempo, o fôlego adquirido em casa reforça a dependência da mãe, reforça a fragilidade que se manifesta com a ausência dela. Há uma contradição operando, porque a fonte que dá força para continuar é também a parte complementar cuja ausência resulta em vulnerabilidade, em sentimento de estar indefeso, porque, se no domínio psíquico não há uma separação consolidada entre o dentro/fora, o interno/externo, na prática, a fonte que lhe dá força é externa e não interna, o que resulta em vulnerabilidade quando a mãe está distante. Resumidamente, a força proveniente do apoio materno e a fragilidade decorrente da ausência da mãe são duas faces de uma mesma moeda.

Com base nos dados, é possível inferir que A. está sofrendo muito em função das agressões dos colegas na escola. A. transparece haver desistido de encontrar uma alternativa para minimizar o problema, como que conformado com os ataques, porque, além de tudo, argumenta que a resolução do problema deveria partir da equipe escolar e/ou que os agressores deveriam enxergar o dano que causam e cessarem com as agressões. "Ah, eu sofro *bullying*, por causa que, que nem eu te falei no começo, que eu sou uma pessoa diferente. Todo mundo tira sarro de mim, porque eles falam que eu sou homossexual. Daí, e eu, e eu, e eu não gosto de ficar falando essas coisas pros outros, por causa que elas não tem nada a ver com a minha vida. Porque se eu quisesse ser aquilo eu sou, se eu não quiser eu também não sou. Se eu quiser ser uma pessoa solitária, que não gosta de nada, eu vou ser. Então, eu penso assim: que se eu sofro *bullying* é por causa das atitudes das pessoas, é porque as pessoas usam o *bullying* como uma defe(!) uma arma pra te

atingir, pra você ficar cada vez mais triste, aflito, essas coisas. Então, essas pessoas tinham que abrir a mente delas pra pensar: imagina se tivesse acontecendo com elas?" (sic). Em outras palavras, A. aparentemente sente e pensa que já não resta nada que possa fazer.

Por último, talvez o conflito entre a dependência acentuada em relação à mãe e o sentimento frequente de que há uma ameaça à vida dela possa, na melhor das hipóteses, prepará-lo para uma maior independência de sua mãe, isto é, venha prepará-lo para "separar-se" gradualmente dela sem que isto represente uma catástrofe. Considerar frequentemente a possibilidade de viver sem a presença de sua mãe causa-lhe enorme ansiedade, mas quem sabe também possa impulsioná-lo à desenvolver-se a ponto de encontrar-se mais preparado para viver em sua "ausência", quem sabe possa impulsioná-lo à gradualmente sentir-se mais e mais independente em relação à ela. Na realidade, A. manifesta também um anseio de crescer e conquistar independência, mas a centralidade de sua dependência em relação à mãe faz quase imperceptível este desejo. Em oposição ao sentimento predominante de dependência e medo, há também o anseio em diferenciar-se de sua mãe e "tornar-se uma pessoa", pois assim poderia sobreviver com autonomia. Do contrário, há razões para conjecturar que uma eventual "separação" resultaria em um quadro melancólico (depressivo) preocupante, porque A. dá sinais explícitos de que a perda ou mesmo um distanciamento relativamente prolongado em relação à mãe produziria efeitos desastrosos, visto que seu "eu" precisa da presença materna, não enquanto um "acessório", mas sim enquanto um suporte fundamental.

4.3 Aluna B.

B. é uma garota esperta e comunicativa. Leva uma vida relativamente agitada e produtiva, com afazeres diversos em sua rotina. A princípio, foi identificada como uma agente de *bullying*, mas os dados demonstraram que também foi vítima, ou melhor, atravessou um período de vitimização que foi sucedido por um período de comportamento agressor, possivelmente em curso. Portanto, pode-se dizer que é uma vítima-agressora. Ao falar sobre si mesma, B. diz que é "muito grossa", que é

"muito orgulhosa", traços de seu jeito de ser manifestos na sua relação com seus pais, com as colegas e com o "namorado"⁸⁵.

Sobre sua família, B. a retrata como feliz e unida, evidentemente com desavenças entre seus membros, mas cuja proporção não é suficiente para produzir rompimentos e/ou infelicidade. B. vê no casamento dos pais um exemplo de amor e companheirismo e sonha viver algo similar. Aliás, o conjunto dos dados relaciona-se intensamente com este desejo de viver um relacionamento amoroso, que ainda não pode se concretizar. Quando se dispõe lado a lado as "estórias" do DF-E e as informações provenientes da entrevista, percebe-se que os dados de realidade da última aparecem em proporção relevante nas primeiras, sobretudo em relação aos episódios relacionados ao envolvimento amoroso e às intrigas que dificultam a concretização do amor dos casais que aparecem nos dados. Então, episódios verídicos permeiam as "estórias" do DF-E. Aparentemente, a história de amor vivida pelos pais, verídica e fantasiada, é um sonho de B. E, apesar de impedimentos específicos, B. "começa a realizar seu sonho", ou melhor, começa a pôr seu desejo em ação.

Também a ênfase dada por B. ao relacionamento com seu pai é perceptível com relativa facilidade, tanto na entrevista quanto no DF-E. Obviamente, os demais membros da família também são mencionados, principalmente a mãe. Enfatiza que sua família é unida, que se ajudam mutuamente. B. é a caçula da família, o irmão do meio ainda reside na casa dos pais e o mais velho não, é casado e pai de uma menina. Ambos são mencionados, mas B. diz quase nada a respeito do relacionamento com os irmãos, de maneira que, a maior parte dessas informações é de caráter descritivo, muito embora seja perceptível o afeto que sente em relação a eles.

B. encontrava-se com 14 anos na época, não obstante sua aparência dar a impressão de um pouco mais velha. Mantém amizades tanto dentro quanto fora da escola e, segundo relata, sua convivência com as amigas é boa. É uma garota ativa e dinâmica, e também transparece ser feliz ou ao menos estar vivendo um momento de felicidade.

⁸⁵ A palavra "namorado" é usada entre aspas, porque B. diz que apesar de gostar e ter vivido um relacionamento com A., desentenderam-se e ela deseja namorá-lo apenas após chegar em uma certa idade e ter a permissão de seus pais.

Desenho de Família com Estórias

"Desenhe uma família qualquer" - Uma família feliz



Estória

B.: Ah... O pai dessa família, ele morava em Santos e ele saiu de Minas Gerais e morava em Santos e ele sempre foi da farra, sempre, tipo saia com os amigos e tals. E a mulher, ela era uma moça muito, vamos dizer, que se..., vamos dizer, que se priva dos homens, que se priva. Ela não era muito de sair, não namorava muito. E ela morava aqui, em Assis. Daí um dia, esse cara tinha amigos em comum com uma, com uma/ e veio pra um casamento de um amigo dele e essa moça, ela foi com a irmã dela nesse casamento e nesse casamento eles se encontraram, tipo ela nem ligou pra ele, mas ele ficou apaixonado.

Pesquisador: Ali que eles se conheceram?

B.: Sim. Daí passou um tempo e ele quis o número dela. Não! Passou um/... É que eu to inventando. É... Daí ele perguntou o nome dela pra irmã dela e a irmã dela conversou com eles e tals. Daí eles começaram a namorar por distância, eles se conheceram ela gostou dele e eles começaram a namorar por distância, por carta. Daí, nesse meio termo, eles sempre, eles namoraram três meses. Daí passou um

ano namorando longe, ele morava/ daí ele mudou pra Rondônia, porque o lugar onde ele trabalhava transferiu ele pra lá, ele era gerente. Daí, nesse, nesse vai e vem ele ficava cansado, não tinha ninguém, não tinha ninguém né? A família dele era toda de Minas (Gerais), e ele quis casar com ela. Daí eles casaram, aqui, e foram, mudaram pra Rondônia. Daí em Rondônia nasceu o filho mais velho. Precisa dar nomes?

Pesquisador: Se você quiser.

B.: Se eu quiser? Nasceu o filho mais velho. E esse filho mais velho teve muitas complicações na vida. Tipo, ele era muito doente, quando ele era menor, e mas tipo, foi só algumas doenças. Daí depois nasceu o outro filho, o do meio, mas daí eles já voltaram pra cá, ele nasceu aqui.

Pesquisador: Certo. Entendi.

B.: Daí, só que daí, nesse meio tempo, eles voltaram pro Mato Grosso, pra Rondônia e a filha pequena nasceu em Rio Brilhante, ela nasceu em Rio Brilhante. E daí quando eles tiveram os 3 filhos eles mudaram pra Alvorada. Daí na Alvorada, eles moraram algum tempo, uns 7 anos, antes da menina nascer, daí quando ela tinha 4 anos eles mudaram pra cá, pra família da moça, da esposa.

Pesquisador: Que é daqui?

B.: É. A esposa é daqui. Porque a mãe dela tava nos últimos anos de vida. Daí/ ah é só isso só. Tem que terminar ou...?

Pesquisador: Fica a vontade, você pode contar... Elas voltaram para cá porque a mãe tava doente?

B.: Sim, a mãe da esposa tava doente. E eles estão morando até hoje aqui.

Pesquisador: Muito bem. Então é uma família que o pai, em função do trabalho, tava sempre se mudando?

B.: Mas quando ele chegou aqui ele mudou pra uma loja de vender ouro e agora ele só viaja. Ele viaja, mas ele volta.

Pesquisador: Continuam em Assis então?

B.: Sim.

Pesquisador: Muito bem. E qual é título do seu desenho?

B.: ... Nossa.... Uma família feliz?

Interpretação

Aparentemente, B. conhece bem a história de sua família, conhece como começou o relacionamento de seus pais, até se casarem e terem filhos. E a estória deste desenho mais ou menos reproduz a história de sua família. Isto significa que B. respondeu a solicitação ampla do DF-E - "desenhe uma família qualquer" e "conte uma estória sobre ele" - com informações concretas, com episódios verídicos, respostas que, por serem descritivas e não inventadas, supostamente poderiam minimizar o processo projetivo e, com efeito, reduzir as possibilidades de exploração de sua psique. Mas é justamente este aspecto, aliás, também presente nas demais unidades de produção, que oferece um forte indicativo da ênfase que dá à realidade, isto é, do "realismo" que é uma das marcas de seu jeito de ser. Certamente, B. é de índole objetiva e prática, o que não significa que neste modo de ser não intervenha forças psíquicas. No desenho, a localização das figuras humanas na parte de baixo da folha, sempre em contato com a realidade, isto é, com o chão, fortalecem esta hipótese.

Mas, como o universo anímico é contraditório, talvez esta unidade de produção também seja um dado manifesto do sonho de B. de vivenciar um romance, um dado que expressa seu desejo de viver um amor e ter filhos. Quer dizer, o desenho nomeado "uma família feliz" é, por um lado, a maneira como B. conceitua sua família, e é também uma expressão de seu desejo, por outro. Como se verá adiante, B. parece sentir-se suficientemente madura para tanto, como se já estivesse em condições emocionais e concretas de deixar a condição de filha e avançar para a de esposa e mãe, embora tenha provisoriamente acatado o impedimento da família. Aqui, isto ainda é pouco evidente, mas dois aspectos gráficos encorpam esta pressuposição: (a) tanto aqui quanto na próxima produção gráfica B. aparece entre seus irmãos, um mais alto (mais velho) e o outro mais baixo (mais jovem). Em outras palavras, está entre dois homens. Na entrevista, B. conta sobre o quão forte é o vínculo com seu pai, desde que era pequena. Mas que, quando B. alcançou uma certa idade, este vínculo atravessou um período de esmorecimento e crise, porque ao manifestar um certo desinteresse pelo pai, provavelmente porque redirecionou seu investimento libidinal, ele reagiu com hostilidade e indiferença⁸⁶. Entretanto,

⁸⁶ "Eu sempre tive um relacionamento muito difícil com meu pai. Nossa! Era complicado. Tipo, quando eu era pequena era aquele negócio né?, sou menina e tal. Mas quando eu fui chegando ao 11 anos, 10 anos. Não, 11, acho que foi do ano... passado pra cá. Pra esse ano, do 8º, 7º ano, eu fui tendo

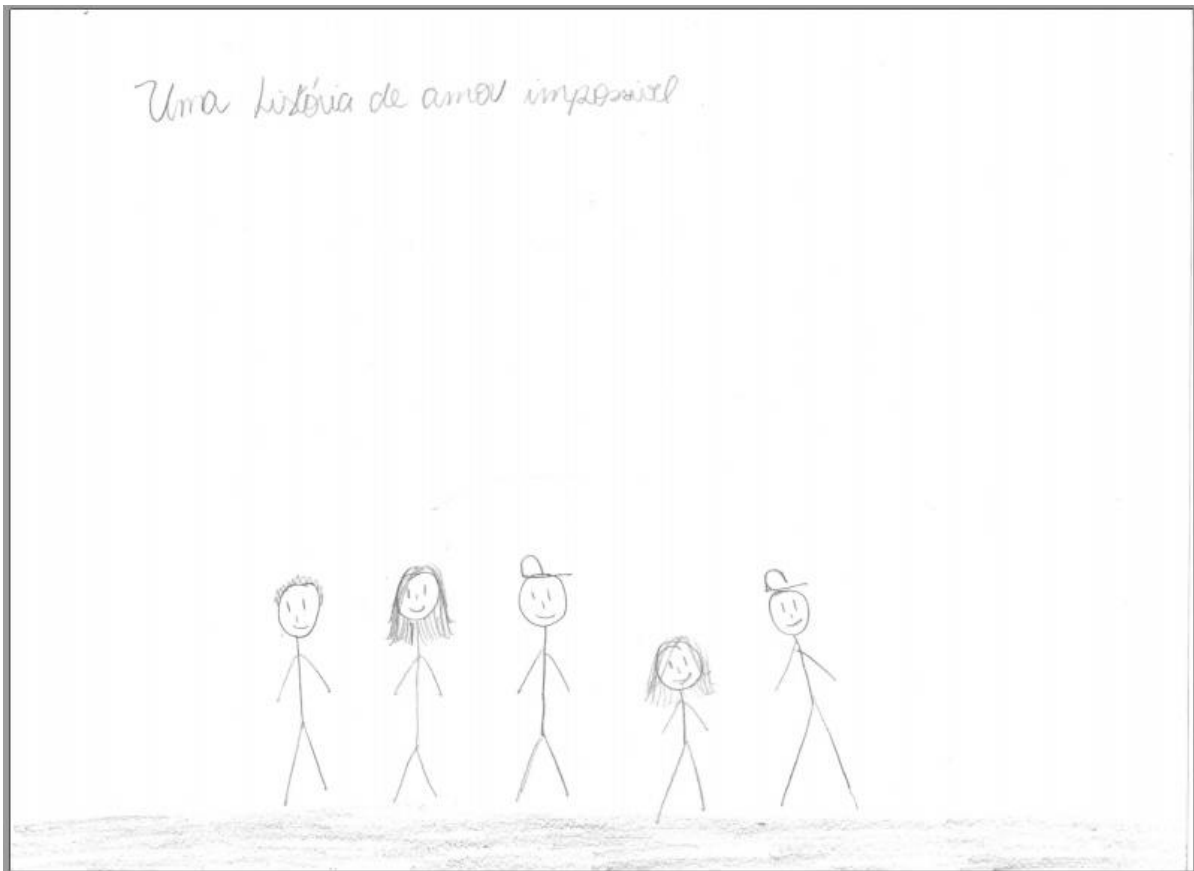
após superada a crise, a relação entre ambos aparentemente alcançou um patamar mais elevado, então voltaram a ser "grudados", mas agora B. não está completamente absorvida por esta relação e investe libidinalmente em outras pessoas, isto é, no "namorado". Concluindo o raciocínio, no desenho, B. encontra-se entre os irmãos, mas ao se admitir a possibilidade de que sejam representações gráficas condensadas, talvez sejam também seu pai e seu "namorado". Entretanto, o dilema não é sobre escolher entre o pai e o "namorado", porque aqui o pai representa um impedimento à concretização do relacionamento com o "namorado"⁸⁷, ou seja, o pai aqui não é (somente) objeto libidinal é a instância que representa a proibição e impede B. de entregar-se ao desejo; (b) outro dado que põe em evidência este conflito vivido por B. é o reforçamento (gráfico) no pescoço da figura que a representa, reforçamento que pode ser um indicativo de conflito. Embora sutil, se comparado com o pescoço das demais figuras humanas, o pescoço da caçula da família apresenta um contorno particularmente reforçado. Segundo Van Kolck (1984), ao fazer a ligação entre a cabeça (racional) e o corpo (desejo), o pescoço pode ser uma região de manifestação de conflito. No caso de B., o conflito entre a racionalidade e o desejo podem ser personificados nas figuras do pai e do "namorado", respectivamente.

Nesta unidade de produção também é perceptível que B. caracteriza e concebe sua família como um grupo unido, que atravessou as dificuldades que surgiram ao longo da vida unidos, desde o início do relacionamento do casal. A mãe é vista como uma mulher pura, o pai como um homem bom e trabalhador, que foi resgatado pela mãe de uma vida de exageros.

muito problema com ele, porque meu pai é meio grosso assim, e eu sou igual a ele". Mais adiante: "Ah, a gente era, tipo, meu pai sempre, sempre quis ter uma menina, e a gente não morava aqui, e quando eu era pequena meus irmãos já tavam grande já, eu era a única bebezinha de casa. Então, ele dava, tipo, total atenção pra mim, sabe? Me levava pra passear, todos os lugares, sabe?, fazia tudo por mim, desde pequena. E quando, tipo, eu entrei no 6º ano, 7º ano, isso acabou, eu nem ligava, sabe? E ele sentiu muita falta disso. E como ele não sabe demonstrar, o que ele demonstrou? sendo grosso, entendeu?, não conversando comigo".

⁸⁷ "A gente tá enrolado. É um rolo, assim, porque eu falei assim: 'A., não vou voltar com você sem meus pais saber'. Falou: 'não, falo com o seu pai'. Falei: 'a-hã, se morre, né?, se você falar com meu pai se morre, se é assassinado'. Entendeu?" E mais adiante: "Pesquisador: Se você pudesse mudar uma coisa na sua família o que você mudaria? B.: Nossa! Eu mudaria o fato dos meus pais não deixarem eu namorar. Só isso. A única coisa que eu mudaria [...]".

"Desenhe uma família que você gostaria de ter" - Uma história de amor impossível



Estória

B.: Mas tipo, eu acho que não mudaria nada na minha família.

Pesquisador: Não tem problema. Desenha do jeito que você/

B.: Não. Posso fazer?

Pesquisador: Pode.

- Logo após iniciar o desenho pergunta:

B.: Posso fazer de pauzinho?, é muito complicado fazer a roupinha!

Pesquisador: Pode fazer do jeito que você quiser.

- Após concluído o desenho.

Pesquisador: Agora, olhando para o seu desenho, você conta uma estória.

B.: De uma família que eu queria ter?

Pesquisador: É, sobre esse desenho que você fez.

B.: É que a estória que eu contei ali é a estória da minha família (Risos).

Pesquisador: Entendi. Não tem problema.

B.: É meio maluca, mas é a história da minha família.

Pesquisador: Não tem problema. Mas nesse você pode inventar uma outra.

B.: Pior que eu não sou muito boa de estória. É... Então... É... Esse cara aqui/ posso dar nome?

Pesquisador: Pode.

B.: Ele chama A. e ele sempre foi/ fingem que eles são jovens, não entrou nessa parte aqui.

Pesquisador: Certo. Como se eles ainda não tivesse filhos?

B.: É, como se ainda não tivessem filhos. Eles eram jovens e eles e... e ele conheceu essa menina e é... quando ele conheceu ela, ele era muito... também ... ele era, tipo ele bebia muito, tinha problema com bebida. E ela, ela nunca foi de beber, ela sempre foi uma menina de igreja, religiosa, e ela nunca foi de beber, e ela conheceu ele e no começo eles sempre foram amigos, melhores amigos, daí ele começou a se interessar por ela, mas ela nunca percebeu. E ela sempre dava conselho pra ele: "Ó para de beber, não faz isso, que isso é..., vai fazer mal pra você". E ele começou a ouvir ela, porque ela era, tinha muito juízo, ela tinha tipo juízo, o juízo que ele não tinha. E ela sempre aconselhava ele, tipo: "Ah, não faz isto". E ele começou a ouvir ela, e ele começou a ter alguns pensamentos diferentes, tipo eles se ajudavam muito, tipo quando ele tinha algum problema na família dele, ele ajudava e/ ela ajudava ele, ele ajudava ela. Então, foi criando um amor. Daí, eles estavam juntos, passou um tempo, e tinha uma menina, e tinha uma menina que tipo, era muito apaixonada por ele, só que ele nunca gostou dela, porque ela não se valorizava muito, ela não ligava, sabe? pra nada, ficava com vários garotos. E ele não gostava disso, ele gostava da menina certinha, da mocinha da estória (em tom risonho). E essa menina começou a fazer de tudo pra separar os dois. De tudo. Tudo que você imaginar ela fez.

Pesquisador: Dá um exemplo.

B.: Dá um exemplo?

Pesquisador: É.

B.: Ele foi numa festa e a menina não pode ir, e nessa festa ela pegou, ela colocou um negócio na bebida dele, e esse negócio na bebida, fez com que ele ficasse alterado. E ela levou uma amiga dela que é ex dele. Ela era apaixonada por ele e amiga dela é ex dele (em tom risonho). E ela fez, tipo, não obrigou, mas fez ele ficar com ela, como se tivesse ficado. E tirou foto. E mandou pra mim (voz sumida)/ pra

mocinha. E tipo, ela ficou muito, em choque sabe? nunca pensou que ele ia fazer isso com ela. E ela terminou com ele tals e tudo. Daí, passou um tempo, ele continuou, tipo, tentando com ela. Ele falou assim: "Ó aconteceu isso na bebida". Não teve como provar que, tipo, tinha negócio na bebida, né?

Pesquisador: Quer dizer, ela conseguiu separar eles?

B.: Conseguiu separar eles! E a menina, tipo, nunca mais, nunca mais. E a menina sempre teve um sonho de fazer medicina. E ela foi pra Curitiba. E, tipo, eles sempre conversavam que eles iam morar juntos em Curitiba, porque ele também queria morar lá, fazer a mesma faculdade. E passou uns anos, eles esqueceram esta história, mas ele nunca esqueceu ela, nem ela também nunca esqueceu ele, eles tiveram outros amores, outras festas, outras pessoas, mas nunca, nunca esqueceu, como se fosse uma conexão meio que da alma assim. E passou um tempo, passou um tempo, até que um dia eles estavam, tipo, na mesma faculdade, Unicamp, e a Unesp, é Unesp, - eu tô louca, tô inventando - a Unesp, e era uma perto da outra em Curitiba, e ela tava num ponto de ônibus e ele tava, e ele tava, tipo, vindo no ônibus que ela ia entrar, e, tipo, quando eles, eles meio que tiveram um choque térmico, um olhou pro outro e teve, meio que um *déjà vu* assim, de lembrar. Mas eles não se reconheceram, porque fazia tempo, tals. Aí, é..., eles estudaram numa faculdade próxima uma da outra e eles sempre se viam, mas nunca conversaram assim. Até que um dia, eles estavam no ônibus e ela entrou assim, e ele não saiu aquele dia do ônibus, e, tipo, tinha um lugar do lado dele, e ele falou pra ela sentar e ela sentou. Daí eles começaram a conversar, um falou o nome do outro, mas tipo nem...

Pesquisador: Não se lembraram?

B.: Não se lembraram. Nem tchum, assim. Até um dia que eles começaram a virar amigos, no ônibus tals, e um começou a ter intimidade com o outro, começou a contar da vida, até que um dia eles tiveram nesse ponto do amor. Ela contou que teve um namorado que ela se apaixonou perdidamente, e que ela nunca esqueceu ele. E ele falou: "ah/" que ele também teve. E ela mostrou a foto deles, que eles tinham uma foto juntos. Daí, tipo, ficou, deu muito assim, que a foto era dos dois, entendeu? (empolgada) daí eles voltaram a conversar e tals, começaram a sair, daí eles voltaram, daí eles casaram, tiveram uma filha e dois filhos. Uma chama Lorena, o outro chama Henrique e o outro chama João.

Pesquisador: Certo. Lorena é a caçula?

B.: A-ham, Lorena é a caçula. Ele sempre quis ter uma menina, mas a mulher sempre quis ter dois meninos.

Interpretação

Se a estória do primeiro desenho retratou a história da família de B., permeada por seu sonho de vivenciar um romance, aqui, novamente, a estória também é permeada por dados de realidade, só que desta vez são provenientes da própria vida de B., e não da de seus pais. Na realidade, os "jovens" da estória, "que ainda não tiveram filhos", são B. e A., seu "namorado" e a "história de amor impossível", só é parcial e provisoriamente impossível, impossibilidade que é compensada pela fantasia. Com o amparo da entrevista confirma-se esta interpretação. Aliás, por meio da entrevista é também possível mais ou menos precisar o que é verídico e o que é fantasia na estória deste desenho: o namoro, a desavença causada pela ex-namorada de A., o distanciamento e a reaproximação são dados verídicos; o distanciamento prolongado, o reencontro em época de maior maturidade, o reconhecimento e o reacender da paixão, o casamento e os filhos são provenientes da fantasia de B⁸⁸.

Outra vez se manifesta o "realismo", que é um ponto importante da personalidade de B., expresso em sua relação com as atividades do DF-E: aqui, além de não inventar propriamente a estória, também simplificou a tarefa de desenhar, recorrendo ao "desenho pedagógico", isto é, figuras humanas desenhadas por meio de "pauzinhos". Talvez, a maneira como B. realizou as atividades do DF-E, isto é, não acatando propriamente as solicitações do procedimento, possa ser interpretada como uma tentativa mais ou menos consciente de impedir o aparecimento de informações genuínas sobre sua psique. Aliás, a

⁸⁸ "Não, tipo, não é bem um namoro. É assim, eu sempre fui muito correta, com tudo. E eu tenho 14 anos. Eu entendo meus pais não querer eu namorar, entendeu?, mas eu gosto muito do A., eu gosto muito dele. E aconteceu algumas coisas que a gente terminou. A gente terminou, né?, por causa que, a gente deu tempo, aí, tipo, a gente tava muito estressado a algumas semanas, eu falei: 'ah, não, vamos dar um tempo'. E nesse tempo, foi um tempo, tipo, em que ele foi num lugar, num churrasco e a ex dele tava lá e ele ficou com ela. Aí eu falei: 'não quero mais voltar'. E eu fiquei muito chateada. Tipo, eu não demonstrava, mas eu fiquei muito chateada. Daí passou uma semana, passou duas semanas, na terceira semana ele não aguentou, daí ele veio atrás". Mais adiante sobre a atitude da amiga da ex-namorada de A.: "Não, tipo, ela pegou, daí ele ficou com ela. Tá bom, a culpa foi toda, tipo, toda dele de ficar com ela. Mas ela pegou e me mandou uma foto dos dois, pra mim, sabe?, tipo, ela teve coragem de fazer isso, e eu nunca fiz nada pra ela. Daí ela me mandou a foto, tá bom, eu fui lá e terminei com ele".

postura questionadora de B. antes mesmo da aplicação do DF-E, quando perguntou, por exemplo, se ela era a única a participar da pesquisa, reforçam sua atitude defensiva e fortalece a hipótese de um comportamento evasivo na execução das atividades do DF-E. Parece-nos, entretanto, que não obstante a razoabilidade da interpretação acima, é mais forte em B. sua tendência a ser prática e imediatista, sua tendência para agir de maneira correspondente ao seu desejo. Aqui, como nas demais unidades de produção, há um vácuo entre o desenho e a estória, porque a simplicidade de um é incompatível com a complexidade do outro, respectivamente. E são justamente as características já mencionadas da personalidade de B. que podem explicar este vácuo: desenhar não lhe oferece vantagens, por isso foi realizado as pressas e sem muito interesse; contar estórias, por sua vez, lhe permitiu aliviar-se por meio do desabafo, e satisfazer-se provisoriamente por meio da fantasia, por isso rendeu estórias grandes e complexas. Em resumo, a maneira como B. "se relacionou" com as atividades do DF-E (e com o pesquisador), isto é, com objetividade, implicando-se nas atividades que poderiam render-lhe algum benefício e evadindo-se das que não, nos parece ser um traço importante do funcionamento psíquico de B.

Também nesta unidade de produção é perceptível que a fantasia de B. agrega elementos da história de amor de seus pais, ou seja, que B. sonha viver uma história semelhante. Novamente a mulher - sua mãe, ela mesma - resgata o homem de uma vida de exageros, por meio de apoio, companheirismo e aconselhamento. Com determinadas particularidades, este aspecto também aparece na relação de B. com A., porque ela relata que está sempre ao lado dele nos momentos difíceis, dando apoio e aconselhando, tanto que conseguiu levá-lo para a igreja⁸⁹. "Tô conseguindo mudar aquele garoto, difícil, mas tô conseguindo mudar" (sic), ela diz. Este comportamento de B. é semelhante ao comportamento de sua mãe em relação ao seu pai e é, portanto, um indicativo de sua identificação com ela e/ou com a história do relacionamento amoroso de seus pais. Outra vez se evidencia a

⁸⁹ B.: "[...] ninguém tá nem aí pra ele. E isso doía muito nele, porque eu ajudava ele, sabe?, dava conselho, ele é meio estressado, assim, não é estressado, tipo, agressivo, mas, tipo, ele é meio estressado, impulsivo, e, tipo, eu ajudei nisso, e ele mudou, entendeu? Conversava muito com ele pra ele começar ir na igreja. Sempre falei assim: 'Ah, A., vai'. No começo ele nem dava moral. E eu fui falando, fui, sabe quando você vai devagarzinho, assim, pelos cantos, sempre falei. E ele começou a ir, e eu fiquei feliz, porque eu não falei nada".

admiração que B. nutre em relação aos seus pais e sua família, mas é, sobretudo, um indicador da força de seu desejo de vivenciar algo semelhante, desejo "impossível", neste momento.

"Desenhe uma família em que alguém não está bem" - Uma família egoísta



Estória

B.: Bom. É, uma família eu acho que não é constituída só de pai, mãe, filho e filha. Essa família ela tem uma irmã, um irmão, outra irmã e um pai. Então, é... essa família, ela tem outros irmãos, ele, tem outros filhos, só que os outros filhos não cuidam dele. Ele, ele, uma vez ele, tipo, ele tava na casa dele.

Pesquisador: Só pra eu entender uma coisa. O pai teve outros filhos de outro casamento?

B.: Não, teve outros filhos do mesmo casamento. A esposa dele morreu, só que os outros filhos não cuidam dele, então acho que se não cuidam não tem que ser da família, porque família é quem cuida, não é família quem tá no sangue. Tá bom que também tem esse fator: aí, tá no sangue. Mas, tipo, acho que família que envolve amor é quem cuida, quem dá carinho, então, tipo, se eles não fazem isso eles não merecem tá na família.

Pesquisador: Quer dizer, os outros filhos não cuidam do pai?

B.: Não, não cuidam. É, esse pai morava sozinho, a mulher dele morreu há 7 anos, e ele foi na casa do vizinho dele, que é primo dele também. Mas ele caiu, ele quebrou o braço, e ele começou a ficar mal, tipo, ele tem 93 anos, vamos dizer, ele ficou, ele começou a ficar muito mal, ele ficou muito mal, daí ele ficou, tipo, meses na UTI, muito mal, e agora ele voltou pra casa. E as únicas que cuidam dele é a filha mais nova, a filha mais velha e o filho que ele mais rejeitava, o filho que ele mais desprezava, que era o caçula, que mais desprezava, rejeitava, falava dele, é o único filho que cuida dele, tipo, ele saiu do emprego, esse filho mais novo, pra cuidar só do pai, e como a irmã mais velha tem uma, vamos dizer, uma vida financeira melhor, ela paga pra ele cuidar, pra ele não ficar sem remuneração, vamos dizer. E, esse pai, ele anda muito triste, porque nenhum dos filhos dele vai visitar ele, e que eu saiba ele não tem só 3 filhos, ele tem mais, entendeu? mas só 3 se preocupam com ele.

Pesquisador: Os outros não, vamos falar assim,/

B.: É, não tem obrigação, entendeu? e acho que esse pai lutou a vida inteira pra... pra... dar uma boa/ não é boa condição de vida, mas é, tipo, fazer casa pra deixar de herança, trabalhar *muuuuito* assim, tipo, horas e horas, pra não deixar passar fome, entendeu? e agora só 3 vem cuidar, isso não é certo. E ele anda muito triste, muito doente mesmo. Eu acho que se ele morrer não é nem pela doença é pelo desgosto.

Pesquisador: E o que aconteceu depois?

B.: E no final, esse pai chama todos os filhos, numa festa de fim de ano, pra... E todos os filhos vai, incrível!, e tipo vai toda família, eles passam um natal lá, comemorando, e nessa noite de natal o pai morre dormindo. Como se tivesse, tipo, com a missão feita.

Pesquisador: Certo. E os filhos ficam e?

B.: E os filhos ficam e cada um segue sua vida.

Interpretação

Novamente, um desenho simples e uma estória mais elaborada, porque proveniente de episódios verídicos. Nesta unidade de produção, "o alguém que não está bem" não é uma pessoa da família nuclear, é o avô de B., isto é, "o doente" representado encontra-se fora de seu círculo relacional mais íntimo e cotidiano. Qual

é o por que desta particularidade? Em "uma família egoísta" apenas uma parte dos filhos colaboram nos cuidados com o pai doente, apenas uma parte retribui ao pai o amparo (suposto) que ele deu aos filhos durante anos. Os demais, aqueles que não ajudam, não foram representados. Aqui, B. desconsidera os laços sanguíneos e "expulsa" da família os filhos que não estão cuidando do pai, porque considera que "família é quem cuida, quem dá carinho" (sic). A partir de uma história de abandono e discórdia, B. encontrou um canal para dar vazão a sua agressividade, dando ainda uma demonstração do quanto é dura com aqueles que, segundo o seu julgamento, são pessoas ruins ou estão agindo de forma errada.

Então, o que aqui é mais importante, é perceber que B. produz um desenho e uma estória que enfatizam não propriamente "alguém que não está bem", mas sim a discórdia entre filhos cujo pai está doente. A ênfase está na desavença! E assim, com base no comportamento julgado inaceitável de parte dos filhos (tios), B. encontra justificativa (plausível) para manifestar sua revolta, isto é, encontra uma via para extravasar sua tendência a ser combativa e hostil. Em outras palavras, uma vez que B. fez do conflito o aspecto mais importante, mesmo que indiretamente relacionado com "alguém que não está bem", é possível inferir que a dimensão do embate encontra ressonância em seu jeito de ser e viver, haja vista que B. toma partido no conflito que relata e, ainda que no domínio da fantasia, exclui da família parte dos irmãos.

Aliás, a desavença e a revolta de B. aparecem não somente aqui, mas também em outras unidades de produção - nas estórias -, e principalmente na entrevista. Por exemplo, na unidade de produção anterior B. conta sobre um relacionamento (de B. com A.) que é atravessado pelo ardil oportunista de uma ex-namorada que, em parceria com sua amiga astuciosa, se aproveitam da crise no relacionamento entre o "homem" e a "mulher" e arrumam um jeito de seduzi-lo e ainda fotografa-lo no momento em que está enamorado de sua ex. É claro que a fotografia foi enviada para a "mulher", provocando a separação do casal⁹⁰. Na

⁹⁰ Conforme já mencionado, esta estória se ampara em acontecimentos da vida de B., que vivenciava uma crise em seu namoro e ele "ficou" com a ex-namorada em um churrasco e a amiga dela fotografou os dois e enviou para B., conforme segue: "[...] não, tipo, ela pegou, daí ele ficou com ela. Tá bom, a culpa foi toda, tipo, toda dele de ficar com ela. Mas ela pegou e me mandou uma foto dos dois, pra mim, sabe?, tipo, ela teve coragem de fazer isso, e eu nunca fiz nada pra ela. Daí ela me mandou a foto, tá bom, eu fui lá e terminei com ele [...]". Nesta passagem, B. conta porque se separou do "namorado", episódio após o qual B. passou a tratá-lo ora com indiferença, ora com

estória do próximo, uma intriga parecida foi articulada por uma ex-cunhada de B., que, no entanto, não conseguiu semear a discórdia no relacionamento a ponto de conseguir separá-los⁹¹. B. relata ainda episódios de desavença com sua mãe, com as colegas da escola e, fato marcante, com seu pai, além de muitos episódios similares com o "namorado".

Em suma, o funcionamento psíquico de B. parece apoiar-se (também) no conflito manifesto que, intencionalmente ou não, está frequentemente presente em sua vida, conforme sugerem os dados. E os conflitos dão a B. a possibilidade de expressão de sua agressividade, ou melhor, as desavenças possibilitam a manifestação da carga de ódio cuja exteriorização parece ser importante ao seu equilíbrio psíquico.

hostilidade. "Daí passou uma semana, passou duas semanas, na terceira semana ele não aguentou, daí ele veio atrás. E eu fiz ele sofrer muito, ele comia na minha mão. Eu não queria nem saber dele".

⁹¹ B.: "Daí, meu irmão namorou 6 anos com uma menina, a gente sempre achava que era rainha, né? [...] Ela quase destruiu nossa família. Parecia uma cobra. Verdade. Pesquisador: Por que? B.: Porque, tipo, ela, ela falava, ela, tipo, a minha tia nunca gostou dela. Nunca. E ela sempre falou: 'olha, toma cuidado com a N., ela não é mulher certa pro (Fulano)', eu não acreditava, porque N. era uma santa, coitada. Daí, depois ela mostrou as caras, sabe? tipo, ela foi pra praia e ela foi começando a fazer umas coisas que não é legal, sabe?, tipo, ela pegou, ah, não lembro, eles não me contaram direito o que ela fez, mas, tipo, foi bem grave o que ela fez, sabe? Quase separou minha tia do meu tio por causa de um anel lá, não sei o que aconteceu. E ela mostrou as caras/[...]"

"Desenhe a sua família" - Entre tapas e beijos



Estória

B.: Então, as outras estórias que eu contei tem a ver com a minha família, todas as estórias que eu contei é verdadeira a menos a mi/ aquela terceira⁹², aquela terceira ainda está indo. Essa sou eu, esse é o A., essa minha mãe, meu pai, meu irmão, minha cunhada, meu irmão mais velho, meu irmão mais novo, a minha cunhada e a minha sobrinha e o meu vô.

Pesquisador: Mas me conta uma estória, você me contou quem são as pessoas.

B.: A-ham. É pra mim contar uma estória, tipo, uma estória da minha vida real?

Pesquisador: Não. Você pode contar uma estória que você quiser. Se você quiser inventar...

B.: Então, é.. Quando/ Eu vou contar, tipo, a partir de quando eles vieram pra Assis.

Pesquisador: Tudo bem.

B.: Eles vieram pra Assis, e o irmão mais velho arrumou um emprego, mas, ai meu Deus, tinha que ter feito outro, ah! mas dá na mesma. Aí ele conseguiu um emprego e começou a trabalhar e o mais novo começou a fazer faculdade. Daí esse irmão

⁹² Provavelmente, B. está se referindo a estória contada na segunda unidade de produção - "uma história de amor impossível".

mais velho começou a namorar uma menina, e ele namorou esse menina 6 anos, só que ninguém nunca, é.. sabia o que ela era realmente, e ela fez muito mal pro meu irmão, né? durante 6 anos. E, tipo, só quando a gente foi numa viagem de família que ela mostrou quem ela é realmente, com os outros familiares da família do meu pai, que estavam lá.

Pesquisador: E o que ela é realmente?

B.: Ela é uma pessoa falsa, que mente muito, fala que é uma coisa, mas ela era outra. Daí, enquanto isso meu irmão seguiu o sonho de ser polícia, lá em São Paulo. Só que nesse meio tempo, quando ele estava fazendo faculdade de Direito, ele namorava minha cunhada né? e a minha cunhada ficou grávida, quando ele tava fazendo Direito, da minha sobrinha. E, essa minha sobrinha, ela, ela,.. ele tava fazendo faculdade e ele entrou pra polícia, ele fez tudo que tinha que fazer, um curso, tals, daí ele foi pra São Paulo, pior lugar que tem, e ele vinha todo dia pra Assis, tipo, ele ia pra São Paulo, trabalhava e voltava, e era muito cansativo e, tipo, ele tava sofrendo muito com isso né? Até que, ele, trabalhou durante 10 anos na (nome da loja) e o dono da (nome da loja) gostava muito dele, que ele sempre foi muito esforçado, mas como ele entrou pra polícia ele saiu, da (nome da loja) né?, foi pra São Paulo, e quando ela tava, tipo, no fim assim, ele recebeu uma proposta, do dono da loja, pra ser diretor de compras, com ele, e como, tipo, ele tava, a minha sobrinha tava sofrendo muito, que ela era pequenininha, e meu irmão não tava vendo ela crescer, e daí ele aceitou a proposta e veio aqui pra Assis, hoje ele é diretor da loja. E meu irmão, quando ele descobriu, tipo, viu o que ela era de verdade na nossa festa de família, ele terminou com ela e entrou pra faculdade, ta fazendo, ele faz administração, ele faz administração e ele tá terminando e arrumou outra namorada, que é um amor, eu gosto dela, que é essa daqui. Meu pai e minha mãe são, tipo, o casal mais apaixonado que eu conheço, e eu, e o meu namorado, a gente não tá mais junto, mas é como se a gente tivesse junto, porque a gente largou, mas, tipo, a gente não se deixa, entendeu? a gente continua amigo, mas não dá certo agora, nós dois, eu acho. Bom, é a história da minha vida, eu não contei histórias inventadas. É que eu não consigo contar histórias inventadas.

- No retorno a sala de aula, a participante conta que gostou de participar, porque pôde desabafar.

Interpretação

Aqui também se repete o "realismo" das unidades de produção anteriores, manifesto na pobreza gráfica e nas estórias baseadas em episódios verídicos. Porém, há um dado a mais que contribui no esclarecimento da motivação do "realismo" de B., de sua índole objetiva, de sua tendência para *agir*, ou melhor, de sua necessidade (psíquica) do agir. Pois bem, quando solicitada a contar uma estória sobre a "sua família", isto é, inventar uma estória sobre uma família verdadeira, que tem uma história própria e real, B. viu-se diante de uma situação inusitada em comparação as atividades anteriores. Nas três primeiras unidades de produção a "solicitação do aplicador" convida o avaliando a se expressar livremente (e assim projetar) e a usar sua imaginação. Na última, porém, há um maior direcionamento das produções gráfica e aperceptiva, porque a "solicitação do aplicador" é mais restritiva: "desenhe *sua* família". Mas, como B. já havia se utilizado da história de sua família nas unidades de produção anteriores, seu repertório encontrava-se mais restrito. Ela, porém, rapidamente "resolveu" a questão, contando novamente a história de sua família, já parcialmente relatada nas unidades de produção anteriores, mas contada agora a partir do período em que já estavam instalados em Assis-SP, os irmãos um pouco maiores, etc. Quer dizer, mais uma vez B. reproduziu episódios verídicos, como já era de se esperar, recorrendo a um momento posterior da história verdadeira de sua família. Em resumo, B. praticamente não "inventou", não "criou", não "devaneou", não "imaginou" durante as atividades do DF-E. E o que isto revela sobre B.? Certamente, revela uma pobreza simbólica, um déficit em sua capacidade de simbolização. E quando o mundo interno é pobre é muito maior a tendência para exteriorizar os impulsos em sua forma bruta, porque é justamente por meio da simbolização que os impulsos podem encontrar via da satisfação indireta. Em suma, provavelmente o "realismo" de B., em suas mais variadas expressões, pode ser associado com esta interioridade rudimentar.

Em conformidade com o enunciado acima, o grafismo desta unidade de produção apresenta uma particularidade que é também um indicativo da índole objetiva de B. À medida que as figuras humanas representadas são praticamente do mesmo tamanho e não apresentam particularidades que permitam a identificação da idade aproximada de cada uma delas, pode-se presumir, com o apoio da estória, que são todas adultas - exceto pela presença de uma criança, sobrinha de B. que

aparece junto de seu "namorado", incorporado à família, e é impossível diferenciar pais e filhos com base apenas no grafismo. Na realidade, a representação gráfica da família mais parece um "encontro de casais", em que não há diferenciação geracional. Quer dizer, tudo indica que B. está reconhecendo-se pronta para um relacionamento amoroso, reconhecendo-se em condições de por o desejo em ação, porque já se considera adulta.

Síntese Interpretativa

Ao que tudo indica, em B. as expressões mais marcantes e notórias de sua personalidade e de seu modo de ser são derivações de uma interioridade rudimentar, manifestas na orientação objetiva e imediatista de seu comportamento. Já mencionado acima, B. repetidamente reproduziu no DF-E acontecimentos de sua própria vida e da de seus familiares, dispensando os exercícios de abstração e inventividade, porque, pelo visto, os recursos interiores que poderiam oferecer as condições para ela "exercitar-se" no campo da imaginação e do simbólico são limitados. Conseqüentemente, B. "opta" pelo caminho mais prático. Aliás, "opta" pelo caminho que lhe oferece alguma vantagem imediata.

É também verdade que há uma parcela de fantasia nas unidades de produção do DF-E, quando B. imagina-se vivendo um relacionamento amoroso arrebatador. Com certeza, esta fantasia compensa a impossibilidade de consumir o desejo de namorar, proibido por seu pai. Entretanto, mesmo esta fantasia é permeada por dados de realidade, que mais ou menos repetem a história de seus pais. E, tão logo seja retirada a barreira externa que coíbe a consumação do desejo, certamente B. dará vazão para ele. Avaliar se é certo ou errado que uma garota de 14 anos tenha ou não autorização dos pais para namorar, se é ou não a idade adequada para namorar, etc., não é o nosso foco. Para nós, importa evidenciar um traço marcante da personalidade de B., que é sua inclinação à materialidade. Aliás, o "fantasiar" de B. não se dá em resposta à uma interdição interior, isto é, internalizada, mas à uma proibição que está fora dela, e que, portanto, mais dia, menos dia, cairá por terra. Quer dizer, mesmo o "fantasiar" de B. é uma resposta pontual à uma proibição concreta e é provável que se esmorecerá quando retirada a proibição. Em síntese, o "fantasiar" de B., providencial e provisório, ainda que operado no campo imaterial, dá indícios de também servir de apoio à materialidade. Por outro lado, a proibição se

sustenta, ou melhor, B. não desobedece seu pai, porque o admira e o respeita e decerto porque teme perder seu amor, como quando seu pai "lhe deu um gelo"⁹³.

As características da relação de B. com seus pais também oferecem subsídio para compreensão de sua maneira de ser, inclusive o fato de ser muito "grossa". Segundo B., seu pai sempre desejou ter uma filha e quando aconteceu dedicou-se muito à ela. "Ah, a gente era, tipo, meu pai sempre, sempre quis ter uma menina, e a gente não morava aqui, e quando eu era pequena meus irmãos já tavam grande já, eu era a única bebezinha de casa. Então, ele dava, tipo, total atenção pra mim, sabe? Me levava pra passear, todos os lugares, sabe?, fazia tudo por mim, desde pequena" (sic). Aparentemente, o amor recíproco que permeia o relacionamento de B. com seu pai despertou na menina um tipo de paixão (infantil) que perdurou até sua puberdade, quando a paixão arrefeceu e B. redirecionou a maior carga de investimento libidinal para os meninos de sua idade. Como resultado, seu pai reagiu com frieza e grosseria, segundo ela. Então, B. relata que tolerava as grosserias do pai, até um dia em que resolveu revidar, até que também passou a ser grossa como ele. Depois, conseguiram se entender e tudo indica que hoje têm uma boa relação.

Embora mais escassas as informações sobre a relação de B. com sua mãe, é possível perceber que com ela a situação foi a inversa, se comparada ao relacionamento de B. com seu pai, porque a calma atual na relação com seu pai é o oposto da hostilidade que permeia a relação presente com sua mãe. A princípio, B. se dava muito bem com sua mãe e, assim como ela, era mais tolerante com as impulsividades de seu pai. Porém, atualmente seu relacionamento com sua mãe é frequentemente permeado por hostilidade de B. em relação a ela, conforme ela mesma afirma⁹⁴.

⁹³ "Pesquisador: Cada dia eu te odeio mais? B.: É. Ele falou! Eu falei assim: 'ah, odeia mesmo, entra na fila, que tem um monte de gente que me odeia'. Falei assim. Ah, pra quê? Daí, sabe quando dá um gelo assim? Quando dá um gelo em você? Daí, ele nem falava comigo, nem falava e eu, como eu sou orgulhosa, eu sou muito orgulhosa, eu não vou atrás, eu posso morrer errada, mas eu não vou atrás. E a minha mãe é a calma da família, ela é aquela paz, aquela: 'não vamos brigar gente, não sei que, não sei que lá' (em tom debochado). E ela falando na cabeça do meu pai, porque meu pai que tava errado, ele era grosso comigo, com os meus irmãos ele não é assim, sabe?, e era só comigo. Mas também, eu era, era um pouco de culpa minha, sabe?, porque ele fazia tudo pra mim e eu vivia reclamando. Daí, a gente ficou umas duas semanas sem se falar".

⁹⁴ "Pesquisador: E em casa, você disse que ultimamente com a sua mãe você não está tendo uma relação muito boa. B.: Sim. Ah, que, tipo, a minha mãe, ela é muito boa pra mim, e eu que sou grossa com ela, preciso parar de ser grossa assim, entendeu? Pesquisador: O que é ser grossa com ela? B.: Ah, sei lá, sabe?, é, tipo, responder ela mesmo. Falar uma coisa e eu respondo na hora, assim, sabe? Eu preciso parar com isso, eu só vou parar quando ela me der um gelo, igual meu pai. Que eu só

Resumidamente, o relacionamento de B. com seus pais passou por algumas etapas até alcançar a conformação presente. A princípio, era marcado por muita dedicação do pai em relação à filha e por amor e carinho mútuo entre ambos, fato que decerto despertou em B., desde logo, um ardor que o tempo revelou impossível de se materializar e que foi redirecionado para os garotos de seu entorno, ou melhor, para A. Então, o ciúme, a hostilidade e a indiferença do pai não mais encontrou serenidade e compreensão, reação comum da mãe de B., mas um revide que colocou em crise o relacionamento entre pai e filha. Depois de um perdão mútuo, o relacionamento entre ambos recobrou a paz, e atualmente é marcado por muita admiração e respeito de B. em relação a seu pai. Por outro lado, B., que era mansa de espírito, tornou-se agressiva e extravasa sua agressividade principalmente no relacionamento com sua mãe, com quem é estúpida.

O que se quer enfatizar é que com a chegada da puberdade há uma reviravolta no comportamento de B., que pode ser explicada assim: a identificação com a mãe e com o paradigma relacional marcado pela ternura, tolerância, etc., e o investimento libidinal no pai, dão lugar à identificação com o pai, provavelmente mais forte e talvez até mais primitiva, e com o paradigma relacional marcado pela agressividade, indiferença, etc., e agora a mãe é eleita como objeto libidinal, cujo substituto direto é o "namorado". A referência materna, "sublime", "apaziguadora" e "resignada", é substituída pela referência paterna, "hedonista", "bruta" e "enérgica". O que era 8 virou 80.

Na entrevista, ao relatar um desentendimento com seu pai, B. lembrou-se de A., o que faz supor que a figura de um remeteu à do outro, ou seja, faz supor que A. é um substituto do pai. Mas, na realidade, lembrou-se de A. justamente por falar do quanto foi grossa com seu pai⁹⁵. Portanto, A. foi lembrado não a partir do pai, mas a partir do comportamento grosseiro que B. adotou em um desentendimento com seu pai e que frequentemente adota em relação a ele. A reação de seu pai, que "lhe deu um gelo", fez cessar a hostilidade de B. em direção a ele, diferentemente do que

aprendo quando eu erro, nossa!, não adianta a pessoa me avisar, eu só vou aprender quando eu erro. Entendeu?"

⁹⁵ "Falei: 'não, vou fazer alguma coisa, né?, tenho que engolir meu orgulho porque ele é meu pai, né?, faz tudo por mim', meu pai faz tudo por mim. Daí, engoli meu orgulho, daí eu tava, eu cheguei, tinha um carro assim, eu tava tão nervosa, eu tava me segurando pra não chorar. Daí, quando eu comecei a chorar, a falar assim, eu comecei a chorar, antes de falar. Falei assim: 'então pai, eu sei que eu errei com você, tudo isso, eu sei, porque eu sou muito grossa'. Olha, se não vê, mas eu sou muito grossa, muito grossa. O meu ex-namorado sofria na minha mão, porque eu era muito grossa com ele. Ex-namorado mais ou menos né?, então, mais isso não vem ao caso".

ocorre em relação à A., com quem continua sendo hostil. Então, o relacionamento de B. com A. é marcado por agressividade e desprezo, uma reedição do comportamento de seu pai em relação à sua mãe e a ela mesma, mas em dosagem cavalara, porque a agressividade e brutalidade de B. parece muito superior.

Em linguagem psicanalítica, a enorme carga de libido investida na figura paterna - decerto desperta prematuramente devido à devoção intensa do pai em relação à sua única filha -, uma vez impedida de tornar-se corpórea transformou-se em identificação. A filha identificou-se principalmente com seu pai. Em outras palavras, quando a inclinação incestuosa em direção ao pai revelou-se impossível, uma tendência ainda mais primitiva foi reforçada, cuja resultante foi uma identificação regressiva com o pai e uma (re)investida na mãe, objeto primordial.

Embora B. também reproduza comportamentos observáveis em sua mãe, por exemplo, o fato de ser "menina de igreja", "não ficar com muitos meninos", "resgatar A. por meio de apoio e aconselhamento", como sua mãe fez em relação ao seu pai, é mais forte em sua maneira de ser um comportamento similar ao de seu pai, reforçado pela sua "interioridade rudimentar", a "objetividade" e o "imediatismo" consequentes. Por exemplo, B. "deu um gelo" em A. - assim como seu pai fez com ela própria - e conseguiu "acabar com o ego dele", fazendo-o implorar pela continuidade do "namoro". Com efeito, B. assumiu o controle do relacionamento, inclusive como forma de protelar sua consumação até o momento em que receber a anuência da família, isto é, de seu pai. É notável que, seja em sua relação com sua mãe ou com seu "namorado", B. se comporta com superioridade e agressividade, embora uma proporção manifesta muito maior em relação ao "namorado". Com ela ou ele, B. sente-se mais forte e age com hostilidade, mas com o "namorado" se envaidece de seu comportamento agressivo, já com a mãe há um remorso aparente.

Em síntese, há uma carga de ódio que permeia e é condição necessária ao desejo de B., permeia a maneira paradigmática de B. estabelecer vínculos. Proposição amparada pela importância e frequência de intrigas e desavenças no conteúdo das histórias, que viabilizam a expressão de determinada parcela de ódio e pelos episódios relatados na entrevista, em que o comportamento agressivo de B. é notório, principalmente no relacionamento com A. Por exemplo, ao discorrer sobre a maneira como demonstra seus sentimentos por A., falou abertamente que era por meio da agressividade: "Pesquisador: Me parece que, pelo que você está me

contando, a sua forma de demonstrar que gosta dele/ (interrompendo). B: É bater, é bater, nossa!, eu dei um tapa na cara dele na virada (cultural) que ficou a marca da minha mão, é que ele me irritou e eu sou assim meio agressiva. Então, eu, tipo, gosto muito dele, a gente vai se ver hoje [...]" (sic). Portanto, B. expressa seu "amor" por meio de agressões, "ama" as pessoas que maltrata.

No contexto do *bullying*, a condição de vítima-agressora é também um indicador que encorpa o enunciado anteriormente. A reviravolta no comportamento de B., reviravolta apoiada em uma regressão psíquica de caráter sádico, manifesta na sua relação com seus pais, mas, sobretudo, na relação com o "namorado", é também identificável em seu relacionamento com as colegas de escola. B. contou que sofreu muito quando ingressou no 6º ano, isto é, quando foi para a escola onde foi realizada a coleta de dados da presente pesquisa. Contou que era uma garota "ingênua", que "fazia tudo que as outras mandavam", que tinha medo de ser excluída, que "levava broncas" das colegas sem nenhum motivo e ainda pedia desculpas⁹⁶. Aliás, devido uma intriga das colegas afastou-se de sua melhor amiga, que ficou completamente isolada. Porém, após as férias de julho do 7º ano, aproximadamente, mudou seu comportamento, inclusive na escola. Então, a situação se inverteu e foi B. que passou a agir com agressividade em relação as colegas, retomou a antiga amizade e as duas se uniram para se vingarem⁹⁷.

⁹⁶ "Sofri muito. Pensa/ Eu era, eu era, pensa naquela menina ingênua, sabe? Eu era muito ingênua, eu era, tipo, muito boa. A pessoa mandava eu fazer, eu ia lá e fazia. Era muito ingênua. E eu, eu comecei a, tipo, e eu era sozinha, né? não conhecia ninguém, a sala mudou tudo. E a gente formou um grupo de amigas, que eram em 7 amigas, tudo da mesma sala. Daí, o que aconteceu? Sabe quando tem aquele bandinho e uma manda. Tinha isso. Pesquisador: Tinha uma das 7 que era/ B.: Duas. É. Duas ou três que eram, sabe?, más. Você sabe o que ser mal mesmo. Mal só?! Então. Aconteceu vários fatores, assim, e eu sofria muito na mão delas. Tudo o que elas queriam que eu fizesse eu fazia. Pesquisador: Por exemplo? B.: Ah, tipo, copiar a lição pra elas, fazer, tipo, buscar lanche, fazia tudo, sabe como se fosse uma empregada, tipo isso, cachorrinho. E um dia eu lembro que eu trouxe/ Pesquisador: Mas por que você fazia? B.: Fazia porque eu tinha medo de ficar sozinha. Eu não queria ficar, eu pensava assim "melhor/" Eu chorava toda noite, eu lembro. Eu pedia pra Deus pra gente não brigar no outro dia, pra Ele não deixar. Sabe o que é se sentir excluída?"

⁹⁷ "Tipo, uma vez, eu lembro até hoje, elas ficavam brava comigo, elas ficavam brava comigo sem motivo, sem motivo nenhum elas ficavam brava, e eu ia lá e pedia desculpas. Eu trouxe, eu ganhei um batom do meu irmão, de aniversário. E eu amava aquele batom, sabe? era um monte de batonzinho assim. O que aconteceu? Eu levei na escola, aí elas ficava olhando. E elas falaram que eu tava me achando com o batom. Tipo, só levei por levar, né? Você acredita que a menina, só de raiva, pegou e quebrou na minha frente o batom? Pegou um batom na minha coisa e falou assim: 'ó, agora você não tem mais'. Quebrou na minha frente e eu tive que pedir desculpas pra elas. Por causa que elas que quebraram. Nossa aquele dia eu chorava, tanto!, eu não conseguia, eu chorava de soluçar, eu chorava muito, assim, e nesse dia foi que a M. E. veio conversar comigo. E a gente voltou a ser amiga. Depois disso, foi na época das férias, mais ou menos, nas férias de julho, assim, setembro, agosto, por aí. Depois disso, meu Deus do céu!, pensa numa menina que ficou fria. Eu pisava em todo mundo. Eu pisei tanto, tanto! Eu magoei muito, tudo o que elas fizeram pra mim voltou

Segundo B., sua vingança em relação às colegas que lhe agrediram se encerrou, mesmo em relação àquela que na época foi a que mais lhe fez sofrer. Aliás, hoje B. assegura que perdoou sua principal algoz e é sua única amiga, pois as demais continuam isolando-a⁹⁸. B. conversa com ela e até lhe dá conselhos, como faz com o "namorado". Aparentemente, o ódio e a vingança de B. arrefeceram e deram oportunidade para um relacionamento mais pacífico, pelo menos por enquanto. Provavelmente, ao "namorado" é direcionado maior volume de investimento afetivo, inclusive hostilidade, e a "amiga" não é mais alvo principal. De qualquer maneira, é um outro exemplo que demonstra que para B. "ódios são amores", como manifesto no título de seu último desenho - "entre tapas e beijos".

São dois, portanto, os aspectos psicológicos principais de B., aqui identificados com base no conjunto dos dados. O primeiro, é uma interioridade pobre que pode servir de mola propulsora para a externalização de impulsos primitivos, particularmente a agressividade. À medida que é menor a sofisticação dos recursos interiores para lidar com a "pressão" exercida pelos impulsos originários, é maior a necessidade da "passagem ao ato" na regulação do psiquismo. O segundo, é um paradigma relacional assentado sobre uma conciliação do ódio com o desejo, notório, sobretudo, no relacionamento de B. com o "namorado", embora também patente no relacionamento com seus pais. Decerto, o primeiro ponto sirva para intensificar a expressão manifesta do segundo, isto é, a deficiência na capacidade de simbolização serve para aumentar a frequência dos episódios de agressividade manifesta e também para intensificar a agressividade destes episódios.

Talvez, a agressividade evidente no comportamento de B. seja a expressão imediata do turbilhão de impulsos característico da puberdade e quem sabe o passar

pra elas no 7º ano. Tudo o que elas fizeram pra mim voltou pra elas. E como juntou eu e a M. E., ninguém mais separava a gente".

⁹⁸ "A que mais mandava, a que mais fez todo mundo sofrer, fazia todo mundo sofrer, era a L. E hoje a L. tá sozinha. Ninguém que mais saber da L. As meninas formaram o grupinho delas, a N. e a E. A Ls. foi pro outro grupo, que a Ls. também tá cansada. A única amiga que ela tinha era a Ir., e a Ir. também cansou dela e foi pra coisa. E hoje ela tá sozinha. E você acredita que a única que fala com ela, tipo, ela senta atrás de mim, a única que conversa com ela, que não deixa ela sozinha, sou eu? Que ela mais pisou! E eu não guardo mágoa. Tipo, o ano passado eu guardava muita mágoa, o ano passado, o ano retrasado, olha!, eu não podia ouvir o nome delas. Um dia eu quase que eu bati na Ls. na sala, no 7º ano, de tanta raiva que eu fiquei. Tipo, eu não tava mais nem aí, eu falava, sabe quando você muda da água pro vinho? [...]" E mais adiante: "[...] mas hoje eu ajudo a L., pra você ter noção, eu dou conselho pra ela, que eu gosto muito de dar conselho, né?, tanto amoroso, quanto, tipo, família, eu dou muito conselho, e eu dou conselho pra L., eu ajudo ela. Ela falou assim: 'É, eu tô pagando tudo o que eu fiz por você, pelas menina. Eu tô pagando'. Que hoje ela sente sozinha, hoje ninguém é quase amigo dela, então, tipo, ela sente muito sozinha, e ela tá pagando [...]"

dos anos possa minimizar a força deste turbilhão, podendo proporcionar relacionamentos com menor influência do ódio e da agressividade. Porém, permanecendo a proporção de agressividade que hoje permeia as relações de B., é provável que seus relacionamentos serão marcados pelo ímpeto agressivo e por suas consequências, dificultando a realização do sonho de B. de constituir uma família harmoniosa e feliz. Em outras palavras, o alto nível de agressividade pode dificultar o estabelecimento de vínculos reciprocamente satisfatórios e pode comprometer a manutenção e conseqüentemente a durabilidade das relações.

4.4 Aluno C.

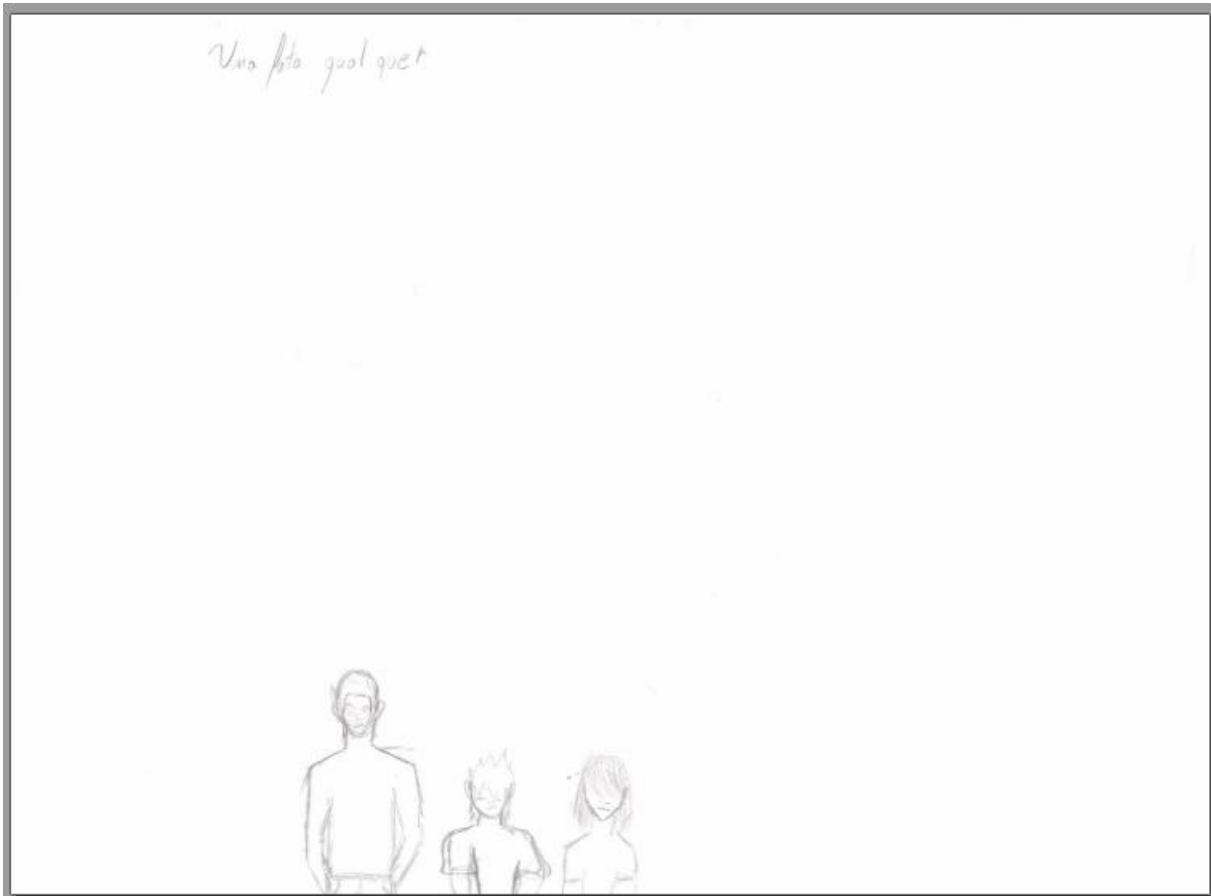
C. é um menino fechado, de poucas palavras. Conforme ele próprio observou, suas ideias e seu comportamento são incompatíveis com um garoto de apenas 12 anos de idade. De fato, se tem a impressão de que é alguns anos mais velho, provavelmente devido seu silêncio e também às suas preocupações e interesses. Comporta-se de maneira defensiva, sem permitir maior proximidade. Aparentemente, seus pais se separaram quando C. era ainda muito pequeno e a convivência com seu pai foi/é muito restrita, embora tenha relatado que ainda hoje se vêem periodicamente. Atualmente, C. vive com sua mãe, com a irmã mais nova e com a avó materna. Tem um irmão e uma irmã mais velhos, frutos de um relacionamento anterior de sua mãe. O irmão reside em outro estado, já a irmã mora em Assis-SP também.

De acordo com a equipe escolar, C. é agente de *bullying*. A primeira vista, ele não é um garoto agressivo, porém, aparentemente, é endurecido - pela vida. Aliás, o próprio C. relatou um episódio em que, em um acesso de raiva, agiu intempestivamente, avançando furioso para agredir um colega, tendo que ser contido pelos demais. Segundo parece, é de temperamento calmo, mas é também explosivo.

Apesar disso, C. atribui muita importância à amizade. Talvez, a valorização das relações de amizade seja também efeito de vínculos familiares superficiais ou, usando a expressão de C., vínculos "normais". Hoje, o relacionamento com seus familiares mais próximos, isto é, com aqueles com quem convive cotidianamente, é raso. Com seu pai, é ainda mais raso.

Desenho de Família com Estórias

"Desenhe uma família qualquer" - Uma foto qualquer



Estória

C.: ... Acho que não vem nenhuma estória na cabeça agora! Nenhuma ideia.

Pesquisador: Vamos lá, quem são aí?

C.: O pai e dois irmãos ali.

Pesquisador: O pai e dois filhos?

C.: Isso.

Pesquisador: Certo. O que tá acontecendo?

C.: Não tem nenhuma representação. Eu só... Eu só fiz eles, só. Não ta acontecendo nada.

Pesquisador: Entendi. O pai e dois filhos? São irmãos, um...? E aí?

C.: Não sei. Só representei eles aí no papel, mas não tem nenhuma história aí, do que eles tão fazendo.

Pesquisador: Onde que eles tão?

C.: Em nenhum lugar. Só... Não fiz casa, não fiz eles dentro de nenhum lugar. Só... Só coloquei o pai, a mãe e o filho.

Pesquisador. Ah. É a mãe?

C.: Não! Ô! O pai e os dois filhos aqui.

Pesquisador. Ah entendi!

C.: Eu não coloquei eles em nenhum cenário, nenhum tempo, nenhum lugar.

Pesquisador. A mãe não tá então?

C.: Não.

Pesquisador. Certo. Entendi. Mas é... Os meninos têm a mãe, tem... Como é que?

C.: Têm.

Pesquisador. Certo. Que mais C.? Pode se soltar! Fica a vontade! To achando você muito preso, assim pra...

C.: Ah, eu acho que só isso. Eu não coloquei nenhum cenário, nenhum tempo, o que tá acontecendo.

Pesquisador. Como é que eles tão se sentindo?

C.: Como assim?

Pesquisador. Você representou o pai e dois filhos, né? Como é que eles... Nessa... Nesse desenho, nessa estória, vamos dizer assim... Como é que eles tão se sentindo?

C.: Eu acho que normal. Satisfeito. Nenhum problema.

Pesquisador. Certo. Muito bem. Então vamos lá, C. Você precisa dar um título pro seu desenho. Pra gente encerrar esse primeiro. Precisa dar um nome... Um título pra ele.

C.: Aí fica difícil que... Se tivesse feito em alguma casa assim, né? Ou fazendo alguma coisa, mas... Ta os três em... Só olhando e fazendo uma pose, sei lá.

Pesquisador. Eles tão posando pra uma...? Como se fosse pra uma foto? Alguma coisa assim?

C.: É. Pode ser.

Pesquisador. Entendi. E o que mais?

C.: ... Acho que só. Eles tão olhando pra alguém tirando uma foto deles.

Pesquisador. Certo. Quem que tira a foto deles?

C.: Acho que pode ser a mãe que ta tirando a foto.

Pesquisador. A mãe ta tirando a foto? Entendi. Muito bem. Da um título aí então pro seu desenho! Pensa num título aí pra gente encerrar.

C.: Título?

Pesquisador. É.

C.: Acho que eu não consegui pensar em nenhum título, eu não sei não, num... Num vem na cabeça a ideia.

Pesquisador. Vamos aguardar que uma hora vem! Assim, é um título assim C., que você... Como se você tivesse que resumir o que ta representado ali no seu desenho. Então é o pai e os filhos, eles tão posando pra uma foto, a mãe tá tirando a foto, aí você da um nome que resume isso, por exemplo.

C.: ... Isso eu não sei. Foi um dia qualquer aí que eles tiraram uma foto, mas eu acho que num... Num tá vindo nenhuma ideia na minha mente. Que eu acho que não faz sentido colocar um título, sei lá. "Uma foto qualquer!".

Pesquisador. "Uma foto qualquer!"?

C.: É!

Pesquisador. Pode ser.

C.: Pode ser então?

Pesquisador. Pode.

Interpretação

Muito embora esta unidade de produção represente um "episódio qualquer", isto é, um acontecimento supostamente comum e portanto sem muita importância, não há aqui o retrato de uma família em um momento cotidiano, tampouco é a representação de uma ocasião especial, porque é um episódio "sem tempo", "sem lugar". Em outras palavras, é uma representação irreal, porque tudo que existe, existe num tempo-espaco determinado. Então, não é possível estar na presença de alguém em lugar nenhum, em hora nenhuma. De maneira indireta, portanto, C. transparece um sentimento de que as relações familiares (cotidianas) não existem, ou melhor, existem superficialmente, e a unidade de produção representa pessoas somente ligadas devido ao vínculo biológico.

Aparentemente, C. critica sua família, como que chamando-a de uma "família de fachada", uma família que existe na fotografia, mas não na realidade. "É meu pai só porque seu nome consta na minha certidão de nascimento, só por isso", é a mensagem que a presente unidade de produção transparece. Decerto, a crítica à

família contenha aqui um direcionamento mais agudo em direção ao pai⁹⁹, mas não obstante a ausência gráfica da mãe - alusiva ao divórcio dos pais -, ela "aparece" na estória, indiretamente, ou seja, é a pessoa que aciona a "máquina fotográfica" e, portanto, é conivente com a "família de fachada".

No título desta unidade de produção, o adjetivo "qualquer" dado à fotografia não é uma alusão à um evento corriqueiro, mas sim uma maneira de conceituar a família como algo sem valor e sem importância. Provavelmente, C. sente muita falta de relações humanas mais profundas, sente-se solitário e confinado em relações familiares pobres e infecundas. Aliás, conforme se verá adiante, as demais unidades de produção evidenciam a solidão de C. e o conteúdo da entrevista deixa ver com certeza que C. deseja relações mais profundas, que C. gostaria de relacionar-se verdadeiramente, e que vai em busca deste tipo de relação com seus amigos.

⁹⁹ "Pesquisador: [...] Como é que é a relação com o seu pai, C.? C.: Ah, uma relação... Normal, também. Nada de mais, assim. Eu converso com ele, quando ele vem aqui assim. Mas não é muito assim, de eu... Eu ir lá na casa dele, conversar, chegar lá, conversar. Só quando ele vai me visitar mesmo assim. Tem vez que ele me liga, tem vez que eu ligo pra ele. Pesquisador: Entendi. Quer dizer, a relação de vocês não é tão frequente? Vocês não se veem com tanta frequência? C.: Não.

"Desenhe uma família que você gostaria de ter" - Rotina



Estória

C.: Acho que a família que eu tenho tá... Pelo menos assim, a que eu convivo tá bom! Acho que eu não preciso de mais nenhu/

Pesquisador: Sem problema! Pode desenhar essa. Entendeu? Você não precisa... Se é essa que você tem, que você gosta, ótimo! Pode desenhar ela também.

C.: Minha família... Como assim?

Pesquisador: Por exemplo, eu te pedi pra você desenhar uma família que você gostaria de ter e você disse "Não! A que eu tenho já é suficiente!", né? Então você pode desenhar essa que você tem, por exemplo. Da maneira como está, da maneira como você... Entendeu?

C.: Como assim? Como se fosse no dia-a-dia? Assim, normal?

Pesquisador: Do jeito que você quiser! Como você vai desenhar, você pode desenhar do jeito que você quiser.

- Após concluir o desenho.

C.: Ah! Sou eu tocando alguma coisa, minha mãe fazendo a comida e minha irmã mexendo no computador, vendo vídeo, sei lá.

Pesquisador. Hum!

C.: Só isso.

Pesquisador. Então você retratou a mãe e os dois filhos? Certo. Você ta tocando...?

C.: Bateria.

Pesquisador. Entendi. Ta cada um numa parte da casa?

C.: Sim.

Pesquisador. Certo. Que mais?

C.: Acho que é só isso.

Pesquisador. Sua mãe cozinhando... A mãe cozinhando, a irmã no computador...

C.: E eu tocando.

Pesquisador. Certo. O que acontece depois?

C.: Acho que eu como, minha irmã também come. A minha mãe fica descansando, depois mais pra... Mais pra tarde assim, eu saio com um amigo meu. Minha irmã fica em casa. Acho que é só isso que acontece. É final de semana!

Pesquisador. Durante a semana é diferente?

C.: É. Durante a semana eu fico na escola. A minha irmã também.

Pesquisador. Certo. Aí então vocês não ficam em casa?

C.: Não.

Pesquisador. Muito bem. Que mais?

C.: Só isso... que me veio na cabeça.

Pesquisador. Muito bem. Então dá um título pro seu desenho.

C.: (escrevendo)

Pesquisador. Rotina? Vamos pro próximo.

Interpretação

Ainda mais evidente que na unidade de produção anterior, aqui C. transparece como a solidão é parte marcante de sua rotina. No grafismo, C. divide a folha em três partes e representa cada um dos integrantes da família em um cômodo da casa: a mãe na cozinha, cozinhando e/ou lavando a louça; a irmã em um quarto, no computador; e ele em outro, tocando bateria. Então, mesmo em casa, a família não habita o mesmo espaço, isto é, não se relaciona. É uma família em que cada um vive por si, cada um encontra-se absorvido em seus afazeres.

Aparentemente, entretanto, C. reprova a situação em que sua família se encontra e quer perturbar a indiferença que permeia o cotidiano familiar, tocando bateria com raiva. Nesta unidade de produção, a crítica parece direcionar-se à sua mãe, graficamente reforçada e de costas. Quer dizer, C. parece não aceitar o tipo de convivência fria que caracteriza a rotina da família e, talvez, o reforçamento gráfico e o fato de sua mãe ter sido representada de costas - como que ignorando completamente a presença dos filhos - seja um indicativo de que C. responsabiliza sua mãe pela indiferença que atravessa as relações familiares. Ele toca bateria energicamente para despertar a atenção dela, por um lado, e para protestar contra este tipo de convivência familiar marcada pela indiferença, por outro.

Além do mais, C. toca bateria, porque a música lhe proporciona o encontro com algo mais profundo. Na entrevista, é evidente que a música é via não somente para despertar reflexões mais aprofundadas sobre a vida e sobre si mesmo, como também é um canal para as amizades. De certa forma, a música é um refúgio que lhe permite retirar-se provisoriamente da superficialidade e da solidão que o rodeia.

"Desenhe uma família em que alguém não está bem" - Problemas



Estória

C.: Seria alguém com problemas psicológicos e se cortando pra aliviar a dor.

Pesquisador. Entendi. E ele ta sangrando, então? Ele já se cortou? Certo. E o que acontece depois? Ele se cortou pra aliviar a dor. E aí?

C.: Dorme. Sei lá.

Pesquisador. Ele se aliviou então? Ele dorme...?

C.: Aí faz tudo normal, sei lá. Uma pessoa normal. Só que aí ela faz isso.

Pesquisador. Entendi. Você diz que ele tem problemas psicológicos?

C.: É.

Pesquisador. Certo. O que ele sente, assim?

C.: Tipo depressão. Sei lá. Uma coisa que acontece muito com pessoas, assim do dia-a-dia. Eu não tenho esse problema! Eu acho estranho a pessoa se cortar.

Pesquisador. Hum.

C.: Mas apesar que tem bastante gente que eu conheço que já fez isso aí.

Pesquisador. A pessoa sentindo essa... Essa depressão, essa dor, ela pegou e se cortou?

C.: É.

Pesquisador. Entendi. Ela cortou e foi dormir? Ela tá... Assim, onde que ela tá?

C.: No quarto dela.

Pesquisador. Ah entendi! Na própria casa, no quarto dela. E tem mais alguém na casa ou não?

C.: Não.

Pesquisador. Tá sozinha?

C.: (consenti)

Pesquisador. Entendi. Muito bem. Que mais C.?

C.: Só isso.

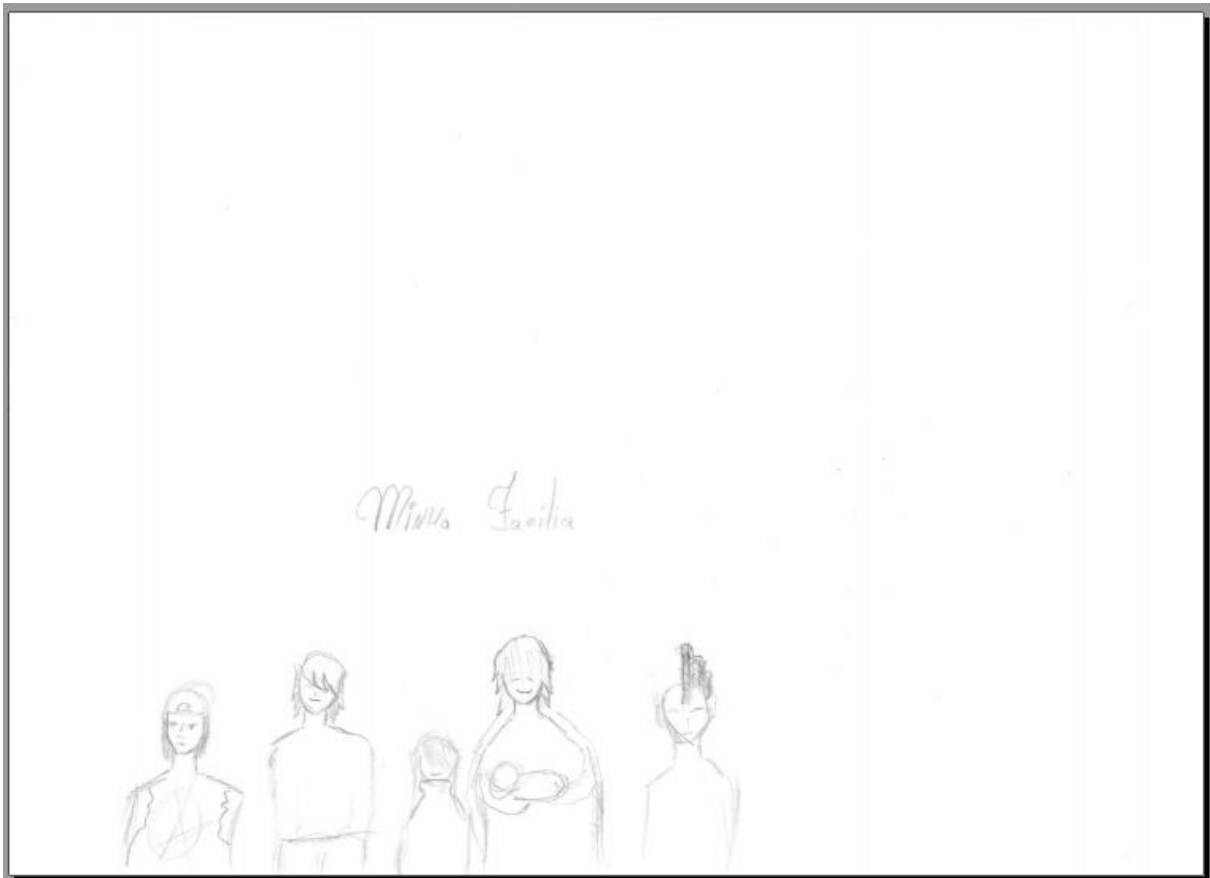
Interpretação

Aqui, o sofrimento que se oculta no silêncio de C. aparece com contornos mais definidos. "A família em que alguém não está bem" é formada por uma única pessoa - solitária e portanto sem ninguém com quem possa contar, sem ninguém para pedir ajuda. Sozinho, a via para aliviar o sofrimento consiste em causar dor (física) a si próprio, uma dor que provisoriamente se sobrepõe e mascara o

sofrimento psíquico. Em outras palavras, uma carga grande de sofrimento e ninguém para ajudar a contê-lo, para ajudar a controlá-lo. Provavelmente, a ausência de relacionamentos genuínos que pudessem oferecer sustentação emocional pode ser colocada em conexão com o "comportamento" autodestrutivo de C., uma forma de "passagem ao ato" que serve para aliviar o sofrimento psíquico por meio da dor física.

Como visto nas unidades de produção anteriores, um dos pontos marcantes no universo psíquico de C. é a falta de suporte emocional para lhe auxiliar na contenção e simbolização dos impulsos (primitivos) que irrompem e se materializam, por exemplo, no "comportamento" representado na presente unidade de produção. Conforme dados da entrevista, as relações humanas de C., sobretudo no interior da família, são precárias. E esta praticamente ausência de amparo emocional avoluma a necessidade de "materialização" de impulsos (auto)destrutivos. Aliás, supondo que a precariedade relacional existe desde o início, a pobreza simbólica, que é a base para que o sofrimento emocional não simbolizado seja extravasado por via destrutiva, é provavelmente resultante do relacionamento primordial precário de C. com seus pais.

"Desenhe a sua família" - Minha família



Estória

C.: Como assim, a família que eu moro?

Pesquisador: Isso, a sua família. A família que você considera a sua família, não necessariamente a que você mora.

C.: Que eu considero?

Pesquisador: É, desenhe a sua família, aquela que você sente que é a sua família.

C.: Contando comigo ou não.

Pesquisador: Sim, do jeito que você quiser.

- Depois de desenhar, contou a estória.

C.: Também não tem estória, eu só representei quem eu considero família.

Pesquisador: Muito bem. Vocês são em quantos aí?

C.: É eu, a minha mãe, a minha irmã, minha outra irmã que mora sozinha, mas ela é bem próxima e um amigo meu que sempre me ajudou, tá ligado?

Pesquisador: Entendi.

C.: Mas ele não mora comigo. Ele nem é assim, mas eu considero ele.

Pesquisador: Como da sua família também? Muito bem. E eles tão todos juntos? Como é que é?

C.: Ah, não... Não tá todo mundo junto. Eu só mostrei quem é. Não tá nem tirando foto, nem nada. Eu só representei eles assim, pra você ter uma noção, sabe?

Pesquisador: Entendi. Não tá acontecendo nada?

C.: Não tá acontecendo nada!

Pesquisador: Certo. Muito bem. O que você pode falar sobre o seu desenho?

C.: Nada! Só representei a minha família assim, que é mais próxima. Que converso, que eu tenho...

Pesquisador: Entendi. Então é você, sua mãe...?

C.: Minhas duas irmãs e um amigo meu.

Pesquisador: E a sua outra irmã, ela tá com uma criança de colo? É isso?

C.: É.

Pesquisador: Seu sobrinho?

C.: Isso.

Pesquisador: Entendi. Muito bem.

Interpretação

Nesta última unidade de produção, C. demonstra mais uma vez seu descontentamento em relação à sua família. No desenho, C., representado à esquerda, encontra-se com expressão facial sisuda, franzindo as sobrancelhas e olhando na direção oposta à de seus familiares, ou seja, está com raiva e ignorando e/ou rejeitando sua família. Talvez, seja possível inferir que sua raiva também se manifeste em seu "estilo rebelde" - o cabelo comprido, o boné virado para trás, a camiseta com o símbolo da anarquia, alusivo ao *punk rock*. Aliás, o desenho deixa ver que não há conexão positiva entre C. e seus familiares, porque a única "conexão" evidente é a indignação de C. em relação à sua família.

É fato importante a ausência gráfica do pai, que C. demonstra não considerar parte da família. Aliás, dados da entrevista confirmam uma relação pobre entre pai e filho. E também a presença de um amigo, que C. considera parte da família, porque é alguém que "sempre o ajudou", diferentemente do pai, por exemplo. A "presença" de um amigo, promovido à condição de familiar, merece destaque, porque indica tanto a carência de relações profundas no interior da família, quanto o desejo de C.

de relacionar-se verdadeiramente e, com efeito, sua irritação com a superficialidade e o desafeto que permeia as relações familiares. Decerto o amigo, desenhado por último, representa o tipo de vínculo que C. gostaria de ter com seus familiares.

Novamente, C. não produziu uma estória e apenas apontou quem são as pessoas graficamente representadas. Assim como na primeira unidade de produção, não há tempo-espço, "não é nem uma foto". Se repete aqui o sentimento de não fazer parte, realmente, de uma família, em que pais e filhos se amam e estabelecem vínculos mutuamente satisfatórios. Se repete o sentimento de fazer parte de uma "família de fachada", em que a nomenclatura "família" se refere principalmente aos laços consanguíneos.

Síntese interpretativa

Depois de explorar cada uma das unidades de produção, já é possível enxergar os traços principais do universo emocional de C., com certeza marcado por uma carência afetiva e relacional - um sentimento não reconhecido de desamparo - que se desdobra em aversão à família e em solidão angustiante. Talvez, o ódio do filho pode ser posto em relação com a "violência" dos pais, ou seja, a hostilidade direcionada à família é também o efeito de um tipo de violência anterior, caracterizada provavelmente por uma relação primordial afetivamente deficitária. Aparentemente, a "violência" dos pais se manifesta e é sentida pelo filho como falta de afeto e atenção. E a grande proporção de angústia é mais um efeito do desafeto e do desamparo, ou seja, é também um desdobramento, caracterizado por um sentimento de "ser sozinho no mundo", por assim dizer.

O que C. denomina de "relação normal", expressão que adota com frequência para se referir ao relacionamento com seus pais e demais familiares, caracteriza um tipo de relação afetivamente pobre, na verdade. Além do mais, esta terminologia é também uma maneira de C. não reconhecer abertamente aquilo que lhe falta, isto é, ao nomear sua relação com seus pais de "normal", C. mascara a carência que a permeia. Tudo indica que C. não se sente verdadeiramente amado e acolhido, mas, talvez, a alternativa que restou seja dissimular, porque admitir francamente para si que sente falta do amor e da atenção de seus pais, é carga pesada demais.

O modo como C. se refere às relações de amizade confirmam o enunciado acima. Com os colegas de sua idade não há "conversa séria", não há a possibilidade

de lhes "pedir um favor" e, com efeito, é apenas uma "relação normal". Por outro lado, com os amigos com quem pode contar, já mais adultos e com maiores condições de estabelecer um diálogo sobre assuntos pessoais e também maiores condições de lhe oferecer apoio, a "relação normal" avança para uma "conversa séria". É certo que sente-se mais acolhido e amparado por alguns de seus amigos, que lhe fazem companhia¹⁰⁰. Provavelmente, esta seja a principal razão de C. buscar amizades com pessoas mais velhas, já que assim compensa, ainda que minimamente, aquilo que lhe falta na família¹⁰¹.

Durante a entrevista, quando questionado sobre o relacionamento com sua mãe, C. não demonstrou afeição por ela, nem no conteúdo de sua fala¹⁰², nem na entonação de sua voz. C. dá a entender que sua mãe é ausente, que não fica muito em casa, mesmo quando não está trabalhando, que prefere sair, "ir na casa da tia". Ele diz: "De vez em quando ela fica em casa, assim quando ela ta... Quando ela não ta trabalhando". Não há dados sobre se a mãe de C. fica muito ou pouco em casa, mas o que é mais importante é perceber que C. sente a falta da mãe (em casa) e insinua que ela é ausente. De qualquer maneira, é de qualidade insatisfatória a relação entre mãe e filho, ou seja, mesmo quando estão em casa, na presença um do outro, relacionam-se pouco e superficialmente.

¹⁰⁰ "Pesquisador: Quer dizer, você pediu pra ele te ajudar a levar os instrumentos e ele foi? C.: É! Foi. Ele consegue me ajudar, assim. Mas não to falando só na parte de que ele faz os favores pra mim. Por exemplo, eu chego assim: 'Ó! Vamo sair, vamo fazer alguma coisa, assim', ele vai, conversa comigo!"

¹⁰¹ "[...] C.: Eles... Acham... Ficam mais na brincadeira assim. Eu faço muita brincadeira, mas na hora da conversa assim, é mais diferente! Pesquisador: Entendi. Quer dizer... O tema da sua conversa, aquilo que você gosta... Você, com a turma da sua idade, você não encontra/ C.: Não! Pesquisador: Alguém que te corresponda nesse sentido. Já entre as pessoas mais velhas você encontra? Certo. Entendi. Que mais C.? C.: Acho que é só isso só! Pesquisador: Sobre você. Quer dizer, você gosta de conviver com pessoas mais velhas, você... Você gosta de rock igual você falou, né? Que mais? C.: Ah, não sei explicar assim! Mas é mais ou menos isso que eu falei assim. Pesquisador: E aqui na escola? Quer dizer, aqui... Você ta me dizendo que seus amigos, em geral, tem dezoito anos. C.: É. Catorze, dezesseis. Por aí. Pesquisador: São mais velhos, um pouco. C.: Têm uns amigos meus aqui da escola que são parecidos comigo! Eu consigo conversar com eles. Pesquisador: Hum! C.: Por exemplo, na minha sala, os que eu converso mesmo assim, é um amigo meu lá. Que só tem um lá. Mas nas outras classes têm alguns também assim, de outra série que eu consigo conversar. Mas a maioria não... Não consegue fluir a conversa, conversar mesmo. Pesquisador: E como é que é isso pra você, C.? 'Puxa eu só não consigo me enturmar com esse povo aqui, e tal'. Como é que você...? C.: Ah, eu converso ainda assim. Eu zoo, eu brinco, mas se eu fosse conversar uma coisa séria, pedir um favor, alguma coisa assim, a pessoa não ia conseguir entender, sabe? Porque ela ia ficar só mais na... Na brincadeira. Mas é bem poucas pessoas que eu consigo conversar mesmo, assim."

¹⁰² "Pesquisador: Mas conta da sua relação com ela. Como é que é? O dia-a-dia, vocês ali, em casa? C.: Ah é normal, normal assim... Tem umas brincadeiras minha e dela, conversa assim. Mas é tranquilo. Pesquisador: Vocês conversam? O que vocês conversam? C.: Ah, a gente... De conversa séria assim, é bem pouco assim, mas conversa às vezes, quando ela tá sentada na televisão, eu to sentado lá, ela conversa. Mas é bem pouco assim, que ela comenta alguma notícia, alguma coisa. Pesquisador: Vocês conversam pouco? C.: Pouco, assim".

Além da mãe, C. também mora com a avó e a irmã mais nova. Também com a avó a convivência é muito restrita, tanto que ela não aparece em nenhuma das unidades de produção gráfica-aperceptiva. À medida que C. não sente que a avó é parte da família, não a representa no DF-E. Decerto, como o parentesco não é tão próximo e primordial, como é caso dos pais e irmãos, C. aparentemente não vê sequer a necessidade de incluí-la na "família de fachada"¹⁰³. Aliás, segundo C., a relação de sua mãe com sua avó é também muito pobre, então a carência afetiva e relacional que permeia as relações entre pais e filhos vem sendo reeditada há mais de uma geração, pelo menos. "[...] elas conversam pouco também. Só de vez em quando assim, quando ela precisa de favor, quando vai levar minha avó no médico, pede pra comprar remédio [...]", ele diz. Perguntado sobre se a família toda conversa pouco, respondeu assim: "[...] É. Conversa pouco, assim. Só de vez em quando, assim. Conversar sério, bem pouco. Mas, por exemplo, se minha mãe tá na sala aí ela fala que aconteceu um negócio, eu converso com ela, assim. Uns cinco minutos de conversa aí para. Aí fica cada um no seu canto. Tem vezes que eu saio, assim. Mas é pouco. Tem vezes, quando minha mãe... Tem vez que minha mãe vai pra minha tia – que mora lá perto... Aí tem vez que minha mãe vai lá pra minha tia, fica lá, conversa". Quer dizer, C. confirma que é pouco o diálogo entre os membros da família e demonstra sentir-se em segundo plano, porque sua mãe prefere sair, prefere conversar com sua tia.

Aparentemente, o relacionamento com seu pai é ainda mais superficial. Os pais de C. divorciaram-se quando ele ainda era uma criança pequena e a convivência com o pai foi muito restrita. Quando C. é convidado a falar sobre seu relacionamento com ele, outra vez não há afeição em sua fala¹⁰⁴. Quer dizer,

¹⁰³ "Pesquisador: [...] E como é a convivência com a avó? C.: Ah, eu não falo com ela direito! Ela senta no quarto assim ou ela vai pra amiga dela. Pesquisador: Ela é mãe da sua mãe ou do seu pai? C.: Ela é mãe da minha mãe. Pesquisador: Certo. Ela é mais reservada? C.: Ah, tem vezes assim, que ela... Porque ela é meio... Não é que ela é rabugenta, mas tem vezes que ela... Pesquisador: (Risos) C.: Ela enche o saco, assim. Por exemplo, quando eu saio, a minha mãe fala: 'Ó, volta tal hora', aí falta cinco minutos ela: 'Aí ele ainda não chegou, ainda não chegou!'. Ela fica repetindo assim na cabeça, mas só isso também. Eu não falo muito com ela, não. Só às vezes comento de alguma coisa. Mas ela fica ou na casa da amiga dela ou ela fica no quarto dela lá. Pesquisador: Entendi. A relação que você tem com ela é bem pouca então, pelo jeito. C.: É."

¹⁰⁴ "Pesquisador: [...] E seu pai, C.? C.: Meu pai, ele me visita de vez em quando, assim. Ele ajuda em casa, também. Pesquisador: Eles são separados, seus pais? C.: São! Pesquisador: Certo. Faz tempo que eles se separaram ou não? C.: Faz. Faz tempo. Pesquisador: Quanto tempo faz? C.: Ah, eu não sei dizer. Mas foi logo quando... Ah, eu nasci... Eu cresci sem ele, sabe? Pesquisador: Hum! C.: Mas

embora seja perceptível a intenção de C. em justificar a pouca relação que tem com seu pai, isto é, embora seja perceptível que C. o defenda, é também perceptível seu desapego em relação à ele. Tudo indica que C. "aprendeu" a lidar com a carência afetiva e relacional que permeia sua relação com seus pais - e com o sofrimento conseqüente - por meio de uma frieza naturalizada, convertida em algo comum às relações familiares. E, também, uma negação da pobreza relacional que atravessa suas relações primordiais, materializada nas tentativas de C. de enquadrar a vinculação pobre e faltosa na "normalidade", denominando-a de "relação normal". Por uma parte, o tratamento com distância, com certa frieza até; por outra, a negação do sofrimento e do que o faz sofrer, camuflando os problemas ao classificá-los como algo "normal".

Também por meio do conteúdo da entrevista vê-se que C. tem algumas dificuldades relacionais com a irmã mais nova¹⁰⁵. Embora sejam atritos comuns aos irmãos de todas as famílias, por assim dizer, há um componente a ser destacado. C. relatou alguns episódios em que pisou e/ou chutou os brinquedos de sua irmã, aproximadamente 4 anos mais nova do que ele, e os desentendimentos conseqüentes. É particularmente importante o fato de C. ter mencionado que sua

ele sempre vinha, assim. Minha mãe nunca foi brigada, de... De... Pesquisador: De não ver? C.: É. Mas minha mãe e ele, é amigo assim. Ele vem bastante. Vem me buscar assim. Compra tênis pra mim, roupa. Pesquisador: Entendi. Ele mora aqui em Assis? C.: Mora. Pesquisador: Certo. Entendi. Como que é a relação com o seu pai, C.? C.: Ah, uma relação... Normal, também. Nada de mais, assim. Eu converso com ele, quando ele vem aqui, assim. Mas não é muito assim, de eu... Eu ir lá na casa dele, conversar, chegar lá, conversar. Só quando ele vai me visitar mesmo assim. Tem vez que ele me liga, tem vez que eu ligo pra ele. Pesquisador: Entendi. Quer dizer, a relação de vocês não é tão frequente? Vocês não se veem com tanta frequência? C.: Não. Pesquisador: Entendi. E cê falam...? C.: É. Só quando eu ligo pra ele ou ele me liga, assim. Pesquisador: Mas isso é de quanto em quanto tempo C.? C.: Ah, não sei! É porque ele trabalha. Ele é mecânico. Pesquisador: Certo. C.: Aí ele trabalha bastante assim. Acho que... Trabalha na casa dele. Ele trabalha bastante, aí não... Não tem muito tempo. Mas aí quando tem assim, ele me liga ou quando eu ligo pra ele, ele fala que vai vim um dia assim, ele vem. Visita, me leva pra algum lugar assim, pra sair".

¹⁰⁵ "Pesquisador: Entendi. E o que leva você e sua irmã a brigar, por exemplo? C.: Ah, de vez em quando ela tá no celular assim, da minha mãe porque... O meu é um, o da minha mãe é melhor. Aí tem vez que eu quero pegar, assim, que ela fica o dia inteiro – ela estuda de manhã. Ela fica o dia inteiro à tarde, às vezes eu chego assim ou ela tá na televisão. Mas é bobeira assim, de vez em quando. Pesquisador: Quer dizer, ela tá usando o celular, você também quer usar? C.: É! Pesquisador: Entendi. C.: Porque ela fica a tarde inteira, de manhã... Mas é tranquilo, assim. Pesquisador: Ela estuda à tarde? C.: Ela estuda de manhã. Pesquisador: Ah! Ela estuda de manhã, entendi. Então você... Você acha que ela deveria ter usado já à tarde pra você/ C.: Não! Ela usa à tarde e ela quer usar a noite também! Pesquisador: Aaah! Entendi. Entendi. Ela estuda aqui também ou não? C.: Não, ela estuda no... No... Ela estudava no Thomas Menk, agora tá estudando... Ah, não lembro a escola que ela tá estudando agora. Pesquisador: Entendi. Você diz que às vezes vocês brigam por causa do celular. Que mais? C.: Ah, de vez em quando, quando eu tropeço nas coisas dela assim, quando eu pego os brinquedos dela assim, às vezes quando eu piso em cima, mas é só... Briga normal assim. Aí ela fica brava. Pesquisador: Que idade que ela tem C.? C.: Ela tem oito. Vai fazer nove".

mãe conversa mais com a irmã do que com ele. "Quem conversa mais com a minha mãe é minha irmã", ele diz. Assim, revelou que se sente menos atendido em suas necessidades afetivas: sente que a irmã é a preferida de sua mãe e que está em segundo plano. C. contou que às vezes se desentende com irmã porque ela passa mais tempo com o telefone celular da mãe do que ele, ela quer "brincar" com o celular da mãe de tarde, enquanto C. está na escola, e de noite, depois que ele volta da escola. Em outras palavras, C. briga com a irmã porque ela quer toda a atenção da mãe só pra ela. E, como visto, ela é mais atendida em suas necessidades afetivas do que ele, aparentemente. Com efeito, provavelmente o impulso que o leva a procurar encrenca com a irmã está relacionado com este sentimento de que ela é privilegiada. O que lhe falta, não falta à irmã e por isso a ataca.

Quem sabe a agressividade característica do *bullying* tenha motivação similar. Quem sabe as agressões perpetradas por C. contra os colegas de escola tenha origem em sua carência afetiva e relacional e na percepção de que certos colegas recebem em seus lares muito daquilo que ele gostaria de receber e que lhe falta. "Não é justo que o fulano tenha 'tudo' de seus pais e eu não", é um raciocínio cabível, que mais ou menos traduz o sentimento de C., e que pode ainda explicar, ao menos em parte, a motivação das agressões perpetradas. Aliás, C. compara as mães dos colegas com a sua mãe¹⁰⁶. É verdade que sua comparação realça positivamente o fato de sua mãe ser "liberal", permitindo que ele próprio faça suas escolhas sem a interferência dela. Mas, como é característico de seu comportamento, dissimular a realidade que lhe faz sofrer é uma maneira de seguir adiante. Então, a liberdade (excessiva) oferecida por sua mãe provavelmente é

¹⁰⁶ "Pesquisador: Então quer dizer, em relação ao pessoal aqui da escola, você percebe essa diferença. Mas entre os seus amigos não? C.: É. Da pra perceber a diferença quando a pessoa fala dos pais ou da mãe assim, que tem muito pai que obriga filho fazer alguma coisa, né? Pesquisador: Hum! C.: Tem muito... Minha mãe não. Minha mãe é mais liberal. Minha mãe é assim, por exemplo: 'Você quer estudar? Você estuda, eu vou te ajudar até o fim. Se não quiser, depois você não vem pedir minha ajuda!'. Mas se eu quiser estudar, minha mãe vai me ajudar até... Até ela poder assim, gastar comigo, assim sobre escola. Mas se eu também não quiser, ela não vai... Não vai me bater pra eu fazer. Pesquisador: Certo. C.: Minha mãe assim, ela me ensinou assim, o... O que é certo, o que é errado e dali pra frente eu que decidi o que eu quero. Assim, eu acho que eu to fazendo o certo, pelo menos, assim. Pesquisador: Entendi. Quer dizer, ela não te... Você comparando, você comparando com outros colegas, você vê que alguns deles são forçados... C.: Forçados a fazer alguma coisa. Sei que é... Tem gente que é forçado a ir pra igreja, tem gente que é forçada a fazer alguma coisa, a escutar um tipo de música. Eu não! Minha mãe deixa, por exemplo, eu escutar uma música assim ou se eu quiser ir pra igreja, se eu não quiser. Pesquisador: Certo. C.: Se eu quiser ter uma opinião assim diferente, ela... Totalmente de boa, assim. Pesquisador: Entendi. Quer dizer, ela num... Ela ta te dando assim, uma possibilidade de você fazer escolhas em relação ao que você acredita... C.: Sim."

sentida como falta de afeto e atenção, mesmo que C. tenha verbalizado o contrário. Diferentemente dos colegas, cujo os pais "pegam no pé", e o "pegar no pé" demonstra preocupação com o filho, demonstra afeto, etc., C. pode praticamente fazer o quiser. Na realidade, a comparação sugere que C. gostaria de pais "mais preocupados" com ele, que o protegessem e o apoiassem. Enfim, talvez a agressividade de C. seja uma manifestação de quem deseja ter o que não tem e que é do outro - o afeto e a atenção dos pais.

Como dito, C. é agente de *bullying*. Disse que põe apelido nos colegas, mas supõe que os colegas não ficam ofendidos, porque não fazem oposição. Talvez, não se ofendam mesmo. Talvez, não consigam chegar até ele e pedir para ele parar. Como visto, as vítimas frequentemente sente-se intimidadas e não conseguem se defender, nem mesmo conversar e pedir para que pare de chamá-los por meio de apelidos. Portanto, é provável que as vítimas estejam sofrendo caladas.

Por fim, é possível inferir que C. é um daqueles casos em que a dureza "imposta pela vida", desde cedo, resulta em um tipo de enrijecimento emocional, em frieza, em ódio... Aparentemente, a carência de amparo e afeto, sobretudo nas relações primordiais, predispõe o indivíduo para (re)agir violentamente nas relações. Talvez, a "falta" de amor e atenção (dos pais) seja sentida como uma violência (pelo filho), e quem se "acostumou" desde pequeno com a violência, mesmo a violência que não passa por ações de agressão, mas que passa por indiferença, desamor, etc., provavelmente não enxerga obstáculos para também agir violentamente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Já mencionado anteriormente, a literatura específica sobre *bullying* sustenta que os agressores são provenientes de "lares severos", em que há pouquíssimo afeto, em que é predominante uma atmosfera de medo e hostilidade, e em que há agressões mais ou menos frequentes, sobretudo dos pais em direção aos filhos. Sugerem que o agressor reproduz com os colegas de escola as agressões que sofre em casa e/ou reage ao comportamento agressivo dos pais por meio de uma vingança indireta, em que os pares são o alvo substituto. Em ambas, o comportamento do agressor é proveniente de particularidades do convívio que ocorre em casa: seja ao reeditar com os colegas o tipo de vínculo que estabelece com seus pais, baseado na intimidação e na violência; seja "vingando-se" indiretamente dos pais por meio das agressões que põe em prática na escola.

Então, o ódio que fundamenta a hostilidade e a violência dos *bullies* é proveniente de "lares severos" e pode também estar relacionado com a carência afetiva e a pobreza nas relações entre pais e filho. Esta pesquisa forneceu indícios de que a criança e o adolescente que não é e/ou não se sente suficientemente amado por seus pais reagirá, provavelmente, com revolta. Mas o fato importante aos olhos da psicanálise, é que a carência afetiva e relacional proporcionam as condições para a constituição de um paradigma subjetivo em que a frieza e a violência são expressões comuns. Como visto, o modelo relacional constituído a partir do vínculo primordial entre pais e filho é reeditado pelo filho ao longo de sua vida, sem que este perceba tal reedição. Isso significa que o comportamento violento é colocado em prática também por força de um motivador irracional que provavelmente é parte da regulação interna do indivíduo, isto é, possivelmente a externalização da violência é indispensável para manutenção da "estabilidade emocional" do indivíduo.

A literatura já apontava a influência do lar no comportamento odioso dos *bullies*, mas há de se acrescentar que, se a agressividade e o escárnio humilhante fazem parte do "jeito de ser" do *bully*, porque resultantes de um tipo de constituição anímica permeado pela carência e/ou pela violência nas relações fundamentais, este comportamento provavelmente poderá ser repetido nos mais variados contextos relacionais do *bully* e não apenas na escola, pois tem raízes psíquicas, para as quais as estratégias repressivas, geralmente empregadas, são pouco eficazes. Quer

dizer, a luta contra o *bullying*, em particular, e contra a violência, em geral, não pode apoiar-se exclusivamente na represália dos agentes violentos, porque a violência é suscitada também por um componente irracional, provavelmente irrefreável pela via única da força bruta. Aparentemente, nem mesmo a conscientização é suficiente, porque o impulso violento não cede facilmente às informações e ensinamentos morais e cívicos que adentram à consciência, principalmente depois de avançado o processo de constituição psíquica. Não obstante, é certo que a conscientização é ação indispensável. Em suma, compreender a violência como a resultante exclusiva do afrouxamento do aparato repressivo é, sem dúvida, um entendimento exíguo.

Embora não encerre novidade nenhuma, a primeira conclusão desta pesquisa é que quando a violência, isto é, o *bullying*, é encarado somente enquanto um fenômeno pontual, decorrente de uns poucos "moleques mal-educados", é provável que serão adotadas apenas estratégias corretivas, em detrimento de uma compreensão ampliada em que fossem considerados os mais variados elementos que interveem na causação do *bullying* e assim a adoção de medidas não somente repressivas, mas também educativas e outras que buscassem meios de fazer expressar construtivamente a violência que habita cada um de nós.

Ainda em relação aos *bullies*, esta pesquisa oferece uma indicação praticamente inexplorada pelas pesquisas precedentes, isto é, por aquelas que conhecemos: o nexos entre o comportamento dos *bullies* e o mecanismo psíquico perverso, em que aparentemente o processo (psíquico) defensivo da criança ou adolescente que pratica *bullying* não avançou suficientemente, o que resulta na possibilidade de exteriorização dos impulsos originários em sua forma bruta. Quer dizer, o impulso à violência, que é inerente a alma humana, é colocado para fora sem muitas modificações, e por isso se materializa como algo destrutivo, porque o "filtro" que deveria conter a carga destrutiva é falho. Em outras palavras, depois do percurso já trilhado na obra de Freud, é possível inferir que a alma humana é originariamente inclinada a todo tipo de barbaridade, e nos desenlaces perversos a ação da defesa não resulta em grande modificação da animalidade infantil, isto é, o tipo de defesa dos desenlaces perversos possibilita uma permanência da barbárie original que, então, se materializa em comportamentos destrutivos.

Como é costume da psicanálise investigar e compreender as variáveis que são determinantes na formação subjetiva, principalmente àquelas relativas às

particularidades das relações familiares, é oportuna a indagação sobre quais são as características das famílias dos agentes da violência. Segundo esta pesquisa, não se trata somente de "lares severos", mas provavelmente de lares sem meios para proporcionar a contenção suficiente da barbárie genuinamente humana, isto é, são lares sem o amor e sem o amparo necessário para conter a força avassaladora dos impulsos originários. Resumidamente, a criança desamparada tende a tornar-se um adulto impulsivo, ou seja, se o desconforto emocional decorrente dos impulsos originários não encontrar um suporte que possa abrandá-lo, seu abrandamento provavelmente se dará por meio da "descarga" motora, que resultará possivelmente na necessidade do comportamento destrutivo como forma de regulação psíquica. Sumariamente, são casos em que o entorno familiar ofereceu condições insuficientes à contenção da animalidade originária que habita a criança e, assim, o comportamento destrutivo passa a fazer parte do seu jeito de ser.

Talvez, os casos de menores em conflito com a lei que, durante o período escolar, foram agentes de *bullying*, sejam provenientes de lares com estas características. Se, conforme nos ensina a literatura, a prática de *bullying* é comum no "histórico escolar" dos menores infratores, vê-se que a transgressão da lei e o comportamento destrutivo tornaram-se habituais e se "sofisticou" com o avançar da idade. Vê-se que se tornaram uma parte do "estilo de vida", do modo como o indivíduo se relaciona com as pessoas e com o mundo ao seu redor. Em suma, a transgressão à lei e o comportamento destrutivo tem raízes psíquicas, associadas, evidentemente, aos determinantes socioculturais.

Como visto, a violência típica do *bullying* provavelmente estabelece conexão direta com a negligência do entorno familiar em relação aos cuidados primordiais para com a criança, e resulta em uma constituição psíquica "predisposta", por assim dizer, à perturbação da ordem e à agressividade. Decerto, com base no caso específico abordado por esta pesquisa, são filhos provenientes de relacionamentos em que não havia amor (suficiente) entre os cônjuges, que geralmente se divorciam. Talvez, parte da negligência dos pais em relação ao filho seja proveniente de um relacionamento fracassado, cujo fruto, o filho, é o elo que perpetua o fracasso. Aparentemente, os pais divorciados, sobretudo aqueles cuja relação posterior ao divórcio é permeada principalmente por rancor e por arrependimento, parecem mais inclinados a rejeitar o fruto proveniente deste relacionamento pesaroso. De fato, é

uma inferência um tanto quanto simplista, mas há indícios concretos de que o relacionamento fracassado dos cônjuges, e, quem sabe, a hostilidade que por vezes permanece entre ambos, é também motivadora da negligência dos pais em relação ao filho. O que este caso indica é que quando o filho é fruto de um relacionamento que os pais arrependem-se e, portanto, desejam apagar de sua história, de sua memória, a relação dos pais com o filho tem maiores chances de ser marcada pela frieza e distanciamento nessa relação. Cada um dos pais parece sentir em relação ao filho algo que pode ser traduzido assim: "se não fosse por você, eu poderia me libertar de um passado que eu gostaria de esquecer".

Além disso, conforme evidência desta pesquisa, a violência típica do *bullying* também tem raízes em outro modelo familiar, em que nas relações constitutivas da personalidade, o ódio é parte fundamental do amor, por assim dizer. São casos em que produzir sofrimento na pessoa amada é componente central da maneira de amar e de relacionar. Há aquele que "odeia amar a quem se ama", portanto não aceita a inclinação espontânea de seu desejo, mas aqui se trata daquele "que ama odiando e que ama odiar a quem se ama", caso em que o ódio permeia fundamentalmente sua maneira de amar.

As relações profundas comumente contêm componentes de ódio, além do amor, é claro. Segundo parece, via de regra, os relacionamentos amorosos, como as demais relações de grande importância, entre pais e filhos, por exemplo, são permeados por amor e também por uma parcela de ódio, mesmo que não reconhecido. Aliás, relacionamentos profundos também significam divergências, contradições, conflitos e certa dosagem de sofrimento. Entretanto, aqui se faz referência às relações em que "odiar significa amar", ou melhor, quando a materialização do amor se dá também por meio de ações destrutivas. Um dos casos estudados nesta pesquisa dá indicativos de que as ações de agressão na escola são reedições do modelo relacional proveniente da relação entre pais e filha, em que o amor se manifesta em "ser grosso", em fazer sofrer, etc. As amigas tornaram-se alvos de ataque, assim como o "namorado" também foi vitimado.

Já abordado anteriormente, há a possibilidade de uma conexão profunda entre o desejo (amoroso/sexual) e o impulso destrutivo, isto é, uma conciliação entre o ódio e a excitação/satisfação amorosa/sexual. No caso estudado, o desabrochar da puberdade coincide com uma virada no comportamento da aluna, voluntária da

pesquisa, quando inicia mais avolumadamente a exteriorização do comportamento agressivo em direção aos pais, mais principalmente em direção às colegas de escola, em um primeiro momento, e depois em direção ao "namorado".

Geralmente, o entendimento da literatura sobre a vítima-agressora declara que o comportamento agressivo é um efeito das agressões sofridas, ou seja, após ser vítima de *bullying* a vítima-agressora passa também a ser agente de *bullying*. A partir de dados desta pesquisa, é possível inferir que por detrás do comportamento da vítima-agressora pode haver um modelo vincular subjetivo em que a agressividade é parte indispensável do "amar e ser amado". No caso analisado, a chegada da puberdade colocou em relevo o aspecto agressivo do impulso (sexual), materializado em relações sustentadas na intimidação, na humilhação, no desprezo e em agressões da aluna B. em relação às colegas de escola, o "namorado" e também sua mãe. Entretanto, antes da predominância da violência ativa, a violência passiva caracterizava o comportamento comum nas relações com as colegas de escola e também com seu pai. Aparentemente, o *bullying* praticado pela aluna em questão é efeito do *bullying* sofrido anteriormente, porém a vingança, o "amar destrutivamente", o "dominar pela força (emocional)", etc., são características relacionadas ao *bullying* que, entretanto, o superam, porque fazem parte do jeito de ser e de se relacionar da aluna.

Segundo o caso particular analisado por esta pesquisa, pode-se deduzir que a vítima-agressora é agente de *bullying* em consequência da vitimização precedente, inferência concordante com o enunciado pela literatura. Entretanto, é possível uma proposição adicional segundo a qual ao menos uma parcela das vítimas-agressoras se comportam como tal, devido a um modelo relacional subjetivo em que a exteriorização do ódio é componente central das relações humanas. Aqui, o "ser agredido" e o "agredir" não são apenas causa e efeito, respectivamente. São, na realidade, desdobramentos de um paradigma vincular que serve de alicerce e proporciona as condições emocionais para materialização das ações de maus-tratos que permeiam as relações da vítima-agressora.

A respeito das especificidades da família da vítima-agressora é provável que tanto o matrimônio quanto o vínculo entre pais e filhos seja caracterizado por um componente fundamental de agressividade, o amor se manifesta também por ações de caráter destrutivo.

Além dos agressores, é preciso falar das vítimas. Comumente, a literatura sugere que os agressores apresentam certo comprometimento emocional e precisam desenvolver-se emocionalmente para minimizarem a conduta destrutiva. Às vítimas, não obstante se afirme que são tímidas, introspectivas, indefesas, etc., geralmente recebem o partido aberto dos estudiosos. De fato, ser vítima de *bullying* ou de qualquer outro tipo de violência é lamentável e é necessário que recebam o apoio que precisam para que seja colocado um ponto final as agressões. Mesmo assim, é importante que seja dito que as vítimas, sobretudo as vítimas típicas, também apresentam algum comprometimento emocional e também precisam desenvolver-se, conforme foi possível inferir com base em um caso analisado por esta pesquisa.

Aparentemente, as vítimas típicas são provenientes de lares em que o casamento fracassou, mesmo quando não se consumou o divórcio. Quando o divórcio ocorre pouco tempo após o nascimento do filho - que geralmente fica com a mãe - abre-se um caminho ainda mais livre para que a mãe busque se completar exclusivamente por meio de sua relação com o filho. Assim, pode-se dizer que o divórcio é causa de uma relação excessiva da mãe com o filho, porque o marido está ausente. Mas, se a relação excessiva da mãe com o filho é de duração indeterminada, de maneira que mesmo com o passar dos anos após o nascimento do filho a mãe não "retorna ao casamento", o divórcio pode ser um consequência. De qualquer maneira, divorciando-se ou não, o casamento fracassou, porque, seja qual a for razão, o filho substituiu o marido, definitivamente. Então, o filho demasiadamente amado, afagado e protegido pela mãe não se desenvolve adequadamente e sente um peso enorme quando as situações da vida requerem maior força e energia.

Uma parte da literatura enuncia que a vítima típica foi amada e protegida em excesso, durante principalmente a primeira infância, fatores que a pré-dispõe à vitimização, enunciação confirmada pelo caso aqui analisado. Outra parte, não obstante a caracterização da personalidade da vítima, localiza a problemática exclusivamente no agente de *bullying* e desconsidera a esfera psíquica das vítimas. Na presente pesquisa, o aluno A., vítima típica, revelou-se profundamente melancólico, melancolia com certeza associada à sua vulnerabilidade às ações de maus-tratos. Portanto, é oportuno que o debate sobre a violência nas escolas

coloque em discussão também as variáveis que interferem na constituição anímica das vítimas típicas, porque existem casos em que a vitimização é também a resultante de um comprometimento emocional da própria vítima.

Simplificadamente, o desenvolvimento é obstaculizado pela carência de amparo, quando pode se desdobrar na "conformação anímica" particular aos agressores. Mas também pode ser obstaculizado pelo amparo excessivo, quando pode se desdobrar na "conformação anímica" que predispõe à vitimização.

Afinal, é possível associar o *bullying* ao modelo perverso de organização da libido? Aparentemente, sim, porque as condições de constituição e desenvolvimento psíquico dos agressores e os "sintomas" do comportamento destrutivo sugerem um desenlace perverso. Seja aquele a quem faltou o amparo necessário à contenção da disposição originária, seja aquele que o impulso agressivo destacou-se e associou-se ao impulso sexual, há indícios, conforme já demonstrado anteriormente, de associação com o tipo libidinal perverso. Evidentemente, serão necessárias pesquisas de muito maior volume e amplitude para possibilitar respostas mais conclusivas.

No caso das vítimas, os indícios apontam para outra direção. Sobretudo, o aspecto indefeso e deprimido das mesmas sugerem um substrato de natureza psicótica. Talvez, portanto, certos casos de vitimização no contexto do *bullying* apresentem conexão com o tipo de organização psicótica da libido. Novamente, há um longo caminho pela frente, no que se refere aos estudos e pesquisas que possam endossar ou contestar as suposições levantadas pela presente pesquisa.

Para finalizar, é importante pôr em destaque que as formações perversas e psicóticas, que fazem parte do espectro narcísico e que permeiam os dados da presente pesquisa, são representativas da sociedade contemporânea em que o narcisismo encontra-se amplamente difundido. É inoportuno "apontar culpados" e ignorar os determinantes de grande amplitude que atravessam a civilização ocidental e fortalecem a tendência narcísica em cada um de nós. É verdade que a família é um determinante de peso na formação psíquica, mas com certeza não é o único. Decerto, não seja nem mesmo o mais importante, porque a estrutura e o funcionamento da família comum é o efeito de outros processos de muito maior amplitude, sobretudo porque no contemporâneo se alastra também em seu interior as influências globais que a adentram das mais variadas maneiras. Aqui, não há

possibilidades de se avolumar o assunto, mas é muito importante que se considere que atualmente "[...] as forças globais e irrefreáveis, agenciadoras do narcisismo, intervêm de maneira generalizada nos mais variados cenários em que se processa a constituição psíquica, [...] permeiam a família, o Estado, a religião, a escola, a organização e [...] o indivíduo" (MARANGONI, VIANA BRAZ & HASHIMOTO, 2016, p. 119).

REFERÊNCIAS

ALCKMIN-CARVALHO, Felipe; IZBICKI, Sarah; FERNANDES, Luan Flávia Barufi; MELO, Márcia Helena da Silva. Estratégias e instrumentos para a identificação de bullying em estudos nacionais. **Avaliação Psicológica**, vol. 13, n. 3, p. 343-350, 2014. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-04712014000300006&lng=pt&tlng=pt. Acesso em 7 de julho de 2015.

ANASTASI, Anne. **Testes psicológicos**. Tradução de Dante Moreira Leite. São Paulo: EPU, 1977. 798p.

ANASTASI, Anne & URBINA, Susana. **Testagem psicológica**. Tradução de Maria Adriana Veríssimo Veronese. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000. 575p.

ANZIEU, Didier. **Os métodos projetivos**. Tradução de Maria Lucia do Eirado Silva. Rio de Janeiro: Campos, 1978. 296p.

BARROS, Izabella Paiva Monteiro de. **Características psicológicas da primeira e da segunda gravidez: o uso do DFH e do TAT na assistência pré-natal**. 2004. 215p. Dissertação (Mestrado em Psicologia), Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004.

BEANE, Allan L. **Proteja seu filho do bullying**. Tradução de Débora Guimarães Isidoro. Rio de Janeiro: BestSeller, 2010. 234p.

BERGERET, Jean. (1972) Violência e evolução afetiva humana. In: BERGERET, Jean. BOULANGER, J.-J., CHARTIER, J.-P., DUBOR, P., HOUSER, M. & LUSTIN, J.-J. **Psicopatologia: teoria e clínica**. Tradução de Francisco Settineri. Porto Alegre: Artmed, 2006. p. 89-93.

BETTELHEIM, Bruno. **Freud e a alma humana**. Tradução de Álvaro Cabral. São Paulo: Cultrix, 1982. 130p.

_____. **A Viena de Freud e outros ensaios**. Tradução de Lia Wyler. Rio de Janeiro: Campus, 1991. 273p.

BIRMAN, Joel. Laços e desenlaces na contemporaneidade. **Jornal de Psicanálise**, São Paulo, v. 40, n. 72, 47-62, jun. 2007. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-58352007000100004&lng=pt&nrm=iso> acesso em 20 mai., 2017.

_____. **Mal-estar na atualidade: a psicanálise e as novas formas de subjetivação**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000. 300p.

_____. (2012). **A evolução da família**. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=0et6BcO8ayY>> acesso em 14 jan., 2016.

BLAKISTON. Sintoma. In: DICIONÁRIO médico. 2. ed. São Paulo: Andrei, 2000. 975p.

BLEGER, José. (1979) **Temas de Psicologia: entrevista e grupos**. Tradução de Rita Maria M. de Moraes. São Paulo: Martins Fontes, 1998. 137p.

_____. **Simbiose e ambiguidade**. Tradução de Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1988. 402p.

CONNOLLY, Jennifer., PEPLER, Debra., CRAIG, Wendy & TARADASH, Ali. Dating experiences of bullies in early adolescence. **Child maltreatment**, v. 5, n. 4, p. 299-310, nov. 2000. Disponível em <<http://journals.sagepub.com.ez87.periodicos.capes.gov.br/doi/pdf/10.1177/1077559500005004002>> acesso em 21 nov., 2016.

DAKE, Joseph A., PRINCE, Jame H., & TELLJOHANN, Susan K. The nature and extent of bullying at school. **Journal of School Health**, v. 73, n. 5, p. 173-180, may 2003. Disponível em <<http://www2.gsu.edu/~wwwche/The%20Nature%20and%20Extent%20of%20Bullyin%20at%20School.pdf>> acesso em 12 dez., 2016.

DARMON, Pierre. **Médicos e assassinos na Belle Époque: a medicalização do crime**. Tradução de Regina Grisse de Agostino. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991. 316p.

DOMENACH, Jean-Marie. La violencia. In: UNESCO - Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura (Org.). **La violencia y sus causas**. Paris: Unesco, 1981. p. 33-45.

ENCK, Eluza Maria Nardino. **O encurtamento da latência e a puberdade precoce: um problema dos tempos atuais**. Trabalho apresentado no Congresso Brasileiro de Psicanálise. Porto Alegre. 2007. Disponível em <http://febrapsi.org.br/publicacoes/artigos/xxi_cbp_eluza.doc> acesso em fev., 2017.

ETCHEGOYEN, Ricardo Horacio. **Fundamentos da técnica psicanalítica**. Tradução de Francisco Frank Settineri. Porto Alegre: Artmed, 2004. 471p.

FANTE, Cleo. **Fenômeno bullying: como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz**. Campinas: Verus Editora, 2005. 224p.

FOUCAULT, Michel. (1976) **História da sexualidade I: a vontade de saber**. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. 13. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988. 149p.

FREUD, Sigmund. (1893) **Charcot**. In: Obras completas Sigmund Freud. Tradução de José Luis Etcheverry. 2. ed. v. 3. Buenos Aires: Amorrortu, 1991. p. 7-23.

_____. (1895[1894]) **Sobre la justificación de separar de la neurastenia un determinado síndrome en calidad de neurosis de angustia**. In: Obras completas Sigmund Freud. Tradução de José Luis Etcheverry. 2. ed. v. 3. Buenos Aires: Amorrortu, 1991. p. 85-116.

_____ (1896) **La etiología de la histeria.** In: Obras completas Sigmund Freud. Tradução de José Luis Etcheverry. 2. ed. v. 3. Buenos Aires: Amorrortu, 1991. p. 185-218.

_____ (1900) **La interpretación de los sueños.** In: Obras completas Sigmund Freud. Tradução de José Luis Etcheverry. v. 4 e 5. Buenos Aires: Amorrortu, 1991.

_____ (1911[1910]) **Puntualizaciones psicoanalíticas Sobre um caso de paranoia (Dementia paranoides) descrito autobiográficamente (Schreber).** In: Obras completas Sigmund Freud. Tradução de José Luis Etcheverry. 2. ed. v. 12. Buenos Aires: Amorrortu, 1991. p. 1-76.

_____ (1912a) **Sobre la dinámica de la transferencia.** In: Obras completas Sigmund Freud. Tradução de José Luis Etcheverry. 2. ed. v. 12. Buenos Aires: Amorrortu, 1991. p. 93-105.

_____ (1912b) **Consejos al médico sobre el tratamiento psicoanalítico.** In: Obras completas Sigmund Freud. Tradução de José Luis Etcheverry. 2. ed. v. 12. Buenos Aires: Amorrortu, 1991. p. 107-119.

_____ (1917) **Conferencias de introducción al psicoanálisis:** parte III. In: Obras completas Sigmund Freud. Tradução de José Luis Etcheverry. 2.ed. v. 16. Buenos Aires: Amorrortu, 1991.

_____ (1940[1938]) **La escisión del yo en el proceso defensivo.** In: Obras Completas Sigmund Freud. Tradução de José Luis Etcheverry. 2. ed. v. 23. Buenos Aires: Amorrortu, 1991. p. 271-278.

_____ (1956[1886]) **Informe sobre mis estudios en Paris y Berlín.** In: Obras completas Sigmund Freud. Tradução de José Luis Etcheverry. 2. ed. v. 1. Buenos Aires: Amorrortu, 1992. p. 1-16.

_____ (1888) **Histeria.** In: Obras completas de Sigmund Freud. Tradução de José Luis Etcheverry. 2. ed. v. 1. Buenos Aires: Amorrortu, 1992. p. 41-66.

_____ (1893) **Sobre el mecanismo psíquico de fenómenos histéricos:** comunicación preliminar. In: Obras completas Sigmund Freud. Tradução de José Luis Etcheverry. 2. ed. v. 2. Buenos Aires: Amorrortu, 1992. p. 27-44.

_____ (1895) **Sobre la psicoterapia de la histeria.** In: Obras completas Sigmund Freud. Tradução de José Luis Etcheverry. 2. ed. v. 2. Buenos Aires: Amorrortu, 1992. p. 261-310.

_____ (1905[1901]) **Fragmento de análisis de un caso de histeria (Dora).** In: Obras completas Sigmund Freud. Tradução de José Luis Etcheverry. v. 7. Buenos Aires: Amorrortu, 1992. p. 1-107.

_____ (1905) **Tres ensayos de teoría sexual.** In: Obras completas Sigmund Freud. Tradução de José Luis Etcheverry. v. 7. Buenos Aires: Amorrortu, 1992. p. 109-224.

_____ (1906) **Mis tesis sobre el papel de la sexualidad en la etiología de las neurosis.** In: Obras completas Sigmund Freud. Tradução de José Luis Etcheverry. v. 7. Buenos Aires: Amorrortu, 1992. p. 259-272.

_____ (1908) **La moral sexual cultural y la nerviosidad moderna.** In: Obras completas Sigmund Freud. Tradução de José Luis Etcheverry. 2. ed. v. 9. Buenos Aires: Amorrortu, 1992. p. 159-181.

_____ (1914a) **Contribución a la historia del movimiento psicoanalítico.** In: Obras completas Sigmund Freud. Tradução de José Luis Etcheverry. 2. ed. v. 14. Buenos Aires: Amorrortu, 1992. p. 1-64.

_____ (1914b) **Introducción del narcisismo.** In: Obras completas Sigmund Freud. Tradução de José Luis Etcheverry. 2. ed. v. 14. Buenos Aires: Amorrortu, 1992. p. 65-98.

_____ (1915) **Pulsiones y destinos de pulsión.** In: Obras completas Sigmund Freud. Tradução de José Luis Etcheverry. 2. ed. v. 14. Buenos Aires: Amorrortu, 1992. p. 105-134.

_____ (1917[1916]) **Una dificultad del psicoanálisis.** In: Obras completas Sigmund Freud. Tradução de José Luis Etcheverry. 2. ed. v. 17. Buenos Aires: Amorrortu, 1992. p. 125-135.

_____ (1918[1914]) **De la historia de una neurosis infantil.** In: Obras completas Sigmund Freud. Tradução de José Luis Etcheverry. 2. ed. v. 17. Buenos Aires: Amorrortu, 1992. p. 1-112.

_____ (1919) **Pegan a un niño:** contribución al conocimiento de la génesis de las perversiones sexuales. In: Obras completas Sigmund Freud. Tradução de José Luis Etcheverry. 2. ed. v. 17. Buenos Aires: Amorrortu, 1992. p. 173-200.

_____ (1920) **Sobre la psicogénesis de un caso de homosexualidad femenina.** In: Obras completas Sigmund Freud. Tradução de José Luis Etcheverry. 2. ed. v. 18. Buenos Aires: Amorrortu, 1992. p. 137-164.

_____ (1923[1922]) **Dos artículos de enciclopedia:** psicoanálisis y teoría de la libido. In: Obras completas Sigmund Freud. Tradução de José Luis Etcheverry. 2. ed. v. 18. Buenos Aires: Amorrortu, 1992. p. 227-254.

_____ (1923a) **El yo y el ello.** In: Obras completas Sigmund Freud. Tradução de José Luis Etcheverry. 2. ed. v. 19. Buenos Aires: Amorrortu, 1992. p. 1-66.

_____ (1923b) **La organización genital infantil. Una interpolación en la teoría de la sexualidad.** In: Obras completas Sigmund Freud. Tradução de José Luis Etcheverry. 2. ed. v. 19. Buenos Aires: Amorrortu, 1992. p. 141-150.

_____ (1924a) **El problema económico del masoquismo.** In: Obras completas Sigmund Freud. Tradução de José Luis Etcheverry. 2. ed. v. 19. Buenos Aires: Amorrortu, 1992. p. 161-176.

_____ (1924b) **El sepultamiento del complejo de Edipo.** In: Obras completas Sigmund Freud. Tradução de José Luis Etcheverry. 2. ed. v. 19. Buenos Aires: Amorrortu, 1992. p. 177-188.

_____ (1924c) **La pérdida de realidad en la neurosis y la psicosis.** In: Obras completas Sigmund Freud. Tradução de José Luis Etcheverry. 2. ed. v. 19. Buenos Aires: Amorrortu, 1992. p. 189-197.

_____ (1925) **Algunas consecuencias psíquicas de la diferencia anatómica entre los sexos.** In: Obras completas Sigmund Freud. Tradução de José Luis Etcheverry. 2. ed. v. 19. Buenos Aires: Amorrortu, 1992. p. 259-276.

_____ (1925[1924]) **Presentación autobiográfica.** In: Obras Completas Sigmund Freud. Tradução de José Luis Etcheverry. 2. ed. v. 20. Buenos Aires: Amorrortu, 1992. p. 1-70.

_____ (1927a) **El porvenir de una ilusión.** In: Obras completas Sigmund Freud. Tradução de José Luis Etcheverry. 2. ed., v. 21. Buenos Aires: Amorrortu. p. 1-56.

_____ (1927b) **Fetichismo.** In: Obras Completas Sigmund Freud. Tradução de José Luis Etcheverry. 2. ed. v. 21. Buenos Aires: Amorrortu, 1992. p. 141-152.

_____ (1905) **Tratamento psíquico (ou anímico).** In: Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição standard brasileira. Tradução sob a direção geral de Jayme Salomão. v. 7. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 267-288.

_____ (1913[1912-13]) **Totem e tabu:** alguns pontos de concordância entre a vida mental dos selvagens e dos neuróticos. In: Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição standard brasileira. Tradução sob a direção geral de Jayme Salomão. v. 13. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 11-162.

HAVELOCK ELLIS, Henry. (1933) **Psicologia do sexo.** Tradução de Pedro Pôrto Carreiro Ramires. Rio de Janeiro: Bruguera, 1971. 363p.

HERRMANN, Fábio. **O que é psicanálise.** São Paulo: Brasiliense, 1992. 90p.

_____ Pesquisando com o método psicanalítico. In: HERMANN, Fábio & LOWENKRON, Theodor. (Orgs.). **Pesquisando com o método psicanalítico.** São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004, p. 43-83.

HYMEL, Shelley & SWEARER, Susan M. Four decades of research on school bullying: an introduction. **American Psychologist**, Washington, DC, v. 70, n. 4, p. 293-299, may-june, 2015. Disponível em <<http://dx.doi.org/10.1037/a0038928>> acesso em 8 jan., 2017.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar.** Rio de Janeiro: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2013. Disponível em: <<http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv64436.pdf>> acesso em 10 ago., 2015.

JONES, Ernest. (1961) **Vida e obra de Sigmund Freud**. Tradução de Marco Aurélio de Moura Mattos. Rio de Janeiro: Guanabara, 1979. 779p.

JUSTO, José Sterza. Prefácio. In: CONSTANTINO, Elisabeth Piemonte. (Org.). **Percursos da pesquisa qualitativa em psicologia**. São Paulo: Arte & Ciência, 2007. p. 7-13.

KRAFFT-EBING, Richard Von. (1886) **Psychopathia sexualis**: as histórias de caso. Tradução de Claudia Berliner. São Paulo: Martins Fontes, 2000. 305p.

LADD, Garry W. & LADD, Becky Kochenderfer. Parenting behaviors and parent-child relationships: correlates of peer victimization in kindergarten? **Developmental Psychology**, v. 34, n. 6, p. 1450-1458, nov. 1998. Disponível em <<http://psycnet-apa-org.ez87.periodicos.capes.gov.br/journals/dev/34/6/1450.pdf>> acesso em 13 fev., 2017.

LAPLANCHE, Jean & PONTALIS, Jean-Bertrand. **Vocabulário de Psicanálise**. Tradução de Pedro Tamen. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998. 552p.

LÉVI-STRAUSS, Claude., GOUGH, Kathlee & SPIRO, Melford. **A família: origem e evolução**. Porto Alegre: Editorial Villa Martha, 1980. 107p.

LIMA, Celia Blini de. Desenvolvimento e atualização. In: TRINCA, Walter. (Org.). **Formas de investigação clínica em psicologia**. São Paulo: Vetor, 1997. p. 217-251.

MACHADO JÚNIOR, Luiz Bosco Sardinha. **Representações sociais da violência e da indisciplina escolar na imprensa brasileira**. 2011. 178f. Dissertação (Mestrado em Psicologia), Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista Julio de Mesquita Filho, Assis. 2011.

MAHLER, Margareth. **O processo de separação-individuação**. Tradução de Helena Mascarenhas de Souza. Porto Alegre: Artes Médicas, 1982. 189p.

MAHONY, Patrick. (1982) **Freud como escritor**. Tradução de Elizabeth Saporiti. Rio de Janeiro: Imago, 1992.

MARANGONI, Vinícius Xavier Cintra., VIANA BRAZ, Matheus & HASHIMOTO, Francisco. *Bullying* e assédio moral no trabalho: expressões do narcisismo contemporâneo. **Cadernos de Psicologia Social do Trabalho**, v. 19, n. 2, p. 109-122, 2016. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/cpst/article/view/140591>> acesso em 15 nov., 2017.

MARANGONI, Vinícius Xavier Cintra & HASHIMOTO, Francisco. O que o bullying me ensinou? In: PERES, Rodrigo Sanches., HASHIMOTO, Francisco., CASADORE, Marcos Mariani & VIANA BRAZ, Matheus. (Orgs.). **Sujeito contemporâneo, saúde e trabalho**: múltiplos olhares. São Carlos: EdUFSCar, 2017. p. 217-232.

MEZAN, Renato. **Sigmund Freud**: a conquista do proibido. São Paulo: Ateliê Editorial, 2000. 164p.

MIDDELTON-MOZ, Jane & ZAWADSKI, Mary Lee. **Bullying: estratégias de sobrevivência para crianças e adultos**. Tradução de Roberto Cataldo Costa. Porto Alegre: Artmed, 2007. 152p.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Violência e saúde**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2006. 132p.

MORE, Thomas. (1516) **A utopia**. In: Coleção Os Pensadores. Tradução de Luís de Andrade. v. 10. São Paulo: Abril Cultural, 1972. p. 159-314.

MOREIRA, Dirceu. **Transtorno de assédio moral-bullying: a violência silenciosa**. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2010. 240p.

NATALO, Samanta Pedroso. **O que os discursos sobre bullying podem nos dizer a respeito do mal-estar contemporâneo na educação? Evidências de um sintoma social**. 2014. 93f. Dissertação (Mestrado em Educação), Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. (1886) **Além do bem e do mal: prelúdio de uma filosofia do futuro**. Tradução de Márcio Pugliesi. Curitiba: Hemus Editora, 2001. 230p.

OLIVEIRA, Elaine Lúcia Dias de. **Bullying na infância e adolescência: repercussões na vida e saúde de adultos do sexo masculino**. 2012. 115f. Dissertação (Mestrado em Psicologia do Desenvolvimento e Aprendizagem), Faculdade de Ciências, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Bauru, 2012.

OMS – Organização Mundial de Saúde. **Informe mundial sobre la violencia e la salud: resumen**. Organización Panamericana de la Salud para la Organización Mundial de la Salud. Washington, DC, 2002. Disponível em <http://www.who.int/violence_injury_prevention/violence/world_report/en/summary_es.pdf> acesso em 10 jun., 2015.

PEREIRA, Mário Eduardo Costa. Krafft-Ebing, a Psychopathia Sexualis e a criação da noção médica de sadismo. **Revista latinoamericana de psicopatologia fundamental**, São Paulo, v. 12, n. 2, p. 379-386, Jun., 2009. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-47142009000200011&lng=en&nrm=iso> acesso em 12 nov., 2016.

PLAN BRASIL. **Pesquisa: bullying escolar no Brasil: relatório final**. São Paulo: Centro de Empreendedorismo Social e Administração em Terceiro Setor/Fundação Instituto de Administração, 2010. 107p.

RAMIREZ, Claudio. **Bullying: eu sobrevivi**. Aparecida: Idéias e Letras, 2011. 167p.

RODRIGUES, Paula Cruz Goitein. **Estilos parentais e violência: os modos de tutela e a relação com o comportamento dos filhos na escola**. Dissertação (Mestrado em Educação), Instituto de Biociências de Rio Claro, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2014.

ROUDINESCO, Elisabeth. **A família em desordem**. Tradução de André Telles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003. 199p.

_____. **A parte obscura de nós mesmos**: uma história dos perversos. Tradução de André Telles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008. 222p.

ROUDINESCO, Elisabeth & PLON, Michel. **Dicionário de Psicanálise**. Tradução de Vera Ribeiro e Lucy Magalhães. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998. 874p.

SELLERS, Terence. Prefácio. In: KRAFFT-EBING, Richard Von. (1886) **Psychopathia sexualis**: as histórias de caso. Tradução de Claudia Berliner. São Paulo: Martins Fontes, 2000. p. 7-21.

SILVA, Ana Beatriz Barbosa. **Bullying**: mentes perigosas nas escolas. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010. 188p.

SOUZA, Audrey Setton Lopes de. O Desenho como instrumento diagnóstico: reflexões a partir da psicanálise. **Boletim de Psicologia**, São Paulo, v. 61, n. 135, p. 207-215, 2011. Disponível em <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/bolpsi/v61n135/v61n135a07.pdf>>. acesso em 30 jul., 2015.

_____. Re-visitando a latência: reflexões teórico-clínicas sobre os caminhos da sexualidade. **Psicologia USP**, São Paulo, v. 25, n. 2, p. 155-161, ago. 2014. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-65642014000200155&lng=pt&nrm=iso>. acesso em 16 jan., 2017.

SPOSITO, Marília Pontes. Um breve balanço da pesquisa sobre violência escolar no Brasil. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 27, n. 1, p. 87-103, jun. 2001. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-97022001000100007&lng=pt&nrm=iso>. acesso em 15 abr., 2015.

STOLLER, Robert Jesse. (1975) **Perversão**: a forma erótica do ódio. Tradução de Maria Lúcia Lopes da Silva. São Paulo: Hedra, 2015. 361p.

TRINCA, Walter (Org.). **Formas de investigação clínica em psicologia**: procedimento de desenhos-estórias: procedimento de desenhos de família com estórias. São Paulo: Vetor, 1997a. 292p.

_____. **O espaço mental do homem novo**. Campinas: Papyrus, 1997b. 151p.

TURATO, Egberto Ribeiro. **Tratado da metodologia da pesquisa clínico-qualitativa**: construção teórico-epistemológica, discussão comparada e aplicação nas áreas da saúde e humanas. Petrópolis: Vozes, 2003. 685p.

VAN KOLCK, Odette Lourenção. **Sobre a técnica do desenho da figura humana na exploração da personalidade**: estudo de adolescentes de centros urbanos. 1963. 333p. Tese (Doutorado em Psicologia), Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1966.

VAN KOLCK, Odette Lourenção. **Testes projetivos gráficos no diagnóstico psicológico**. São Paulo: EPU, 1984. 104p.

WASELFISZ, Julio Jacobo. **Mapa da violência 2010: anatomia dos homicídios no Brasil**. São Paulo: Instituto Sangari, 2010. 153 p. Disponível em: <<http://www.mapadaviolencia.org.br>> acesso em 03 fev., 2017.

_____. **Mapa da violência 2015: homicídio de mulheres no Brasil**. Brasília: Flacso Brasil, 2015. 80 p. Disponível em <<http://www.mapadaviolencia.org.br>> acesso em 3 fev., 2017.

_____. **Mapa da violência 2016: homicídios por arma de fogo no Brasil**. Brasília: Flacso Brasil, 2016. 71 p. Disponível em <<http://www.mapadaviolencia.org.br>> acesso em 3 fev., 2017.

WIKIPÉDIA. **Charlotte Corday**. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Charlotte_Corday> acesso em 10 nov., 2016.

_____. **Massacre de Realengo**. Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Massacre_de_Realengo> acesso em 10 mar., 2017.

YouTube. **Massacre em Realengo: novo vídeo atirador se preparando para o ataque**. Vídeo (7min57s). Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=Bfg0YtR8pGs&t=4s>> acesso em 15 mar., 2017.

ZAINE, Isabela., REIS, Maria de Jesus Dutra dos. & PADOVANI, Ricardo da Costa. Comportamentos de bullying e conflito com a lei. **Estudos de Psicologia (Campinas)**, v. 27, n. 3, p. 375-382, 2010. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-166X2010000300009&lng=en&tlng=pt.10.1590/S0103-166X2010000300009> acesso em 8 jul., 2015.

Anexos

ANEXO I - ITENS DE AVALIAÇÃO DO DESENHO DE FAMÍLIA COM ESTÓRIAS

1. o modo pelo qual o indivíduo conceitua a família;
2. o valor atribuído à família no contexto de vida;
3. como são vividas as funções materna e paterna;
4. como são atribuídos os papéis e seu funcionamento dentro da dinâmica familiar;
5. o grau de maturidade d indivíduo, sua capacidade de se responsabilizar por suas atitudes e características pessoais;
6. as expectativas sobre cada membro do grupo e da família como tal;
7. o grau de envolvimento (aproximação/distanciamento) do indivíduo com o próprio *eu* e com os membros da família;
8. a condição básica de criatividade, a liberdade interior, a adaptação ao *status quo*, o modelo de relação proposto pela família e por padrões culturais;
9. o uso da realidade na solução de conflito interpessoais e/ou intrafamiliares (recursos do ego, defesas utilizadas, etc.);
- 10.a projeção, por parte do sujeito, de conflitos, dificuldades, limitações e expectativas no mundo externo, mais especificamente em um ou mais membros da família;
- 11.como são configuradas as projeções (na análise cruzada) e qual a dinâmica que se instala a partir do jogo de relações inconscientes;
- 12.o resultado das projeções recíprocas, a complementaridade nas relações e o tipo de vínculo que se estabelece;
- 13.a relação do sintoma com a dinâmica familiar em suas influências recíprocas;
- 14.a relação do sintoma com as produções gráficas e temáticas do sujeito, suas fantasias sobre a doença e a cura;
- 15.a tendência à repetição de um modelo introjetado das famílias de origem;
- 16.a detecção de pontos a serem trabalhados psicoterapeuticamente nas relações intrafamiliares e a localização dos aspectos de imaturidade nos membros da família.

ANEXO II - ROTEIRO PARA ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA

1. História Pessoal e Familiar;
2. Dinâmica Familiar (relacionamento dos pais entre si e demais integrantes da família, como os irmãos e avós do participante);
3. Relacionamento com os pais;
4. História Escolar;
5. Relacionamento com colegas da escola;
6. Vivências de agressão e/ou maus-tratos;

ANEXO III

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)
(Capítulo IV, itens 1 a 3 da Resolução 196/96 – Conselho Nacional de Saúde)

O aluno, cujo o pai ou responsável recebe o presente documento, está sendo convidado(a) a participar da pesquisa “A face perversa da convivência escolar: uma exploração psicanalítica do *bullying*”, sob a responsabilidade do(a) pesquisador(a) Vinícius Xavier Cintra Marangoni, RG nº 27570135-9, com a orientação do Prof. Dr. Francisco Hashimoto.

Este termo deverá ser elaborado em duas vias. Depois de lido, rubricado e assinado, uma via ficará em posse do representante legal do aluno e a outra via em poder do pesquisador responsável.

Esta pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética da Faculdade de Ciências e Letras – UNESP/Campus de Assis. Qualquer dúvida quanto aos aspectos éticos poderão ser esclarecidas no telefone (18) 3302-5607 ou pelo e-mail cep@assis.unesp.br, ou diretamente com o pesquisador no telefone (18) 98100-3283 ou e-mail: vxcmarangoni@gmail.com ou no endereço: Av. Dom Antonio, 2100. Parque Universitário - 19806-900 - Assis, SP.

I. A Pesquisa

Esta pesquisa tem por objetivo investigar e compreender o *bullying* escolar, através de análise psicológica de informações coletadas entre alunos que estejam cursando o ensino fundamental II.

II. Procedimentos

Os procedimentos que o aluno participará são os seguintes:

- a) questionário: o participante responderá a um questionário sobre *bullying*, com duração aproximada de 10 minutos;
- b) desenhos: o participante realizará 4 desenhos contando uma breve história de cada um, com duração aproximada de 15 minutos cada, totalizando 60 minutos;
- c) entrevista: o participante responderá a uma entrevista sobre o *bullying* e temas associados, com duração aproximada de 60 minutos. A entrevista será gravada e transcrita como garantia de rigor científico;

III. Riscos, Desconfortos e Benefícios

Possíveis riscos ou desconfortos serão evitados, mas caso aconteçam o pesquisador ajudará no que for necessário, sendo responsável pelo acompanhamento e assistência.

- a) possíveis riscos ou desconfortos: durante os procedimentos de pesquisa mencionados acima o participante poderá sentir-se desconfortável quando forem abordadas questões relacionadas ao *bullying* e temas associados.
- b) forma de acompanhamento: embora improvável, caso o participante vivencie um desconforto emocional de maior proporção, o pesquisador prestará atendimento psicológico no Centro de Pesquisa e Psicologia Aplicada - Dr.^a Betti Katzenstein.
- c) benefícios esperados: os resultados da pesquisa poderão contribuir com o avanço no entendimento psicológico do *bullying*, colaborando, conseqüentemente, com o desenvolvimento de estratégias de contenção e prevenção do mesmo.

IV. Liberdades/Garantias

O participante possui total liberdade para recusar-se a participar desta pesquisa ou de retirar o seu consentimento, a qualquer momento, sem penalização ou perjúrio ao

seu cuidado. O participante possui total liberdade de não participar de momentos que possam causar-lhe constrangimento de qualquer natureza.

V. Sigilo/Anonimato

A participação é sigilosa, ou seja, as informações prestadas são confidenciais e em hipótese alguma serão motivo de divulgação na mídia. Garantimos o sigilo das informações coletadas e o anonimato do participante. Respeitamos a privacidade do participante, mantendo em segredo as suas informações pessoais no decorrer da pesquisa e após a conclusão desta.

VI. Despesas/Indenização

Esta pesquisa não resultará em despesas ou ônus para o participante. No caso de eventual despesa ou dano, assumiremos a responsabilidade de ressarcimento e/ou indenização.

VII. Publicação

Informamos que o resultado final da pesquisa poderá ser publicado em revistas da área, colaborando, assim, na construção do conhecimento teórico-científico, na melhoria e na viabilização de atendimentos/tratamentos/atuação desta natureza.

CONSENTIMENTO

Eu, _____, RG: _____, abaixo assinado, representante legal de _____ concordo e autorizo-o a participar, como sujeito, da pesquisa “A face perversa da convivência escolar: uma exploração psicanalítico do *bullying*”. Fui devidamente informado(a) e esclarecido(a) pelo pesquisador(a) Vinícius Xavier Cintra Marangoni sobre a pesquisa, os procedimentos nela envolvidos, assim como os possíveis riscos e benefícios decorrentes da participação. Foi-me garantido, ainda, que posso retirar meu consentimento a qualquer momento, sem que isto leve a qualquer penalidade.

Declaro, ainda, que () concordo / () não concordo com a publicação dos resultados desta pesquisa, ciente da garantia quanto ao sigilo das informações pessoais e do anonimato.

Assis, ____ de _____ de _____.

Assinatura

Eu, Vinícius Xavier Cintra Marangoni, pesquisador responsável pelo estudo, obtive de forma voluntária o Consentimento Livre e Esclarecido do representante legal para a participação na pesquisa.

Assinatura do Pesquisador

ANEXO IV

TERMO DE ASSENTIMENTO

(Adolescentes em idade de 11 a 18 anos)

Você está sendo convidado a participar de uma pesquisa, conforme informações abaixo. Este termo foi elaborado em duas vias. Depois de lido, rubricado e assinado, uma via ficará com você e a outra via em poder do pesquisador responsável.

Título do Projeto: A face perversa da convivência escolar: uma exploração psicanalítica do *bullying*

Pesquisador responsável: Vinícius Xavier Cintra Marangoni

Local da Pesquisa: Escola Estadual Prof. Carlos Alberto de Oliveira

Endereço: Rua Dr. Luiz Pizza, 220. Centro - Assis - SP

O que significa assentimento?

O assentimento significa que você concorda em fazer parte de um grupo de adolescentes, da sua faixa de idade, para participar de uma pesquisa. Pode ser que este documento chamado TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO contenha palavras que você não entenda. Por favor, peça ao responsável pela pesquisa para explicar qualquer palavra ou informação que você não entenda claramente.

I - Pesquisa e procedimentos**Informação ao Participante**

O trabalho de pesquisa pode ser definido como um conjunto de atividades que tem por finalidade o desenvolvimento científico, visando a exploração e a descoberta de novos conhecimentos.

Esta pesquisa tem por objetivo investigar e compreender o *bullying* escolar, através da análise de informações coletadas entre alunos que estejam cursando o ensino fundamental II.

Para fazer esta pesquisa o pesquisador responsável estará explorando o conhecimento produzido por pesquisadores que o precederam na investigação do *bullying* e coletando informações junto aos próprios alunos que estejam cursando o ensino fundamental II.

Benefícios esperados: os resultados da pesquisa poderão contribuir com o avanço no entendimento psicológico do *bullying*, colaborando, conseqüentemente, com o desenvolvimento de estratégias de combate e prevenção do mesmo.

II - Sigilo/Anonimato

A participação é sigilosa, ou seja, as informações prestadas são confidenciais e em hipótese alguma serão motivo de divulgação na mídia. Garantimos o sigilo das informações coletadas e seu anonimato. Respeitamos a sua privacidade, mantendo em segredo as suas informações pessoais no decorrer da pesquisa e após a conclusão desta.

III- Liberdades/Garantias

A sua participação é voluntária. Caso você não deseje participar da pesquisa ou de qualquer uma das etapas que a envolvam não sofrerá nenhuma penalidade ou prejuízo de qualquer natureza. Caso você deseje desistir de participar da pesquisa após haver concordado, também não haverá nenhuma penalidade ou prejuízo.

IV – Procedimentos

Que devo fazer se eu concordar voluntariamente em participar da pesquisa?

Se você concordar em participar da pesquisa, você realizará os seguintes procedimentos:

- a) questionário: você responderá a um questionário sobre *bullying*, com duração aproximada de 10 minutos;
- b) desenhos: você realizará 4 desenhos e contará breves histórias sobre cada um, com duração aproximada de 15 minutos cada, totalizando 60 minutos;
- c) entrevista: você responderá a uma entrevista sobre *bullying* e temas associados, com duração aproximada de 60 minutos. A entrevista será gravada e transcrita como garantia de rigor científico;

Ao participar da pesquisa você poderá sentir-se desconfortável ao abordar questões relacionadas ao *bullying* e temas associados. Caso você vivencie um desconforto emocional de maior proporção, o pesquisador prestará atendimento psicológico no Centro de Pesquisa e Psicologia Aplicada - Dr.^a Betti Katzenstein - Unesp/Assis.

Se você ou os seus responsáveis tiver(em) dúvidas com relação ao estudo, direitos do participante, ou no caso de riscos relacionados ao estudo, você deve contatar o pesquisador responsável pelo estudo, pelo telefone (18) 98100-3283, pelo e-mail vxcmarangoni@gmail.com ou pelo endereço: Av. Dom Antônio, 2100. Parque Universitário - 19806-900 - Assis - SP.

Se você tiver dúvidas sobre seus direitos como um paciente de pesquisa, você pode contatar o Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos (CEP) da Faculdade de Ciências e Letras de Assis - UNESP, pelo telefone 3302-5607. O CEP é constituído por um grupo de profissionais de diversas áreas, com conhecimentos científicos e não científicos que realizam a revisão ética inicial e continuada da pesquisa para mantê-lo seguro e proteger seus direitos.

DECLARAÇÃO DE ASSENTIMENTO DO PARTICIPANTE

Eu li e discuti com o pesquisador responsável pelo presente estudo os detalhes descritos neste documento. Entendo que eu sou livre para aceitar ou recusar, e que posso interromper a minha participação a qualquer momento sem dar uma razão. Eu concordo que os dados coletados para o estudo sejam usados para o propósito acima descrito.

Eu entendi a informação apresentada neste TERMO DE ASSENTIMENTO. Eu tive a oportunidade para fazer perguntas e todas as minhas perguntas foram respondidas.

Eu receberei uma cópia assinada e datada deste TERMO DE ASSENTIMENTO.

Data: ____/____/____

Nome do Adolescente

Assinatura

Data: ____/____/____

Pesquisador Responsável

Assinatura

ANEXO V - ENTREVISTA PSICOLÓGICA SEMIESTRUTURADA

ALUNO A.

Pesquisador: Pode sentar aqui, por favor. Não conhecia essa sala?

A.: Eu conhecia já.

Pesquisador: Então, como a gente havia conversado aquele dia, fiquei de voltar essa semana pra gente poder dar continuidade. E o que é a continuidade? Nós vamos conversar um pouco sobre a sua vida familiar e a sua vida escolar e, provavelmente, nós vamos ter só essa conversa, talvez, conforme o tempo, se for necessário, eu volto outro dia e, no máximo a gente vai conversar mais uma vez. Depois eu vou retornar só depois de concluir meu trabalho para conversar com todos que participaram. É claro que sem identificar ninguém, como eu disse aquele dia na sala de aula. Assim como a nossa conversa aqui hoje, em que o sigilo é absoluto. Tudo bem? Então, eu gostaria que você contasse um pouco de você?

A.: É... Eu sou uma pessoa assim, que eu não sou nada normal, por causa que eu sou solitário, não gosto de conversar muito com os outros, eu gosto de conversar bastante só com a minha mãe, os meus amigos eu só tenho duas amigas, e um melhor amigo aqui na escola, eu tenho colegas dentro da sala, fora da escola eu tenho dois melhores amigos, eu tenho uma pessoa que só fica comigo, que anda comigo todo dia. Eu falo, toda vez, pra qualquer pessoa que conversa comigo que eu sou bipolar, que eu não sou uma pessoa muito normal pra ser amigo, por causa que eu sou meio, como é que fala?, todo mundo fica tirando sarro de mim por causa que eles dizem que eu sou psicopata, mas eu não sou. Ah, eu sou solitário mesmo, não é por causa que eu fico sozinho que eu sou psicopata. Mas, pelas ideias que eu converso, pelas coisas que eu converso eles acham que eu sou, mas.. eu não me acho. Mas eu, acho até legal, eu tenho bastante pessoas que eu converso, dentro da sala, tem bastante gente que eu não me dou bem, que eu não converso muito também. Aqui na escola tem bastante gente que eu sou amigo que é da diretoria, essas coisas. Eu converso bastante com a minha irmã sobre falta, essas coisas de repetir de ano, por causa que ela já passou por isso, ela terminou a faculdade ano passado. Daí eu converso bastante sobre isso com ela. É isso. Eu sou isso.

Pesquisador: Você disse que você não é uma pessoa muito normal. Você se sente muito diferente dos outros?

A.: Sim. Eu me acho muito diferente dos outros por causa dos meus pensamentos. Das minhas coisas que vem na minha cabeça. Eu não comento isso com ninguém por causa que, ... eu já passei por 4 psicólogos, nenhum descobriu o que eu que tinha, mas... Eu, eu, eu mesmo descobri que eu sou bipolar, por causa que tem hora que eu tô feliz, tem hora que eu to bravo, tem hora que eu to triste, tem hora que... e daí teve uma vez eu passei por um psicólogo que ele disse que eu tinha depressão, mas eu não tinha depressão, por causa que depressão é um modo muito ruim de tratar a coisa que. Mas eu nunca fui dessas coisas de ser depressivo, essas coisas, mas eu sou sozinho, eu gosto de levar minha vida sozinho, por causa que sozinho as coisas é bem melhor.

Pesquisador: Você disse que nos seus pensamentos, por conta dos seus pensamentos que você se sente diferente dos outros. Que pensamentos são esses?

A.: Ah, eu tenho pensamentos, de eu seguir minha vida. Eu quero ser dono de empresa, essas coisas. Eu fico pensando essas coisas alto, daí os outros ficam colocando na minha cabeça que eu não vou conseguir, que eu não vou, mas tudo tem um tempo na vida, então, se eu mesmo, porque o pai do meu amigo, ele, ele nunca, ele só estudou até o 3º colegial, agora ele é dono de uma firma, ele tem todas as coisas que ele quer, agora. Eu quero ser desse jeito, eu quero ter a minha firma, eu quero ter as minhas coisas, mas eu não quero depender dos outros pra isso, eu quero ser eu pra mim mesmo.

Pesquisador: E o que você gostaria de ter?

A.: Eu gostaria de ser dono de uma bioquímica.

Pesquisador: Entendi. Mas assim, eu vejo que quando você chegar lá, você vai poder realizar algumas coisas na vida que hoje talvez você não possa. O que seria?

A.: Olha, eu tenho muita vontade de descobrir a cura pra alguma doença muito rara. Que ninguém, tipo, começou a voltar, a pouco tempo, todo mundo tá tendo, que nem a dengue, o câncer, que eles descobriram uma pílula só que não sabe se é verdade, se funciona, mas eu quero ter, eu quero fazer isso, por causa que, se eu descobrir, vai ser uma revolução pro mundo, não vai ser uma coisa que só vai ser pra mim, mas todo mundo vai querer. Então, e eu penso nisso, por causa que, eu não penso também só no trabalho, eu penso no dinheiro, eu sempre falo que eu quero escolher uma profissão que dê dinheiro, que eu tenha renda, essas coisas, pra mim conseguir

ter as minhas coisas, pagar as minhas conta, mas que sobre bastante dinheiro pra mim fazer as coisas que eu gosto.

Pesquisador: O que você gosta? O que você faria com esse dinheiro?

A.: Eu investiria também esse dinheiro. Ah, eu compraria uma casa, um carro. Eu gastaria saindo com os meus amigos, indo, indo, festejar, fazer as coisas, por causa que eu não sou uma pessoa que gosta de ficar em casa, eu gosto de sair, andar, fazer as coisas, eu gosto de festa.

Pesquisador: Entendi. Você queria poder ter condições de viajar, de ir pra uma festa, de curtir com seus amigos.

A.: Sim. Eu sempre penso assim. No futuro, porque esse ano eu vou começar a fazer os cursos da legião mirim. Daí eu vou esperar, ano que vem eu já posso começar a trabalhar, eu vou começar guardando dinheiro, porque quando eu fizer 18 a primeira coisa que eu quero fazer e ir num, é num festival que tem, que chama *tomorrowland*. Eles dizem que só vai drogado, essas coisas, mas é mentira por causa que, como eu vou explicar pras pessoas o que é? É uma coisa diferente. Eu quero ir pra conhecer, eu quero conhecer outras coisas.

Pesquisador: Paquerar também?

A.: Ah, eu não penso muito nessas coisas de namoro, paquerar, essas coisas, por causa que eu penso que se eu namorar eu vou tá estragando minha vida, porque além de eu namorar, depois se a pessoa larga de mim eu vou ficar com fama de... de pessoa, como é que fala?, de corno, essas coisas, então eu prefiro ser na minha, ser solteiro pro resto da vida.

Pesquisador: Entendi. Você falou essa questão de uma cura, de uma doença, eu fiquei aqui me perguntando, porque antes disso você falou que passou em muitos psicólogos. Se você pudesse curar uma coisa em você mesmo, o que você curaria?

A.: Eu curaria minha mentalidade.

Pesquisador: O que, por exemplo?

A.: Minha mentalidade é muito além do que eu tenho, a idade. A minha idade mental é muito além da idade que eu tenho. Eu penso coisa que não era pra mim tá pensando, ainda.

Pesquisador: Por exemplo?

A.: Eu penso muito no meu futuro, sabe? Tipo, de querer trabalhar, essas coisas, de querer ter o meu dinheiro pra sair logo de casa. Eu penso..., teve uma época que eu

tava pensando em sair de casa, por causa que eu queria, porque queria trabalhar, porque eu queria ter meu dinheiro pra não aguentar mais meu pai ficar falando que ele que paga as coisas pra mim.

Pesquisador: Eu tô com a sensação que hoje, o seu presente, a vida de hoje, como você leva, ela te sufoca um pouco. Que você tá vendo no futuro uma possibilidade de ser mais livre, vamos dizer assim.

A.: Ser mais livre. Porque lá em casa, as coisas são assim: é por causa que, lá em casa a gente é evangélico e eu não gosto de ir pra igreja, mas minha mãe e meu pai vão, eles me forçam a ir pra igreja, mas eu não gosto. Eu falo toda vez que eu não vou, daí tem vez que eu vou, tem vez que eu não vou. Quando eu quero eu vou, quando eu não quero eu não vou. E na minha igreja tem uma coisa assim que você não pode sair, não pode beber, não pode fazer nada. Já, todos os meus amigos, eles bebem, eles fumam, mas uma coisa que eu nunca senti vontade de fazer, foi fumar, usar droga, essas coisas, mas sair pra beber, essas coisas, eu tenho vontade, mas eu sei que não tá na idade, só que todos os meus amigos tem menos de 18 e todos eles bebem.

Pesquisador: Você tá com quantos anos?

A.: Tô com 14.

Pesquisador: 14, certo.

A.: Daí eu penso assim, que eu queria ir antes dos 18 neste festival que tem, só que não pode, por causa que tem que ser maior de 18 pra, pra, entrar lá dentro.. tem muita bebida, tem muitas coisas.

Pesquisador: Entendi. Lá no tomorrowland. Você disse que é uma pessoa solitária, que você gosta de ser solitário. Eu fico com a impressão de que se talvez você encontrasse alguém mais parecido com você, talvez você... Porque você diz assim, 'olha, eu sou diferente do outro porque eu tô muito a frente, eu penso em outras coisas que hoje as pessoas não pensam", mas me parece que isso faz você se sentir sozinho, "não tenho alguém que divida comigo as mesmas coisas que eu penso".

A.: É, eu acho que, essa pessoa, se eu encontrasse, do mesmo jeito eu gostaria de ficar sozinho, porque eu gosto de ser na minha mesmo. Eu nunca mexi com ninguém, tanto que quando eu... porque eu sofro bastante *bullying* aqui na escola. Todo mundo fica me xingando, essas coisas, e eu nunca precisei de ninguém pra

isso. Minha mãe e meu pai nunca eles participaram, minha mãe participou bastante da minha vida, nas coisas, mas quem cuidou mais de mim, foi minha irmã, por causa que quando minha mãe ia trabalhar, as vezes ela me levava, as vezes a minha irmã cuidava de mim. Daí, eu prefiro ficar sozinho mesmo, por causa a minha vida, eu percebo que é feliz. Que eu sou feliz sozinho. Mas que eu gostaria de ter amigos, tipo, pessoas de outra classe. Sem ser da mesma classe social que eu.

Pesquisador: Entendi. Você pensou em alguém fora da escola. O que representa esse "outra classe social"? Por que você tem essa expectativa?

A.: Outra classe social, pra mim, eu penso em pessoas bem de vida. Eu sou amigo de bastante gente aqui de Assis que é bem de vida, mas com essas pessoas eu me sinto feliz, eu converso bastante coisas com elas, só que elas pensam um modo além, elas pensam em tudo certo, elas não pensam em coisa errada. Elas não são de ficar escutando essas músicas, "virar ladrão", essas coisas. Na minha sala tem um monte de gente que usa droga, e eles não contam pro pai deles, então eu prefiro viver com uma classe social que eles sabem que droga é ruim tal, essas coisas, do que viver com uma classe social igual a minha, que usa droga.

Pesquisador: Entendi. Você falou uma classe social que tem mais condições financeiras. Quer dizer, essa..., já até te perguntei isso, mas ainda não ficou claro pra mim, essa questão de ter um recurso. Hoje você sente falta de ter coisas materiais?

A.: Pra mim, eu, pra mim mesmo, eu sinto falta do dinheiro na minha vida, por causa que, minha mãe e meu pai, eles ficaram desempregados por um tempo, mas quando meu pai tava bem empregado, que ele ganhava bastante, ele me dava tudo. Então, eu sempre fui acostumado a ter as coisas mais cara, todas essas coisas, e agora que a gente, a minha mãe tava desempregada, agora ela efetivou. Daí meu pai ele tá agora em outro serviço, porque ele foi mandado embora, daí agora eu tô tendo sempre as mesmas coisas, eu ganho do mesmo jeito, mas só que é duro, ter que, ver o que eles tão passando e eu não poder ajudar, com eu mesmo, comprar as coisas pra mim. Então, eu sinto muito falta do dinheiro, nessas horas.

Pesquisador: Entendi. Pensando na possibilidade que hoje, vamos supor, você começa a ganhar por mês 5000,00 R\$. Onde você gastaria esse dinheiro? O que você faria?

A.: Eu guardaria um tanto de dinheiro, o resto eu gastaria com todas as coisas que eu sempre senti vontade na minha vida.

Pesquisador: Hum.

A.: Dá um do bom e do melhor, pra mim, ter tudo, tipo, eu saio, eu posso comprar, pagar alguma coisa pros outros. Não gastar só comigo, e poder dar festa, essas coisas. Nas(/) todos esses aniversários que eu já tive, eles sempre foram mais pra família, pra essas coisas, quando, eu acho que foi cinco aniversários que eu tive que foi pros meus amigos mesmo, que eu pude chamar bastante gente. Só que quando eu era pequeno eu percebi que as festas ficavam caras, daí eu mudei meu pensamento. Eu falei: eu quero uma coisa mais caseira, ficar em casa, com os familiares mesmo. Daí eu mudei, mas no futuro eu quero ter festa que todo mundo vai lembrar das festa, essas coisa. Então, é falta do dinheiro mesmo na vida que faz isso.

Pesquisador: Muito bem. E questão assim, você disse inicialmente, "eu sou muito sozinho" e "em casa eu converso muito com a minha mãe", enfim. Conta um pouco lá de casa, como é que é em casa?

A.: Ah, lá em casa é normal, eu fico, a tarde eu fico sozinho, por causa que minha irmã ela vai trabalhar, ela faz unha, por causa que ela não conseguiu pegar aula esse ano, mas ela vai fazer o mestrado dela.

Pesquisador: Sua irmã é professora?

A.: Minha irmã é, como é que fala?, terminou faculdade de biologia, fez lá na Unesp, agora ela tá fazendo o mestrado dela, vai fazer a prova semana que vem. Minha mãe, ela trabalha, ela dá aula pras crianças à tarde, então eu venho cedo pra escola, daí ela tá em casa cedo. Daí na hora que eu já chego, minha mãe já foi. Meu pai ele vai 1 e meia trabalhar, porque cedo eu também não vejo ele, eu não vejo ele a tarde inteira, ele só volta 5 e 40, e minha mãe também. Minha irmã, ela volta um pouco antes, ela fica em casa até 3 horas. 3 horas ela vai trabalhar e ela volta por meio das 4, 4 e meia. Daí eu fico em casa, ou assistindo filme, ou jogando com(/), ou eu saio pra rua pra conversar com meu amigo Felipe que mora perto de casa, ah ou eu ando, fico andando de bicicleta sem... Daí eu volto pra casa, fico em casa conversando no celular, mexendo, e tem hora que eu durmo, que eu fico muito cansado, eu durmo e é isso que acontece.

Pesquisador: Se fica mais sozinho, então?

A.: É. Eu gosto de ficar sozinho mesmo, né?

Pesquisador: Mas e a relação dos seus pais. Entre eles?

A.: Ah, minha mãe, por causa, tava acontecendo uns negócios que minha mãe tava conversando com outras pessoas no celular, daí meu pai agora ele tá sempre pegando no pé dela. Eles, eles, eu não sei o que tá acontecendo que eles tão brigando muito esses tempo. E isso, eu já percebi que não faz bem pra mim. Eu já falei que eu não gosto, eles pararam. Daí, eu só penso assim, que eles tinham que pensar, que, eles tem que pensar em mim, e na minha irmã, invés de pensar só neles. Que eles vão estragar a nossa vida fazendo isso, do que estragar a deles.

Pesquisador: Fazendo o quê?

A.: Ah, eles separarem, essas coisas. Mas eu nem tenho medo deles se separarem, por causa que, eu penso assim, eu falo pra todo mundo, que minha família é unida, que sempre elas fazem as coisas juntas, só que a minha família pra mim ela é perfeita, pros outros, tem um monte de amigo meu que os pais são separados, que eles convivem mais com a mãe do que com o pai. Então? Então eu prefiro ficar com o pai e com a mãe, eles juntos, do que eles separados e eu ter que viver, escolher um dos dois pra ir morar.

Pesquisador: Então você, quer dizer, quando você percebeu que eles tavam pensando em se separar você chegou a falar pra eles que isso ia fazer mal pra você, pra sua irmã...

A.: Sim. Eu falo bastante isso com a minha mãe. Eu falo que eu gosto muito dela, que eu, que se fosse pra escolher eu não escolheria nenhum dos dois pra ir morar, por causa que, se fosse pra deixar um triste e outro feliz eu preferia ficar sem ninguém e ir morar com a minha avó. Mas eu não quero que aconteça isso, por causa que, eu penso(/) lá em casa eu sempre convivi com todos, então imagina você se separar de uma pessoa que você sempre conviveu, que você sempre falou pros outros que, bem, da pessoa. Isso vai ser muito triste, pras pessoas descobrirem que sua família tá se deteriorando.

Pesquisador: Quer dizer, e essa, como você chamou, a "família se deteriorando", você sente esse peso na suas costas, né?

A.: Sim. Eu fico muito triste, eu penso. Tem vez que eu penso até em., ai, acabar com a minha vida por causa dessas coisas, por causa que, eu falo sempre pra minha mãe que, se ela morrer, eu, eu também não vou ficar vivendo, por causa que

ela é a única pessoa que faz eu feliz, ela é a única pessoa que faz eu vim pra escola, que faz essas coisas. E quando ela chega tarde, toda vez ela pergunta como foi meu dia na escola, como foi as coisas, eu também pergunto pra ela. Então, ela é a única pessoa que eu me abro mesmo. Que eu converso bastante com ela.

Pesquisador: Sua mãe te acolhe, ela te dá esse conforto.

A.: Sim. Ela me protege toda vez que meu pai, ele quer me bater, essas coisas. Ela sempre entra na frente e bate com o pé, pra ele parar, por causa que, a minha mãe sabe, ela me conhece bem, ela sabe que eu não gosto. E(/).

Pesquisador: Que você não gosta de...?

A.: De apanhar, essas coisas. Mas quando meu pai me bate, eu falo pra ele que é bom ele bater mesmo, por causa que dá próxima vez eu vou chama(/) eu vou abrir um boletim de ocorrência. Mas ele diz que se eu abrir um boletim de ocorrência, ele, ele vai falar pra polícia que pode me levar pra casa abrigo. Mas é diferente, é ele que vai ser intimado, alguma coisa assim.

Pesquisador: Eu vejo que as vezes você se desentende com seu pai, ainda não entendi o porquê, quero que você me conte também. Mas nesses desentendimentos você sente a proteção da sua mãe?

A.: Sim.

Pesquisador: O que acontece pra você se desentender com seu pai?

A.: As vezes é por coisa boba. Eu falo que eu não quero lavar a louça, ele já vem pra cima de mim, porque ele fala que ele vai lavar a louça então, por causa que, a louça é a única coisa que eu faço em casa, por causa que eu sempre fui criado, eu falo pra todo mundo que eu sou mimado, por causa que desde de pequeno eu sempre ganhava as coisas, tudo o que eu queria, tudo o que eu queria. Então(/)

Pesquisador: Do seu pai, da sua mãe?

A.: De todo mundo. Só que da minha família da parte da minha mãe, ela tem 5 irmãs, da parte, 4 irmãs e 1 irmão. Da parte deles, eles nunca me trataram bem, por causa que sempre foi a querida da minha prima, ela nasceu depois de mim, todo mundo, todo mundo ficou em cima dela, eu sinto que eu sou sozinho por causa dessas coisas que acontece. Eu, sempre penso, se eles tivessem me mimado bastante, eu não seria a pessoa que eu sou, que nem eu sou hoje, que eu tenho mente aberta. Eu seria igual minha prima. Minha prima, ela é mimada, tudo o que ela quer ela ganha. Ela ganha no grito, no choro. Ela ganha todas essas coisas. E eu

sempre pensei assim: eu não vou ser igual ela, mas eu sempre chorei quando eu via ela ganhando as coisa, ela... Eu via que ela recebia mais carinho da minha família, que é das irmãs da minha mãe, eu sempre percebi que ela sempre recebeu mais carinho do que eu, só que tem uma prima minha, que é filha da minha tia M. H., ela já tem 25, quase 30 anos. Ela sempre andou comigo, ela gosta bastante de mim. Quando essa minha prima M. E., que ela nasceu depois de mim, ela, ela, toda/ teve uma vez que a M. E. falou assim pra mim: que ninguém gostava de mim, daí minha prima F., ela foi falar com a M. E., ela brigou com a M. E., por causa que a minha prima M. E. tinha falado isso, e não é verdade, por causa que eu sei que minha família gosta de mim, só que não é do mesmo jeito que gostam dela. Então, eu fico muito triste por causa disso. Minha mãe não, ela, ela até protege minha prima. Só que meu pai não gosta muito dela, nem minha irmã. Por causa que ela sempre foi queridinha da família, eu sempre fui o solto, o largado, essas coisas.

Pesquisador: Você está me dizendo que não se sente tão amado, em comparação com sua prima, você não se sente tão amado pelos seus pais, quanto a sua prima é amada pelos pais dela? É isso?

A.: Sim.

Pesquisador: Quer dizer, é um sentimento assim: puxa, eles poderiam me dar mais carinho, mais amor, atenção! Eu fico muito sozinho!?

A.: Sim.

Pesquisador: Entendi. E, voltando na questão do desentendimento que você teve com o seu pai, né?! Você disse que um exemplo foi a questão da louça. E aí você falava assim: se a minha mãe morrer, por exemplo, eu morro junto. Quer dizer, mas você teria ainda seu pai, sua irmã, mesmo assim você não sente/

A.: Mesmo assim eu não me sentiria feliz. Tipo, eu conversaria antes com a minha irmã, pra falar pra ela que eu iria fazer aquilo, porque eu não queria mais viver, por que eu queria ir junto com a mãe, porque, porque se a minha mãe morrer eu sei que eu vou chorar bastante, que eu não vou ter mais sentido da vida pra mim. Quase que a minha mãe é a única pessoa que faz eu lutar, por conta de todas essas coisas que acontece.

Pesquisador: Por exemplo?

A.: Ai, as vezes, é, quando eu sofro *bullying* aqui na escola, ela sempre vem, por causa que ela quer saber o que está acontecendo. Das outras vezes, todas essas

vezes que aconteceu, minha mãe sempre veio, teve só uma vez no 6º ano, que eu apanhei por causa de *bullying* também, que, o menino chutou eu, daí eu levei suspensão por causa do menino, não queria contar pra minha mãe, porque ela disse que se eu levasse suspensão ela ficaria muito triste comigo. Mas eu levei suspensão não foi nem por causa de mim, foi por causa do moleque ter batido em mim. Então, eu não tinha nada a ver, por que eu tinha que levar suspensão? Então, eu não contei pra ela. Daí, eu tive que fingir que eu vim pra escola. Daí, eu vim, eu fiquei na avenida até dar a hora de eu sair da escola, porque ela trabalhava até aqui em cima, era uma época que ela trabalhava ali em cima numa clínica. Daí ela foi mandada embora. Antes disso, quando, nesse dia que eu tinha levado suspensão, eu subi lá, daí no outro dia ligaram lá na clínica pra ela, falaram que eu tinha levado suspensão, e que ela não tinha comparecido na escola pra assinar.

Pesquisador: Então, não teve como você, vamos dizer assim, você não queria contar pra ela, mas ela acabou ficou sabendo.

A.: Mas ela acabou ficando sabendo. E ela ficou muito brava comigo, ela ficou triste, ela falou que se eu tivesse contado pra ela, ela não me deixaria de castigo. Então, minha mãe sempre colocou mais freio na minha, como é que fala?, na minha *mimadisse*. Sempre ela nunca deixou meu pai comprar as coisas pra mim. Ela sempre colocava um freio. Por causa que quando, eu sempre quis um tênis, não sei se você sabe, dentro do shopping tem uma loja que chama *Ts*.

Pesquisador: Não. Não conheço.

A.: Então, eu sempre, eu sempre senti vontade de comprar tênis de lá, porque eu via todo mundo comprando. Daí eu falei pro meu pai: __ eu quero um tênis. Daí ele falou: __ vai lá escolher. Daí eu fui lá, eu fui em várias lojas, escolher. Minha mãe queria comprar um tênis pra mim de 100,00 R\$. Eu não, eu queria da *Ts*, de 250,00 R\$. Meu pai foi lá, ele percebeu que eu tava ficando ruim por causa do tênis, ele foi lá, mandou minha mãe comprar o tênis pra mim. Ela foi lá, passou cartão, tudo bem, comprou o tênis. Ela falou pra mim assim que com esse dinheiro dava pra mim fazer um monte de coisas.

Pesquisador: Mas me diz uma coisa. Você disse que quando você sofreu bullying a sua mãe veio até a escola. Se a sua mãe não tivesse aqui, ela não viria. Minha pergunta é: você teme ficar assim indefeso, sem a presença da sua mãe? Você

teme ficar vulnerável "puxa, se minha mãe não tiver aqui, quem vai me ajudar? É com ela que eu conto!"

A.: Sim. Eu penso nisso, eu penso também na solidão que eu vou ficar, por causa que eu converso bastante com a minha mãe, eu deito com ela, daí toda vez que eu penso que ela pode morrer eu penso em mim sozinho, que eu não vou mais poder tá abraçando ela. E toda vez que eu penso isso, eu choro bastante, mas eu sei que todo mundo vai morrer na vida, mas eu queria que fosse eterno.

Pesquisador: Mas se fala assim, se deita com ela antes de você dormir, ela te faz companhia?

A.: Sim, de vez em quando só. Eu deito um pouco com ela até dar a hora do meu pai chegar, que ele chega 10 horas. Daí eu fico com ela até 10 horas, deitado, ou eu fico sozinho assistindo filme. Daí eu fico, daí só de vez em quando eu chego perto dela eu choro junto com ela, porque eu falo pra ela que toda vez, que se ela morrer eu não vou mais, eu vou sentir muita falta dela. Ela sempre fala pra mim, que se ela morrer é um projeto da vida, que se, que tudo acon(!!) tem seu tempo.

Pesquisador: Vejo que você tem muito medo de perder sua mãe.

A.: Sim.

Pesquisador: E o que seria perder sua mãe?

A.: Seria acabar a vida mesmo pra mim. Eu não teria mais vida. Eu não teria mais vontade de viver, eu não teria mais vontade de nada. Eu acho que eu ficaria sozinho.

Pesquisador: A sua mãe completa um pouco o seu mundo, né?! Você diz que se sente muito sozinho, mas eu vejo que ela é alguém que diminui esse sentimento de solidão. Digamos, se não existisse ela quem vai completar?

A.: Quem vai completar minha vida? É isso mesmo.

Pesquisador: Fico tentando entender o porquê desse medo de perder sua mãe. Ela tem alguma doença?

A.: Não. Não tem nada, só que eu tenho muito medo, porque todo mundo morre na vida. Só que eu tenho medo de chegar uma época que ela vai morrer. Quando ela fica doente mesmo, eu fico muito(!) eu fico pensando, vai que a imunidade dela cai muito e ela fica doente de verdade e morre. Eu coloco sempre na minha cabeça que eu tenho sempre que ajudar minha mãe pra ela não ficar doente, essas coisas.

Pesquisador: Por isso que as vezes você não quer preocupar ela, tenta poupar ela de algumas preocupações?

A.: Sim.

Pesquisador: Certo. E a questão da separação? Eu vejo que isso te preocupa também, né? Eles pensaram nisso, você comentou que eles tavam brigando.

A.: Comentei. Só que, agora eles tão até melhores, foi só um tem(/) eu acho que foi só uma época que eles começaram a ficar desse jeito. Faz 1, eu acho que 1 mês. Agora eles não tão mais desse jeito, mas eu prefiro que continue desse jeito que tá agora, porque daí eu me sinto mais feliz, essas coisas.

Pesquisador: Mas o que eu quero te perguntar é o seguinte: a separação, você tem medo de, em função da separação, ficar longe da sua mãe?

A.: Não, por causa que se for pra escolher alguém, eu, é claro que eu vou escolher minha mãe. Por causa que ela é a única pessoa que sempre conviveu comigo e sabe que eu sofro mesmo.

Pesquisador: Entendi. Então, não é por conta da separação esse medo?

A.: Não. É por causa de tudo mesmo. Se(/) vai acabar, vai deteriorar mesmo, minha família. Daí não vai ter mais as coisas como sempre. Tipo, quando a gente for sair, não vai ter mais 4 pessoas, vai ter só 3, ou 2 pessoas.

Pesquisador: Entendi. Quer dizer, a família vai...

A.: Se vai acabar convivendo mais com uma pessoa do que com a outra. Você(/) uma pessoa que você tem(/) sempre tá convivendo no dia a dia, você não vai mais ver aquela pessoa andando todo dia pela sua casa. Eu penso isso.

Pesquisador: Certo. Realmente a família dá um sentimento de estar amparado, né? De ter alguém com quem contar. Eu vejo que você tem muito isso com a sua mãe. E aqui na escola? Você sempre estudou aqui, você vem de outra escola?

A.: Eu sempre estudei aqui.

Pesquisador: Desde a...

A.: Não, eu estudo aqui desde o 6º ano, por causa que no 5º, no 4º, no 3º e no 2º ano eu estudei no João Mendes. No meu 1º ano eu estudei na Concha, eu estudei um ano só na Concha. E os outros anos, anteriores, que era jardim, essas coisas, eu sempre estudei ali no Darcy Ribeiro, perto da minha casa.

Pesquisador: Então você já passou por algumas escolas. E como é que foi essa mudança. Você que quis mudar, teve alguma coisa que levou você a mudar?

A.: Não. Foi porque tava acabando mesmo. Eu sempre estudei desde pequeno no Darcy aí começou acabar as séries, não tinha mais aquelas séries. Daí eu fui pra Concha. Eu fiquei um ano lá, por causa que eu não gostei do método que eles usavam lá. Mas até que naquela época minha irmã estudava no ETEC. Daí, ela até me deu aula um tempo de espanhol, com os amigos dela, essas coisas. Então, toda vez que eu ia pra lá, eu tinha que ir com a minha irmã de bicicleta, bem cedinho. Então, eu preferia estudar a tarde mesmo. Daí eu falei pra minha mãe que eu queria mudar por causa que eu não aguentava, porque era muito cansativo pra mim. Daí eu fui pro João Mendes, eu fiquei lá até o 5º ano, daí depois do 5º ano eu vim pra cá. Daí todos esses anos eu tô aqui, até eu vou fazer o 9º, até o final aqui. Daí 1º, 2º e 3º eu quero fazer igual minha irmã, eu quero ir lá pro ETEC.

Pesquisador: Ah, certo. Então, você está planejando mudar o ano que vem pra lá. Você disse que aqui na escola você sofre muito bullying. Como que é isso? Conta um pouco pra mim entender.

A.: Ah, eu sofro *bullying*, por causa que, que nem eu te falei no começo, que eu sou uma pessoa diferente. Todo mundo tira sarro de mim, porque eles falam que eu sou homossexual. Daí, e eu, e eu, e eu não gosto de ficar falando essas coisas pros outros, por causa que elas não tem nada a ver com a minha vida. Porque se eu quisesse ser aquilo eu sou, se eu não quiser eu também não sou. Se eu quiser ser uma pessoa solitária, que não gosta de nada, eu vou ser. Então, eu penso assim: que se eu sofro *bullying* é por causa das atitudes das pessoas, é porque as pessoas usam o *bullying* como uma defe(/) uma arma pra te atingir, pra você ficar cada vez mais triste, aflito, essas coisas. Então, essas pessoas tinham que abrir a mente delas pra pensar: imagina se tivesse acontecendo com elas?

Pesquisador: Entendi. Uma dúvida. Você fala essa questão do diferente, "sou uma pessoa diferente". Esse "diferente" tem a ver com essa questão de ser homossexual, ou não?

A.: Não, eu penso que eu sou diferente mesmo assim, por causa que eu sou diferente das outras pessoas, tipo, eu não gosto das mesmas coisas que eles gostam. Tem gente que gosta de escutar música, não gosto.

Pesquisador: Como é, você fala assim "eu sofro bullying". O que eles fazem?

A.: Ah, eles ficam me xingando bastante, eles ficam me excluindo.

Pesquisador: Apelidos?

A.: É, eles colocam bastante apelido.

Pesquisador: Do que eles te chamam?

A.: Eles me chamam de veado, essas coisas. E eu não gosto, por causa que também, eu sou uma pessoa que eu apoio os LGBT, por causa que todo mundo fala que é uma coisa que Deus não aceita, mas se Deus não aceitasse, Deus já teria tirado do mundo. Então eu penso assim: eu tenho bastante amigos que são desse jeito e eles sofrem muito *bullying* por causa dessas coisas.

Pesquisador: Então é mais apelido? Xingamento?

A.: Teve uma vez, que eu acho que foi até no João Mendes, que eu apanhei por causa disso. Porque eles ficaram me chamando de veado e eu contestei, falei que eu não era, tudo(/) Daí eu apanhei. Daí minha mãe teve que ir na escola, minha mãe achou que tinha sido eu que tinha provocado, mas não. Daí a diretora(/) todas as escolas que eu passei, nenhuma diretora, ela nunca ajudou eu, ela sempre quis que minha mãe fosse na escola, pra ver(/) Eu vejo os professores como pessoas que querem ferrar a gente na vida. Todos, todos os professores eu sempre vi isso, só que esse ano tem alguns professores que eu vejo que eles querem ajudar a gente, que eles não querem que a gente repita de ano. Então, eu sempre converso com os meus professores, que eu não quero o mal deles, que eu sempre quero o bem, que eu quero, que eu quero estudar e tirar notas boas, só que tem professores que tiram nosso(/) que tiram nossa vontade de estudar. Professores que falam pra gente que a gente não vai conseguir na vida, que a gente não vai conseguir aquilo. E eu sempre contesto, falando que eu vou conseguir, que quando eu conseguir eu quero mostrar pra eles que eu consegui.

Pesquisador: Conta pra mim uma situação que você vivenciou uma experiência de bullying que foi muito marcante.

A.: Quando eu fui pra avenida junto com os meus amigos.

Pesquisador: Aqui da escola?

A.: Tem uma pessoa só aqui da escola que foi e o resto eram meus amigos, eram um amigo meu da rua, a prima dele e os outros amigos da prima dele. Daí, eu fui até a catedral, eu vim até a catedral com eles, lá de casa, a pé. Daí eu, eu comecei a perceber que tava ficando meio tenso, o local, as coisas, eu falei: eu quero ir embora. Daí eu liguei pra minha mãe, minha mãe veio me buscar. Mas antes disso, tinha acontecido, que eu subi até a praça Arlindo Luz, que é ali em cima, eu, eu

sentei lá e eu fiquei chorando, por causa que, tem um amigo meu que chama B., que é esse que a prima dele foi junto. Eu chorei por causa dele, porque ele queria ficar com uma menina que ela não era uma pessoa boa, ela era, sabe essas meninas que todo mundo fala que é piriguete, essas coisas? Era a mesma coisa que eles falavam. E ele queria ficar com ela. E eu falei: é melhor você não ficar, eu tenho certeza que você tem melhor coisa pra sua vida do que ficar com essas pessoas. Daí eu chorei por causa disso, daí todo mundo viu. E todo mundo ficou tirando sarro, falando que eu era namorado dele, essas coisas. E eles sabem que eu não sou desse jeito.

Pesquisador: Então, esse dia eles ficaram tirando sarro pelo fato de você ter chorado. Então, foi fora da escola?

A.: Sim.

Pesquisador: Aí você pediu pra sua mãe te buscar. Você contou pra ela o que aconteceu?

A.: Não contei. Eu falei pra ela que era só pra ela me buscar, porque eu tava muito cansado, não queria voltar a pé. Daí ela foi me buscar.

Pesquisador: E aqui na escola?

A.: Ah, aqui na escola, *bullying* assim de eu sofrer, deu(/) que foi uma coisa que marcou, não teve nada, por causa que eu já tô acostumado, desde pequeno eu sempre sofri *bullying* sobre essa coisa de ser homossexual. Então, eu já aprendi a lidar com essas coisas de *bullying*, das pessoas ficarem falando. Eu relevo, tudo que eles falam eu relevo.

Pesquisador: Como que você lida? Que dizer, você diz que sempre sofreu, ao longo desse período como é que você...?

A.: Ah, eu sempre fiquei quieto, eu nunca, eu nunca passei por cima. Eu sempre levei pra diretoria, mas nunca aconteceu nada. Porque agora a D. S. que é a Diretora, mas nas épocas que era a D. A., ela não fazia nada. A D. S. eu vejo que(/), porque ela é minha amiga, ela conversa comigo, sobre as coisas, se eu tô indo bem, essas coisas. Então eu percebo que ela tem uma preocupação comigo. Então eu conto tudo pra ela, e quando eu preciso dessas coisas de ajudar contra o *bullying*, essas coisas, eu falo pra ela, então ela chama as pessoas, chama os pais e conversa, fala que tá fazendo isso, isso e isso. Porque esses tempos eu tenho sofrido *bullying* de terem roubado meu estojo, roubaram, sumiu, dentro da sala, e foi

a mesma pessoa. Então, o pai e a mãe não sabe o que fazer mais com o filho, porque o filho já foi tantas vezes pra diretoria que não tem mais o que fazer.

Pesquisador: Então a forma como você encontrou de lidar com isso, foi procurar uma pessoa adulta, a diretoria, enfim, em geral se fazia isso?

A.: Sim.

Pesquisador: E sua mãe, como ela reagia?

A.: Eu não conto muito essas coisas que acontece na escola pra minha mãe, por causa que eu sei que eu vou deixar ela bastante preocupada, então daí eu não conto todas as coisas que eu faço na escola pra ela. Eu falo pra todo mundo que eu sou bipolar, que nem eu te falei no começo que, dentro da escola eu sou uma pessoa, fora eu sou totalmente outra.

Pesquisador: Que você vê de diferente?

A.: Na escola eu sou bem triste, fechado. Na minha casa, fora da escola, essas coisa, quando eu saio do portão, eu já sinto, eu sou mais feliz, por causa que dentro da escola eu penso assim: é uma prisão. Pra gente a escola é uma prisão. Não pra gente, eu não acho que a escola é uma prisão, mas pra todo mundo acha que é uma prisão. Eu acho que a escola tinha que ser mais liberta, as pessoas podiam fazer, não o que quisesse, mas ter umas regras que os alunos também quisesse. Se a escolas não fosse pintadas as janelas seriam bem melhor, as pessoas não sentiriam como se elas tivessem presas dentro da escola. Que não tivesse essas grades, essas coisas. A gente seria mais livre se o vidro da porta não fosse pintado, todas essas coisas. Se quando a gente fizesse alguma coisa de errada a gente não seria culpado, essas coisas, a gente chamaria os pais, tudo, mas que conversasse primeiro com o aluno, essas coisas, pra saber o que eles sentem com isso.

Pesquisador: Você sente que os momentos que você vivenciou, você foi vítima de bullying, a escola não te ouviu?

A.: Sim, eu senti como se eu tivesse preso dentro de mim mesmo.

Pesquisador: Como assim?

A.: Como se o que eu quisesse falar não saísse, como se tivesse guardado lá dentro, como se não conseguisse sair pra falar pros outros.

Pesquisador: O que você gostaria de falar nessa situação?

A.: Ah, eu não penso muito no que eu queria falar, mas uma coisa que eu sempre quis falar é que se as pessoas fizessem isso elas saberiam as consequências.

Pesquisador: Se a situação se invertesse?

A.: Sim. Eu penso que se eu fosse diretor de uma escola, eu, eu tenho certeza que eu(/) se acontecesse *bullying* eu expulsaria a pessoa, por causa que aquela pessoa não merece estar na minha escola, se ela faz coisa errada. Do mesmo jeito que aqui acontece, mas não é expulso, não pode ser expulso mais.

Pesquisador: Que dizer, então essa vivência "a escola é uma prisão", eu percebo que uma das coisas que te sufoca, se vai me corrigir se eu estiver enganado, é a questão do bullying. Você falou assim "aqui na escola eu sou triste, em casa eu sou feliz". É isso que te entristece aqui?

A.: Não, é bem a escola mesmo que me deixa bem sufocado, triste, essas coisas. Então eu penso que se eu tivesse fora da escola, se a escola fizesse coisas diferentes, aulas diferentes, eu tenho certeza que eu seria mais alegre, eu sou um pouco feliz dentro da escola por causa que eu tenho meus amigos, os meus amigos de convivência. Então, eu percebo que quando eu tô com eles pelo menos eu consigo me abrir pra conversar com eles. Tanto que tem uma pessoa da minha sala que eu conto tudo, que é a única pessoa, é a única pessoa mesmo da minha vida inteira que eu conto todas as minhas coisas, ela não conta pra ninguém, ela é como se fosse meu livro que eu guardo todos os meus segredos. Eu conto tudo pra ela, todos os meus segredos eu nunca contei pra ninguém, nem pra minha mãe, nem pra ninguém, e ela sabe todos os meus segredos, ela sabe tudo o que acontece na minha vida, tudo o que eu já fiz, todas as coisas. Então, eu prefiro guardar com ela, com essa pessoa, do que guardar com outras. Pra todos os psicólogos que eu passei, eu nunca falei nada, que foram esses segredos que eu contei pra ele. Então, esses segredos são mais coisas minha e dessa pessoa do que de outros.

Pesquisador: Uma coisa que você não se sente a vontade pra abrir com mais ninguém.

A.: Sim.

Pesquisador: Penso que é isso. Você queria acrescentar mais alguma coisa, que talvez eu não tenha te perguntado?

A.: Não, eu não penso em nada. É só isso mesmo.

Pesquisador: Quero te dizer obrigado, por você estar colaborando comigo.

ALUNA B.

Pesquisador: Então, naquele dia, a gente conversou que você iria fazer os desenhos, e essa segunda etapa é uma conversa, em que a gente vai conversar um pouco sobre família, sobre a vida escolar, sobre o seu dia a dia, sobre quem é você....

B.: Quem sou eu é complicado, hein?!

Pesquisador: Então, eu gostaria que você contasse sobre isso pra mim. Provavelmente hoje a gente encerra e aí, eu concluindo meu trabalho eu volto aqui na escola, mas isso só ano que vem.

B.: Mas eu não vou estar mais aqui, eu acho.

Pesquisador: Entendi. Eu vou precisar pegar um e-mail seu, um endereço de e-mail, porque você já vai ter concluído. O colegial você não vai fazer aqui?

B.: Eu acho que vou tentar passar na ETEC, mas se eu não passar, né?

Pesquisador: Porque só o ano que vem que eu vou vim dar a devolutiva. A devolutiva é assim: vou explicar os resultados que cheguei com a pesquisa, daqueles objetivos que eu havia falado, mas sem identificar quem participou, quem falou isso, quem desenhou aquilo/

B.: Nossa, a pesquisa demora mesmo assim?

Pesquisador: Demora. Demora, porque a gente vai fazendo junto com as atividades da faculdade, as disciplinas. É trabalhoso, vai mais de um ano, dois anos. Então, eu estou te falando isso dos resultados, porque você pode imaginar que naquele dia "ah, você falar", não, tanto os desenhos quanto a nossa conversa aqui hoje, é de cunho sigiloso. Entendeu?

B.: Entendi.

Pesquisador: Gostaria que você começasse contando um pouco do seu dia a dia.

B.: Meu dia a dia? Nossa! Dia de semana assim? É, então, eu acordo 5:30 da manhã, daí eu tenho que vir pra escola, né, minha van passa 6 horas em casa, aí eu fico até 7:50 na, não, 6:50 na van. Daí eu chego aqui na escola, tenho a escola normal, daí a van pega, passa, e me deixa em casa. Daí 1 hora eu chego em casa. Eu almoço, faço o que eu tenho que fazer, né? Daí eu durmo a tarde, que eu gosto muito de dormir, é meu esporte preferido é dormir (risos), e eu durmo bastante a tarde porque eu gosto de estudar a noite. Eu durmo a tarde, daí eu faço as coisas que eu tenho que fazer depois que eu acordo né? daí eu gosto de estudar a noite,

eu estudo a noite sempre, sempre eu tenho alguma coisa pra estudar, ou é revisar matéria, ou/

Pesquisador: Daqui da escola mesmo?

B.: Sim, da escola e fora, porque eu faço piano, a 6 anos eu faço piano e eu faço inglês também. Então eu tenho que estudar bastante piano. É, daí eu durmo sempre 1, 2 horas da manhã (Risos). É normal eu dormir esse horário, já acostumei já. E é assim meu dia a dia. Dia de quinta-feira eu vou pra piano a tarde e dia de sexta eu vou pro inglês a tarde. E eu tenho, de sábado, eu sempre saio com os meus amigos assim né, ah, dia de domingo eu vou na igreja. É, não sou menina de sair muito, porque meus pais me seguram um pouco, mas acho que tenho bastante juízo até pra minha idade.

Pesquisador: Você tá com quantos anos?

B.: Tenho 14, vou fazer 15 mês que vem. Não sou muito de beber, de fazer coisa errada.

Pesquisador: Entendi. E o dia a dia em casa?

B.: Dia a dia em casa com os meus pais?

Pesquisador: Vocês são em quantos lá?

B.: 4. Não a gente é em 5. Tem eu/ Na minha casa, tem eu, meu pai, minha mãe e meu irmão, que faz faculdade. Mas eu tenho um irmão que já é casado e tem uma filha. Ele é casado.

Pesquisador: Você é a caçula então?

B.: Eu sou a caçula, eu sou a caçula. Ah, tipo assim, eu tinha, eu tenho, agora, tipo,/ eu sempre fui muito apegada a minha família, desde pequena, a gente sempre foi uma família muito unida, sabe?, não é porque a gente, não sei se é porque a gente é de igreja, ou algo do tipo, a gente sempre foi muito unida, todos os problemas que a gente passou, a gente sempre passou junto assim, sabe?, a gente nunca foi aquela família que é meio desestruturada. A minha assim, né? não tô falando a parte do meu vô, meus tios, nem nada, tô falando da minha família mesmo: meu irmão, meu pai. Eu sempre tive um relacionamento muito difícil com meu pai. Nossa! Era complicado. Tipo, quando eu era pequena era aquele negócio né?, sou menina e tal. Mas quando eu fui chegando ao 11 anos, 10 anos. Não, 11, acho que foi do ano... passado pra cá. Pra esse ano, do 8º, 7º ano, eu fui tendo muito problema com ele,

porque meu pai é meio grosso assim, e eu sou igual a ele. Então, quando duas pessoas é igual assim, não se bica. E a gente brigava/

Pesquisador: Mas grosso como?

B.: Grosso? Não grosso assim de bater assim, nunca relou um dedo em mim, tipo, nem na minha mãe, nem nada. Ele é muito calmo meu pai assim, é um pai excelente, faz tudo por mim, tudo o que eu quero ele faz. Mas o problema é que ele é grosso e eu não gosto de pessoa grossa, entendeu? Daí, o que aconteceu? Ele era grosso, ele era grosso. Teve um dia que ele foi grosso comigo e eu revidei, eu falei assim, eu dei uma que é bem na ferida dele, eu falei/ E ele ficou muito chateado comigo, né? Foi na época da/

Pesquisador: O que você falou?

B.: (Risos). Tipo assim, eu tava sentada no carro, foi motivo besta. Eu tava sentada no carro assim, daí ele falou assim, daí ele falou assim: dá licença que a, senta do outro lado do banco que a Ac., que é minha sobrinha, vai sentar aí, né? tem 6 aninho, 4 aninho. Daí eu falei: ah pai, deixa ela sentar aqui do outro lado, porque eu tô com dor. Daí ele falou assim: "nossa, o que custa você sair?!" Daí ele falou, falou na minha cabeça: "cada dia eu te odeio mais". Quando ele falou isso meu sangue subiu, assim. Eu fiquei muito assim. Mas ele falou da boca pra fora, né?

Pesquisador: Cada dia eu te odeio mais?

B.: É. Ele falou! Eu falei assim: ah, odeia mesmo, entra na fila, que tem um monte de gente que me odeia. Falei assim. Ah, pra quê? Daí, sabe quando dá um gelo assim? Quando dá um gelo em você? Daí, ele nem falava comigo, nem falava e eu, como eu sou orgulhosa, eu sou muito orgulhosa, eu não vou atrás, eu posso morrer errada, mas eu não vou atrás. E a minha mãe é a calma da família, ela é aquela paz, aquela: "não vamos brigar gente, não sei que, não sei que lá" (em tom debochado). E ela falando na cabeça do meu pai, porque meu pai que tava errado, ele era grosso comigo, com os meus irmãos ele não é assim, sabe?, e era só comigo. Mas também, eu era, era um pouco de culpa minha, sabe?, porque ele fazia tudo pra mim e eu vivia reclamando. Daí, a gente ficou umas duas semanas sem se falar. Daí tava chegando, foi na época da/

Pesquisador: Ele te deu um gelo e você não procurou ele?

B.: Não. Tava nem aí pra ele. Ela tava na sala/ Eu chegava da escola, porque meu pai trabalha com, ele é, é, representante comercial. Ele vende pra uma loja de joia,

né?, e ele viajava. Então quando ele viaja, mas quando era em casa, eu nem olhava na cara dele, eu nem falava, a gente trocava duas palavra por dia era muito, sabe?, eu ia pro meu quarto e ficava quieta, e a minha mãe assim, a minha mãe ficava assim: "o que eu vou fazer com esses dois?" E eu fui na igreja, achei engraçado, eu fui na igreja no domingo de manhã, no domingo da páscoa. Eu fui na igreja e a moça que tava falando com os adolescentes e com os jovens, falou bem sobre família, e aquilo pegou assim, bem sabe?, por que eu tava meio mal, fazia duas/ e eu era, tipo, sou muito apegada com meu pai, apesar da gente brigar bastante, eu sou muito apegada com ele, né?, é que eu sou a única filha. Daí, eu falei: não, hoje vou ter que dar um jeito nisso. Daí a gente tava indo lá pra casa do meu irmão, e primeiro foi só meu pai, ele foi mais cedo, na hora do almoço. Daí, porque depois a gente ia buscar minha mãe, daí fui eu. Falei: "não, vou fazer alguma coisa, né?, tenho que engolir meu orgulho porque ele é meu pai, né?, faz tudo por mim", meu pai faz tudo por mim. Daí, engoli meu orgulho, daí eu tava, eu cheguei, tinha um carro assim, eu tava tão nervosa, eu tava me segurando pra não chorar. Daí, quando eu comecei a chorar, a falar assim, eu comecei a chorar, antes de falar. Falei assim: "então pai, eu sei que eu errei com você, tudo isso, eu sei, porque eu sou muito grossa". Olha, se não vê, mas eu sou muito grossa, muito grossa. O meu ex-namorado sofria na minha mão, porque eu era muito grossa com ele. Ex-namorado mais ou menos né?, então, mais isso não vem ao caso.

Pesquisador: Ainda não é ex, então?

B.: (Risos) Então, né?

Pesquisador: Mas depois se fala disso, continua com seu pai.

B.: Daí ele pegou, e eu falei: "eu sei que eu errei com o senhor, gosto muito do senhor, não quero mais brigar, o senhor me perdoe, tals, tals". Falou assim: "Ah, filha, não que eu não gosto mais de você, aquilo lá eu falei da boca pra fora". Daí ele pediu desculpas pra mim e falou assim: "É que eu faço tudo por você e você reclama. Daí eu não/ Você decide o lado". Daí eu chorava assim, nunca chorei tanto na minha vida, acho que foi o peso na consciência, né?, porque meu pai uma vez, sabe por que eu lembrei?, porque meu pai uma vez ele teve acidente de carro, no ano passado. Não aconteceu nada com ele, tipo, o carro, acabou com o carro. Não aconteceu nada com ele/

Pesquisador: O acidente foi grave, mas ele/

B.: Não aconteceu um risco nele. E eu chorei uns 3 dias, não aconteceu nada com ele e eu chorei 3 dias, sabia? Tipo, não tinha acontecido, eu tava em casa, de medo, acho que fiquei muito em choque assim. Eu chorava na escola, eu chorava em casa, eu chorava, eu chorava o dia inteiro, não conseguia parar de chorar. E eu lembrei disso, falei: "não, não, tô errada, né?, eu sou muito grossa com ele tals, ele faz tudo por mim". E agora minha relação com ele melho/ mudou assim, muito, sabe? Tipo, a gente agora é grudado um num outro. Eu tenho mais paciência com ele, quando ele é grosso eu não falo nada, sabe? Eu sou mais carinhosa, antes eu não era carinhosa, antes eu/ agora eu sou muito mais carinhosa com ele, e era disso que ele sentia falta, porque na infância eu sempre fui muito carinhosa com meu pai, daí eu fui começando entrar na adolescência, naquela fase de rebeldia, sabe?, e agora eu acho que eu tô bem mais madura, né? pelo fato, sabe?, de acontecer algumas coisas comigo, eu aprendi bastante.

Pesquisador: Quer dizer, esse desentendimento que vocês tiveram, no fim foi até bom/

B.: Foi até bom. Sim. Hoje a gente é grudado. Agora eu tô com bastante complicação com a minha mãe assim, que eu sou meio grossa também com ela. Mas, a gente se resolve.

Pesquisador: Mas, antes de você falar da sua mãe, deixa eu fazer uma pergunta. Você disse que você e seu pai eram muito grudados. Como era isso?

B.: Grudado? Ah, a gente era, tipo, meu pai sempre, sempre quis ter uma menina, e a gente não morava aqui, e quando eu era pequena meus irmãos já tavam grande já, eu era a única bebezinha de casa. Então, ele dava, tipo, total atenção pra mim, sabe? Me levava pra passear, todos os lugares, sabe?, fazia tudo por mim, desde pequena. E quando, tipo, eu entrei no 6º ano, 7º ano, isso acabou, eu nem ligava, sabe? E ele sentiu muita falta disso. E como ele não sabe demonstrar, o que ele demonstrou? sendo grosso, entendeu?, não conversando comigo. E quando eu fui me tocar, assim, demorou muito tempo pra eu me tocar. E quando, e, tipo, agora que eu voltei a ser carinhosa com ele, eu ajudo nele, eu gosto bastante de ajudar ele arrumar as coisas, o mostruário. E ontem eu tava ajudando a arrumar o mostruário. Tipo, ele nem pediu nada pra mim, e eu fui lá ajudei ele a arrumar todos os brincos, todas as coisas, porque eu gosto. Daí, tipo, eu nem falei nada ele me deu um brinco. Falou assim: "escolhe o brinco que você quer". E, tipo, do jeito dele ele demonstra o

amor por mim, entendeu?, tipo, me dando as coisas. Ele não é aquele pai carinhoso assim sabe?, mas eu demonstrando meu carinho por ele, ele já tá satisfeito, entendeu? Então a minha relação com ele mudou muito. Eu, tipo, agradeço muito a Deus, por ter mudado, por ter acontecido isso.

Pesquisador: E agora, você disse que está namorando, você tem esse grude com seu pai, como vai ser isso? Seu pai sabe que você namora?

B.: Não, tipo, não é bem um namoro. É assim, eu sempre fui muito correta, com tudo. E eu tenho 14 anos. Eu entendo meus pais não querer eu namorar, entendeu?, mas eu gosto muito do A., eu gosto muito dele. E aconteceu algumas coisas que a gente terminou. A gente terminou, né?, por causa que, a gente deu tempo, aí, tipo, a gente tava muito estressado a algumas semanas, eu falei: "ah, não, vamos dar um tempo". E nesse tempo, foi um tempo, tipo, em que ele foi num lugar, num churrasco e a ex dele tava lá e ele ficou com ela. Aí eu falei: "não quero mais voltar". E eu fiquei muito chateada. Tipo, eu não demonstrava, mas eu fiquei muito chateada. Daí passou uma semana, passou duas semanas, na terceira semana ele não aguentou, daí ele veio atrás. E eu fiz ele sofrer muito, ele comia na minha mão. Eu não queria nem saber dele. Isso foi em março, até agora, tipo, eu não queria nem saber dele, porque traição é uma coisa muito, sabe?, que magoa muito, ainda mais com a ex dele, sabe? E, tipo, a menina, a melhor amiga da ex dele, me odeia, muito, me odeia. E ela fez de tudo pra gente terminar, sabe?, ela fazia de tudo, tudo mesmo. E ela conseguiu né?, até que ela conseguiu.

Pesquisador: O que ela fez, por exemplo?

B.: Não, tipo, ela pegou, daí ele ficou com ela. Tá bom, a culpa foi toda, tipo, toda dele de ficar com ela. Mas ela pegou e me mandou uma foto dos dois, pra mim, sabe?, tipo, ela teve coragem de fazer isso, e eu nunca fiz nada pra ela. Daí ela me mandou a foto, tá bom, eu fui lá e terminei com ele. Eu não queria nem mais saber dele. Eu fiquei muito chateada, né?, porque traição é uma coisa. Mas nós tamos junto, o que? fazia muito tempo.

Pesquisador: Só pra eu entender. Vocês deram um tempo por conta de.... briga?

B.: Por causa de briga, ciúme, a gente brigava por coisa besta, por besteira, tipo, a gente brigava o dia inteiro, sabe?

Pesquisador: Você disse que era muito grossa com ele. Foi por isso também?

B.: Não, porque eu era grossa com ele, mas mesmo/ Eu era, tipo, tem um *print* até hoje no meu celular, eu era muito grossa.

Pesquisador: Com ele?

B.: Com ele, tipo, não precisava, não tava nem aí. Não demonstrava meus sentimentos. Quando a gente tava junto eu era muito carinhosa, sabe?, porque, tipo, ele sempre precisou de uma menina que ajudasse ele, igual, eu não sou daquelas meninas que, tipo, eu enrolei muito antes de vê ele, eu enrolava ele ó (estala os dedos). Fazia muito tempo, que ele sempre foi aquele menino pegador, pegava todas as meninas. E comigo foi diferente, porque eu não dava atenção pra ele, não dava moral pra ele quando a gente começou a conversar. Porque eu sabia já como ele era, falei: "não, eu vou enrolar esse garoto muito". E eu enrolei ele, e, tipo, por eu ser uma menina, não é por eu ser de igreja, mas, tipo, é por eu ser diferente, eu não fico com muito menino, se eu falar que eu fiquei com 2 meninos na minha vida inteira é muito assim, e, eu vou na igreja, tipo, eu./ Quando ele precisava eu era a única que tava do lado dele, entendeu?, tipo, quando ele brigava com a mãe dele, tipo, ou com o pai, problema dele mesmo, sabe?, pessoal, eu era a única que tava com ele, e quando a gente terminou ele sentiu muita falta disso, ele falava/ As minhas amigas, ele estuda lá no SESI, né?, e eu tinha amigas do SESI, as minhas amigas falava assim, que ele ficava isolado quando a gente terminou, que ele só ficava assim, sabe?, ele não tinha coragem de olhar na cara da minha amiga, de tão assim, eu não sei se ele ficou mal mesmo, ele fala que ele ficou bem mal. Daí ele veio atrás de mim, eu não fui atrás dele, né?

Pesquisador: E como foi pra você saber que ele tava mal?

B.: Sabe que ele tava mal? Minhas amigas falavam, entendeu?

Pesquisador: Não, não. Como foi pra você? Você sabendo que ele tava mal, como é que você se sentiu?

B.: Ah, eu senti, bem feito, nossa, olha, bem feito. Tudo o que eu passei se vai passar. E tipo assim, quando a gente voltou a conversar eu fiz ele sofrer muito, entendeu? porque quando a gente começou a conversar, um amigo meu me ajudou muito, e ele odeia esse amigo meu, odeia, sabe o que é ódio?, mortal, porque ele morre de ciúme, entendeu? eu acho que isso é mais ciúme. E eu voltei a falar com ele e meu amigo me ajudou muito, eu falei assim pra ele, que o meu amigo não mora aqui ele mora em Londrina, eu falei assim: "se o B. tivesse vindo pra cá eu

ficava com o B.". E ele ficou muito bravo comigo. Tá bom, aí a gente voltou a conversar no finalzinho de abril. Eu não dava moral, né?, ele mandava mensagem pra mim, no *whats*, eu demorava 3 dias.

Pesquisador: Pra responder?

B.: 3 dias, não é horas. Ele mandava, eu visualizava e nem respondia, ele mandava de novo, eu não respondia, tipo, nem via.

Pesquisador: Se falou: " agora eu vou pisar em você"!

B.: Vou. Nossa, pisei muito nele! Porque, tipo, o que mais dói no A. é o ego dele, ele tem o ego muito grande, porque sempre ele teve todas as meninas que ele queria, que ele quer. Todas as meninas que ele queria, ele tinha. Eu não! Eu ele não teve tão fácil assim, demorou muito, sabe? E, tipo, por eu não dar nem moral pra ele, doía muito nele, porque, tipo, ele sentiu falta, da, tipo/ A R., ela não tá nem aí pra ele, eu odeio a R.

Pesquisador: A R. é a que/

B.: A que ele ficou, e ela me odeia também.

Pesquisador: Eles ficaram neste dia do churrasco e depois não aconteceu mais nada?

B.: Só ficaram. É. Eu pensei que eles estavam juntos, porque a A., aquela cobra da A., a amiga dela/

Pesquisador: Que mandou a foto?

B.: É. Pegou e falou assim pra minha amiga: "ah, eles estão juntos". Pra que? Pra vim contar pra mim e eu ficar mal, entendeu? Mas ele falou: "não, é óbvio que eu não tô com ela, se acha que eu vou tá com a R.?, tá bom!". Daí, o que aconteceu?, falei assim: "Ó A., eu vou voltar a conversar com você, mas a gente não vai voltar. Se tá entendendo?" Ele falou assim: "a gente vai voltar sim, se vai ver". Falei: "não vou, não vou voltar com você". Tá bom. Daí eu pisava nele, pisava. Mas, tipo assim, quando ele precisava de mim, por mais que eu pisasse nele, eu tava com ele, e isso dói muito nele, até hoje. Daí foi passando um tempo, passando um tempo, daí, vou te contar o que eu aprontei com ele, ó. Eu pisava muito nele, pisava, só sabia pisar, e ele continuava atrás de mim.

Pesquisador: O que é pisar nele?

B.: Pisar nele? Ah, não dar nem moral pra ele. Eu/ as meninas comentava que ele ficava louco, louco da vida, tipo, ficava louco. Eu passava na frente dele e fingia que nem conhecia ele, sabe? Ficou muito assim.

Pesquisador: Você deu um gelo nele?

B.: Dei um gelo, quando eu quero ser má eu sou muito má, assim. Daí foi passando o tempo e tals. Tá bom. Daí, o que aconteceu? Aí ele ficou com uma menina lá e eu descobri. Daí, eu nem falei nada, né? Falei, eu não posso falar nada a gente não tá junto. Daí, o que aconteceu?, teve a virada cultural semana passada. E, tipo, depois de 3 meses eu falei: "vamos se ver?". Ele falou: "vamos se ver?". Falei: "vamos, a gente vai como amigo, né?" Falei: "ó, a gente vai como amigo e tals e tudo." Nossa, o que eu aprontei com ele, você não tem noção, o que eu aprontei com ele na virada. Eu tava na virada, daí eu cheguei lá, e, tipo, tava morrendo de saudade dele, eu gosto muito dele ainda, eu sou/, amo ele, mas eu sei que se eu voltar eu vou tomar no....

Pesquisador: Você ama, mas você é orgulhosa?

B.: Eu amo, mas eu não admito, eu vou morrer, mas eu não vou admitir que eu gosto dele. Daí, cheguei na virada, tá bom, a gente chegou na virada (risos). Olha, eu cheguei, aí a gente conversou tudo, aí ele ficava dando a mão pra mim, nossa!, na frente de todo mundo, das minhas amigas, dos amigos dele, ele ficava me abraçando eu falava: "ai, sai A., me solta". Ele me dava a mão: "Ai A., me solta". Eu não deixava ele encostar em mim, de tão orgulhosa que eu sou. Daí, o que aconteceu? Tem uma menina que ele ficou, ele ficou, 3 dias antes da gente se ver, mas eu não posso falar nada, tipo, eu finjo que eu nem ligo, tipo assim, se ficasse na minha frente "a-ham, legal, tô nem aí" e por dentro to querendo matar ele. Daí, ele ficou com a menina, ele ficou com a menina, né?, e a menina é amiga dele.

Pesquisador: Mas ele ficou com ela lá na virada?

B.: Não, ficou antes, uma semana antes, duas semanas antes. Mas ele só ficou com ela, tá bom, e a menina queria namorar ele, assim, né? Daí, o que ele falou. Ela falou que ia ter a virada e ele falou que ele ia comigo. Ele mó deu gelo nela, ele falou assim: "ah, eu vou com a B.". Ela falou: "Quem é B.?", sabe?, ficou mó brava. "Minha ex, a gente ficou junto uns 4, 5 meses e eu gosto muito dela ainda, não sei o que, não sei o que lá". E mandou o *print* pra mim, falando, né? Você acredita que depois que ele falou isso, a menina pegou e me seguiu em todas as redes sociais,

comentou todas as minhas fotos, tipo, ela ficou, sabe?, mó irônica, sabe? Chegou lá, eu cheguei lá assim, né? daí tava ela, tava ela e mais 3 meninas, que eles são tudo amigos né?, (risos). Se acredita que ele deu a mão pra mim, e falou assim: "então gente, essa aqui é a B.", na frente da garota. Deu a mão pra mim, daí eu soltei a mão já, né?, porque eu sou muito orgulhosa. Daí ela, acredita que ela teve coragem de falar: "prazer, E.", na minha cara. Daí, eu falei assim, "querida pegou meu boy a uma semana quer vim de simpatia pra cima de mim", eu fiquei brava, né?, não falei nada. Tá bom. Daí, o que aconteceu?, ele falou assim: "vamos pegar minha blusa lá no carro". Daí eu falei: "ah, vamos, né?" Ele não fez nada, tipo, ele não insiste, sabe?, quando eu não quero, falei: "eu não quero ficar com você" e tals. Tá bom. Daí, eu fiquei lá, e a minha amiga tava esperando a gente no show, ela e o namorado dela, daí a gente foi lá, e saiu, e foi buscar o carro, e falou assim: "ó, entra no carro". Tava ele, o amigo dele, a namorada do amigo dele atrás, a gente tava na frente, ele falou assim: "deixa que eu te deixo lá na virada", que ele ia sair. Falei: "ah, tá bom, então, pode deixar". Daí, eu tava pensando onde esse garoto vai me levar lá, porque ele queria que eu saísse com ele, mas eu não queria sair com ele, "esse garoto vai me levar lá no lugar", não sei onde ele ia. Daí eu pensei: "o que eu vou fazer, agora tô andando nesse carro, o que eu vou fazer da minha vida?" Você tem noção, que saí do carro andando. Ele parou na esquina eu saí do carro, tipo, ele ficou muito bravo comigo. Ele ficou muito bravo. E com razão. Qual a doida que, para o carro assim, no meio da avenida? Saiu, falei assim: "ah, então eu tenho que ir, tá, tchau, beijo", e fechei a porta. Ele falou assim: "B., olha o tanto de macho que tem nessa avenida, se vai, imagina acontecer alguma coisa com você eu morro". Falei: "ah, da nada, não" e fechei a porta. Ele ficou muito apavorado, ele ficou, tipo, muito bravo comigo. Mas ele perdoou né? porque eu já perdoei de muita mancada que ele deu em mim, e eu sempre perdoei.

Pesquisador: Me parece que, pelo que você está me contando, a sua forma de demonstrar que gosta dele/

B.: É bater, é bater, nossa!, eu dei um tapa na cara dele na virada que ficou a marca da minha mão, e que ele me irritou e eu sou assim meio agressiva. Então, eu, tipo, gosto muito dele, a gente vai se ver hoje, que vai ter a festa, mas, ele vai me apresentar pra família dele, não sei porquê, que a gente não vai voltar, já falei pra ele tirar isso da cabeça dele.

Pesquisador: Ele vai te apresentar como?

B.: Então, né?, porque, tipo assim, a mãe dele tava conversando, porque a gente conversa muito por chamada, né?, e eu tava conversando com ele e a mãe dele entrou no quarto e pegou o celular dele e falou assim: "alô". Falei: "olá", né? Fui educada. Daí ela falou assim: "Você que é minha nora?". "Nora?" "É o A. sempre fala de você, ele fala que você é pretendente a minha nora". Falei: "não, a gente é só amigo". Ela falou assim: "Ah, tá, mas saiba que você tá aprovada, tá", a mãe dele falou. E hoje, tipo assim, quando a gente tava junto eu era muito apegada a irmã dele, a I., ela tem 8, 9 anos. E hoje ela vai dançar na festa junina do Mais e eu vou pra ver ela, assistir, que eu prometi pra ela: "Ah, I. eu vou sim". E ele falou assim: "Nossa, ela fala todo dia de você". Eu gosto muito da irmãzinha dele. E isso aí é muito dele, porque o irmão dele, ele tem um irmão também, o irmão dele me falava assim que, que quando a gente terminou a I. perguntava de mim todo dia, e quando perguntava ele ficava muito mal.

Pesquisador: Então você frequentava a casa deles?

B.: Não, não. A gente se via, porque eu não posso namorar, então era meio escondido né?, mas a I. sempre via, ele levava ela pra passear e eu sempre ia junto com ela, sempre ia junto com eles. O irmão dele, também conversava com irmão dele, a gente já se viu. Daí, o que aconteceu? Tá bom e tals. E, tipo, ele, porque, tipo, a gente terminou faz 4 meses já. E, tipo, por ele estar insistindo ainda em mim, e eu sou muito grossa. As pessoas falam que eu não tenho coração, é!, mais ou menos. Eu tenho sim. Por eu ser muito grossa, por isso que eu acho que ele gosta de mim mesmo, sabe?, porque, tipo, tudo o que eu fiz com ele na vida, tudo o que eu já fiz ele sofrer, assim, ele tá ainda, ele não desiste, não desiste, tipo, eu sou muito grossa e ele continua a mesma coisa comigo, o mesmo A. que eu conheci em setembro do ano passado, assim, sabe?

Pesquisador: Entendi. Quer dizer/

B.: A gente tá enrolado. É um rolo, assim, porque eu falei assim: "A., não vou voltar com você sem meus pais saber. Falou: "não, falo com o seu pai". Falei: "a-hã, se morre, né?, se você falar com meu pai se morre, se é assassinado". Entendeu?

Pesquisador: Você acha que o seu pai não vai aceitar?

B.: Ah, não. Não vai. 14 anos? Não vai. Ah, se ele gosta de mim ele vai esperar, não vai? No tempo... Entendeu?

Pesquisador: Entendi.

B.: Ele mudou muito depois que a gente se viu na virada, porque fazia muito tempo que a gente não se via e, tipo, eu tirei aparelho, eu tava com aparelho quando eu tava com ele, e, tipo, ele ficou meio em choque assim, ainda mais que o meu ex tava lá. Daí eu vi o meu ex eu fiquei meio assim, ele ficou mais assim, por eu ter visto meu ex, entendeu? Então, acho que se ele não desistiu ele deve gostar de mim, entendeu? Ele se arrependeu muito, porque a R. não tá nem aí pra ele, ninguém tá nem aí pra ele. E isso doía muito nele, porque eu ajudava ele, sabe?, dava conselho, ele é meio estressado, assim, não é estressado, tipo, agressivo, mas, tipo, ele é meio estressado, impulsivo, e, tipo, eu ajudei nisso, e ele mudou, entendeu? Conversava muito com ele pra ele começar ir na igreja. Sempre falei assim: "Ah, A., vai". No começo ele nem dava moral. E eu fui falando, fui, sabe quando você vai devagarzinho, assim, pelos cantos, sempre falei. E ele começou a ir, e eu fiquei feliz, porque eu não falei nada.

Pesquisador: Ele tá frequentando a mesma igreja que você?

B.: Não, ele frequenta uma lá de Candido Mota, mas tá indo, né?, igreja, é o mesmo Deus. Se é o mesmo Deus, então. E, tipo, eu acho que ele tá mudando. Tô conseguindo mudar aquele garoto, difícil, mas tô conseguindo mudar, sabe?

Pesquisador: E em casa, você disse que ultimamente com a sua mãe você não está tendo uma relação muito boa.

B.: Sim. Ah, que, tipo, a minha mãe, ela é muito boa pra mim, e eu que sou grossa com ela, preciso parar de ser grossa assim, entendeu?

Pesquisador: O que é ser grossa com ela?

B.: Ah, sei lá, sabe?, é, tipo, responder ela mesmo. Falar uma coisa e eu respondo na hora, assim, sabe? Eu preciso parar com isso, eu só vou parar quando ela me der um gelo, igual meu pai. Que eu só aprendo quando eu erro, nossa!, não adianta a pessoa me avisar, eu só vou aprender quando eu erro. Entendeu?

Pesquisador: Entendi.

B.: E ela sabe do A. Minha mãe sabe. Ela sabe que eu gosto dele. Que eu gostava dele, ela gostava do A. O A. ligou no Natal pra minha mãe, porque a gente, tipo, no Natal eu tava bem brava com ele, no Natal a gente não tava junto. Daí, a A. falou um negócio pra amiga dela, e a amiga dela falou pra mim e eu acreditei, sabe?, era coisa nada a ver, ele provou pra mim que ele não tinha feito aquilo. Daí, ela pegou,

eu acreditei, eu não queria saber dele no Natal, nem queria saber, nem lembrava da existência dele. E, tipo, ele me ligava eu não atendia. Ele me ligou, tipo, umas 13 vezes no Natal, tipo, deu meia-noite ele me ligava, eu não atendia. Ele falou: "não vai me ligar é", ligou pra minha mãe. Ligou pra minha mãe. A minha mãe não tava sabendo ainda, né? Ligou pra minha mãe, falou assim: "Alô, é o telefome da mãe da B.?" não sei como ele arranhou o número da minha mãe, acho que um dia eu mandei pra ele, pra ele me ligar pro celular da minha mãe. Daí ele falou: "é da mãe da B.?" "É!" "Posso falar com ela?" E eu ficava assim pra mim mãe: "não mãe, não quero falar". "Ah, ela pode atender sim". Ela falou assim: "B., seja educada com seu amigo" e deu o celular. Aí ele falou assim: "Feliz Natal". Falei: "a-ham, tá bom, obrigada", desliguei. Fui muito grossa, muito grossa. E, tipo, por eu ser grossa, acabava com ele, com o ego dele, eu nem dava moral pra ele. E, tipo, hoje em dia, eu aprendi bastante, porque antes eu era muito possessiva, meu Deus!, eu era muito ciumenta, possessiva, queria mandar nele, e isso enchia o saco dele, hoje eu nem ligo, sabe?, ele faz o que ele quiser da vida dele, e, tipo, por causa disso, eu acho que desgastou meio a nossa relação, quando a gente tava junto. E, tipo, hoje não tem isso e acredita que ele sente falta de eu ser assim. Ele fala assim: "ah, hoje você nem liga mais pra mim". Mas não é o fato de não ligar, é o fato, tipo, de ver que cada um tem seu espaço, né? Entendeu?

Pesquisador: Entendi. Mas em casa você disse que com sua mãe a sua relação não tá muito boa pelo fato de você ser respondona/

B.: Ser topetuda, ser topetuda com ela, entendeu?, preciso parar disso.

Pesquisador: E a relação dos seus pais entre si, do seu pai com a sua mãe, como é?

B.: Aqueles dois lá, são um casal, sabe aquela frase entre tapas e beijos?, então, é tipo isso. Não é tapa de verdade, mas, tipo, o meu pai é estressado e a minha mãe é calma, e se os dois fosse estressado imagina o furduncio que ia ser em casa, né? Mas, tipo, meu pai respeita muito minha mãe, ele gosta muito da minha mãe, entendeu? Minha mãe também, é, tipo, é um casamento de 30 anos, e é um casamento que eu queria pra mim, sabe?, porque faz tanto tempo que eles tão juntos e eles são, sabe?, um casal que se ajuda, que decide as coisas junto, sabe?, meu pai pede opinião pra minha mãe, minha mãe ajuda em casa, sabe?, mas eu acho que a nossa vida vai dar uma mudada agora.

Pesquisador: Mas porque você fala que é entre tapas e beijos?

B.: Não, porque meu pai é estressado e quando a minha se estressa também, né?, eles brigam, mas dá dois minutos, meu pai chega assim pra minha mãe: "o meu benzinho você tá brava comigo?" (risos). A minha mãe fica assim, é igualzinha a eu.

Pesquisador: Você diz que se pai é grosso, ele acaba sendo grosso com ela?

B.: É grosso. É, é grosso, as vezes com ela, assim. Mas, tipo, só quando tem motivo, sabe?, ele é bem quieto, ele é na dele, meu pai, minha mãe ama ele, ele é na dele, sabe? se não mexer com ele, ele não mexe com você, mas se mexer, meu querido do céu!, ele é foda! Ele fica bravo, né?, tipo, não é agressivo, tipo, fica bravo mesmo, cara fechada, sabe?

Pesquisador: Entendi. Você disse que tem um irmão que já se casou?

B.: Tenho, um irmão, eu sou mais apegada com ele.

Pesquisador: Ele já está casado?

B.: Sim, eu gosto muito dele.

Pesquisador: Tá em Assis também?

B.: Tá, tá em Assis. Ele não morava aqui. Ele sempre morou aqui, daí ele foi pra polícia ele morou em Junqueiropolis, e depois ele foi transferido pra São Paulo, daí depois ele desistiu da polícia. É complicado, né? Daí, meu irmão namorou 6 anos com uma menina, a gente sempre achava que era rainha, né? chamava N. Ela quase destruiu nossa família. Parecia uma cobra. Verdade.

Pesquisador: Por que?

B.: Porque, tipo, ela, ela falava, ela, tipo, a minha tia nunca gostou dela. Nunca. E ela sempre falou: "olha, toma cuidado com a N., ela não é mulher certa pro (Fulano)" eu não acreditava, porque N. era uma santa, coitada. Daí, depois ela mostrou as caras, sabe? tipo, ela foi pra praia e ela foi começando a fazer umas coisas que não é legal, sabe?, tipo, ela pegou, ah, não lembro, eles não me contaram direito o que ela fez, mas, tipo, foi bem grave o que ela fez, sabe? Quase separou minha tia do meu tio por causa de um anel lá, não sei o que aconteceu. E ela mostrou as caras/

Pesquisador: Ela criou uma intriga?

B.: Sim, uma intriga na nossa família, tava viajando, foi bem no ano novo. Daí, chegou aqui, meu irmão tinha 29 anos, né? Chegou aqui inventou que tava grávida, de gêmeos, trigêmeos, sabe?, uma doidera. Não tava grávida de verdade. Daí eles terminaram e ela ficou atasanando meu irmão, um ano quase. Daí meu irmão terminou, e meu irmão não tinha feito faculdade, ela nunca deixou ele fazer

faculdade, nunca deixou ele fazer, nunca, eles tavam noivo já. Ele falou assim: "se quer saber eu vou fazer uma faculdade". Daí, tá fazendo Administração, tá terminando já, tá no 3º ano de Administração, e ele tá começando a namorar, tipo, a minha cunhada ela é quieta, a C., mas ela é bem na dela, ela é bem na dela, mas ela é, tipo, "a esposa", uma esposona pro meu irmão, tipo, namorada, a namorada, porque ela cuida muito dele. Ele tem uma relação muito melhor que a N., porque a N. era uma relação muito, deixa eu ver, cansativa. Ela sempre teve muito problema na família dela e ela meio que pegava o problema de todo mundo, sabe? Eu gostava muito da N., nossa!, eu chorei, eu sofri bastante quando meu irmão separou, porque apesar de tudo eu gostava dela, sabe? Daí, ela fez meu irmão sofrer muito, e meu irmão tá terminando a faculdade agora, talvez ele vai casar.

Pesquisador: Mas ela fez ele sofrer por conta de intriga, essas coisas?

B.: Não, é ele. Meu irmão gostava muito dela quando eles terminou, tipo, pensar tudo o que ela fez, ele ficar 6 anos com ela e ela fez tudo isso, sabe? Isso, daí hoje ela já tá casada, já casou, sabe? Ah, eu acho que eu sou feliz, assim, com as minhas maluquices do dia a dia, que eu sou meia doida, quem que sai do carro andando, assim, né?

Pesquisador: Se você pudesse mudar uma coisa na sua família o que você mudaria?

B.: Nossa! Eu mudaria o fato dos meus pais não deixarem eu namorar. Só isso. A única coisa que eu mudaria, o resto/

Pesquisador: Eles estipularam uma idade limite?

B.: Ah, eu acho que eles querem que eu estude, que eu faço faculdade só depois pra pensar nisso. Mas acho que ano que vem, assim, com uns 16, 17 anos, eu mostrar pra ele que eu tô madura assim, né? que eu saio, assim, eu não faço nada de errado. Tá bom que, isso me, isso me, eu ficava muito mal de, tipo, namorar o A. escondido, né? Mas é que eu gostava muito dele e, tipo, depois que eu terminei, eu falei: "não vou mais mentir pra eles", sabe? Não quero mais mentir pra eles. Eu falei: "ó A. se você quiser namorar comigo, você vai ter que esperar. Não quero nem saber se você vai perder tempo na sua vida, não quero nem saber. Se você gosta de mim, você vai esperar" entendeu? Porque hoje a gente é só amigo, entendeu?, a gente tá enrolando, mas a gente é só amigo, entendeu?.

Pesquisador: Entendi. E aqui na escola, conta um pouco da escola. Como é o dia a dia aqui?

B.: Ah, tipo, quando eu comecei a escola/

Pesquisador: Você tá aqui/

B.: Desde o 6°. Eu sofri muito, assim, quando eu entrei pra escola.

Pesquisador: Aqui você fala?

B.: Sofri. Muito! Sofri muito. Pensa/ Eu era, eu era, pensa naquela menina ingênua, sabe? Eu era muito ingênua, eu era, tipo, muito boa. A pessoa mandava eu fazer, eu ia lá e fazia. Era muito ingênua. E eu, eu comecei a, tipo, e eu era sozinha, né? não conhecia ninguém, a sala mudou tudo. E a gente formou um grupo de amigas, que eram em 7 amigas, tudo da mesma sala. Daí, o que aconteceu? Sabe quando tem aquele bandinho e uma manda. Tinha isso.

Pesquisador: Tinha uma das 7 que era/

B.: Duas. É. Duas ou três que eram, sabe?, más. Você sabe o que ser mal mesmo. Mal só?! Então. Aconteceu vários fatores, assim, e eu sofria muito na mão delas. Tudo o que elas queriam que eu fizesse eu fazia.

Pesquisador: Por exemplo?

B.: Ah, tipo, copiar a lição pra elas, fazer, tipo, buscar lanche, fazia tudo, sabe como se fosse uma empregada, tipo isso, cachorrinho. E um dia eu lembro que eu trouxe/

Pesquisador: Mas por que você fazia?

B.: Fazia porque eu tinha medo de ficar sozinha. Eu não queria ficar, eu pensava assim "melhor/" Eu chorava toda noite, eu lembro. Eu pedia pra Deus pra gente não brigar no outro dia, pra Ele não deixar. Sabe o que é se sentir excluída? E eu tinha uma melhor/

Pesquisador: Você tinha medo de se sentir excluída, então?

B.: Sim. E eu tinha uma melhor amiga que era a M. E., né? Hoje ela tá em outra sala, era a M. E. E, elas, o que elas fizeram? Elas inventaram um monte de coisa, como se fosse a M. E. Foi um plano, elas mesmas falaram. Olha, olha a cabeça das menina! Inventaram um plano, inventaram um monte de coisa que a M. E. tinha falado pra mim e eu acreditei. Eu fiquei 8 meses sem olhar na cara da minha melhor amiga. Sabe o que é ficar 8 meses? A gente era grudada, entendeu? Como eu me sentia sozinha, ela também era do grupo, né? Quando eu me sentia sozinha, tipo, no começo, eu não gostava, eu era a maior inimiga da M. E. Ela não gostava de mim e

todo mundo gostava muito dela, sabe?, então ela se achava um pouco. Mas depois que as meninas pararam de falar com ela, eu parei de falar com ela, as meninas também parou, ela ficou, tipo, muito sozinha, então ela mudou o jeito dela ver as coisas, né?

Pesquisador: O que elas falaram que ela tinha feito?

B.: Ah, tipo, tinha falado do meu cabelo, do meu anel, falaram coisa de mim, sabe? que eu era feia. Aquilo que atingia no 6º ano, sabe?, hoje nem me atinge. E eu fiquei muito magoada com a M. E., fiquei muito tempo sem falar com ela. E nesse tempo eu sofri muito na mão delas, nossa!, que eu era sozinha, né? o que eu ia fazer? Eu sofri muito na mão delas? Muito!

Pesquisador: Por exemplo?

B.: Tipo, uma vez, eu lembro até hoje, elas ficavam brava comigo, elas ficavam brava comigo sem motivo, sem motivo nenhum elas ficavam brava, e eu ia lá e pedia desculpas. Eu trouxe, eu ganhei um batom do meu irmão, de aniversário. E eu amava aquele batom, sabe? era um monte de batonzinho assim. O que aconteceu? Eu levei na escola, aí elas ficava olhando. E elas falaram que eu tava me achando com o batom. Tipo, só levei por levar, né? Você acredita que a menina, só de raiva, pegou e quebrou na minha frente o batom? Pegou um batom na minha coisa e falou assim: "ó, agora você não tem mais". Quebrou na minha frente e eu tive que pedir desculpas pra elas. Por causa que elas que quebraram. Nossa aquele dia eu chorava, tanto!, eu não conseguia, eu chorava de soluçar, eu chorava muito, assim, e nesse dia foi que a M. E. veio conversar comigo. E a gente voltou a ser amiga. Depois disso, foi na época das férias, mais ou menos, nas férias de julho, assim, setembro, agosto, por aí. Depois disso, meu Deus do céu!, pensa numa menina que ficou fria. Eu pisava em todo mundo. Eu pisei tanto, tanto! Eu magoei muito, tudo o que elas fizeram pra mim voltou pra elas no 7º ano. Tudo o que elas fizeram pra mim voltou pra elas. E como juntou eu e a M. E., ninguém mais separava a gente.

Pesquisador: É essa que vocês tinham brigado?

B.: É, as que fez a gente brigar. A gente voltou e a gente voltou a milhão, sabe?, tipo, tava nem aí, era nós duas e elas/

Pesquisador: Vocês se uniram?

B.: A gente se uniu, sabe?, tipo, a gente ficou muito amiga, muito amiga mesmo, aquela amiga de frequentar a minha casa, eu ir na casa dela, dormir na casa dela,

aquela amizade, minha mãe adora ela até hoje, porque hoje a gente se distanciou um pouco. Daí, nossa!, mas, olha, quem/

Pesquisador: O que voltou pra elas?

B.: Voltou tudo, sabe?, porque, tipo, e o pior que voltou hoje. A que mais mandava, a que mais fez todo mundo sofrer, fazia todo mundo sofrer, era a L. E hoje a L. tá sozinha. Ninguém que mais saber da L. As meninas formaram o grupinho delas, a N. e a E. A Ls. foi pro outro grupo, que a Ls. também tá cansada. A única amiga que ela tinha era a Ir., e a Ir. também cansou dela e foi pra coisa. E hoje ela tá sozinha. E você acredita que a única que fala com ela, tipo, ela senta atrás de mim, a única que conversa com ela, que não deixa ela sozinha, sou eu? Que ela mais pisou! E eu não guardo mágoa. Tipo, o ano passado eu guardava muita mágoa, o ano passado, o ano retrasado, olha!, eu não podia ouvir o nome delas. Um dia eu quase que eu bati na Ls. na sala, no 7º ano, de tanta raiva que eu fiquei. Tipo, eu não tava mais nem aí, eu falava, sabe quando você muda da água pro vinho? Quem era cachorrinha, depois virou, tipo,/

Pesquisador: Você inverteu, ela passou a ser cachorrinha?

B.: Não é, tipo, isso. Mas, tipo, eu falava as coisas na cara dela, e ela tinha que ficar quieta. Ela ficava quieta, porque ela não tinha coragem, entendeu?, ela só tinha coragem de falar por trás. E não, e depois eu comecei a falar pela frente dela tudo o que ela fazia, entendeu?, tipo, foi muita coisa que aconteceu, nem lembro direito, sabe?, foi dois anos pra eu perdoar elas. Dois anos! Eu não guardo mais mágoa, tipo, mágoa nenhuma, mas até o ano passado eu tinha um rixa com elas, sabe?

Pesquisador: Nestes dois anos você foi dura com elas?

B.: Fui, hoje, mas hoje eu ajudo a L., pra você ter noção, eu dou conselho pra ela, que eu gosto muito de dar conselho, né?, tanto amoroso, quanto, tipo, família, eu dou muito conselho, e eu dou conselho pra L., eu ajudo ela. Ela falou assim: "É, eu tô pagando tudo o que eu fiz por você, pelas menina. Eu tô pagando". Que hoje ela sente sozinha, hoje ninguém é quase amigo dela, então, tipo, ela sente muito sozinha, e ela tá pagando, ela pode ter tudo o que ela quiser, tipo, ela é meia, sei lá, que ela é rica, mas, tipo, ela tem uma estrutura bem de vida, ela pode ter tudo, Iphone, tudo que ela quer, mas ela é sozinha. E eu, tipo, que sofri tanto, hoje tenho muito amigo. Meu vô morreu esses dias, faz nem, umas duas semanas que ele morreu. Ele tava doente faz muito tempo e ele morreu. Veio gente, tipo, de Ourinhos,

falar comigo. Gente que conhece de Ourinhos, sabe?, muita gente falar comigo, me ajudar, e eu me senti muito feliz, por saber que tem gente que se preocupa comigo, gente que tava comigo, e que as vezes aquelas coisas que aconteceu no 6° ano foi tudo bobagem, sabe? Mas aquilo me ajudou muito, não só a ficar, não é ficar arrogante, mas, tipo, ficar menos ingênua, ver a vida com outros olhos.

Pesquisador: Que dizer, naquela época que você acabou ficando sozinha, e a sua amiga ficou sozinha, hoje vocês/

B.: É a gente era sozinha. A gente se uniu, a gente voltou a ser amiga de novo.

Pesquisador: Vejo que você hoje já não se sente assim, você se sente/

B.: Sim. Aí o que aconteceu? No 7° ano eu e a M. E., como a gente tava sozinha, a gente começou a fazer outras amizades. Aí a gente começou a ser amiga da Du., da Ib. e da Y, nossa!, olha o 7° ano foi a melhor fase da minha vida. Eu ia pra diretoria todo dia, mas (risos), eu era muito feliz.

Pesquisador: Por que?

B.: A gente aprontava tanto, a gente saia da/ a gente aprontava muito, meu Deus do céu! Hoje, tipo, eu sou bem séria com negócio de escola. Na 8ª fiquei bem séria, mas no 7° ano, meu Deus!, não sei como eu passei no 7° ano, acho que foi por causa do começo do ano que eu estudei bastante. Mas do meio do ano, eu só aprontava, nossa!, mas era muito legal.

Pesquisador: Aprontava como? Dá um exemplo.

B.: Não era aprontar, tipo, coisa ruim, sabe?, tipo, fazer coisa errada. Mas era aprontar de conversar na aula e, tipo, no 7° ano eles eram muito duros com a gente ainda, pra gente aprender, sei lá, hoje no 9° ano a gente pode fazer o que quiser. Mas no 7° ano a gente conversava, uma vez eu levei suspensão, por causa que eu tava passando rímel na sala (risos), tava passando rímel na sala, levei suspensão, eu chorava, eu chorava, porque, nossa meu pai vai ficar muito brava comigo, né?. Eu chorava, a minha amiga, sentada no chão, ela ria, ria, e eu ficava brava, pegava e chorava, mas foi a melhor fase. Daí a Y. foi pro Hernani, que a mãe dela mudou ela de sala, e o ano passado a Ib. ficou com a gente. A Y. foi pro Hernani no 8° ano, daí o ano passado a Ib. foi pra Tarumã, que o pai dela sofreu alguma coisa, e ela foi pra Tarumã.

Pesquisador: Sofreu o que, o pai dela?

B.: Teve um AVC, eu acho. É, foi muito difícil essa fase, porque ela só tem o pai dela. Daí a lb. foi pro, pra Tarumã, morar em Tarumã, que o pai dela tava doente, então, a família dela é de lá. Passou uns 6 meses lá, o resto do ano. Daí nesses 6 meses entrou a M., e a M. era sozinha. Daí, o que aconteceu? A M., na época, tipo, na época, olha como é o destino, na época que a M. entrou na escola, ela tinha acabado de brigar com a R. Ela tem uma rixa, ela tem muita tretada, ela e um monte de amiga minha. É tretada com essa garota, do A., que o A. ficou. E eu tomei, eu tretei com a R. também, sabe?, na época. Daí, o que aconteceu? Eu fui a única que acolhi a M. na sala, porque a M., tipo, a M. é muito bonita. É uma loira, sabe?, da minha sala, acho que hoje ela faltou. Ela, e, tipo, ela entrou na escola, era do Santa Maria, e ela entrou na escola. E eu fui a única que foi falar com ela na sala, daí a gente virou amiga, a gente virou muito amiga. Muito amiga mesmo. Daí a lb., a lb., conheceu, tipo, mó nada a ver, conheceu ela num rodeio no ano passado e elas viraram amiga também. E esse ano a lb. voltou pra escola e hoje tá a gente 4, sabe? A gente é amiga, eu, a M. E. também, a D., né? Então, eu acho que, tipo, hoje eu sou muito feliz. Eu tenho meus amigos, não tenho problema em casa, não tenho problema de saúde, eu acho que eu sou feliz.

Pesquisador: E aqui na escola, se você pudesse mudar alguma coisa o que você mudaria?

B.: O que eu mudaria? Ai, o lanche, gosto tanto de coxinha (risos). É que eu gosto muito de coxinha, mas, enfim. O que eu mudaria? Ah, as vezes eles são muito rígidos, sabe?, tipo, tá frio, o que custa, não custa nada deixar trazer um cobertor, eles nem deixam isso, sabe? mas, não deixa trazer nada, sabe? É, tipo, o ensino aqui é muito bom, eu gosto do ensino daqui. Acho que não tem o que mudar não. Eu gosto da escola. Hoje pra mim tudo é bom, nem ligo, sabe? Eu sou que nem chuveiro velho, eu nem ligo direito, quando eu ligo eu nem tô esquentando pra nada (risos).

Pesquisador: Muito bem, você gostaria de acrescentar alguma coisa que não eu te perguntei?

B.: Não, tudo bem. Eu contei, eu desabafei agora, contei a história do meu moção, ou ex, hoje vou ver ele, então hoje vou ficar bem brava a noite, eu sou bem brava assim, mais ou menos, né? sou só um pouco grossa, nem parece que eu sou canceriana. Aquele signo, sabe?

Pesquisador: Eles são mais calmos?

B.: São, são sensíveis, eu não. Sou rústica, nossa!, sou uma canceriana que não é canceriana.

Pesquisador: Quero te dizer obrigado!

B.: Imagina.

ALUNO C.

Pesquisador: C., então hoje eu adiantei pra você aquele dia né, que a gente conversou, que as etapas que vocês estão participando, vão fazer, uma delas é o desenho e a outra é essa conversa que nós vamos ter né? Então eu to me utilizando dessas duas formas pra poder conhecer vocês. Uma através desse diálogo e a outra através do desenho. Enfim, quero começar te perguntando como é que foi pra você

C.: Fazer os desenhos, como é que você se sentiu?

C.: Como assim sentiu?

Pesquisador: Durante o dia que você tava fazendo os desenhos aqui, como é que foi? Como é que foi fazer?

C.: Normal. Fazer assim, o que eu senti, eu fiz.

Pesquisador: Entendi. Tranquilo? Certo. E... Porque o desenho, como ele toca nesse assunto de família né, então às vezes a gente entra em contato com algumas... Umas questões nossas aí, tal né? Por isso que eu te perguntei. Quando você fez o desenho, o que você pensou? O que surgiu ali?

C.: Ah, eu pensei em reproduzir normal... Minha família normal. Sem nada mais.

Pesquisador: Entendi. Conta um pouco sobre a sua família.

C.: Como contar, assim? Por exemplo?

Pesquisador: Fala um pouco de como é que é a convivência, a sua rotina...

C.: Minha rotina?

Pesquisador: Vamos lá. Começa daí.

C.: Ah, minha rotina é... Uma rotina normal. Acordo, como, aí venho pra escola, tem vez que eu tenho curso aí eu volto mais tarde. Final de semana eu saio, às vezes. Mas normal.

Pesquisador: Além daqui você estuda em algum outro lugar ou não?

C.: Não.

Pesquisador: E o período da manhã?

C.: O período da manhã... Eu durmo! Aí chega na hora da... De acordar pra ir pra escola eu acordo, como... Tomo banho e como e... E venho pra cá!

Pesquisador: Você tem o costume de levantar mais tarde?

C.: É. Dia de semana assim, quando eu vou pra escola eu acordo umas... Umas nove e meia.

Pesquisador: Entendi. E aí, hoje na sua casa vocês são em quantos?

C.: É eu, minha irmã, minha mãe e minha avó.

Pesquisador: Vocês quatro? Entendi. Sua irmã é mais nova ou mais velha?

C.: Mais nova. A mais velha mora sozinha.

Pesquisador: Ah! Então você tem uma outra irmã, também, que já não mora com vocês! Certo. E a que tá lá é mais nova que você?

C.: É.

Pesquisador: Você tem mais irmãos além das duas?

C.: Tenho um irmão. Mas ele já tem filho também, mora sozinho.

Pesquisador: Entendi. Entendi. Muito bem. Então é você, sua avó e sua irmã?

C.: E minha mãe.

Pesquisador: É. E sua mãe. Esquecemos da sua mãe. E como é que é a convivência lá?

C.: Ah uma convivência normal, assim. De vez em quando tem briga, mas é bem de vez em quando. Assim, eu com a minha irmã, minha irmã com a minha mãe, mas tranquilo.

Pesquisador: Entendi. O que é uma convivência normal? Conta um pouco?

C.: Não sei. Convivência normal eu não sei. Mas é tranquilo lá!

Pesquisador: (Risos)

C.: Convivência tranqüila. Normal, assim.

Pesquisador: Entendi. E o que leva você e sua irmã a brigar, por exemplo?

C.: Ah, de vez em quando ela tá no celular assim, da minha mãe porque... O meu é um, o da minha mãe é melhor. Aí tem vez que eu quero pegar, assim, que ela fica o dia inteiro – ela estuda de manhã. Ela fica o dia inteiro à tarde, às vezes eu chego assim ou ela tá na televisão. Mas é bobeira assim, de vez em quando.

Pesquisador: Quer dizer, ela tá usando o celular, você também quer usar?

C.: É!

Pesquisador: Entendi.

C.: Porque ela fica a tarde inteira, de manhã... Mas é tranquilo, assim.

Pesquisador: Ela estuda à tarde?

C.: Ela estuda de manhã.

Pesquisador: Ah! Ela estuda de manhã, entendi. Então você... Você acha que ela deveria ter usado já à tarde pra você/

C.: Não! Ela usa à tarde e ela quer usar a noite também!

Pesquisador: Aaah! Entendi. Entendi. Ela estuda aqui também ou não?

C.: Não, ela estuda no... No... Ela estudava no Thomas Menk, agora tá estudando...

Ah, não lembro a escola que ela ta estudando agora.

Pesquisador: Entendi. Você diz que às vezes vocês brigam por causa do celular. Que mais?

C.: Ah, de vez em quando, quando eu tropeço nas cosias dela assim, quando eu pego os brinquedos dela assim, às vezes quando eu piso em cima, mas é só... Briga normal assim. Aí ela fica brava.

Pesquisador: Que idade que ela tem C. ?

C.: Ela tem oito. Vai fazer nove.

Pesquisador: Oito? E você?

C.: Tenho doze, vou fazer treze em Novembro.

Pesquisador: Ah! Pouca diferença né? Quatro anos aí, mais ou menos. É. Entendi. E ela ainda... Ela tem os brinquedos dela e às vezes acontece de você...

C.: Tropeçar, pisar, esbarrar assim... Ela... Ela briga assim. Mas é tranquilo.

Pesquisador: Entendi. Entendi. E com a sua mãe? Como é que é a convivência com a sua mãe? Você contou um pouco da sua irmã. Quer dizer, com a sua irmã, vocês... Vocês se vêem só à noite, porque ela estuda de manhã, você à tarde. Vocês vão se ver só de noite. Certo. E com a sua mãe?

C.: Minha irmã... Minha mãe também é normal, assim. De vez em quando acontece briga assim, que ela implica comigo, aí eu brigo com ela assim, mas é tranquilo também. É igual a minha irmã, assim. Mas é menos briga com ela.

Pesquisador: Você briga mais com a sua irmã do que com a sua mãe?

C.: É.

Pesquisador: Entendi. E a sua mãe? Como é que é o dia-a-dia dela? Ela trabalha...?

C.: É. Ela ainda... Ela ta sem emprego, agora... Agora de vez em quando ela faz uns bicos, mas...

Pesquisador: Certo.

C.: É mais pra final de semana, assim.

Pesquisador: Entendi. Qual que é a profissão da sua mãe?

C.: A minha mãe, ela já foi professora e ela trabalhou em... Como que é? Ela é especializada em área de compras, assim. Mas no momento ela ta sem emprego. Ela faz uns bicos assim, mas... Ela ta procurando emprego assim, mas é normal. De vez em quando ela fica em casa, assim quando ela ta... Quando ela não ta trabalhando.

Pesquisador: Entendi. Muito bem. Mas conta da sua relação com ela. Como é que é? O dia-a-dia, vocês ali, em casa?

C.: Ah é normal, normal assim... Tem umas brincadeiras minha e dela, conversa assim. Mas é tranquilo.

Pesquisador: Vocês conversam? O que vocês conversam?

C.: Ah, a gente... De conversa séria assim, é bem pouco assim, mas conversa às vezes, quando ela tá sentada na televisão, eu to sentado lá, ela conversa. Mas é bem pouco assim, que ela comenta alguma notícia, alguma coisa.

Pesquisador: Vocês conversam pouco?

C.: Pouco, assim.

Pesquisador: Entendi. E tem sua avó também?

C.: É.

Pesquisador: Certo. E como é a convivência com a avó?

C.: Ah, eu não falo com ela direito! Ela senta no quarto assim ou ela vai pra amiga dela.

Pesquisador: Ela é mãe da sua mãe ou do seu pai?

C.: Ela é mãe da minha mãe.

Pesquisador: Certo. Ela é mais reservada?

C.: Ah, tem vezes assim, que ela... Porque ela é meio... Não é que ela é rabugenta, mas tem vezes que ela...

Pesquisador: (Risos)

C.: Ela enche o saco, assim. Por exemplo, quando eu saio, a minha mãe fala: "Ó, volta tal hora", aí falta cinco minutos ela: "Aí ele ainda não chegou, ainda não chegou!". Ela fica repetindo assim na cabeça, mas só isso também. Eu não falo

muito com ela, não. Só às vezes comento de alguma coisa. Mas ela fica ou na casa da amiga dela ou ela fica no quarto dela lá.

Pesquisador: Entendi. A relação que você tem com ela é bem pouca então, pelo jeito.

C.: É.

Pesquisador: Apesar de vocês morarem na mesma casa. Entendi. Mas e a relação dela com a mãe dela? No caso, com a sua mãe?

C.: Ah normal também. Mas elas conversam pouco também. Só de vez em quando assim, quando ela precisa de favor, quando vai levar minha avó no médico, pede comprar remédio, mas...

Pesquisador: Entendi. Eu to com a sensação C., que, pelo o que você ta me contando, que na sua casa, na realidade, todo mundo conversa pouco!

C.: É. Conversa pouco, assim. Só de vez em quando, assim. Conversa sério bem pouco. Mas por exemplo, se minha mãe tá na sala aí ela fala que aconteceu um negócio, eu converso com ela assim. Uns cinco minutos de conversa aí para. Aí fica cada um no seu canto. Tem vezes que eu saio, assim. Mas é pouco. Tem vezes, quando minha mãe... Tem vez que minha mãe vai pra minha tia – que mora lá perto... Aí tem vez que minha mãe vai lá pra minha tia, fica lá, conversa.

Pesquisador: Entendi. Quer dizer... Eu to com a sensação assim, de que vocês tão ali, todo mundo na mesma casa, mas apesar disso, cada um num canto, fazendo uma coisa. Ta um vendo televisão, a sua avó no quarto, você...

C.: Ah! Falando assim é difícil, né? Tem... Não consigo falar, assim como que é. Mas não é tão parado lá! Conversa bastante assim, no sentido, mas... Falando assim parece que é pouco, mas não é não! Não é muito assim... Falar que a casa é quieta.

Pesquisador: Hum. Uma pergunta. Você se sente sozinho?

C.: Não!

Pesquisador: Em casa, assim...

C.: ...

Pesquisador: Não?

C.: Tenho bastante amigo, assim. Quando eu converso assim, pelo... Pelo Facebook, assim pelo WhatsApp. Aí final de semana eu sempre saio assim. Mas eu tenho bastante amigo, num, num...

Pesquisador: Não, mas eu falo assim. Igual você falou: “Não, eu converso pouco com a minha avó. Eu converso pouco com a minha mãe, com a minha irmã”. Então eu fico com a impressão que às vezes vocês tão ali no mesmo ambiente, mas por outro lado você ta... Você aqui sozinho, a sua mãe lá sozinha.

C.: Ah! Não é... Tão assim. Assim, falando assim do jeito que eu to falando parece que é pouco, mas eu faço umas gracinhas assim, eu grito com a minha mãe assim, na brincadeira, mas... Não é tão quieto assim.

Pesquisador: Uhum.

C.: Da a sensação que, quando eu falo que conversa pouco, da a sensação que é muito pouco.

Pesquisador: É! Eu fico com a sensação que é cada um no seu canto. Igual você falou...

C.: Não. É. Eu levanto assim, tem vezes que eu saio. Mas não é tão quieto não. Quem conversa mais com a minha mãe é minha irmã.

Pesquisador: Hum!

C.: A pequenininha, assim.

Pesquisador: É a caçula?

C.: É.

Pesquisador: E os seus outros irmãos? Eles costumam ir lá? Não?

C.: Não. Meu irmão, agora ele ta... Acho que ele tá na Bahia!

Pesquisador: Aaah!

C.: Porque ele trabalha... Ele é fotógrafo.

Pesquisador: Entendi.

C.: Ele viaja, assim. Da última vez que eu vi ele, acho que foi mês passado, quando ele teve aí. O pai dele mora em Cândido Mota. É outro pai.

Pesquisador: Entendi.

C.: É só a mesma mãe. Aí eu fui lá, eu fiquei um pouco lá com ele. Eu ia todo dia pra lá, que ele vinha me buscar aqui. Mas quem vem mais pra cá é minha irmã, que ela mora lá perto do Amigão assim. Ela já tem um... Ela tem um filhinho. Acho que é uns... Tem uns dois meses já, por aí. Ela vem visitar assim, de vez em quando, final de semana.

Pesquisador: Entendi.

C.: Ou eu vou pra lá.

Pesquisador: Certo. Então você tem um irmão que não ta aqui em Assis e a sua irmã que está.

C.: É.

Pesquisador: Muito bem. E seu pai, C. ?

C.: Meu pai, ele me visita de vez em quando, assim. Ele ajuda em casa, também.

Pesquisador: Eles são separados, seus pais?

C.: São!

Pesquisador: Certo. Faz tempo que eles se separaram ou não?

C.: Faz. Faz tempo.

Pesquisador: Quanto tempo faz?

C.: Ah, eu não sei dizer. Mas foi logo quando... Ah, eu nasci... Eu cresci sem ele, sabe?

Pesquisador: Hum!

C.: Mas ele sempre vinha assim. Minha mãe nunca foi brigada, de... De...

Pesquisador: De não ver?

C.: É. Mas minha mãe e ele, é amigo assim. Ele vem bastante. Vem me buscar assim. Compra tênis pra mim, roupa.

Pesquisador: Entendi. Ele mora aqui em Assis?

C.: Mora.

Pesquisador: Certo. Entendi. Como que é a relação com o seu pai, C. ?

C.: Ah, uma relação... Normal, também. Nada de mais, assim. Eu converso com ele, quando ele vem aqui assim. Mas não é muito assim, de eu... Eu ir lá na casa dele, conversar, chegar lá, conversar. Só quando ele vai me visitar mesmo assim. Tem vez que ele me liga, tem vez que eu ligo pra ele.

Pesquisador: Entendi. Quer dizer, a relação de vocês não é tão frequente? Vocês não se vêem com tanta frequência?

C.: Não.

Pesquisador: Entendi. E cê falam...?

C.: É. Só quando eu ligo pra ele ou ele me liga, assim.

Pesquisador: Mas isso é de quanto em quanto tempo C. ?

C.: Ah, não sei! É porque ele trabalha. Ele é mecânico.

Pesquisador: Certo.

C.: Aí ele trabalha bastante assim. Acho que... Trabalha na casa dele. Ele trabalha bastante, aí não... Não tem muito tempo. Mas aí quando tem assim, ele me liga ou quando eu ligo pra ele, ele fala que vai vim um dia assim, ele vem. Visita, me leva pra algum lugar assim, pra sair.

Pesquisador: Entendi. Entendi. Muito bem. Que mais C., em relação a sua família? Conta pra mim assim, um episódio que você vivenciou, uma situação que você vivenciou que te marcou.

C.: Putz! Não sei. Que me marcou? Mas como assim?

Pesquisador: Ah! De alguma coisa que aconteceu entre vocês assim, que te marcou. Que você falou: "Não, isso eu nunca esqueci e tal!"

C.: Nossa! Eu não sei. Em casa assim, mesmo... Não tem muita coisa marcante, só quando eu vou pra São Paulo! Que minha família inteira é de São Paulo!

Pesquisador: Hum!

C.: Família inteira lá, mas... Acontece mais coisa quando eu vou pra lá, assim. Mas é bem difícil. Eu vou pra lá nas férias, assim.

Pesquisador: Como é que é lá? O que você lembra lá de São Paulo quando vocês vão?

C.: Ah, eu fico na casa da minha tia. Minha tia lá. Mas eu vou pra lá assim, no Natal ou no Ano Novo. Nas férias assim, de vez em quando. Mas é normal assim. A gente sai. Tem... Como lá... Tipo, eu fico lá com meus primos, converso, tudo.

Pesquisador: Hum!

C.: Também quando eu saio pra lá.

Pesquisador: Mas o... O pessoal da sua família que ta lá é por parte da sua mãe?

C.: Tem... É! É por parte da minha mãe.

Pesquisador: Uhum. São os irmãos...?

C.: Irmã da minha mãe. Tudo irmão da minha mãe.

Pesquisador: Certo. O que te marcou nessas idas pra lá? Porque que você gosta de ir pra lá? Como é que é?

C.: Ah, eu gosto de ir pra lá, porque lá é São Paulo né?! Tem... Maior assim. Tem mais lugar pra ir, visitar!

Pesquisador: Você gosta de sair, C. ? De passear?

C.: É.

Pesquisador: Entendi. E aqui em Assis? Você também gosta?

C.: É. Aqui em Assis eu saio bastante, final de semana, assim.

Pesquisador: Pra onde você vai? Que você gosta de fazer?

C.: Ah, final de semana... Você conhece o Sword Play?

Pesquisador: Word Play?

C.: Sword Play!

Pesquisador: Não. Não conheço.

C.: É uma... É uma simulação de guerra medieval. Que acontece...

Pesquisador: Mas é um jogo?

C.: É um jogo. Mas é... É semi-contato com espada de e.v.a, espada de... De... Escudo, lança. Mas assim, é um domingo sim, um domingo não. Mas aí tem vez quando eu saio com meus amigos assim, eu vou pra Catedral ou pra casa de alguém... Algum, assim. Ou a gente vai numa praça, sei lá. Da uma volta por aqui.

Pesquisador: Entendi. E quando dá, vocês vão lá no...

C.: Nesse Sword Play.

Pesquisador: Sword Play. Certo. E aí, quer dizer... vocês simulam uma... Como se fosse uma guerra?

C.: É. Um RPG.

Pesquisador: Entendi. Entendi. Então vocês jogam o RPG... Vamos dizer, que é um jogo que é... É na conversa, mas ali vocês conseguem fazer o jogo e participar do jogo de uma forma...

C.: Sim! Mas só que a gente não... Não simula! Tem esse daí que você falou, que se chama LARP. Que é você ser o personagem, mas a gente não. A gente se reúne em grupo. É uma coisa super organizada, assim. Por exemplo, em São Paulo tem bastante! Acontece muito no Villa Lobos.

Pesquisador: Hum!

C.: São divididos por... Por ordens! Aí cada ordem tem um clã. Aqui em Assis, pelo menos, é Ordem do Tufão. Aí São Paulo é Ordem do Céu, pá, assim, tudo.

Pesquisador: Que RPG que é? Só pra eu entender. Porque eu também conheço um pouco, mas já faz muito tempo que eu não jogo. Na minha época tinha alguns assim, mas não sei se eu vou me lembrar.

C.: Hum! Mas a gente não simula um RPG! Tem vez que a gente monta uma mesa de... De... D.I.D, Mighty Blade...

Pesquisador: Aham.

C.: Mas o que a gente joga é... A gente separa em grupos assim, tira o time. O time é tirado por dois. Escolhe um... Escolhe dois, os dois batalham e quem acertar primeiro vai escolhendo, vai escolhendo. Aí tem... É... O jogo do rei, tem o jogo do... Tem o jogo da... De caça bandeira. Tem a tradicional. Tem vários tipos de jogos.

Pesquisador: Certo.

C.: Mas não um RPG, mas simula porque tem escudo... Tem gente que... Quem tem as roupas próprias, pra... Escudo, adaga, lança, espada.

Pesquisador: Entendi. Legal. Tem aqui em Assis isso, então.

C.: Tem. Antes era no (Parque) Buracão, mas agora tem vez que eles fazem no GEMA.

Pesquisador: Certo. Entendi. Mas no fim a gente chegou nesse assunto porque você tava contando lá de São Paulo, né? Quer dizer, que você ia pra lá, lá tem mais lugar pra passear. Por isso que você gosta de lá?

C.: É!

Pesquisador: Entendi. Pra onde você vai quando você sai em São Paulo?

C.: Nossa! Agora eu esqueci onde... Onde minha tia mora. Não lembro onde ela mora, agora.

Pesquisador: Mas aí vocês saem entre vocês?

C.: É! E porque tipo, meus primos eu vejo bem pouco assim ou quando eu converso com eles. Aí eu vou lá, eu fico na casa deles, bastante coisa lá. Porque minha família inteira. Eu vejo minha família inteira lá, sabe?

Pesquisador: Uhum.

C.: Se reúne... Reúne, assim.

Pesquisador: Hum. Você tem vontade de mudar pra lá, C.?

C.: Ah! Eu tenho! Eu já morei. Morei em Osasco lá. Morei quando... Eu nasci aqui, aí eu fui pra lá. Eu morei um tempo lá e depois mudei pra Praia Grande. Aí eu voltei pra cá de novo. Mas eu tenho vontade de ir pra lá, só que... Lá é muito grande assim, sobre trânsito, assalto...

Pesquisador: É. É perigoso, né?

C.: É pior. Mas só que lá tem muito mais coisa. Você... Por exemplo, tem mais possibilidade de conseguir alguma coisa, lá! Um emprego. Ou talvez não, mas... Não sei. Não sei explicar direito, mas lá tem mais coisa assim. Se você quiser ir pra algum lugar lá, com certeza vai ter! Se quiser...

Pesquisador: É. Lá tem muito mais opções.

C.: Tem muito mais opção do que se fazer. Aqui em Assis não tem muita opção.

Pesquisador: C., fala um pouco de você. Você olhando pra você o que você fala assim: “Não, o C. é uma pessoa assim, assada, tal”?

C.: Como assim? Eu não sei se eu entendi.

Pesquisador: Por exemplo, você é... Fazendo uma autoavaliação, olhando pra si mesmo, o que você pode contar de você?

C.: Eu? Eu acho que eu sou um... Pessoa normal, sabe? Mas muitas pessoas dizem que eu tenho a mente muito aberta pra... Pra minha idade. Que eu só tenho doze anos!

Pesquisador: Uhum.

C.: Meus amigos assim, é tudo maior de dezoito porque eu não consigo me enturmar com pessoas da minha idade, assim. É... É muito inocente, assim. Não to falando que eu sou adulto assim, porque eu ainda faço criancice. Mas eu digo assim, eu consigo... Minha conversa consegue fluir mais com adultos assim, sabe? Por exemplo, conversar com... Com alguém maior.

Pesquisador: Uhum.

C.: Por exemplo... Ah. Não sei explicar, mas... Todo mundo que eu converso, todo mundo quando eu falo a minha idade fala: “Ah! Brincadeira que você tem doze!”

Pesquisador: Eles não acredita?

C.: Não acredita!

Pesquisador: Mas assim, você diz que não consegue se enturmar com pessoas da sua idade. Que dificuldades que você encontra?

C.: Ah, eu acho porque... Eu quero conversar... Não to falando... Porque o meu estilo assim, eu curto mais rock, sabe? O ritmo...

Pesquisador: Uhum.

C.: Mas eu consigo conversar com qualquer pessoa. Mas por exemplo, as pessoas da minha idade mais... Curte mais funk, mais sertanejo aí... Aí eu não consigo enturmar. Eles fazem... Eles não conseguem fluir a conversa, conversar mesmo, sabe?

Pesquisador: Uhum.

C.: Eles ficam mais fechados. Falam de outras coisas assim, umas coisas mais...

Pesquisador: Quer dizer, pelo jeito então você gosta muito de conversar sobre música?

C.: Não, não música assim, mas... Sobre história, sobre outras coisas assim. Uma conversa normal, mas que pessoas da minha idade não consegue conversar!

Pesquisador: Uhum!

C.: Eles... Acham... Ficam mais na brincadeira assim. Eu faço muita brincadeira, mas na hora da conversa assim, é mais diferente!

Pesquisador: Entendi. Quer dizer... O tema da sua conversa, aquilo que você gosta... Você, com a turma da sua idade, você não encontra/

C.: Não!

Pesquisador: Alguém que te corresponda nesse sentido. Já entre as pessoas mais velhas você encontra? Certo. Entendi. Que mais C.?

C.: Acho que é só isso só!

Pesquisador: Sobre você. Quer dizer, você gosta de conviver com pessoas mais velhas, você... Você gosta de rock igual você falou, né? Que mais?

C.: Ah, não sei explicar assim! Mas é mais ou menos isso que eu falei assim.

Pesquisador: E aqui na escola? Quer dizer, aqui... Você ta me dizendo que seus amigos, em geral, tem dezoito anos.

C.: É. Catorze, dezesseis. Por aí.

Pesquisador: São mais velhos, um pouco.

C.: Têm uns amigos meus aqui da escola que são parecidos comigo! Eu consigo conversar com eles.

Pesquisador: Hum!

C.: Por exemplo, na minha sala, os que eu converso mesmo assim, é um amigo meu lá. Que só tem um lá. Mas nas outras classes têm alguns também assim, de outra série que eu consigo conversar. Mas a maioria não... Não consegue fluir a conversa, conversar mesmo.

Pesquisador: E como é que é isso pra você, C.? "Puxa eu só não consigo me enturmar com esse povo aqui, e tal". Como é que você...?

C.: Ah, eu converso ainda assim. Eu zoo, eu brinco, mas se eu fosse conversar uma coisa séria, pedir um favor, alguma coisa assim, a pessoa não ia conseguir entender, sabe? Porque ela ia ficar só mais na... Na brincadeira. Mas é bem poucas pessoas que eu consigo conversar mesmo, assim.

Pesquisador: Dá um exemplo, C. Alguma situação que você... Que aconteceu isso. Que você tentou se enturmar ou que você pediu um favor, tal, e a pessoa não te correspondeu?

C.: Não! Eu consigo me enturmar! Eu consigo me enturmar com qualquer um, assim. Não tenho preconceito, num... nem nada.

Pesquisador: Entendi.

C.: Consigo me enturmar, mas só que eu falo, eu prefiro conviver com pessoas mais velhas, porque aí eu tenho mais afinidade, mais conversa assim. A pessoa vai me entender se eu falar alguma coisa, se acontecer alguma coisa. Mas eu não tenho problema de me enturmar por causa disso. Eu consigo enturmar com todo mundo. Converso, chego converso.

Pesquisador: Não, mas o que eu tô querendo entender C. é assim... O que que esse... Essa pessoa mais nova, da sua idade ou mais nova, que você fala uma coisa e ela não entende. Por exemplo, dá um exemplo de um assunto, de uma situação, que às vezes você tentou contar pra alguém, de alguma coisa que às vezes você pediu pra alguém e a pessoa não entendeu.

C.: ... Putz! Não sei falar um exemplo, mas... (...) Não consigo achar um exemplo, mas se eu fosse falar com alguém da minha sala, eu falo, eu começo a conversar normal, pergunto o dia-a-dia, mas a pessoa não vai conseguir fluir. Por exemplo, aí eu puxo um assunto de alguma coisa assim que aconteceu, que eu conheço, é...

Pesquisador: Hum!

C.: Por exemplo, os assuntos de política ou alguma coisa história, ou de... De algum filme, alguma coisa assim, a pessoa não consegue conversar. Ela até consegue, mas ela não fala com uma intimidade assim, num... Num sei explicar.

Pesquisador: Ela não ta familiarizada com esse assunto?

C.: É!

Pesquisador: Entendi. E os seus amigos, C.? Fala um pouco da convivência com eles. Você disse que tem amigos mais velhos, até aquele dia durante o desenho, você desenhou até um amigo como parte da sua família.

C.: É!, porque/ É, por exemplo, meus amigos são assim, uns cara tudo... Legal, sabe? Por exemplo, cê pede um favor os caras fazem, se não der o cara explica, assim. Se eles pedirem um favor eu faço assim. Por exemplo...

Pesquisador: Conta uma situação que eles fizeram alguma coisa... Um favor pra você, que você pediu.

C.: Um favor, vamos ver. O amigo meu, M., por exemplo! Ele é maior assim, ele até tem carro. Eu precisava tocar num lugar... Assim, eu ia levar um... Porque eu... Eu toco violão e instrumento de percussão assim. Mas eu ainda não tenho uma bateria, porque bateria é bem mais caro. Aí eu ia tocar... Lá tocar na Catedral assim, que ia reunir uma galera assim e não tinha como levar. Aí eu fui, chamei assim... Ele não ta trabalhando agora, ele trabalhava. Aí eu falei: “Ô mano, tem como você vir aqui e tal, normal?”, aí ele chegou assim, eu... Eu até pensei que ele não ia vim! Ele falou: “Ô, vou ver!”. Aí eu tava até decepcionando assim, ele veio: “Ô! E aí? Legal? Daóra?”. Ele entra assim, já fui na casa dele, como lá! A mãe dele me oferece comida, a mãe dele é super gente boa.

Pesquisador: Quer dizer, você pediu pra ele te ajudar a levar os instrumentos e ele foi?

C.: É! Foi. Ele consegue me ajudar, assim. Mas não to falando só na parte de que ele faz os favores pra mim. Por exemplo, eu chego assim: “Ô! Vamo sair, vamo fazer alguma coisa, assim”, ele vai, conversa comigo!

Pesquisador: Entendi. É uma... Eu to com a sensação assim, de que é alguém com que... tem a conversa que você gosta de ter, ela flui.

C.: É! Consegue.

Pesquisador: É alguém que enfim, partilha às vezes de alguma coisa que você também gosta. Ele gosta de rock também?

C.: Gosta! Gosta de rock, assim.

Pesquisador: Entendi. Que mais? E uma coisa que às vezes você fez pra ele?

C.: Que eu fiz...

Pesquisador: Ou pra uma outra pessoa?

C.: Outra pessoa? Ah, que eu fiz eu não sei! Pra mim pode ser nada, mas pra pessoa pode ser algum favor! Não sei o que eu já fiz pra pessoa assim, que eu ajudei mesmo. Que eu me lembre, eu não sei.

Pesquisador: Não te ocorre nada?

C.: Não! De quando você perguntou assim, de me enturmar, eu to... Porque eu gosto de rock! Eu não to falando que eu não consigo me enturmar porque ninguém gosta de rock, eu to falando... Porque a maioria dos amigos, que eu consigo conversar

assim, eles não... Eles curtem um pouco, pelo menos rock assim, mas... O meu assunto não é só rock, rock, rock ou... Ou música.

Pesquisador: Entendi.

C.: Eu consigo ter outros tipos de assunto, assim... Sobre política ou sobre algum desenho ou sobre o que aconteceu. Sobre algum esporte, mas é uma conversa tranquila.

Pesquisador: Eu to entendendo. Não acho que... que você não consegue se enturmar. Talvez tenha dado essa impressão. Eu acho assim, que pelo o que você ta me contando, eu percebo que pra você, é... Vamos dizer assim, aquilo que é mais comum ali das pessoas conversarem... as pessoas da sua idade, são assuntos que às vezes você não tem tanto interesse. E aqueles que você tem, elas já... Vamos falar assim, não tem a mesma familiaridade que você tem com esses assuntos. Não sei se deu pra entender. Você entendeu o que eu quis dizer ou não?

C.: Não, eu não entendi.

Pesquisador: Não entendeu?

C.: Não. Fala de novo.

Pesquisador: Você tava me dizendo que você não fica... Que você não tá desenturmado, que você consegue conversar sobre uma série de outros assuntos além de rock com as outras pessoas. Na realidade, o que eu quis dizer não foi que você tá desenturmado. Como você tem interesses que são menos comuns... Então por exemplo, você tem doze anos e você ta me dizendo que se interessa por política, que é uma coisa que me parece ser incomum. Acho que a maioria da...

C.: Sim! Uma vez eu tava conversando com a professora de geografia assim.

Pesquisador: Hum.

C.: Só tava eu e ela conversando, debatendo assim, porque ninguém tava entendendo nada. Eu tava conversando de política, ela falou: "C.! Interessante você gostar desse tipo de assunto, se preocupar!".

Pesquisador: Uhum.

C.: Eu achei até legal assim, o elogio que ela fez porque ninguém tava entendendo, assim.

Pesquisador: Uhum.

C.: Porque o que eu sei é por vontade própria. Eu poderia ser normal, assim. Por exemplo, não que eu sou diferente, mas eu poderia não gostar desse assunto, não

me preocupar com o país assim, ou com outras coisas. Mas ela achou bacana assim eu me interessar e conversar sobre isso com ela.

Pesquisador: Você se sente diferente C.? Da maioria assim, dos...? Vamos dizer, dos seus colegas, dos pares aqui da escola né?

C.: Dos meus colegas eu não me sinto diferente, porque eu tenho a mesma ideias que eles assim. Mas aqui da escola eu sou bem diferente. Eu me considero, pelo menos, diferente. Porque o pessoal da aqui, ou eles gostam mais de funk assim, uma mente totalmente fechada assim. É uma coisa mais nada a ver, assim. Não to falando que o meu é bom e o deles é ruim. Eu to falando, cada um tem seu gosto! Mas tem uns que tipo, tem preconceito assim, mas eu to nem aí! Eu ando... Se eu curto rock, curto andar de um estilo diferente, eu nem ligo.

Pesquisador: Uhum.

C.: Mas qualquer pessoa que vier conversar comigo eu converso. Totalmente normal, assim.

Pesquisador: Uhum.

C.: Não importa se o pessoal gosta de rock, gosta de funk, gosta de sertanejo, tem religião. Eu não me importo. Mas... Normal.

Pesquisador: Entendi. Entendi. Então quer dizer, em relação ao pessoal aqui da escola, você percebe essa diferença. Mas entre os seus amigos não?

C.: É. Da pra perceber a diferença quando a pessoa fala dos pais ou da mãe assim, que tem muito pai que obriga filho fazer alguma coisa né?

Pesquisador: Hum!

C.: Tem muito... Minha mãe não. Minha mãe é mais liberal. Minha mãe é assim, por exemplo: "Você quer estudar? Você estuda, eu vou te ajudar até o fim. Se não quiser, depois você não vem pedir minha ajuda!". Mas se eu quiser estudar, minha mãe vai me ajudar até... Até ela poder assim, gastar comigo, assim sobre escola. Mas se eu também não quiser, ela não vai... Não vai me bater pra eu fazer.

Pesquisador: Certo.

C.: Minha mãe assim, ela me ensinou assim, o... O que é certo, o que é errado e dali pra frente eu que decidi o que eu quero. Assim, eu acho que eu to fazendo o certo, pelo menos assim.

Pesquisador: Entendi. Quer dizer, ela não te... Você comparando, você comparando com outros colegas, você vê que alguns deles são forçados...

C.: Forçados a fazer alguma coisa. Sei que é... Tem gente que é forçado a ir pra igreja, tem gente que é forçada a fazer alguma coisa, a escutar um tipo de música. Eu não! Minha mãe deixa, por exemplo, eu escutar uma música assim ou se eu quiser ir pra igreja, se eu não quiser.

Pesquisador: Certo.

C.: Se eu quiser ter uma opinião assim diferente, ela... Totalmente de boa, assim.

Pesquisador: Entendi. Quer dizer, ela num... Ela ta te dando assim, uma possibilidade de você fazer escolhas em relação ao que você acredita...

C.: Sim.

Pesquisador: Certo. Entendi, entendi. E aqui na escola C.? Quer dizer, você ta me dizendo que... Você... Te foi dada essa opção: "Não, eu vou estudar, não vou estudar!". Como é que é pra você a questão do estudo?

C.: Ah, eu tenho bastante dificuldade com matemática, assim. Mas sobre história, geografia, ciências, é mais ou menos. Eu gosto mais assim... Tem matéria que eu não gosto, porque varia de professor. Tem professor que cada um tem um jeito de ensinar, né? Tem professor que eu não entendo, tem professor que eu entendo. Mas sobre questão de estudo, eu prefiro estudar, não... Porque tem amigo meu que parou de estudar e depois se ferrou! Completamente. Aí teve que fazer supletivo, perdeu faculdade, tudo assim.

Pesquisador: Você pensa em fazer faculdade?

C.: Penso!

Pesquisador: Você já sabe o que vai fazer? Não?

C.: Psicologia também!

Pesquisador: Ah é?! (Risos)

C.: Eu to... Eu to pensando em Psicologia. Faz tempo já que eu to...

Pesquisador: É?! O que que te...

C.: Psicologia. Ah, não sei! Não é mais por causa do dinheiro. Mais é sobre... Sobre de você entender assim as pessoas ou você conversar. Eu acho que eu consigo, pelo menos! Eu só não vou fazer história, porque eu to preocupando com o salário também. Eu acho que professor ta ganhando muito pouco. Porque fazer quatro ou cinco anos, né?, de história...

Pesquisador: Quatro!

C.: Quatro anos de história e depois virar professor e... Eu não sei muito as afinidades que você tem com história. Assim, você fazer uma faculdade de história eu não sei qual os...

Pesquisador: Além de ser professor, você quer dizer?

C.: É!

Pesquisador: É.

C.: Não, eu sei que tem alguma... Algumas coisas assim, mas... Você pode ter mais conhecimento assim, mas eu acho que eu num... Eu acho que eu não perderia quatro anos pra fazer história.

Pesquisador: Entendi. Legal. Estudar é muito bom! Eu acho que você vai gostar da Psicologia, sim. C. , você sabe que uma das coisas dessa pesquisa que eu to fazendo é em relação ao bullying, né?

C.: Sim.

Pesquisador: Quer dizer, o tema aí direto é o bullying. Eu queria que você contasse como é pra você. O que você entende por bullying, se você já presenciou, se você já vivenciou, enfim.

C.: Por bullying? Eu sei que bullying é você ofender uma pessoa, e a pessoa não gostar... Mas bullying é fora da escola também... Ou não?

Pesquisador: É. A gente pode dizer que sim, também. Mas... É... Sobretudo na escola. Quer dizer, ofender o outro e a pessoa não gostar. Que mais?

C.: Eu acho que é isso. O principio fundamental assim do bullying é... Acho que é você ofender uma pessoa e ela não gostar.

Pesquisador: Certo. E você já presenciou aqui na escola? Você já vivenciou? Já foi ofendido? Já ofendeu?

C.: Ah, ofender eu já ofendi uma vez, mas a maioria assim, com meus amigos não é uma ofensa! Porque os meus amigos assim, quando... Quando... A gente tem apelido assim, pelo menos eu coloco apelido no... Tem amigo meu que eu sei que não vai... Não vai se ofender. Por exemplo, já aconteceu de eu colocar ou fazer um apelido assim e a pessoa não gostar. Mas é bem de vez em quando, assim.

Pesquisador: Aqui na escola? Ou fora?

C.: Aqui na escola também. Fora da escola não! Fora da escola assim, eu num... Nunca xinguei ninguém assim, mas dos meus amigos eu xingo assim na brincadeira! Eu xingo, faço apelido. Com eles não é bullying, assim. Mas aqui na escola tem mais

chance de ocorrer, porque tem mais pessoas assim. Mas com amigo meu, que eu coloco apelido é... Ninguém se ofende! Pelo menos até onde eu saiba. Porque ninguém nunca veio falar comigo assim: “Ô! Para aí, na moral!”, assim.

Pesquisador: Entendi. Aqui na escola você diz que já aconteceu. Como é que foi?

C.: Como assim aconteceu?

Pesquisador: É. Aconteceu de você por um apelido em alguém, por exemplo, e a pessoa não gostar.

C.: Ah! A pessoa não ficou brava, assim: “Nossa! Vou contar!”, assim. Não, mas a pessoa não curtiu assim, sabe? De... De xingar assim. Quando eu falei assim, eu percebi que a pessoa não gostou e daí nem falei mais.

Pesquisador: Você chamou ela do que?

C.: Nem lembro mais! Assim, eu acho que foi no ano passado também. Deixa eu ver... Eu acho que foi com o L., amigo meu. A gente é super amigo assim. Eu chamei ele assim e não gostou. Foi de... Acho que foi “toicinho” que os caras tavam chamando, Toicinho! Eu falei: “Ô Toicinho!” aí ele não gostou.

Pesquisador: Ele é gordo?!

C.: Hã?! Não! Ele é... Foi só por brincadeira, assim! Ele não é gordo. Ele não é gordo assim, ele é meio fortinho. Mas... Mas aí agora super de boa. Os cara até esqueceu o apelido, mas... Depois até... Até ele deixou assim. O apelido dele era Toicinho assim, até...

Pesquisador: Aí pegou?

C.: Pegou. Mas aí ele nem se preocupou mais. Porque tem pessoa que leva na esportiva! Tem pessoa que sabe quando cê ta xingando ou quando cê não tá. Por exemplo, quando uma pessoa me xinga, eu num... Dá pra perceber, a pessoa... Do jeito da pessoa falar. Do jeito que ela falar assim pra você, da pra perceber se ela tá te xingando ou e ela tá brincando com você. Por exemplo, quando a pessoa brinca comigo assim, eu não ligo! Quando a pessoa brinca comigo assim, eu não ligo! Porque tava pegando assim, de chamar a pessoa pelo nome da mãe assim. De chamar assim. Mas eu não liguei. Eu levei na esportiva. Eu sempre levo brincadeira, na esportiva assim, quando é comigo.

Pesquisador: Vocês... Entre vocês, tavam chamando a pessoa pelo nome da mãe?

C.: É. Pelo nome da mãe. Mas era super brincadeira, assim! Todo mundo dava risada! Os professores achavam que era... Que era... Que era de verdade assim. Até a gente... Até foi todo mundo pra diretoria, mas...

Pesquisador: Por conta disso?

C.: Foi, mais por conta disso.

Pesquisador: Tomaram advertência ou não?

C.: Não, não! Foi só ocorrência. Assim, que na hora que ele anotou todo mundo assim, foi todo mundo. Uma galera pra lá. Mas aí a gente parou, porque senão ia dar... ia dar rolo!

Pesquisador: Entendi. E você C.? Você já se sentiu assim... Você ta contando que esse episódio aí... Quer dizer, você levou na esportiva. Que em geral você leva na esportiva.

C.: Sim!

Pesquisador: Mas já ocorreu alguma vez de você se sentir... Ofendido ou assim ameaçado, pressionado, por algum colega?

C.: Não! Ofendido é só quando, por exemplo, alguém xinga mesmo pra xingar. Aí eu fico ofendido, entendeu? Tem vez até que eu fico com raiva, assim. Já aconteceu de eu quase brigar com um menino que agora é... A gente voltou a ser amigo de novo, normal. Aí ele ofendeu e eu fiquei...

Pesquisador: Aqui na escola?

C.: Foi. Foi.

Pesquisador: Certo. Ele te chamou do que?

C.: Ele falou assim: “Ô!”. Não! Eu tava conversando super de boa assim, aí ele ficou: “Ô boiola, boiola, boiola!”, mas nem tava brigando. Que eu peguei ar assim e fui pra cima dele. Troquei ideia com a professora, tudo. Mas aí um amigo meu me segurou, mas... Eu sou super de boa assim, a questão de apelido, alguma coisa assim, tranquilo.

Pesquisador: Você viu que esse dia... Quer dizer, você sentiu que ele tava querendo te ofender, vamos dizer assim?

C.: Sim.

Pesquisador: Aí você... Vamos falar, “perdeu a cabeça”? Certo. Que mais?

C.: Acho que foi só essa vez, assim.

Pesquisador: Entendi.

C.: É por isso também que eu prefiro andar com pessoas mais velhas. Porque ela compreende. Assim, por exemplo, se colocar apelido, você chega lá e fala: “Ô! Na moral assim, para!”. Mas com pessoa assim, da minha idade, não! Você fala, aí a pessoa... Aí que a pessoa continua!

Pesquisador: Uhum!

C.: Que ela vai... Que ela vai fazer assim de birra pra você sentir irritado.

Pesquisador: Você já tinha falado pra ele parar ou não?

C.: Não, não! Eu tava normal, assim. Mas ele não parou! Aí eu perdi... Aí eu fui pra cima dele assim, atropelando tudo. Aí amigo meu me segurou, mas...

Pesquisador: Entendi. Quer dizer, entre as coisas que você pontuou que prefere conviver com pessoa mais velha é que não tem esse tipo de brincadeira, vamos dizer?

C.: Não! A gente tem brincadeira assim, até... Por exemplo, acho que é super normal assim, como todo mundo, por exemplo, que é amigo tem brincadeira que a pessoa não gosta, assim. Tem vez que fala: “Ah! Vamos zoar ele ali!”, mas a pessoa zoa leve assim. Zoa leve ou se zoa pesado só zoa um pouco e depois pede desculpa ou para, assim! Mas é... É super normal, porque se falar assim: “Ô! Para aí! Não sei o que lá.”, pode acontecer alguma coisa. A pessoa mais velha vai entender que... Que é pra parar.

Pesquisador: Uhum!

C.: A mais nova não! A mais nova vai dar risada e vai...

Pesquisador: Continuar! Entendi. Entendi. Que mais que te leva a preferir a companhia de gente mais velha, C.?

C.: Acho que é o... Acho que eu não tenho mais nada, assim.

Pesquisador: Pensa um pouco.

C.: Mas é sobre... Sobre a conversa, sobre ela te entender, assim, sobre os... Se você conseguir entender, falar... Falar com ela, se expressar assim. Você quer falar de uma coisa assim... Você fala uma coisa que poucas pessoas sabem, ela já vai te entender, sabe? Sempre tem uma noção.

Pesquisador: Você sente mais confiança?

C.: É.

Pesquisador: Às vezes contar um segredo?

C.: Não! Não por causa de segredo. Eu, pelo menos, não tenho muito segredo. Eu conto...

Pesquisador: É! Contar uma coisa mais íntima, eu quero dizer assim, né?

C.: Sim. É. Mas conversar, né? Pra você não ficar numa conversa fechada assim, só de brincadeira, só ficar conversando de... De desenho, conversar assim... Acho que é uma conversa mais séria! Por exemplo, você vai fazer comentário de alguma coisa, ela vai lá e puxa assunto, comenta de outra coisa, fala o que achou.

Pesquisador: Entendi. Quer dizer, uma conversa mais aprofundada vamos dizer assim?

C.: É!

Pesquisador: Certo. Legal. Entendi. Muito bem, C.! Quer dizer, você tá aqui na escola desde... De que série?

C.: Ano passado. Desde o ano passado.

Pesquisador: Ah! Você entrou no sexto ano?

C.: É.

Pesquisador: Certo. Você veio de qual?

C.: Eu não morava aqui. Eu morava em Praia Grande.

Pesquisador: Ah! Então você ta pra cá faz uns dois anos? Mais ou menos.

C.: É!

Pesquisador: Entendi. Entendi. Quer dizer, como é que foi a mudança de lá pra cá?

C.: Ah... Foi... Foi tranquilo, mas eu não queria mudar pra cá, assim. Mas acho que melhorou. Porque lá tinha muito assalto! Muito! Você não podia sair com nada.

Pesquisador: É?

C.: Agora você teria que sair até descalço! Porque senão os cara leva até sua meia!

Pesquisador: Tava assim lá?

C.: Tava! E ainda ta assim!

Pesquisador: Você foi assaltado lá algumas vezes?

C.: Fui assaltado por um cara da minha idade já assim, mas não conseguiu porque... Porque eu tava voltando... Tava eu e o menino de bicicleta e chegou três... Chegou uns caras de catorze... Um molequinho de catorze anos falou: "Encosta aí e passa a correntinha!", aí meu amigo segurou, empurrou ele no chão assim... E eu tava bem na frente do prédio onde eu morava! Interfonou, meu avô desceu e falou... E se... E chegou eles, "Sai, sai!". Espantou os caras! Mas acontece muito. Minha mãe uma

vez já assaltaram... Cercaram ela de bicicleta, levaram. Esfaquearam os caras na praia... Direto! Assim, você tava na praia e vinha um cara de bike e puxava assim, no bote e ia correndo! Era super normal isso daí lá!

Pesquisador: Puxava assim no bote? Como assim?

C.: No bote! Você tava com correntinha, boné, os cara... Por exemplo, tinha bastante gente que andava... Ficava sentado no... Na beira da praia assim. Aí eles vinham de bicicleta devagarzinho, pegava, puxava e saía correndo!

Pesquisador: Entendi.

C.: Mas tinha uns caras que chegava armado, mesmo! Na faca. Na faca, pistola... Já deram facada na cabeça de um cara na praia, que ele não tinha nada.

Pesquisador: É. Muito triste essa realidade, né? E isso que motivou... Uma das coisas...?

C.: É. Também. Foi uma das coisas que ajudou a trazer pra cá. Eu mesmo não queria mudar pra lá porque lá eu tava enturmado já! Tinha bastante gente que eu conhecia.

Pesquisador: Certo. Você tava lá, morando lá há quanto tempo?

C.: Quatro anos. Morei lá quatro anos.

Pesquisador: Hum. E aí quando você veio pra cá como é que foi? Chegou aqui... No começo a gente sempre estranha, né?, a mudança. Depois que vai acostumando. Mas pelo jeito você já fez bastantes amigos aqui também.

C.: Sim. Sim. Porque eu já morei aqui!

Pesquisador: Antes de ir pra lá?

C.: É. É.

Pesquisador: Ah! Entendi.

C.: Eu nasci aqui. Morei um tempo aqui com a minha avó. Aí eu mudei pra São Paulo, minha avó continuou morando aqui um tempo, eu acho, foi por assim. Ah não! Foi quando eu mudei pra Praia Grande, minha avó ainda morava aqui!

Pesquisador: Hum!

C.: Aí depois ela mudou com a gente pra lá, pra Praia Grande. E tinha... Ficou o nosso terreno aqui. A gente não vendeu. Aí depois a gente demoliu a casa e construiu outra.

Pesquisador: Entendi.

C.: Aí a gente tá morando agora na casa que tá construindo. Tem que terminar de construir.

Pesquisador: Entendi. Vocês foram e voltaram então?

C.: É!

Pesquisador: Aí você reencontrou também alguns amigos ou não?

C.: Não! Porque eu era muito criança... Eu era muito pequeno, assim, muito criança na época.

Pesquisador: Começou do zero, então?

C.: É! Só a única coisa que eu lembrava, era assim, da minha tia! Vai, da minha irmã aqui assim. Mas era só isso. Porque foi por aqui assim que eu comecei a gostar de rock, porque minha tia ela... Ela morava no Lions. No Lions Clube porque ela... Ela cuidava de lá. Aí o... Os filhos dela, que é meu primo assim por parte meio... Entre aspas porque é só primo da minha irmã, mas que a gente considera também. Aí eles tinha uma banda, tocava lá. E foi... Daquela influencia eu comecei a gostar, assim! Ficava com a guitarra dele, batendo assim. Foi daquela influencia. Aí depois eu voltei aqui, encontrei ele assim.

Pesquisador: Entendi. Ali que você começou a... A ter essa afinidade com a música. Com o rock, de forma mais específica. Certo.

C.: Minha família sempre foi mais puxada pro rock. Minha mãe também gostou, mas ela... Ela não é mais igual antes assim, quando era mais jovem. Mas agora ela... Ela escuta mais um pagode assim, de vez em quando um... Uma coisa mais leve, assim. Mas é bem pouco.

Pesquisador: Entendi. Muito bem, C.! Bom C., acho que a gente já conversou bastante, né? Vou estar retornando agora na escola, a gente vai se reencontrar provavelmente só ano que vem. Você vai permanecer aqui o ano que vem?

C.: É eu pretendo permanecer aqui o ano que vem, assim. Eu tava com uma proposta... Que meu tio mora fora, ele mora nos Estados Unidos, assim. Eu tava com uma proposta de morar lá ano que vem, não sei se vai dar certo, assim. Mas tal/ provavelmente eu não vou pra lá ano que vem, talvez eu vá pra lá, mas só conhecer, assim.

Pesquisador: Entendi.

C.: Mas talvez, assim. Eu vou pra lá quando eu terminar (a escola), porque senão dá trabalho de ir pra lá, estudar lá, mas... se tudo der certo talvez eu vá pra lá, mas eu continuo, minha mãe quer morar aqui ainda. Ainda quer morar aqui.

Pesquisador: Entendi. Bom, de qualquer forma, eu concluindo a conversa que estou tendo com os alunos, com você e com os demais, eu vou retornar o ano que vem, trazendo um pouco dos resultados do trabalho. Quando eu voltar será pra dar essa devolutiva. Você gostaria de acrescentar mais alguma coisa? Alguma dúvida?

C.: Não.

Pesquisador: Obrigado!

C.: Tranquilo.